Olá, fás de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as *novels* da obra disponíveis no J novel para o português!

Algumas considerações extremamente importantes:

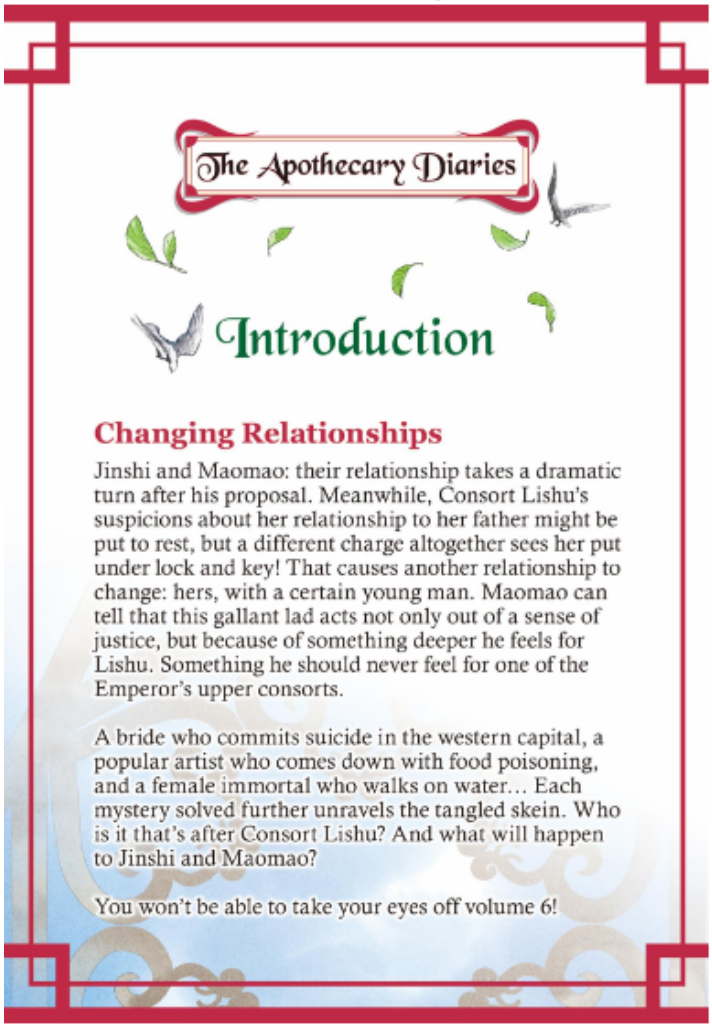
- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português 2 VEZES. O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!

Author:
Natsu Hyuuga
Illustrator:
Touko Shino
6
The Apothecary Diaries

Os acontecimentos na capital ocidental ameaçam abalar não só a ordem política, mas também as relações pessoais de Maomao, e ela deixa a cidade sem saber o que o seu futuro reserva. Um desvio no caminho para casa, no entanto, dá-lhe uma visão inesperada da sua própria família. Enquanto isso, consorte Lishu se encontra no centro de um terrível escândalo. A verdade sobre o assunto poderia ajudar a explicar tudo o que aconteceu recentemente?

Perfis de personagens



Maomao
Uma apotecária no bairro do prazer. Totalmente obcecada por remédios e venenos. Dezenove anos de idade. Filha de uma cortesã e do estrategista militar Lakan.

Jinshi
Fez o papel de eunuco no palácio interno, mas sua verdadeira identidade é o irmão mais novo do imperador. Desumanamente lindo. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte anos.

Basen
Filho de Gaoshun; Assistente de Jinshi. Pode ser quase impotentemente sério, mas na batalha não há ninguém que você preferiria ter ao seu lado.

Lakan
Pai de Maomao. O estrategista maluco; a aberração de monóculo; o velho bastardo. (Todos os apelidos que Maomao usa para ele.)

Lahan
Primo de Maomao e filho adotivo de Lakan. Bom em números.

Luomen
O pai adotivo de Maomao; Tio de Lakan. Um médico extremamente talentoso, mas parece ter mais do que sua cota de azar e infelicidade.

Consorte Lishu
Uma das quatro consortes favoritas do imperador. Muito jovem e ainda tímida. Dezesseis anos de idade.

Ah-Duo
Anteriormente uma das quatro consortes favoritas do imperador. Uma mulher bonita que se veste com roupas masculinas.

Imperatriz Gyokuyou
A esposa legal do imperador. Vem do oeste. Filha de Gyokuen. Uma beleza exótica com cabelos ruivos e olhos verdes.

A senhora
A velha que dirige a Casa Verdete, bordel onde Maomao opera. Uma verdadeira avarenta.

As três princesas
Pairin, Meimei e Joka. As três cortesãs mais populares da Casa Verdete.

Chou-u
Uma criança sobrevivente do clã Shi. Ele está parcialmente paralisado e perdeu a memória. Um artista talentoso.

Ukyou
Criado-chefe da Casa Verdete. Ele é de estatura mediana e não se destaca imediatamente, mas sua natureza atenciosa o torna popular entre as cortesãs.

Sazen
Um ex-agricultor que fugiu para a capital após a rebelião Shi. Atualmente em formação como apotecário.

Zulin

Aprendiz na Casa Verdete. Incapaz de falar. A capanga de Chou-u.

Gyokuen
Pai da imperatriz Gyokuyou. Um oficial com posição alta o suficiente para ocupar a capital ocidental, mas que ainda não recebeu o nome de família do imperador.

Uryuu
Pai da consorte Lishu. Ele criou Lishu, mas nunca a amou.

Prólogo

Jinshi olhou para o braseiro crepitante. Seria mais uma noite fria. Basen colocou mais algumas brasas no fogo.

Ficou muito frio na capital ocidental depois que o sol se pôs. A mudança brusca devido ao calor do dia pode ser suficiente para fazer algumas pessoas adoecerem. Não Jinshi – ele não estava acostumado exatamente com as noites naquela região arenosa, mas no momento preferia o frio.

Jinshi estava descansando em um sofá, uma expressão melancólica no rosto. Na mesa à sua frente, uma xícara de frutas cítricas e mel cortadas com água quente estava intocada. Ele estava com sede, mas não conseguia beber. Ele não queria abandonar a sensação que ainda permanecia em seus lábios.

Ele deixou os dedos roçarem a boca, como se quisesse confirmar por si mesmo o que os havia tocado apenas uma hora antes. Seu corpo estava possuído por uma combinação de calor e escuridão que parecia não desaparecer.

Ele ainda podia ver quando fechou os olhos: o rosto dela olhando para ele, as estrelas acima da única luz. Ele não tinha conseguido vê-la bem, mas parecia-lhe que conseguia se lembrar dela com muita clareza. Seus olhos, geralmente lânguidos, estavam turvos, mas sua boca brilhava quente e úmida. Um fio pendia da umidade e depois caiu. *Acabou* , Jinshi percebeu com uma combinação de decepção e alívio.

E então o arrependimento.

Sua parceira estava dentro de sua zona de conforto. Ela nunca corou, nem desviou o olhar envergonhada. Apenas olhou com calma e frieza para o homem abaixo dela, depois lambeu os lábios, sugando o fio de saliva. Ela não estava saboreando o brilho, mas simplesmente eliminando todos os vestígios, como se aquilo nunca tivesse acontecido. Seu pequeno corpo superava o de Jinshi, facilmente duas vezes maior que seu tamanho, com a mão colocada sobre o coração dele. Ela podia sentir o batimento cardíaco dele, mas ele não conseguia sentir o dela.

O que ela pensou, sentindo a forma como ele corria e batia?

Era óbvio à primeira vista. O vento pegou seu cabelo, criando ondulações nele. Seus olhos se estreitaram e ela olhou para ele. Seus lábios sedutores se arquearam. ***"Meu senhor. Já terminou?"*** , ela pareceu perguntar, embora não dissesse nada. Seu sorriso deixou claro o quanto ela ainda tinha dentro dela.

Isso significava que ele havia perdido.

Os ombros de Jinshi caíram com a lembrança. Ele tentou dar alguma resposta, mas a apotecária simplesmente disse **"Perdoe-me"** e saiu como se nada tivesse acontecido. Ela alegou que ouviu seu primo chamando; era como se ela não tivesse mais nada para fazer ali. Ela teria ficado mais emocionada com uma mordida de cachorro. Ou uma picada de mosquito.

Jinshi soltou um suspiro ao retornar à realidade.

"Eu sabia, senhor. Você não está se sentindo bem, não é?" , disse seu assistente, Basen. Se Jinshi dissesse que estava se sentindo bem, Basen apenas o pressionaria para saber se algo havia acontecido. E se ele dissesse que realmente não estava se sentindo bem, Basen provavelmente assumiria a responsabilidade de cuidar de Jinshi para recuperá-lo e nunca mais sair da sala.

Houve momentos em que Jinshi desejou ficar sozinho – ele sempre se perguntou por que Basen não havia herdado a intuição de seu pai Gaoshun para isso. O jovem pode ser um pouco estúpido.

Jinshi não foi o único que se sentiu mal naquele dia. Basen também parecia diferente do habitual. Suas bochechas estavam mais vermelhas que o normal – não como se ele tivesse obtido uma circulação excelente de repente, mas mais como se ele estivesse animado com alguma coisa. Talvez estivesse lutando contra aquele leão. Uma bandagem estava enrolada em sua mão direita, a mão que segurava a barra de ferro. Estava inchado; quando a apotecária avistou o machucado feio, ela

declarou: **“Está quebrado”** e imediatamente começou a examiná-lo, mas por dentro ela provavelmente tinha dúvidas sobre o jovem obtuso.

“Você parece mais cansado do que eu hoje, Basen. Você deveria descansar um pouco.”

“De forma alguma, senhor; não depois do que aconteceu. Quem sabe se eles poderiam tentar outra coisa?”, ele disse seriamente. Jinshi realmente queria que ele entendesse a dica.

Jinshi pegou a água com mel, mas não bebeu, apenas deixou aquecer suas mãos. Mesmo se ele tivesse colocado a roupa de dormir e ido para a cama, Basen provavelmente ainda não teria ido embora. Havia outro sofá na sala com uma almofada que poderia servir de travesseiro, se necessário.

Jinshi não conseguia dormir e parecia que Basen também não. Foi a adrenalina de lutar contra um animal grande ou foi algo totalmente diferente? Era mais do que apenas a habitual ruga na testa; Os lábios de Basen estavam franzidos. Alguma lembrança parecia surgir em sua mente e, a cada vez, ele piscava e balançava a cabeça de repente, como se quisesse se livrar dela. Era muito suspeito.

Uma das coisas estranhas sobre os humanos é como eles ficam calmos quando alguém está lutando pior do que eles. Jinshi soltou outro suspiro profundo. Ele não poderia continuar assim. O banquete da noite poderia ter terminado, mas ainda haveria mais reuniões amanhã. Ele resolveu encontrar algum equilíbrio. Ele reconheceu, porém, que ficar sozinho não seria a melhor maneira de organizar seus pensamentos. Em vez disso, ele disse: **“Basen”.**

“Sim, Mestre Jinshi?” Basen respondeu, usando o nome falso de Jinshi. Isso foi mais fácil para Jinshi. Se Basen não fosse chamá-lo pelo seu nome verdadeiro, como fazia quando eram crianças, então esta seria a segunda melhor opção.

“Você já conseguiu se encontrar com alguém?”

Francamente, Basen não era uma escolha muito boa para conversar sobre esses assuntos, mas Jinshi não estava procurando uma resposta séria. Ele poderia responder às suas próprias perguntas; ele só queria falar em voz alta para não ficar sentado ali com a mente andando em círculos. Basen não precisava entender exatamente o que Jinshi queria dizer; ele só precisava oferecer um sim ou não ou um grunhido aqui ou ali.

“Er, como assim, senhor? Você conversou com tantas pessoas desde que chegamos aqui que não sei a quem você está se referindo...”

Era verdade: muitas mulheres tinham falado com Jinshi desde a sua chegada à capital ocidental. Quantas? Ninguém gostaria de dizer.

“Você não precisa terminar esse pensamento”, disse Jinshi.

A testa de Basen enrugou-se. **“Não estou na sua posição, senhor, e não tenho muita experiência nesses assuntos. Embora no futuro eu possa descobrir que ganho alguma, queira eu ou não.”**

Ele provavelmente nunca tinha experimentado tais coisas, ainda não. Embora eles só se vissem algumas vezes por ano desde que Jinshi entrou no palácio interno, eles ainda eram irmãos de leite e amigos de confiança. Jinshi sabia que Basen nem sempre se sentia muito confiante perto das mulheres – quanto mais feminino, menos gostava de ter algo a ver com elas. O fato de ele ter conseguido ter uma conversa mais ou menos normal com a apotecária sugeria que ele não a via nesses termos, embora Jinshi estivesse em conflito se isso era uma coisa boa ou ruim. Não era misoginia, mas sim um sinal de quão profundamente as primeiras experiências de Basen o influenciaram. Um infortúnio que ocorreu por causa de suas características particulares.

Basen respondeu à pergunta de Jinshi acariciando seu queixo. **“Só posso dizer que suponho que dependeria da pessoa. Há muitas pessoas com quem não me sinto totalmente confortável. Mas a situação também tem algo a ver com isso. O quão confiante e competente a outra pessoa é pode afetar o fluxo e vice-versa. E você tem que lidar com tantas pessoas ao mesmo tempo, Mestre Jinshi – não é cansativo?”**

“‘Tantas ao mesmo tempo’? Acho que você está me superestimando.” Jinshi não esperava uma resposta tão direta. Ele sorriu sarcasticamente ao ouvir-se descrito como se estivesse enlouquecido de luxúria. Pensando bem, Basen tem ido muito ao distrito de prazer no lugar de Gaoshun ultimamente. Ele conseguiu ganhar alguma experiência? Jinshi sabia que vendedora astuta a senhora daquele bordel poderia ser. Ela poderia muito bem ter tentado convencer Basen a se vender com força.

Jinshi olhou para Basen, em conflito. A Casa Verdete era um bordel de alta classe com excelentes cortesãs. E Basen idealizava as mulheres, mesmo que não fosse muito bom em conversar com elas. As senhoras educadas – e muito firmes – da Casa Verdete poderiam ser surpreendentemente agradáveis para ele.

Jinshi engoliu em seco. **“Basen... Aconteceu alguma coisa? Na Casa Verdete?”**

“O-o que é isso de repente?!” Basen perguntou, surpreso. O homem era um péssimo mentiroso – francamente, ele era um ajudante nada ideal quando se tratava de política. Mas esse aspecto de sua personalidade foi exatamente o que permitiu a Jinshi relaxar perto dele. **“Nada aconteceu”,** insistiu Basen. **“E de qualquer forma, posso estar à altura da ocasião quando preciso!”**

A altura da ocasião? Uma escolha de palavras um tanto perturbadora – mas sim, Basen poderia realmente fazer o que tinha que fazer, quando tivesse que fazer. Jinshi estava disposto a reconhecer isso. Ele engoliu novamente, percebendo que teria que repensar como via seu irmão de leite mais uma vez.

“O que causa isso, Mestre Jinshi? Aconteceu alguma coisa com você?”

"Não. É simplesmente que há alguém sobre quem eu gostaria muito de triunfar”, disse Jinshi, embora tivesse que se esforçar para pronunciar as palavras. Ele estava longe de ser suave o suficiente para lidar com “tantas” mulheres ao mesmo tempo e queria evitar inflar ainda mais a opinião de Basen sobre suas habilidades.

Ele continuou: **“Tive a ideia de que sabia jogar esse jogo. Esse alguém pode ser bastante elegante, mas na prática eu deveria ser o superior – e talvez eu tenha confiado demais nisso. Essa ilusão foi completamente destruída esta noite e me deixou com uma sensação bastante patética.”**

Ele pode nem sempre ter muita confiança, mas pelo menos tinha alguma. Ele não conseguia contar quantas mulheres haviam se aproximado dele em seus seis anos no palácio interno, e isso lhe dera a crença (mais do que um pouco vaidosa) de que poderia fazê-las dançar na palma da mão.

Basen estava olhando para ele com uma pitada de espanto. **“Essa pessoa deve ser bastante habilidosa, senhor, para fazer você dizer isso.”**

“Sim...” Pelo menos Basen pareceu não perceber de quem Jinshi estava falando. Agradecidamente. **“Nós brigamos por algo menor”,** disse ele. **“Comecei a luta... e perdi.”**

Basen pareceu confuso por um segundo, mas então disse: **“Ah!”** como se tudo fizesse sentido para ele. **“Você perdeu, senhor? Ahh, então é isso que você quer dizer... Um parceiro de treino, senhor? Que rudes eles devem ser!”**

Ele podia ser perspicaz nos momentos mais surpreendentes. Talvez parecesse um insulto sugerir que Jinshi ficou surpreso ao perceber que Basen sabia o que realmente significava ser rival no amor. Mas aquele Rikuson - esse era o nome dele, certo? - ele poderia parecer apenas mais um rostinho bonito, mas não deveria ser subestimado. Ele era um subordinado direto do estrategista Lakan - mas não era com ele que Jinshi estava preocupado.

“Então havia alguém naquele banquete que poderia fazer até você admitir a derrota, Mestre Jinshi,” Basen disse calmamente, parecendo profundamente pensativo.

“Não me elogie, por favor. Estou ciente de que ainda sou jovem. Meu oponente é como um salgueiro, ou... ou como tentar empurrar uma cortina. Não importa o quanto eu empurre ou bata, eles simplesmente seguem em frente.”

A questão era o que seu eu inexperiente deveria fazer. A única coisa que ajudaria seria ganhar um pouco dessa experiência, supôs ele — mas como? Ele não poderia namorar outra mulher, mas também não parecia sensato ir para um bordel simplesmente porque supostamente não haveria quaisquer consequências.

Foi então que Basen disse algo bastante inesperado. **“Posso ajudar de alguma forma?”**

"Desculpe?" Jinshi disse, quase deixando cair a água. Ele sabia com certeza que Basen era heterossexual - então como ele poderia dizer isso?

E mesmo assim Basen continuou: **“Devo confessar que não sou muito capaz. Estou ciente de que você é muito mais habilidoso do que eu, Mestre Jinshi. Mas arrisco esta sugestão na crença de que deve ser melhor do que simplesmente ficar deprimido sem fazer nada.”**

"Basen..."

Sim, ele estava certo. E se Jinshi fez isso com Basen, bem, em algum nível, não contou, não é? Deve ser isso que o jovem estava pensando. Bem, mas... não, espere. Algo estava errado aqui.

“Posso me faltar habilidade, mas estou confiante em minha resistência, no quanto posso suportar” , disse Basen.

“Re-Resistência? Eu realmente não acho...”

Não, essa não era uma conversa que Jinshi pudesse continuar. Ele se acovardou. Talvez Basen tenha aprendido algum jogo distorcido na Casa Verdete, ele se preocupou. Ele deveria relatar isso a Gaoshun?

Basen, porém, estava olhando para Jinshi, completamente sério. Ele parecia animado, mas não da maneira superaquecida de antes. **“Apenas pense nisso como uma prática, senhor. Nada mais. Posso não ser a pessoa que você tem em mente, mas apenas... finja.”**

Jinshi começou a pensar – e então entrou em ação. Ele colocou a água na mesa, levantou-se do sofá e lentamente se aproximou e ficou na frente de Basen.

“Devemos nos mudar para algum lugar, senhor? É um pouco apertado aqui.”

“Não, isso é espaço suficiente.”

Não era como se precisassem usar a cama. E ele absolutamente não queria que ninguém os visse, então ele teve que terminar isso enquanto eles ainda estavam nesta sala.

Basen era cerca de dois sol mais baixo que Jinshi – ele desejava que Basen pudesse encolher mais sete.

Jinshi se inclinou e Basen recuou. O que foi isso? Ele agiu muito parecido com a pessoa que Jinshi estava imaginando!

“Mestre Jinshi?”

"Está tudo bem. Perfeito."

“Estou, er, de mãos vazias...”

"Eu também estou."

Sim... Agora que ele pensou sobre isso, ele ouviu falar do emprego de todos os tipos de ferramentas e engenhocas, mas certamente nunca esperou que Basen mencionasse tal coisa. Eles lhe ensinaram coisas perversas no distrito do prazer, Jinshi tinha certeza disso agora. Mas talvez ele não devesse mencionar isso a Gaoshun.

Tudo bem. Não há mais razão para Jinshi hesitar, então. Não há razão para ser excessivamente contido.

Cada vez que Jinshi se aproximava, Basen abria o espaço novamente, não com o leve cambaleio da apotecária, mas com a agilidade de um soldado treinado.

“Mestre Jinshi?”

“Essa pessoa nunca inicia, mas apenas responde ao que é feito.”

“Então, Mestre Jinshi, eu deveria...?”

Basen olhou para Jinshi, profundamente preocupado; suas costas já estavam contra a parede. Jinshi já havia conseguido isso antes; quase poderia ser chamado de sua especialidade. Com Basen quase encurralado, Jinshi plantou a mão firmemente contra a parede. *Bam!*

“M-Mestre Jinshi…”

"Não. Fique quieto."

Jinshi concentrou sua imaginação: ele não estava imaginando seu irmão de leite, mas a pessoa que ele desejava ser melhor. Ele tinha que atacar antes que a boca falasse, a boca que geralmente era tão inarticulada, mas que se tornava loquaz e inteligente nos momentos mais estranhos. Ele pegou o queixo de Basen com a mão livre e pressionou o polegar nos lábios.

“M-M-M...” Basen ficou completamente branco e, àquela distância, Jinshi pôde ver que ele estava coberto de suor. Por que ele parecia tão preocupado? Foi a sugestão dele! De alguma forma, ele quase parecia não esperar que nada disso acontecesse.

Poderia haver algum erro aqui? Algum mal-entendido crucial e importante?

Talvez fosse a tensão que ambos estavam sentindo – nenhum deles notou o som de vozes lá fora. E quando Jinshi estava prestes a juntar as peças, a porta da sala se abriu com um estrondo tremendo.

“Já faz muito tempo que não tomamos uma bebida! E peguei uma presa fascinante na minha rede!” , anunciou uma voz alegre, mas neutra em termos de gênero.

“Senhora Ah-Duo!”, gritou um guarda do lado de fora, mas a pessoa adorável em trajes masculinos já estava passando por ele e entrando na sala. O cheiro de álcool veio com ela; ela parecia estar tomando uma bebida consigo mesma antes de pensar em convidar Jinshi. Ela era assim desde o palácio interno, sempre tentando

fazer com que ele bebesse com ela. Talvez ela estivesse um pouco irritada, porque a maneira como ela entrou na sala foi, bem, enérgica, na melhor das hipóteses.

E o momento que ela escolheu foi estranho.

Jinshi estava quase em cima de Basen, que estava preso contra a parede com os dedos de Jinshi roçando seus lábios no que era inconfundivelmente uma carícia de amante. Basen estava suando e seu rosto estava completamente exangue.

Os dois guardas que tentaram conter Ah-Duo cobriram os olhos com as mãos e espiaram por entre os dedos. Quanto a Ah-Duo, seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu.

“Ah!”, ela disse. **"Isso mesmo. Você não precisa escolher uma flor. Acho que estava enganada.”**

Com isso ela saiu da sala e fechou a porta educadamente.

Nem Jinshi nem Basen disseram nada, mas depois de um momento de silêncio, a escura mansão You foi preenchida com os sons de dois homens gritando um com o outro.

Capítulo 1: A Capital Ocidental – Quarto Dia

A luz do sol que passava pelas cortinas abriu as pálpebras pesadas de Maomao. A cama (completa com dossel elegante), o ar claro e claro e os móveis elaborados a lembraram mais uma vez que ela não estava em sua casa na capital.

Quero... dormir… mais

Ela se sentou, esfregando os olhos. As noites eram tão frias que ela dormia debaixo de vários cobertores pesados e algum tipo de pele, mas assim que o sol nasceu, ficou terrivelmente quente. Uma das camadas já estava no chão e os pés de Maomao foram chutados para fora das cobertas.

Ela pensou ter ouvido gritos no meio da noite; isso a acordou e ela dormiu apenas levemente depois disso. Quem faria esse tipo de coisa? Que vizinhos

desagradáveis.

O café da manhã deve chegar em breve. Maomao ficou feliz por não terem que se reunir para comer – provavelmente um pouco de cortesia para com os convidados de ressaca. Decidindo se trocar antes que a garçonete chegasse, Maomao tirou a roupa de dormir e vestiu uma roupa que escolheu aleatoriamente em um cabideiro.

Hoje ela estava vestindo uma saia comum e um top de mangas curtas sobre uma cortina legal. A melhor coisa era a maneira como respirava. Toques de bordado na gola e na bainha deram um ar ocidental. O palito de cabelo prateado estava sobre a mesa.

Hum...

Maomao não colocou na cabeça, mas usou uma gravata simples para prender o cabelo. Ela, porém, colocou o prendedor de cabelo nas dobras das roupas para ter certeza de não perdê-lo. Ela sempre carregava um pequeno pacote contendo remédios, curativos e coisas do gênero, então simplesmente acrescentava a isso.

A batida na porta veio assim que ela terminou de se trocar. **“Entre”,** disse ela, e uma empregada entrou com um carrinho carregando o café da manhã. O cardápio estava um pouco mais esparso do que o normal, talvez levando em conta o extenso banquete da noite anterior.

Maomao deu alguns goles no mingau simples e estava pensando que um pouco de vinagre preto poderia melhorar o sabor quando uma batida muito forte soou na porta. Maomao despejou um pouco de vinagre preto em seu mingau, deu uma mordida e então, sem esconder seu aborrecimento, disse: **“Entre”.**

“Eu juraria que você demoraria mais um pouco para responder”, disse Basen ao entrar. Havia um homem com ele, mas não era Jinshi. Sem saber como se sentir a respeito disso, Maomao engoliu a comida e fingiu que não sabia do que Basen estava falando.

“Foi sua imaginação, tenho certeza”, disse ela.

"Você está tomando café da manhã?", Basen perguntou. Não que isso parecesse motivá-lo a sair. Alguma coisa, Maomao imaginou, devia ter acontecido.

Ela largou os hashis e olhou para ele. **"O que está acontecendo?"** Sua mão direita estava envolta em um curativo, aquele que Maomao colocara ali na noite anterior. Ele estava tão cheio de adrenalina que nem mesmo o inchaço e o fato do osso quebrado pareciam incomodá-lo. Era denso.

Basen respirou fundo e tirou um pacote de pano das dobras de seu manto. Ele colocou-o sobre a mesa e abriu-o para revelar outro pacote, esse de papel oleado. Assim que ele o desembrulhou, o nariz de Maomao arrepiou-se e ela recuou.

O odor desagradável vinha de uma jarra de cerâmica no pacote. **“Isso é perfume, por acaso?”,** ela perguntou. Ela já havia sentido o cheiro antes – era a coisa que havia sido derramada sobre a consorte Lishu no banquete. **"Onde você conseguiu isso?"**

“Engraçado você perguntar”, disse Basen. Sua expressão era conflituosa; ele estava obviamente suprimindo um lampejo de raiva. **“Lady Ah-Duo trouxe para nós.”**

“E onde ela conseguiu isso?”

“Ela disse que um de seus guarda-costas o encontrou. Ontem à noite, uma criada da meia-irmã da consorte Lishu estava com ele. Ela estava passeando quando, por algum motivo, um cachorro de rua a atacou, e o guarda a ajudou.”

Aconteceu, hein?

Quais eram as chances de a presença do guarda ter sido realmente uma coincidência? Mesmo tão longe da capital, por que uma serva sairia sozinha? A inferência lógica seria que na verdade o guarda foi enviado para segui-la porque Ah-Duo suspeitava dela. Mas não havia razão para dizer isso especificamente em voz alta.

“O vira-lata parecia excessivamente animado e, apesar da presença de outras pessoas, ignorou-as completamente. Foi direto para essa serva.”

“Você está dizendo que esse perfume foi a razão disso?” Maomao pressionou um pano no nariz e pegou o pote. Os utensílios de cerâmica não eram tão incomuns. Ninguém fazia potes de perfume de cerâmica apenas para fins estilísticos, por isso seria difícil rastrear a origem da peça. **“Isso implicaria que o perfume com o qual a consorte Lishu foi encharcada ontem à noite pertencia a sua meia-irmã, certo? E esse cheiro evidentemente tem o efeito colateral de agitar os animais selvagens.”**

“Acho que isso está quase certamente correto” , disse Basen.

A meia-irmã comprou o perfume apenas como uma brincadeira? Maomao não teria ignorado isso. Mas ela odiava Lishu o suficiente para querer se livrar dela? E mesmo que ela tivesse o motivo, Maomao duvidava que ela e a serva entre eles tivessem as habilidades necessárias para montar as barras da jaula do leão.

Ela considerou a possibilidade de o pai de Lishu, Uryuu, tê-las ajudado, mas essa teoria também deixou dúvidas. Por um lado, se eles estavam tentando se livrar de Lishu, era uma maneira terrivelmente indireta de fazê-lo. Haveria tantas soluções mais simples. Acima de tudo, o risco era simplesmente muito grande. Mesmo assim, havia uma coisa sobre a qual Maomao queria ter certeza.

“Então você está considerando a meia-irmã da consorte como a culpada?”

Basen fez uma pausa. **“Não podemos dizer com certeza. Mas se nada mudar, acho que é aí que nos encontraremos.”** Uma maneira artisticamente vaga de colocar isso. Isso era incomum para Basen. Ele normalmente era muito mais direto. Maomao poderia esperar que ele exclamasse: ***“Sim! Ela deve ser punida!”***

Em vez disso, ele continuou: **“A meia-irmã afirma que era apenas uma brincadeira. Ela diz que alguém que conheceu na cidade há alguns dias lhe deu o perfume. Disseram-lhe que isso atrairia insetos desagradáveis, e isso não seria engraçado? A meia-irmã jura que não esperava que um leão estivesse envolvido...”**

Então ela admitiu sua maldade para com Lishu. Ela simplesmente não tinha planejado o leão. Se tudo isso fosse verdade, como isso mudou as coisas?

“Se ela também estivesse envolvida em armadilhas na jaula do leão, isso seria mais do que uma brincadeira”, disse Maomao. Havia muitos dignitários no banquete além de Lishu, e ela também os estaria colocando em perigo. Se ela realmente estivesse indo atrás da consorte, ela ainda poderia escapar impune. Lishu era uma parente, por um lado, e o mais importante, ela teria alguma discrição sobre o quanto pressionaria pela punição. A meia-irmã pode não sair impune, mas talvez com apenas um tapa no pulso.

"Você tem razão. E não apenas a meia-irmã, mas Mestre Uryuu, bem como a própria consorte Lishu, podem sentir o calor disso”, disse Basen.

“Você acha que um pouco de calor é tudo que eles vão sentir?”, Maomao perguntou. Ela esperava que eles fossem queimados. Muitas pessoas poderosas de outro país estiveram naquele banquete – aquilo poderia ser um incidente internacional. Ela achava ingênuo imaginar que apenas o culpado seria punido.

Basen lançou-lhe um olhar azedo. **“Por que essas coisas sempre acontecem com a consorte Lishu?”,** ele disse. Era difícil dizer se ele estava perguntando a si mesmo ou a Maomao, e ela não sabia o que dizer, então ficou em silêncio. Mas ela pensou: *talvez ela simplesmente tenha nascido nisso.*

Maomao odiava descartar tudo com palavras como “destino”, mas parecia-lhe que algumas pessoas tinham mais sorte do que outras. Isso a impressionou especialmente quando ela considerou seu pai adotivo, Luomen. Ele era mais inteligente e mais capaz do que qualquer um, mas parecia carecer totalmente de boa sorte. Ele agora estava de volta ao trabalho no palácio, mas parecia que isso apenas fez com que o estrategista raposa o visitasse com certa regularidade, interrompendo seu trabalho. A situação devia ser terrível se fosse ruim o suficiente para ele comentar em suas cartas. Ele havia escrito que recentemente um de seus armários de remédios estava virado do avesso. Maomao não conseguia imaginar por quê.

“Não é tudo muito lamentável para suportar?” , Basen disse.

Ele está realmente preocupado com ela , pensou Maomao, mas ela decidiu não dizer nada em voz alta. Comentar sobre o que seria melhor passar despercebido era um caminho seguro para mais dores de cabeça.

Ainda assim, era verdade que a consorte, à sua maneira de consorte, tinha os seus problemas. Fundamentalmente, ela sempre se deixou levar. Maomao sabia que isso era um tanto inevitável - foi assim que Lishu foi criada e foi assim que ela sempre viveu. No entanto, Maomao não conseguia deixar de pensar na jovem que viera ao distrito do prazer para se vender como cortesã.

Ela fez isso para cortar os laços com o pai, para ajudar a irmã a comer e para sair da lama. Maomao não conseguia odiar uma personalidade como essa.

Se a consorte tivesse metade disso... Bem, talvez ela tivesse sofrido muito menos bullying por parte de sua meia-irmã, e talvez ela não fosse tão ridicularizada no palácio interno.

De qualquer forma, foram preliminares suficientes. Era hora de Maomao descobrir exatamente por que Basen a procurou. **“Há algo que você gostaria que eu fizesse, senhor?”,** ela perguntou.

“Sim... Tem” , disse Basen, e pegou um pedaço de papel. Parecia um pôster de procurado, mas algo intrigou Maomao.

“O que isso significa?”

“Isso é o que eu gostaria de saber. Essa é a mulher que ela disse que lhe deu o perfume.”

O desenho no papel realmente parecia representar uma mulher, mas seu rosto estava velado, de modo que apenas seus olhos eram visíveis. Para compensar, o esboço incluía todo o seu corpo, mas embora os detalhes de suas roupas fossem cuidadosamente desenhados, ela obviamente poderia apenas trocar de roupa.

“Ela é uma comerciante?”

“Não, aparentemente ela começou a conversar com a meia-irmã enquanto fazia compras na cidade.”

Na cidade, né? Maomao ouviu a história de Basen com dúvida.

“A mulher alegou negociar perfumes e recomendou vários aromas diferentes para a meia-irmã. Esse estava entre eles. Supostamente, o “comerciante” havia lhe dito que o perfume poderia atrair os homens, mas para ter cuidado na forma como o usava.” O cheiro seria muito forte, a menos que fosse devidamente diluído, disseram à meia-irmã - na verdade, sabia-se que algumas pessoas até o usavam em brincadeiras. Parecia que foi daí que a meia-irmã teve a ideia para sua piadinha.

“Essa história é um pouco vaga” , disse Maomao.

"Verdade. Não há muito para continuar. E rastrear esse vendedor de perfume seria, na melhor das hipóteses, difícil.”

Maomao semicerrou os olhos, estudando o desenho. O traje, característico da capital ocidental, foi pensado para proteger da areia e da poeira, por isso deixava muito pouco exposto - ou seja, ocultava quaisquer características corporais distintivas. Mas os olhos aguçados de Maomao notaram uma coisa em particular. **“Por mais simples que seja esse desenho, os acessórios dos sapatos têm muitos detalhes.”**

Basen deu outra olhada na imagem. **“Agora que você mencionou isso, é verdade. Na verdade, o tamanho dos pés parece diferente em comparação com o resto do corpo.”** O corpo da pessoa tinha sido desenhado em uma escala mais ou menos normal, mas seus pés pareciam torcidos, quase estilizados.

“Você acha que há alguma chance de ela ter os pés amarrados?” Maomao perguntou.

“Pés amarrados?”

Amarrar os pés era uma forma de tornar os pés à força menores do que seriam naturalmente. Algumas das mulheres no palácio interno mandaram fazer isso – era um costume bastante comum no norte, mas e aqui no oeste? Se a meia-irmã não tivesse pensado muito nisso, isso sugeria que enfaixar os pés não era incomum.

“Você poderia verificar esse desenho para mim?”

“Eu irei”, disse Basen, recolhendo o desenho. Ele estava prestes a sair quando se virou como se tivesse acabado de se lembrar de algo. **"Por falar nisso..."**

"Sim, senhor?"

“Mestre Jinshi parece… estranho desde ontem à noite. Por acaso você sabe alguma coisa sobre isso? Acho que normalmente ele mesmo teria vindo fazer uma missão como essa, mas em vez disso escolheu me enviar.”

Maomao não disse nada.

“Você já ouviu alguma coisa sobre ele... não sei, estar sob pressão de alguém? Qualquer coisa?"

Maomao desviou o olhar. Basen estava certo - ela sabia que ele normalmente nunca iria até ela, a menos que Jinshi tivesse pedido especificamente.

Ela decidiu se fazer de boba. **"Quem sabe?"** , ela disse. **“Talvez ele esteja cansado. Foi uma viagem muito longa.”**

O relatório de Basen voltou em menos de trinta minutos. A meia-irmã evidentemente insistia com a sua dama de companhia que ela “não tinha nada a ver com isto” e que “nunca pretendia que isto acontecesse”, mas Maomao, francamente, não se importava. Basen voltou bufando, bastante zangado com tudo isso.

“É exatamente como você disse” , ele disse a ela. A mulher realmente tinha os pés enfaixados e usava sapatos especiais por causa disso – um detalhe distinto que ficou gravado na mente e que a meia-irmã inconscientemente enfatizou ao descrever a mulher para o artista, mesmo que ela nunca tenha especificamente dito isso. disse que a mulher tinha os pés enfaixados. **“Isso restringe tudo.”**

“Para apenas algumas pessoas, eu diria, senhor”, respondeu Maomao.

"Você acha?"

Em Li, o costume de amarrar os pés era encontrado principalmente no norte; aqui no oeste, na verdade, quase não existia. Assim, se alguém com os pés amarrados fosse encontrado na capital ocidental, parecia seguro assumir que eles tinham vindo de pontos ao norte. Ou, pelo menos, que a família deles se estabeleceu aqui em algum momento nas últimas gerações.

“A questão é que a família delas já deve ter tido o costume.”

Basen parecia duvidoso. **“Você não acha que ela poderia ter sido uma viajante?”**

Maomao balançou a cabeça com essa ideia. **“Se fosse, teria que ser filha de uma família que tivesse condições de enviá-la com estilo, como a consorte Lishu.”**

Era um longo caminho até a capital ocidental, e as amarras torciam os pés em formas que, diga-se, não eram propícias para caminhar em solo arenoso. O processo de amarração dos pés envolvia impedir à força o crescimento dos pés desde tenra idade e deixá-los amarrados ao longo da vida para que não crescessem. Os pés tinham que ser desinfetados a cada poucos dias, de modo que Maomao vendia álcool às cortesãs com os pés enfaixados.

Tudo isso significava que se alguém nascido na capital ocidental tivesse os pés enfaixados, deveria pertencer a uma família grande ou rica o suficiente para continuar a tradição.

“E você tem certeza disso?”

“Não me responsabilizo por nada. Só ofereci o que considero ser a possibilidade mais provável à luz da informação que me foi dada.”

Ela não poderia permitir que eles esperassem perfeição dela. Se eles apenas permitissem respostas corretas, Maomao não teria escolha senão calar a boca e jurar que não sabia de nada.

“Tudo bem”, disse Basen depois de um momento, resignado com suas condições. Ele finalmente saiu da sala.

Maomao bocejou e sentou-se na cama, pensando em se instalar novamente.

Perfeição... Sim, provavelmente não. A própria Maomao ainda tinha várias perguntas. Será que a arrogante meia-irmã de Lishu se dignaria a falar com alguém que ela acabara de conhecer - e muito menos comprar algo deles? E como essa vendedora misteriosa sabia da meia-irmã? Era um pouco legal demais para mera coincidência.

Hum...

Qualquer que seja. Maomao decidiu ir em frente e dormir um pouco. Ela estava tão cansada que mal conseguia fazer seu cérebro funcionar. Ela se deitou, mas o palito de cabelo em seu peito a cutucou. Ela pensou em retirá-lo, mas não queria colocá-lo em algum lugar onde pudesse vê-lo.

Sem dizer uma palavra, Maomao virou-se e deitou-se do outro lado, fechando imediatamente os olhos.

Capítulo 2: A Noiva Flutuante (Parte Um)

Já era noite quando Maomao abriu os olhos novamente. Ela pretendia fazer compras na cidade hoje — eles disseram que era aceitável deixar o complexo, desde que ela fosse com um guarda-costas — mas depois de tudo o que aconteceu na noite anterior, era difícil ter vontade de ir ao mercado. Ela dormiu o máximo que pôde e, quando acordou, ficou com uma letargia persistente.

Oh! Ela olhou para suas roupas amassadas com leve consternação, perguntando-se se deveria ter colocado uma roupa de dormir. Mas primeiro o mais importante: ela bebeu um pouco de água para rejuvenescer o corpo ressecado. A água da jarra estava morna, mas uma pitada de frutas cítricas a tornava refrescante.

Eu me pergunto o que vamos fazer em relação ao jantar hoje à noite , ela pensou. Pensando que talvez devesse sair e ver o que estava acontecendo, ela tentou tirar as rugas da saia. Ela chegou a um ponto apresentável e saiu do quarto, apenas para encontrar Jinshi e Basen vindo pelo corredor em sua direção.

Alguns consideravam Maomao capaz de ser bastante descarada, mas naquele momento ela se sentiu claramente estranha. Na noite anterior, depois de ter feito o que fizera com Jinshi, ela pediu licença sob o pretexto de ter ouvido Lahan chamá-la. Mas isso não significava que ela pudesse tentar se esconder em seu quarto agora.

O rosto de Jinshi quando ele se aproximou estava estranhamente abatido; ele tinha uma testa digna de Gaoshun e seu olhar estava fixo - em Maomao, ao que parecia. O olhar durou apenas um instante antes de sua habitual expressão calma retornar. Basen, porém, estava olhando para Jinshi com angústia – então algo estava acontecendo.

Jinshi veio em sua direção com passos que soavam excessivamente altos.

O que eu faço aqui?, Maomao se perguntou, mas não houve tempo para pensar nisso. O máximo que ela podia fazer era tratá-lo normalmente. Ela balançou a cabeça em um aceno educado e disse: **"Há algum problema, senhor?"**

Normalmente, a coisa apropriada para uma criada seria falar somente depois que Jinshi tivesse falado com ela - mas Maomao julgou que seria melhor para ela falar primeiro neste momento. A boca de Jinshi se torceu, um olhar conflitante passou por seu rosto, mas era difícil dizer se alguém mais percebeu isso.

“Eu sei que é repentino, mas quero que você se troque e venha comigo”, foi tudo o que ele disse, e então passou por ela. Atrás dele vinham várias criadas, segurando uma caixa com uma muda de roupa e baixando profundamente a cabeça.

“Sim, senhor”, respondeu Maomao. Dadas as circunstâncias, era a única coisa que ela podia dizer.

Depois de se trocar, ela foi empurrada para dentro de uma carruagem. Jinshi e Basen, também com roupas novas, já estavam lá dentro.

Maomao olhou ao redor. Ela passou a maior parte do tempo aqui na companhia de Lahan – estava tudo bem para ela agir sozinha com Jinshi e Basen?

“Fui eu quem chamou você aqui, sabe” , disse Jinshi. **“Considerando que nossos horários estavam alinhados justamente para esse fim, dificilmente poderíamos deixar de ir.”** Qualquer que fosse o sentimento que ele pudesse ter por ela, ele pelo menos tinha os meios para falar normalmente com ela. Ela estava feliz por ele ser adulto o suficiente para isso, mas não conseguia deixar de sentir que havia algo escondido por trás daquele “Fui eu”.

“E para onde estamos indo, senhor?”

“Para um banquete de casamento para uma determinada família.” Outro banquete. Bem, aparentemente isso fazia parte do trabalho. **“Eu pretendia recusar, mas o anfitrião insistiu, sendo esta uma ocasião muito alegre. E além..."**

"Sim, senhor?"

Jinshi lançou um olhar significativo para Basen e puxou o pôster de procurado que havia mostrado a Maomao antes.

“Suponho que a família da jovem que vai se casar veio originalmente do norte. Eles foram uma das casas encarregadas de governar esta área após a destruição do clã Yi.”

O clã Yi governou essas terras uma vez, até serem exterminadas na época da imperatriz reinante. Isso significaria que aquela família havia sido transplantada para cá várias décadas antes.

“Os pés da jovem estão amarrados” , Jinshi a informou. Como ela suspeitava.

"Não havia ninguém além desta... jovem?" Isso era algo sobre o qual Maomao queria ter certeza especial: ela não podia acusar as pessoas de serem criminosas com base em nada mais do que uma suposição.

“Várias”, disse Jinshi. **“Uma das damas de companhia da jovem, por exemplo. A verdadeira questão é com quem a mulher vai se casar – dizem que ele é de Shaoh.”**

"Entendi."

Foi uma delegação de Shaoh quem trouxe o leão – e talvez quem preparou a jaula para quebrá-la.

“O mais importante de tudo é que a jovem partirá amanhã em viagem.” Hoje, eles realizariam a festa de casamento e, no dia seguinte, ela partiria para o país do marido.

“Isso parece bastante precipitado.”

“Ou melhor, deliberado.”

Então, aparentemente, eles queriam que Maomao encontrasse algum tipo de prova de irregularidade. **“E se eu não conseguir encontrar nada?”**

“Teremos que encontrar outra maneira. Minha estadia aqui pode ser prolongada.” O desejo de evitar isso estava escrito no rosto de Jinshi. Ele já estava longe da capital há quase um mês, e o trabalho que o irmão mais novo do imperador tinha que fazer estaria se acumulando durante todo esse tempo. No

entanto, eles tinham que encontrar esse culpado. **“Isso também poderia afetar negativamente o clã U, e eu gostaria de evitar isso.”**

“Não estou confiante de que encontrarei alguma coisa”, disse Maomao. Ela queria deixar isso claro.

"Eu entendo." Jinshi virou-se para olhar pela janela e não olhou para ela novamente durante o resto da viagem.

Chegaram a outra mansão construída perto de um oásis. O estilo era bem diferente daquele da casa da família da imperatriz Gyokuyou; este edifício parecia mais algo que poderia ser encontrado no leste. O edifício em si e o jardim que ostentava não pareciam deslocados na capital.

Ao chegarem ao portão e seguirem por um caminho de lajes, encontraram água fluindo de ambos os lados. Os salgueiros balançavam suavemente, fazendo o lugar parecer refrescante, enquanto pavilhões ao ar livre com postes vermelhos e telhados amarelos pontilhavam a propriedade. Havia um grande lago onde flutuavam folhas de lótus. A superfície da água ondulava ocasionalmente, e cada vez que uma pedra caía em um canal, havia peixes espirrando.

Carpas?

As carpas eram uma espécie resistente, mas Maomao ficou impressionada pelo fato de a família ter conseguido mantê-las num ambiente tão dessecado.

“Essa casa foi deixada para trás pelo clã Yi?” Jinshi se perguntou em voz alta. Se essas pessoas tivessem sido enviadas para substituir um clã aniquilado que vivia no luxo, elas poderiam simplesmente ter se mudado para a mansão existente. Era certamente um lugar opulento, mas também havia algo de triste nele. A casa da imperatriz Gyokuyou – a mansão de Gyokuen – era animada e movimentada; essa residência parecia subjugada.

Ao cruzarem a ponte sobre o lago, viram alguém vindo na outra direção, curvando-se obsequiosamente. **“Minhas desculpas por chegar tão tarde em cumprimentá-lo”** , disse a pessoa. Ele devia ser o dono da casa. Ele era rechonchudo e a linha do cabelo começava a diminuir. Atrás dele estava uma mulher que eles consideraram sua esposa. Seus pés eram pequenos e seus sapatos tinham um formato estranho.

“Tenho certeza que minha filha ficará muito feliz em receber os parabéns do Príncipe da Noite.”

O Príncipe da Noite? , Maomao se perguntou. Ela presumiu que o termo se referia a Jinshi. Poucas pessoas nesta terra conseguiam se referir a ele pelo seu nome verdadeiro, mas parecia envolver o caractere de “lua” – daí, talvez, esse apelido.

“Se me permitem recebê-los, então,” o homem continuou, conduzindo-os em direção ao prédio. Um tapete foi colocado no pavilhão e um pequeno barco e lanternas flutuavam no lago. Agora era apenas anoitecer, mas quando a escuridão caísse, pareceria estranho.

"Ei. Por aqui”, Basen gritou para Maomao.

Jinshi estava sentado ao lado do mestre, enquanto o próximo da fila era Gyokuen, aparentemente também um convidado do casamento.

“Nós forçamos um pouco o assunto para trazer você aqui” , explicou Basen, a propósito dos assentos. **“É realmente onde a consorte Lishu deveria estar. É por isso que você está longe. Vou designar uma dama de companhia para você. Use-a se precisar de alguma coisa.”**

Foi por isso que o assento de Maomao parecia ter sido preparado às pressas. Uma mulher que certamente parecia uma dama de companhia apareceu atrás de Basen como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Havia várias outras mulheres além de Maomao, mas todas tinham pés grandes e saudáveis. Um dos assentos de honra era ocupado por um homem de meia-idade, com cabelos quase brilhantes e traços faciais angulosos e nítidos. Um estrangeiro. No outro assento estava uma jovem com um véu na cabeça. Toda vestida de branco, ela estava sentada imóvel e silenciosa como uma boneca.

Essa é ela?, Maomao pensou. Ela parecia bastante flexível, mas poderia ser uma atuação.

Resistindo à vontade de beber álcool, Maomao bebeu um pouco de suco. Era um tanto incomum realizar um banquete como esse do lado de fora, à noite, mas a comida e a música pareciam basicamente familiares. Maomao estava francamente cansada de banquetes e não sentia necessidade de avaliá-lo muito a fundo. Ela iria apenas saborear uma boa comida e ficar de olho na noiva.

Ugh, o que está acontecendo aqui?

Desde que trouxeram Maomao, ela sentiu que deveria encontrar algo para eles – mas até agora não tivera uma única chance de agir. Primeiro, uma pessoa havia falado com ela há pouco, e então foi como se a represa tivesse estourado; as

pessoas não paravam de falar com ela. Por quê? Porque ela era companheira de Jinshi, ela supôs. Todos sorriam e bebiam vinho, mas no fundo dos seus olhos as emoções ardiam – ambição nos olhos dos homens, ciúme nos olhos das mulheres.

Maomao não passou despercebida que esse poderia ser o motivo pelo qual Jinshi a trouxera: para mostrar-lhe como era comparecer a um evento com o irmão mais novo do imperador, e não como sua criada, como ela havia feito antes.

Eca. Não, não!

Seria egoísmo da parte dela desejar que ele agisse normalmente, não deixando que os acontecimentos da noite anterior mudassem a forma como ele a tratava? Ela queria que seu relacionamento com ele fosse profissional, do jeito que sempre foi, como cada um deles usava e era usado pelo outro. Isso era o melhor para Maomao neste momento.

“Você é uma jovem muito modesta”, alguém disse.

Maomao não respondeu especificamente. Um véu cobria a maior parte de seu rosto - e ela falava muito através da criada que havia sido designada para ela para ajudar a garantir que ela não dissesse nada desagradável. Afinal, o lado desagradável da conversa sobre o distrito do prazer havia reentrado em seu discurso ultimamente.

Se é assim que parece para você, tudo bem , ela pensou. Ela deixou seu olhar vagar pelos assentos no centro do banquete para descobrir que em algum lugar ao longo da fila, a noiva havia desaparecido. A dama de companhia de Maomao pareceu perceber para onde sua atenção havia ido, pois sussurrou em seu ouvido: **“Presumo que ela foi retocar a maquiagem”.**

Maomao se levantou pensando que ela mesma poderia usar o banheiro, mas estava presa, cercada por pessoas que pareciam não entender a dica. Ela olhou para Jinshi e Basen, que pareciam estar na mesma situação. Basen estava recebendo taciturnamente doses de álcool de várias mulheres - talvez não fosse generoso pressioná-lo sobre se seu rosto estava vermelho por causa das bebidas ou por algum outro motivo.

Enquanto Maomao estava ocupada tentando pensar em uma desculpa adequada para sair dali, houve um grande *boom* . Ela se virou e encontrou todos ao seu redor olhando para a origem do barulho.

O barco carregado de lanterna no lago brilhava mais forte do que nunca. Fogos de artifício voavam pela água, obviamente a origem do barulho. Portanto, a noite foi

marcada para incluir fogos de artifício.

“Ah! Maravilhoso! Eu amo isso!", proclamou um homem bêbado, abrindo caminho cambaleante para fora do pavilhão. Ele entrou no lago (o que ele estava pensando?) e agarrou uma das carpas com as duas mãos. **"Maravilhoso! Eu amo isso! Eu gostaria que isso fosse pargo (espécie de peixe), mas não vou reclamar disso!”**

Foi uma piada terrível, mas de qualquer forma ele deu o peixe a um servo e disse: **“Você poderia preparar isso para mim?”**

O servo obviamente não sabia como responder a esse pedido específico, mas foi resgatado pelo chefe da casa, o pai da noiva. **"Ei você!"** , ele disse. **“Eu sei que esta é uma ocasião alegre para sua sobrinha, mas isso não é desculpa para fazer papel de idiota. Todo mundo está olhando.”**

“Hahaha! Olá, irmão mais velho! Não, está tudo bem.”

“O Príncipe da Noite deve estar horrorizado.”

Jinshi, aquele que foi invocado de repente, estava sorrindo. Apenas um sorriso educado, sem dúvida, mas foi o suficiente para encantar todos ao seu redor, que, apesar do ferimento, ainda sentiam que ele lembrava uma ninfa celestial.

“Tenho pena daquele pobre peixe. Por que não devolvê-lo?” , ele disse. A festa tornou-se um vale-tudo, apesar da presença do irmão mais novo do imperador. Tal cena seria impensável na capital.

Todos estavam sorrindo e rindo da troca. A carpa foi devolvida ao lago e de alguma forma escapou sem ser cozida naquela noite. Mesmo assim, não deve ter sido fácil para os peixes, primeiro com fogos de artifício explodindo bem acima de suas cabeças e depois sendo agarrados por foliões embriagados. Maomao olhou para a água escura. Ela tentou colocar algumas migalhas de pão, mas não havia sinal de que os peixes vinham buscá-las. Toda a comoção deve tê-los assustado.

Com a adição de mais álcool, a festa ficou cada vez mais livre, mas a noiva ainda não havia retornado. Jinshi já havia percebido esse fato, e ele e o noivo estavam de olho no assento vago.

“Talvez a estrela desta noite tenha ido brilhar ainda mais?” Jinshi se aventurou. O tio da menina não tinha dito que a noiva iria arrumar a maquiagem? A maioria das mulheres na multidão não pareceu acreditar; as damas de companhia haviam praticamente deixado a área do banquete.

Não muito tempo depois, uma delas voltou em pânico. Seu rosto estava pálido e ela mal conseguia falar; ela só conseguia apontar para o outro lado do lago.

Bem agora[1]...*

Maomao sentiu um cheiro de queimado e então ouviu gritos. Ela se virou na direção da gritaria e viu um dos convidados, que estava olhando na direção que a dama de companhia apontava. Sua boca se abria e fechava como a de uma carpa, e ele apontava para o céu com um dedo trêmulo. Não, não o céu, mas um edifício num canto da propriedade, uma torre de quatro andares. Algo estava vagamente visível no andar mais alto.

“A a-a-jovem amante está... enforcada...”, a dama de companhia finalmente conseguiu dizer. Todos os convidados que estavam se divertindo no banquete ficaram pálidos.

A silhueta escura podia ser vista pendurada no telhado da torre, com os pés balançando suavemente para frente e para trás. O vestido de noiva branco ondulava como uma nuvem.

“Para a torre!” Jinshi disse; ele e Basen foram os primeiros a agir. O noivo, o pai da noiva e o tio dela o seguiram tardiamente, e Maomao juntou-se a eles na corrida para a torre. Atravessaram o jardim verdejante, a fumaça dos fogos de artifício obscurecendo e difundindo a luz das lanternas flutuando no canal. Eles podiam ouvir a carpa espirrando água.

A torre era claramente visível, mas não havia um caminho direto entre eles e ela. Árvores e outros edifícios atrapalhavam seu caminho, obstáculos que eles tinham que contornar para chegar ao seu destino. Com o caminho bem iluminado pelas lanternas, pelo menos não cairiam.

Maomao entrou na torre alguns passos atrás dos outros e subiu as escadas correndo. Ela chegou ao último andar ofegante e encontrou os homens olhando incrédulos para a corda pendurada: ela havia quebrado.

"Encontre-a! Verifique o terreno ao redor da torre!” Basen rugiu e desceu as escadas. Ele pode ter uma personalidade um tanto simples, mas pelo menos era decisivo em momentos como este.

Os outros, seguindo o exemplo dele, voltaram para baixo, mas Jinshi ainda estava olhando para fora. Eles estavam talvez a quatro jo (doze metros) do chão. Se a

menina tivesse sido estrangulada pela corda, mas depois ela se rompesse, quais seriam as chances de ela ter sobrevivido?

Quase zero, eu diria, pensou Maomao. Quer seu pescoço tivesse quebrado ou ela tivesse sufocado, ninguém poderia sobreviver pendurado ali por tanto tempo. No chão, perto da corda que balançava, havia um par de sapatinhos bordados — eles haviam pertencido à noiva.

“O que você acha disso?” Jinshi perguntou, olhando da corda para o chão e vice-versa. A corda estava amarrada sob o beiral e a outra ponta havia se quebrado. Olhando para baixo, eles puderam ver os telhados se sobrepondo. Talvez a garota tivesse tropeçado neles ao cair.

“Não sei”, disse Maomao honestamente, e Jinshi sorriu.

“Eu arranquei dela a verdade”, murmurou Jinshi. **“Foi isso que eu fiz?”** Ele estava sentado no assento central do banquete e poderia ter dito algo à noiva. Ele olhou para baixo e, por um segundo, parecia estar mastigando areia. Ele deu as costas aos sapatinhos, mas não ergueu os olhos. **“Você me acha uma pessoa terrível?”**

Depois de um segundo, Maomao disse: **“Não sei, senhor”.** Jinshi apenas fez o seu trabalho. Alguém teria que fazê-lo, mais cedo ou mais tarde, ou o culpado teria fugido para o oeste. E eles tinham que evitar isso.

Incapaz de pensar em mais nada para dizer, Maomao permaneceu em silêncio.

Finalmente Jinshi disse: **“Vamos”,** e sua voz estava fria.

"Sim, senhor." Maomao desceu os degraus lentamente, alimentando uma pergunta enquanto descia a escada íngreme.

Não demorou muito para que encontrassem a noiva, mas ela não estava em condições de ser vista. Seu manto branco estava chamuscado; seus braços e pernas, dobrados em ângulos perturbadores, estavam igualmente enegrecidos; e sua cabeça foi quebrada. Mas encontraram a corda em volta do pescoço e reconheceram seus pés pequenos e disformes. Ela foi encharcada em óleo de lanterna que foi incendiado. Foi mais do que suficiente para fazer com que os convidados embriagados se sentissem realmente sóbrios.

[1] Well now = Bem agora : Pretendia transmitir que algo é estranho. Ou simplesmente não ter certeza de como responder a algo que alguém disse.

Capítulo 3: A Noiva Flutuante (Parte Dois)

“Se não é um problema é outro, não é?” Ah-Duo disse sombriamente. Originalmente, ela e Maomao planejavam fazer compras hoje, mas depois dos acontecimentos da noite anterior, este seria mais um dia sem passeios turísticos. Maomao estava ansiosa para descobrir que coisas incomuns estavam disponíveis na capital ocidental, mas não foi o que aconteceu; em vez disso, ela estava vestida com roupas sombrias. De todas as coisas que ela pensou que poderiam acontecer nesta viagem, ela nunca imaginou que iria a um funeral.

“Tenho que admitir, não lamento que isso signifique não haver banquete esta noite, mas gostaria que fosse em outras circunstâncias”, disse Ah-Duo, tomando um gole de chá. Portanto, não era apenas Maomao quem sentia a tensão das festas noturnas. Apenas ela, Ah-Duo e Suirei estavam na sala no momento, e foi por isso que Ah-Duo pôde fazer um comentário um tanto indiscreto como esse. Suirei foi autorizada a ir sem seu acompanhante enquanto estava na companhia de Ah-Duo, mas Maomao duvidava que a jovem reservada achasse isso exatamente relaxante. Ah-Duo adorava diversões, entretenimento e coisas interessantes, então ela provavelmente estava sempre provocando a eternamente séria Suirei.

“Encurralada até sentir que a única saída seria se matar... É uma tragédia” , disse Ah-Duo.

Suicídio: essa foi a conclusão oficial. Uma nota foi encontrada no quarto pessoal da jovem, afirmando que o motivo de sua morte foi a angústia diante da ideia de se mudar para uma terra estrangeira e distante. O clima turbulento no banquete esfriou imediatamente, e o noivo ficou fora de si quando viu o bilhete. Ele começou a atacar o pai da noiva; a maior parte do que ele disse estava numa língua estrangeira e era incompreensível para Maomao, embora fosse suficientemente claro para que não valesse a pena repetir se ela conseguisse compreender. Os moradores da capital ocidental pareciam saber o que o homem estava dizendo, mas apenas olhavam tristemente para o chão.

Jinshi mostrou-lhe o bilhete e Maomao estava convencida de que realmente havia sido escrito pela noiva.

Ela não disse nada sobre estar encurralada, no entanto...

Ah-Duo parecia muito com a imperatriz Gyokuyou; Maomao percebeu que essa ex-consorte não deveria ser subestimada – foi um de seus subordinados quem também encontrou o perfume. Mas Maomao não sabia exatamente o quanto Ah-Duo sabia, então ela precisava ter cuidado com o que dizia.

Era assim que parecia: perturbada com o casamento, a noiva se matou, certificando-se de que todos a vissem pendurada na torre antes que a corda se rompesse e ela caísse no chão. Não só isso, mas ela derrubou uma lanterna quando pousou, fazendo com que suas roupas pegassem fogo.

Mas seria essa a verdade? Jinshi parecia pensar que foi algo que ele fez que causou o suicídio da jovem, mas Maomao não tinha como saber. Havia uma possibilidade distinta de que esta fosse a mulher que havia dado o perfume à meia-irmã da consorte Lishu - mas isso era outra coisa sobre a qual não havia certeza. Assim, Maomao compareceria ao funeral com as coisas ainda envoltas em ambiguidade. É verdade que ela poderia ter recusado se tivesse insistido, mas havia algo que a incomodava.

Jinshi também estava indo. Normalmente ele não teria nenhum motivo para comparecer ao funeral da filha de uma autoridade local, mas o pai da noiva implorou-lhe que fosse. Foram Jinshi e Gyokuen cuja presença acalmou o furioso noivo. Souberam mais tarde que o que o noivo gritou foi: **“Já foram duas vezes! Você pode me arranjar uma terceira noiva?!”**

Duas vezes, hein? Maomao pensou. Era bastante simples deduzir que por trás desse casamento aparentemente comum algo estava acontecendo.

“Está quase na hora, senhora” , disse Maomao, levantando-se da cadeira.

“Ah, claro.” Ah-Duo largou o chá e olhou para Maomao. **“Aliás, se você me perdoar...”**

"Sim, senhora?" Maomao olhou para ela com curiosidade. Era uma forma incomumente reservada de Ah-Duo falar.

“Se o Príncipe da Noite estiver indo, suponho que aquele assistente dele estará com ele, certo?”

“Eu deveria pensar assim.”

Elas estavam se referindo ao assessor e guarda-costas de Jinshi, Basen. Ele quebrou os dedos da mão direita quando bateu no leão, mas na hora ele estava tão

nervoso que nem o fato de seus dedos apontarem em direções não naturais conseguiu superar seu frenesi.

“Temos certeza sobre ele? Ouvi dizer que ele é filho de Gaoshun. Qual é a sua leitura sobre ele?”

Depois de um segundo, Maomao disse: **“Acredito que cabe ao Mestre Jinshi decidir, e não é minha função comentar”.**

As proezas físicas de Basen certamente não deixavam nada a desejar, mas pessoalmente ele ainda precisava crescer. Embora seja certo que a opinião de Maomao sobre ele a esse respeito possa ter sido influenciada por ter visto Gaoshun trabalhando. De qualquer forma, ela tentou ser otimista: não era como se Basen fosse o único guarda-costas ou assessor pessoal de Jinshi. Então estaria tudo bem, certo?

“Você realmente não sente que está em posição de dizer alguma coisa?” Ah-Duo parecia sombria. Suirei despejou água quente no copo vazio de Ah-Duo.

"Não, senhora. Não é algo sobre o qual eu tenha qualquer influência.”

"Entendido."

Maomao saiu da sala, lançando um olhar perplexo para Ah-Duo enquanto ela avançava.

○●○

Aquilo era o tipo de coisa que uma família normalmente gostaria de resolver discretamente, mas como a morte da jovem era um assunto tão público, o funeral dificilmente poderia ser privado.

Quando a propriedade da família apareceu, eles puderam ver um rio de mulheres vestidas de branco fluindo para dentro dela. Mulheres chorosas, a julgar pelos véus. Muitos delas, observou Maomao. Havia coroas de flores por toda parte, assim como servos saindo de cabeça baixa para receber os convidados.

Maomao não tinha a certeza de que o costume de mulheres chorarem existisse aqui na região ocidental, mas a família tinha amarrado os pés da jovem, para que também pudessem observar os costumes funerários à maneira da capital.

Na recepção foi confirmado o número de mulheres que choravam e foram entregues etiquetas de madeira que serviram de identificação.

“Vamos, por aqui. Vamos” , disse um servo, e as mulheres o seguiram.

Desta vez, Lahan juntou-se a Maomao e aos outros. Sua bagagem incluía dinheiro e utensílios domésticos feitos de papel.

“Eles não usam uma coisa real? ”, Maomao perguntou.

“Talvez se você tiver dinheiro novo”, Lahan fungou. Bem então. Ele não preparou itens de papel simplesmente porque era um mesquinho. Era costume que os participantes de um funeral doassem dinheiro e artigos diversos diários feitos de papel, que seriam queimados para garantir que o falecido pudesse levar uma existência confortável mesmo na próxima vida. Até mesmo a permanência no inferno, dizia-se frequentemente, poderia ser abreviada por uma infusão de dinheiro.

Lahan resmungou por ter sido deixado de fora do banquete e apenas arrastado para o funeral, mas foi o que aconteceu. Com ele aqui, Maomao não precisava ficar na órbita de Jinshi. Rikuson não estava presente; ele ficou para trás. Ele provavelmente tinha seu próprio trabalho a fazer.

“De qualquer forma, é um papel muito bom. Nenhuma sucata de baixa qualidade.”

É verdade que o material para o papel-moeda era excelente. Poderia estar orgulhosamente ao lado de qualquer coisa da aldeia do médico charlatão, embora Maomao não soubesse se vinha deles ou não. Porém, quando viu o bilhete de suicídio da jovem, teve a impressão de que a capital ocidental parecia ter muitos jornais de qualidade muito boa.

“Isso porque este lugar é uma encruzilhada de comércio”, disse Lahan a ela. **“Ninguém envia seus piores produtos para o mundo.”**

Na verdade, Li já havia exportado papel, numa época em que se dizia que seus produtos alcançavam um bom preço, mesmo no Ocidente. Quando os produtos de baixa qualidade começaram a proliferar, o negócio de exportação praticamente morreu, mas aparentemente ainda havia coisas boas à disposição.

No dia anterior, eles estiveram na mansão no meio da penumbra da noite e agora, à luz do dia, Maomao podia ver alguns lugares onde a propriedade estava em ruínas. Aquela já foi uma mansão luxuosa, mas seus novos proprietários não tinham capacidade para mantê-la.

Um casamento com alguém de Shaoh , refletiu ela. Isso também parecia estranho. Importante para a diplomacia, talvez, mas o equilíbrio de poder pareceu-lhe distorcido. Por exemplo, o banquete foi realizado aqui, mas todo o resto do casamento deveria ser tratado nas terras do noivo. E a forma como o homem se comportou após a morte da noiva só poderia ser considerada desdenhosa.

Lahan, ao que parecia, já estava a par da história, que compartilhou com Maomao no caminho.

“Essa família foi trazida aqui para substituir o clã Yi, mas também, pelo que entendi, para tirá-los do caminho.”

A mãe do antigo imperador – isto é, da imperatriz reinante – era pragmática. Ela considerava os funcionários que não conseguiam fazer o seu trabalho como um incômodo, mesmo que ostentassem boa linhagem da região central do país. Ela atraiu várias famílias para o oeste com promessas de um nome de família se fossem supervisionar a área. A família da noiva era uma delas.

Mas pessoas incompetentes não se tornam competentes de repente graças a uma simples mudança de cenário. Algumas famílias foram dizimadas por doenças no clima desconhecido; outras foram reduzidas à ruína e desapareceram.

Por que é que a imperatriz reinante teria feito algo que parecia tão precipitado quando as terras ocidentais eram amplamente reconhecidas como cruciais para a defesa nacional? Talvez porque naquela época ela estivesse no auge de seus poderes, e se algumas famílias caíssem, bem, outras estavam surgindo para ocupar seu lugar. A família da imperatriz Gyokuyou, por exemplo.

A jovem na festa de casamento de ontem deveria fortalecer sua família indo para outro país como noiva. Aquela família preferia fazer negócios onde tinha relações consanguíneas; criar essas relações casando as filhas foi a forma como a família escolheu sobreviver ao longo dos anos.

“Na verdade, o noivo deveria ser casado com a prima da garota que morreu. A filha do irmão mais novo do chefe da família, creio” , disse Lahan. Seria o irmão mais novo em questão, então, o homem que estava bêbado no lago das carpas? Talvez ele estivesse comemorando como se fosse o casamento da própria filha. **“Ela se matou dez dias antes da cerimônia.”**

“Ele não parecia um homem que tivesse sofrido esse tipo de tragédia...”

“Há muitas coisas neste mundo que exigem que mostremos o que temos de melhor, queiramos ou não”, disse Lahan.

Então era isso que estava por trás do comentário do noivo sobre “duas vezes”. E pensar que ele havia perdido as duas possíveis esposas exatamente da mesma maneira. Eles devem ter pensado que a terra estrangeira era realmente terrível.

Os passos de Lahan e Maomao soavam enquanto caminhavam pelas lajes, os pés umedecidos pelos borrifos das carpas que esguichavam no canal. Os peixes (que tinham uma dieta péssima, para peixes) vinham e se reuniam quando ouviam visitantes se aproximando; o som refrescante de respingos de água aumentou.

Já havia uma multidão em frente à mansão, a trupe de mulheres chorando alto. Maomao reconheceu muitos dos participantes do dia anterior.

Olhe para todos eles, ela pensou. Em parte ela se referia aos participantes, mas o que realmente se destacou foram as mulheres vestidas de branco. Devia haver mais de cinquenta delas fazendo um barulho de dor e luto. Talvez alguns dos convidados tivessem trazido lamentações como cortesia, mas ainda assim parecia muito. Era função dessas mulheres lamentar pelos mortos, mas Maomao teve a sensação de que desta vez elas estavam se contendo um pouco, *talvez porque se todas elas tivessem chorado a plenos pulmões, você não teria conseguido se ouvir* , pensou. Foi um lembrete indesejável de que eles estavam, de fato, de luto por causa do trabalho.

Com tantas mulheres presentes, algumas delas seriam melhores no trabalho do que outras. Algumas delas pareciam um pouco envergonhadas – elas ainda devem ser novas nisso. Outra tropeçou na longa bainha de sua roupa.

Tinha que ser um desafio acompanhar o choro durante toda a longa, longa cerimônia fúnebre, e de vez em quando as filas da frente e de trás das mulheres trocavam de lugar. Elas pareciam estar desligando a tarefa de chorar, conservando sua resistência. Era difícil dizer se tais lamentadoras preocupadas com a eficiência realmente trariam paz aos mortos, mas, de qualquer forma, pessoalmente, Maomao não acreditava que houvesse algo após a morte. E essas mulheres tinham que comer.

Maomao ergueu os olhos. Além do jardim, ela podia ver a torre de quatro andares. Ela se perguntou se seria possível ter uma perspectiva diferente durante o dia e à noite. Ela começou a andar e quase caiu em um canal que não percebeu. Ela agarrou Lahan, que estava ao lado dela.

"O que você está fazendo?", ele perdeu a cabeça.

"Desculpe." Mesmo que ela tivesse caído, o canal não era tão profundo, mas a carpa já havia chegado, atraída pelo barulho. Na noite anterior, as lanternas flutuantes tinham salvado qualquer pessoa de cair, mas era um terreno moderadamente perigoso, refletiu ela.

Era uma boa distância até a torre, e ontem eles não apenas correram até lá, mas também subiram as escadas. Foi difícil.

Passos? A distância até a torre? Maomao lembrou-se de que algo havia acontecido na noite anterior. *O que foi aquilo? Ela quase conseguiu...*

"Ei, você! Ela não é comida!" Lahan brincou. A carpa, sem lhe dar atenção, continuou a atacar ela, esperando por migalhas. Nesse momento houve uma rajada de vento e parte do dinheiro para os mortos caiu no canal. A carpa apareceu em um instante e desapareceu rapidamente sem deixar vestígios.

Maomao não disse nada, apenas olhou para o peixe.

"O que você está fazendo? Eles também não são comida. Você não pode pescar aqui."

Ele parecia estar brincando de novo, mas ela estendeu a mão para ele. **"Papel."**

"Papel?"

"Eu sei que você guarda alguns papéis de rascunho com você. Dê-me uma folha."

"O que causou isso?" Lahan resmungou, mas mesmo assim tirou o papel das dobras do seu manto. Maomao rasgou-o e jogou-o no canal, onde a carpa o consumiu avidamente novamente.

A boca de Maomao ficou aberta por um segundo e então ela disse: **"É isso!"** Ela partiu em um trote rápido em direção a torre.

"E-Ei!" Lahan exclamou.

O local onde a noiva estava pendurada na torre podia ser visto do pavilhão onde foi realizada a festa de casamento, mas à medida que se aproximava, ele sumia de vista.

Maomao acelerou o passo, correndo até poder ver o lago logo abaixo da torre.

“O-o que você está procurando? O que está acontecendo?" Lahan ofegou ao alcançá-la. Maomao levantou a bainha do vestido e entrou no lago. Havia uma curta distância entre a torre e a água; foi lá que o corpo da noiva foi encontrado.

“Quando uma pessoa cai de uma janela, Lahan, onde ela cai?”, ela perguntou.

“Para baixo, normalmente” , disse ele.

Sim, e foi aí que encontraram o cadáver carbonizado. *No entanto...*

“E se fosse algo mais leve que uma pessoa? Digamos que a velocidade e a direção do vento fossem mais ou menos como são agora.”

“Dependeria do peso.”

“Menos de dois parentes, mas do tamanho de um humano.”

“Nesse caso...” Lahan ajustou os óculos, observando a distância. Ele lambeu o dedo e ergueu-o contra o vento. **“Um pouco mais longe do prédio do que onde você está, eu acho. E se levarmos em conta a posição do telhado...”**

Certo, o telhado. Se você incluir isso, há algo que não faz sentido. Agora que ela podia ver isso na luz, ela tinha certeza disso.

Lahan olhou para o pedaço de terra chamuscado onde o corpo fora descoberto e depois para o telhado. Então ele inclinou a cabeça. Claro, se Maomao conseguisse descobrir, este ábaco humano não poderia deixar de notar. Se ele estivesse lá na noite anterior, teria detectado a inconsistência muito antes dela.

Maomao foi até o local indicado por Lahan, arregaçou as mangas e mergulhou as mãos na água, cavando no fundo do lago. Enquanto isso, Lahan sentou-se, evidentemente com a intenção de observar a situação. Ele tinha um pequeno galho na mão para se manter ocupado, com o qual escrevia no chão. Calculando alguma coisa, talvez.

“O que você está fazendo, senhora?!” , gritou um criado que notou a convidada brincando no lago. Comportamento repreensível numa casa que assistia a um funeral, certamente. **“Por favor, saia daí agora mesmo!”**

“Não se preocupe comigo”, disse Maomao, ignorando o homem e enfiando a mão novamente no lago. O fundo estava lamacento; excelente fertilizante. Muito cocô de peixe que se infundiu com nutrientes.

“Você ouviu a senhora”, disse Lahan timidamente, mas o criado continuou tentando impedir Maomao. Maomao continuou a ignorá-lo, continuando a cavar. Se e quando ela encontrasse o que esperava encontrar, tudo estaria resolvido.

Lahan não estava atrapalhando, mas também não estava exatamente ajudando, apenas olhando ao redor de vez em quando. Maomao podia ouvir o criado chapinhando no lago atrás dela. Ela o sentiu puxar sua mão. Ela tentou correr, mas seus pés ficaram presos na lama e ela caiu de cabeça na água. Ela acabou coberta de sujeira, com o criado tentando segurá-la.

Naquele exato momento, porém, uma voz linda e carregada disse: **“Você encontrou alguma coisa?”**

Você poderia pensar que ele estava esperando o momento perfeito para fazer sua entrada , pensou Maomao. Jinshi apareceu. Basen ficou atrás dele, parecendo horrorizado.

Maomao limpou a lama do rosto e ergueu um pedaço de corda, cuja ponta havia quebrado. O que significava que a noiva...

Mentalmente, Maomao repassou o que sabia. Havia outra coisa misteriosa sobre esta mansão – e se ela pudesse revelar a verdade, o mistério seria resolvido.

“A noiva ainda está viva” , anunciou ela, e sorriu.

Maomao pediu um quarto para se limpar e trocar de roupa. Ela teria adorado um banho adequado, mas eles não tiveram tempo. Ela odiava a sensação de lama grudada em seu couro cabeludo, mas teria que sorrir e aguentar.

Depois que ela foi trocada, ela foi conduzida ao salão principal da mansão. O dono da propriedade e sua família lançaram-lhe olhares feios quando ela entrou, claramente descontentes com o comportamento tão escandaloso de uma convidada em um funeral. Jinshi e Basen estavam lá, junto com Lahan e os guarda-costas, mas ela não viu o noivo de ontem. Na verdade, ela não achava que o tivesse visto participando do funeral.

Sobre a mesa estava o pedaço de corda que Maomao descobrira. Ela olhou pela janela e viu as mulheres vestidas de branco, ainda ocupadas chorando. Os ritos fúnebres continuariam até amanhã, então talvez as senhoras passassem a noite aqui. Os outros convidados foram para casa; apenas aquelas mulheres, as pessoas que moravam nesta casa e o grupo de Maomao permaneceram.

“Posso perguntar o que diabos você pensa que está fazendo?” , disse o desanimado dono da casa. Ele parecia menos zangado do que simplesmente dominado pela dor.

“Essa jovem vai explicar tudo”, disse Jinshi, conduzindo Maomao para o centro da sala. A corda sobre a mesa estava imunda, mas ainda assim obviamente nova.

“Eu sei que ela deveria ser uma senhora da família La, mas estamos de luto pela morte da nossa filha”, disse o mestre. **“Você não poderia nos deixar em paz? Certamente até o Príncipe da Noite...”** Ele estava sendo cauteloso, mas criticava inequivocamente Jinshi. A maneira como ele tremia ao fazer isso indicava quanta coragem deve ter sido necessária.

“Sim, e devo pedir desculpas por me intrometer em sua tristeza. No entanto, se pudéssemos pedir apenas um momento do seu tempo”, disse Jinshi; ele era gentil, mas firme.

“Os convidados foram para casa e precisamos limpar tudo. Posso pelo menos dispensar as mulheres que choram?”

Jinshi olhou para Maomao, mas ela balançou a cabeça. Jinshi deu um passo para trás como se dissesse que confiava nela para cuidar das coisas daqui em diante.

Maomao disse: **“Eu sentiria o mesmo que você – se a noiva tivesse realmente morrido”.** Então ela pegou a corda e saiu. **"Venha comigo."**

“O que é isso?”, o anfitrião irritou-se, mas Maomao o ignorou e foi ficar na frente das mulheres de branco. Os outros observaram-na, perplexos, enquanto ela se agachava.

Com um **“Oi!”,** ela pegou duas das vestes femininas chorosas, levantando-as.

As mandíbulas dos espectadores praticamente caíram no chão.

O sol era forte por aqui e as pessoas mantinham as pernas escondidas, protegidas da sua luz, de modo que os membros que Maomao revelava eram adequadamente pálidos. Cada vez mais faminta por daikon (rabanete), ela continuou levantando as saias das mulheres, as mulheres gritando.

Isso traz lembranças, pensou Maomao. Houve uma vez um comerciante com gostos questionáveis que reuniu dez ou mais cortesãs e passou uma noite inteira levantando as saias. A madame cacarejou e reclamou que era um comportamento

particularmente vulgar - mas o homem pagou três vezes o preço normal, então ela não estava disposta a impedi-lo.

Resumindo, Maomao estava essencialmente se comportando como um velho louco

por sexo.

As mulheres cujas saias foram viradas rapidamente se agacharam, tentando se esconder, enquanto aquelas que Maomao ainda não havia conseguido entrar em pânico e tentaram fugir.

M aldição. Isso é mais divertido do que eu esperava!

Ela não tinha entendido o que havia de tão bom nisso até que fez isso sozinha, perseguindo as mulheres chorando, puxando as bainhas de seus vestidos. Ela finalmente começou a entender o que aquele velho lascivo estava sentindo. Bem, isso não era bom.

Uma das mulheres chorosas destacou-se por não ser muito atlética. Ela tentou escapar, mas não conseguiu correr, tropeçando. Maomao não mostrou piedade,

ficando na frente dela e flexionando os dedos. Os gritos da mulher ecoaram pelo quintal, mas Maomao agarrou sua saia.

"Você! Aprenda algumas malditas maneiras!", Jinshi exclamou; ele acompanhou sua ordem com um tapa na nuca dela. Ela se virou e viu que ele parecia completamente exasperado.

“Sinto muito” , disse Maomao, soltando o punhado de saia que havia ganhado. **“Mas encontrei o que procurava.”**

Espreitando por baixo da bainha da saia da garota havia um par de sapatos. Ela quase caiu deles tentando fugir, porque o tamanho estava errado. Seus pés estavam envoltos em bandagens e, na verdade, nem pareciam pés.

Esta mulher chorosa tinha os pés amarrados.

Em seguida, Maomao pegou o véu do enlutado e puxou-o lentamente, revelando uma bela jovem com o rosto manchado de lágrimas.

"Desculpe!" , a jovem disse, chorando. A quem quer que ela estivesse se desculpando, certamente não era Maomao.

“A-” Maomao começou, mas antes que ela pudesse dizer *Aqui está sua noiva desaparecida,* outra mulher com os pés amarrados se jogou entre elas. Uma das damas de companhia da noiva, talvez?

"Qual o significado disso?! Você não consegue nem mesmo a decência mais básica?!”, a segunda mulher gritou para Maomao. Seus olhos estavam bem abertos em um esforço para evitar as lágrimas que ameaçavam sair deles. Ela estava mordendo o lábio e seus ombros tremiam. Então ela ajeitou a saia da outra mulher e colocou o véu de volta em sua cabeça. **“Vá em frente, rápido. Temos trabalho novamente amanhã.”**

Com os pés amarrados revelados, porém, a mulher não iria escapar – Maomao, e agora Jinshi, não permitiriam. Eles não poderiam deixá-la fugir deles. Foi esse pensamento que inspirou as palavras cruéis que Maomao disse a seguir.

“O corpo que você queimou. Foi da sua irmã mais velha? Depois que ela se matou?”

A mulher que chorava estremeceu.

“O corpo já tinha marcas no pescoço. É por isso que você fez tanto show de se ‘enforcar’. E então você queimou o corpo para que ninguém pudesse ter

certeza do que havia acontecido com ele."

Podia-se ouvir a jovem fungar — não numa pobre imitação de tristeza; foi um excelente trabalho de choro, que certamente teria sido aprovado durante seu trabalho.

O pai da noiva, que assistia em silêncio até aquele momento, finalmente explodiu: **"Mais uma vez, não tenho ideia do que você está falando! Devo pedir-lhe que não profane mais o funeral da minha filha. Não há como essa mulher chorosa ser minha filha!"** Ele se juntou à dama de companhia e ficou na frente de Maomao. **"É verdade, falei com você sobre minha filhinha, mas, francamente, não estava pedindo para você enfiar o nariz em todos os lugares!"** A raiva do homem era evidente.

Então o tio da noiva interveio gesticulando muito: **"Se a menina está viva, então como você explica o que aconteceu ontem à noite? Todos vimos a noiva se enforcar. E encontramos o corpo no chão. Esses são fatos!"**

Maomao, porém, balançou a cabeça. **"É verdade que a noiva se enforcou no nível mais alto da torre e depois caiu. Mas há algo interessante naquela torre. São quatro andares, certo? E, a princípio, todos parecem ter o mesmo tamanho – mas o nível mais baixo se espalha mais longe que os outros. O que aconteceria se algo caísse lá?"**

Lahan explicava melhor esse tipo de coisa do que Maomao, então ela entregou-lhe um galho do chão. Ele começou a esboçar um diagrama da torre na poeira. Era a mesma imagem que ele desenhava enquanto Maomao estava ocupada brincando na lama.

"O telhado está inclinado, então algo que caísse sobre ele rolaria para fora. A força continuaria a carregá-lo à medida que saísse do telhado", disse Lahan, acrescentando uma seta ao seu diagrama como forma de explicação. **"Em outras palavras, se este objeto caísse com impulso inalterado, ele pousaria a alguma distância da torre."**

No entanto, o corpo queimado estava diretamente sob o beiral, em um local que ficava escondido caso você estivesse na entrada da torre. Pois se tivesse caído no lago, não seria mais possível queimá-lo para tirar as pessoas da trilha.

"Com base nos princípios básicos de movimento e na velocidade do corpo, o cadáver não deveria ter caído onde o encontramos", disse Lahan. Pelo menos

ele poderia ser contado em momentos como este. E o diagrama tornou sua explicação mais fácil de entender.

“O corpo queimado estava lá o tempo todo” , concluiu Maomao. **“Fomos distraídos pela noiva ‘flutuante’ e perdemos.”**

O caminho para a torre estava iluminado com pequenas lanternas. Hóspedes não familiarizados com a propriedade, tentando se orientar em uma noite escura, naturalmente a seguiriam. E a fumaça dos fogos de artifício combinada com o cheiro do óleo da lanterna era perfeita para esconder o corpo já queimado.

Por fim, Maomao acrescentou: **“Suspeito que essa seja a verdadeira identidade da noiva pendurada”.** Ela pegou um pedaço de papel e caminhou em direção ao lago, batendo os pés deliberadamente enquanto caminhava. Ela rasgou o papel e jogou-o na água, que imediatamente se agitou com carpas que vinham comê-lo. **“Há muitos papéis excelentes por aqui. Coisas que poderiam ser transformadas em algo que poderia muito bem passar por um vestido de noiva quando visto à distância.”**

Qual teria sido o sinal? Os fogos de artifício seriam perfeitos. Talvez uma cor especial de fumaça ou um som específico. Quando alguém avistasse a noiva enforcada, o sinal seria dado. Trabalhando para trás, calculando a distância até a torre e quanto tempo levaria para chegar ao último andar, a corda seria cortada para parecer que havia quebrado. Todos estariam tão ocupados correndo para a torre que não perceberiam a queda.

“Você entrou e pegou uma carpa ontem” , disse Maomao ao tio. **“Isso foi para assustar os peixes?”** Talvez ele estivesse tentando levar o peixe comedor de papel ao local desejado. Provavelmente ficaram assustados com os fogos de artifício, mas por que arriscar?

A boneca de papel caía no lago e era comida pelas carpas, deixando apenas a corda que Maomao encontrara na água. Quanto à pessoa que cortou a corda, ela só precisava esperar que todos chegassem a torre. Não há necessidade de tentar sair correndo e correr o risco de esbarrar em alguém que veio investigar. Em vez disso, ela poderia simplesmente se esconder em algum lugar lá dentro e, uma vez que houvesse uma multidão adequada, ela poderia se juntar aos outros, deslizando entre eles e parecendo tão confusa quanto todos os outros. Agora não precisavam mais perguntar quem desempenhou esse papel.

“Se houver alguma objeção à minha interpretação dos acontecimentos, talvez devêssemos comparar a corda que encontrei com o pedaço que sobrou da

torre. Qualquer uma? "

Ao ouvir as palavras “qualquer uma”, o pai da noiva caiu de joelhos, enquanto os outros se entreolharam com resignação. A dama de companhia que se colocou entre Maomao e a mulher que chorava selvagem tinha uma expressão de dor. Sim, claro: a noiva não poderia ter conseguido isso sozinha. Ela deve ter tido cúmplices – talvez toda a sua família.

Os rostos dos membros da família antes deles não estavam escritos com traição, mas com tristeza.

“Você esperava esconder a noiva entre as fileiras das mulheres que choravam e ajudá-la a escapar dessa forma” , disse Maomao. Parecia que ela estava sob uma impressão errônea duradoura. Ou seja, ela estava errada ao dizer que o incidente com o leão tinha como alvo a consorte Lishu.

Às vezes, o que outra pessoa estava pensando nem sempre correspondia ao que você imaginou.

“Tudo isso para ajudá-la a fugir daquele noivo estrangeiro.”

Ela tinha ouvido falar que foi o pretenso noivo quem trouxe o leão – e se a gaiola quebrasse e o leão se soltasse, a culpa recairia sobre ele. A família simplesmente teve que mexer nas barras da jaula e fazer com que o perfume agitador do leão entre os participantes do banquete. Deve ter sido um simples acaso que uma das pessoas que eles escolheram fosse meia-irmã de Lishu.

Normalmente, a culpa pelo incidente com o leão teria sido rapidamente atribuída e teria recaído mais pesadamente sobre o noivo. Mas Jinshi e Gyokuen foram mais minuciosos do que a família esperava; em vez de agravar imediatamente as coisas, eles se concentraram na coleta de evidências.

O noivo, compreensivelmente preocupado, decidiu deixar o país às pressas, planejando partir depois do banquete planejado para o dia seguinte. Era por isso que ele não estava aqui agora: já estava voltando para casa. Se as coisas tivessem prosseguido sem problemas, a jovem estaria agora a caminho de viver como esposa do homem num país estrangeiro. A família, desesperada, decidiu encenar a morte da jovem. Eles estavam tão empenhados em proteger a jovem que até se dispuseram a usar o cadáver de sua irmã mais velha, que já havia morrido.

“Por que você sentiu que era necessário ir tão longe?” Jinshi perguntou.

“Ah! Você não tem ideia de como minha filha foi tratada de forma abominável” , respondeu o tio da noiva, o pai da falecida. **“Essas pessoas veem as mulheres da nossa família como nada além de escravas. Você sabe o que eles fazem na primeira noite juntos? Eles marcam a noiva. Como um animal!”**

Os casamentos nem sempre eram iguais; na verdade, na maioria das vezes o equilíbrio de poder pendia numa direção ou noutra. Se você não tivesse o poder, a única coisa que poderia fazer seria curvar-se e raspar. Essa família já havia oferecido uma filha como tal sacrifício.

“Foi o mesmo com esses meus pés”, disse a noiva vestida como uma mulher chorando, passando a mão pelos próprios pés pequenos. **“Isso é o que aquele homem queria. Ele disse que queria que eu parecesse uma garota do leste. Duvido que ele me visse como algo mais do que uma mercadoria.”** A dama de companhia a observou com agonia no rosto. Talvez a noiva e até mesmo sua dama de companhia tivessem os pés amarrados como possíveis reforços, caso a irmã mais velha não desse certo.

A expressão desapareceu do rosto de Jinshi, mas ele parecia perturbado em particular.

“Eu sou incompetente. Este foi o único caminho aberto para mim. Você acha que talvez, se eu tivesse mais talento ou habilidade, poderia ter visto minha filha se tornar uma das rosas do jardim?” , o pai da menina perguntou. Talvez ele estivesse pensando em outra família, também da capital ocidental, que viu sua própria filha se tornar imperatriz.

“Se a imperatriz reinante tivesse ficado satisfeita conosco”, continuou o pai, **“Você acha que poderíamos ter escapado de sermos enviados para esses remansos?”**

Jinshi se afastou da família trágica. Eles cometeram um crime grave. A tentativa deles de proteger a própria filha poderia ter sacrificado muito mais vidas.

“Você acha que poderíamos ter conseguido salvar nossa casa?”

Não seria possível libertá-los com um tapa no pulso.

A única coisa que Maomao não sabia era se Jinshi havia crescido o suficiente para aceitar isso.

Dito isto, ela não podia deixar de pensar que via as coisas de maneira diferente da deles. **“Uma família é algo que deve ser salvo?”,** ela disse calmamente,

aproximando-se das duas mulheres de pés atados enquanto elas se agarravam uma à outra. Apesar de todas as alegações de incompetência, algo a incomodava. **“Posso te perguntar uma coisa?”** , ela disse às mulheres.

Elas não disseram nada e ela interpretou o silêncio delas como um consentimento.

“Acredito que entre aqueles a quem você deu o perfume, havia uma mulher com atitude arrogante e com a boca cheia de dentes ruins. Como você a conheceu?”

A dama de companhia olhou para o chão. Deve ter sido ela quem fez contato com a meia-irmã de Lishu. Era estranho: ela não parecia o tipo de pessoa que era tão amigável com alguém que acabara de conhecer.

“Não me lembro exatamente, mas ela tinha dezoito ou dezenove anos e um traseiro um tanto rechonchudo.”

“A bunda dela mede 120 centímetros e um sol ao redor ”, Lahan interrompeu. (Por quê?!) Maomao presumiu que o número fosse um palpite fundamentado, que ele estava apenas olhando para ele - mas mesmo assim ela esmagou silenciosamente os dedos dos pés dele.

“Peço que você nos conte” , disse Maomao. **“Seria melhor para todos.”**

Depois de um momento, a dama de companhia disse: **“A cartomante me contou”.**

“Cartomante?”

A outra mulher assentiu, ainda olhando para o chão. **“Ela tem sido o assunto mais falado na capital ocidental. Todo mundo vai vê-la.”**

A princípio, disse a dama de companhia, ela pensou que tudo fosse apenas conversa. Mas as palavras da cartomante mostraram uma visão misteriosa sobre a jovem e seus amigos, e ela foi atraída cada vez mais profundamente.

“A jovem senhora falecida costumava pedir conselhos a ela.”

“Estou impressionada que ela tenha conseguido”, disse Maomao. Ela não estava tentando atacar a jovem – foi apenas uma simples dúvida que surgiu em sua mente. O assunto do “conselho” não era algo que você pudesse conversar com qualquer pessoa.

A dama de companhia apontou para a cidade. **“Elas conversavam na capela.”**

Era um lugar muito parecido com o prédio nas instalações de Gyokuen dedicado a uma religião estrangeira. Havia lugares onde se podia ter uma conversa privada, e a cartomante usava-os para exercer o seu ofício. Aparentemente, esses recantos eram originalmente para monges de fé estrangeira ouvirem as pessoas, mas com a doação apropriada eles também poderiam estar disponíveis para conversas pessoais privadas.

A dama de companhia tentou não ser muito específica sobre seu nome e identidade, mas um bisbilhoteiro diligente poderia descobrir com quem elas estavam conversando. Essa cartomante parecia ter tirado vantagem disso.

“Fui eu quem aceitou o perfume! E aceitei o conselho de mexer na gaiola! Fui tudo eu!” A dama de companhia deixou a cabeça cair. Ela sentiu que não poderia permitir que houvesse mais jovens mortas simplesmente porque elas não deram ouvidos à cartomante. Ela olhou para Maomao suplicante, mas não era Maomao quem iria julgar.

A cartomante também disse a ela quem deveria ser o alvo. Ela era vaga quando se tratava dos nomes ou características de alguns dos alvos, mas havia outras, como a meia-irmã de Lishu, sobre quem a dama de companhia foi informada em detalhes. No final das contas, ela vendeu perfume para cerca de três pessoas.

“A culpa não recai apenas sobre esta jovem. Fui eu que mexi na gaiola” , disse o tio da noiva, dando um passo à frente. Ele encontrou a dama de companhia com um humor sombrio e interrogou-a. Na verdade, parecia que mais do que uma jovem poderia ter feito sozinha.

“Não foram só eles. O suicídio encenado foi ideia minha. Mesmo que isso significasse perturbar o túmulo da minha sobrinha”, disse o pai da noiva.

"Não! Irmão, implorei que você fizesse o que fez!”

Ao testemunhar essa troca, as mulheres da família começaram a chorar terrivelmente.

“Então tudo isso não veio da cartomante, mas foi ideia sua?”, Jinshi perguntou.

"Isso mesmo. Depois do que aconteceu ontem, não tivemos tempo de nos encontrar com a cartomante.”

“E essa cartomante teria conseguido se encontrar com você?” Jinshi estava observando de perto a lamentável família. Ele não parecia estar pensando em como

puni-los, mas sim em como conectar isso com o que viria a seguir.

Maomao observava a família silenciosamente.

Eles nunca encontraram a cartomante ou quem quer que fosse. Um monge na capela, porém, testemunhou onde o adivinho morava. Diz o provérbio que o dinheiro fala até no inferno – uma boa doação tornava o homem bastante acessível.

A residência que ele indicou estava totalmente vazia. A única coisa que puderam concluir do que encontraram foi que a cartomante não parecia viver como alguém do Ocidente.

Capítulo 4: Rumo a casa

Maomao não sabia como Jinshi lidaria com a noiva e sua família. Depois que tudo acabou, ele passou algum tempo conversando com Gyokuen, mas dificilmente era uma discussão na qual Maomao pudesse se intrometer. A única coisa que ela podia fazer era torcer para que o pior não acontecesse. A consorte Lishu não estava mais em confinamento, mas o que fazer com sua meia-irmã era uma questão totalmente separada.

E assim, no seu sexto dia na capital ocidental, com a partida deles iminente no dia seguinte, tudo o que Maomao conseguia pensar era: *não consegui fazer nenhum passeio turístico.*

Foi isso. Pode parecer frio, mas não fazia parte do temperamento de Maomao ruminar sobre pensamentos negativos. Em vez disso, ela esperava sair e fazer algo para se refrescar, apenas para ser informada de que era hora de se preparar para ir para casa. Assim ela se viu no jardim de cactos, o cansaço estampado em seu rosto. Ela não tinha ideia se as plantas sobreviveriam no clima da capital, mas queria pelo menos pedir algumas sementes ou um pequeno recorte para levar consigo. Gyokuen deu um passo adiante, tendo a gentileza de ligar para o comerciante para buscá-las, então ela ficou grata por isso.

Nesse sentido, a sua estadia na capital ocidental chegou ao fim.

“O que diabos é isso?” , Lahan perguntou. Eles estavam na carruagem a caminho de casa, e ele indicava uma pena de pássaro, afiada e enegrecida em uma das pontas. Supostamente, eles não usavam pincéis no oeste; em vez disso, usavam “canetas” de metal ou penas como esta.

Maomao inclinou a cabeça. **“Acho que encontraram na casa daquela cartomante.”** Não havia muitos bens, mas esta estava entre as evidências limitadas que eles descobriram. **“O honrado irmão mais novo do imperador parecia bastante interessado em saber que tipo de pena era. Você sabe?”**

“Hmm… É muito pequeno. Não creio que pertença a uma ave aquática” , disse Lahan.

A pena era cinza e não parecia muito adequada para ser um instrumento de escrita. Provavelmente era uma pena aleatória que alguém pegou como reserva caso fosse necessário.

Por fim, Lahan disse: **“Você não acha que pode pertencer a uma pomba?”**

“Que prosaico.”

Muitas pessoas comiam carne de pomba e havia o costume de soltar as aves em ocasiões comemorativas. Lahan parecia um pouco desanimado; talvez ele estivesse esperando por algo um pouco mais exótico.

Maomao olhou pela janela. **“Eles disseram que iríamos pegar um barco para casa, certo?”**

“Isso mesmo” , respondeu Lahan. Ao lado dele, Rikuson estava sorrindo amplamente. Não sendo obrigado a comparecer nem ao casamento nem ao funeral, ele pelo menos pôde passear um pouco e deu a Maomao um pedaço de pano de seda que havia conseguido. Ela estava feliz o suficiente para aceitar tudo o que lhe era dado, mas algo sobre tudo isso parecia um pouco injusto para ela, e ela não pôde deixar de lançar-lhe um olhar modestamente sujo.

“Por que você não poderia ter comparecido?” , ela murmurou.

“Oh, eu nunca teria me encaixado naquela casa” , disse ele. Parecia humilde, pelo menos, e ele estava sorrindo, mas ela não tinha ideia se ele estava dizendo toda a verdade.

Ah-Duo e a consorte Lishu estavam viajando em uma carruagem separada e fariam a viagem de volta para casa juntas. Certamente, não fazia mais sentido elas

permanecerem na capital ocidental por mais tempo. O pai de Lishu, Uryuu, aparentemente disse que levaria Lishu para casa, mas Ah-Duo recusou. De repente, desenvolver uma queda pela filha que ele ignorou nos últimos quinze anos era, bem, conveniente, para dizer o mínimo.

“Teremos que trocar de navio algumas vezes, mas devemos voltar na metade do tempo que levamos para chegar aqui. E o vento deve estar conosco nesta época do ano”, disse Lahan.

Os navios tinham uma vantagem sobre as carruagens porque não precisavam parar frequentemente para descansar. Indo para o oeste, entretanto, eles estariam viajando rio acima e com o vento contra eles, uma proposta demorada. Mas agora estariam viajando por um dos afluentes do Grande Rio, e um barco os levaria facilmente à capital.

Enquanto isso, Jinshi e Basen ainda estavam na capital ocidental; eles foram inevitavelmente detidos para concluir o negócio que haviam adiado. Por certo, Maomao deveria ter ficado com eles, mas Lahan aparentemente perguntou a Jinshi: **“Posso pegar minha irmã mais nova emprestada por um tempo?”**

Se ela estivesse presente, ela poderia ter objetado: ***“Eu não sou sua irmã”*** ou ***“Não me arraste para seus planos distorcidos”*** , mas ela não estava lá e o assunto foi decidido sem a contribuição dela. Pelo que ela ouviu, Jinshi estava prestes a recusar, mas mudou de ideia e concordou.

Ela não teve a oportunidade adequada de falar com ele desde a noite do banquete. É certo que Maomao se sentia desconfortável perto dele e, à sua maneira, estava feliz por ser resgatada da situação.

Por mais feliz que eu esteja por voltar para casa mais cedo... Ela também estava ansiosa. Ela ponderou se deveria dormir com Ah-Duo em vez de em qualquer lugar perto de Lahan enquanto embrulhava suas roupas para fazer um travesseiro. Depois de todo o trabalho que ela fez para criar um lugar aconchegante para dormir na carruagem, agora ela tinha que começar tudo de novo.

“Que tal um pouco de modéstia, irmãzinha?”, Lahan disse.

“Não sei o que você quer dizer.”

Lahan e Rikuson trocaram olhares, mas Maomao não se importou. Ela fechou os olhos e foi dormir.

Depois de dois dias na carruagem chegaram ao desembarque, onde o sentimento um pouco ruim de Maomao se tornou um sentimento muito ruim. O rio era estreito subindo a corrente, e o navio que os esperava era menos um navio e mais um bote. Eles não conseguiam nem colocar tudo em um barco; havia um segundo flutuando ali para guardar a bagagem.

“Temos certeza disso?” , ela perguntou.

“Eu confio no negócio” , respondeu Lahan. **“Não espero nenhum problema com roubo.”**

“Não é o que eu estava perguntando.”

"Eu sei. Não diga isso.” Ele não conseguia olhar para ela. Evidentemente ele também estava imaginando um barco maior.

○●○

“Hahahahaha! Isto é divertido!" A exclamação veio de Ah-Duo, a única membro alegre do grupo; o resto deles estava ocupado demais agarrado ao bote para gritar ou berrar. O capitão garantiu-lhes que as corredeiras cobriam apenas os primeiros quilômetros ou mais, mas parecia haver todas as chances de virarem antes de chegarem tão longe.

Lishu estava apoiando a cabeça nos joelhos de Ah-Duo. O balanço implacável do barco durante os primeiros momentos da viagem foram suficientes para fazer a jovem tímida desmaiar. Ela foi presa com uma corda para evitar que caísse no mar. Mas realmente, talvez ela tenha sido a sortuda.

“Eu não pensei... que tremeria tanto...” , disse o homem de cabelos desgrenhados e de óculos, com o rosto pálido enquanto depositava bile na água espumosa. E aqui estava ele, vangloriando-se de que este seria o caminho mais rápido para casa. Aparentemente, ele havia esquecido completamente as diferenças entre viajar por terra e viajar por navio.

“Não vire para cá. Você vai cuspir essas coisas em mim.”

“Maomao, me dê algo para acalmar meu estômago...” Ele estendeu a mão trêmula para ela, mas ela não sabia o que fazer. Ela já havia lhe dado um antiemético – e ele imediatamente vomitou. Ela poderia dar-lhe outro, mas ele também vomitaria.

Rikuson não era tão barulhento quanto Ah-Duo, mas parecia igualmente relaxado. Ele observava a fauna local com um grande sorriso no rosto. **“Olhe ali, Mestre Lahan; você pode ver um passarinho. Ah, nunca me canso da paisagem daqui. É sempre tão adorável.”**

Essa é apenas outra maneira de dizer que o cenário nunca muda , pensou Maomao.

Suirei parecia um pouco doente, mas ela não estava armando o barulho que Lahan estava. Nem todos os guarda-costas pareciam totalmente confortáveis, mas não se permitiriam agir de forma patética enquanto estivessem no trabalho.

Maomao era Maomao: uma garrafa de vinho não a deixaria embriagada, nem um veículo em movimento. Ainda assim, ela não era uma nadadora confiante, então ficou sentada em silêncio para não cair no mar.

“Olhem para todos vocês...” Lahan resmungou. Vê-lo tão indisposto era, à sua maneira, um raro prazer, e Maomao achou bastante divertido.

Assim que o afluente se juntou ao rio principal, o riacho ficou mais largo e eles mudaram para o próximo barco.

“Tem certeza de que não tem nada que me impeça de me sentir tão mal?” Lahan perguntou. Ele estava agarrado a um balde, com o rosto pálido. Parecia que ele não estava se sentindo muito melhor, apesar do balde maior, embora vomitasse ativamente com menos frequência. Então foi isso.

Estavam numa pequena cabine, da qual o navio tinha apenas duas; aquela sala era para as mulheres da festa. Afinal, eles não podiam deixar Ah-Duo ou a consorte Lishu dormindo lado a lado com todos os outros. Se Lahan tivesse aparecido ali, especialmente parecendo tão sujo, devia ser um sinal de que não aguentava mais o enjôo.

Lishu finalmente acordou, mas ela ainda estava descansando no colo de Ah-Duo. Era evidente que ela estava fingindo estar enjoada em nome de alguns mimos.

“A coisa que você vomitou antes foi tudo que me restou” , disse Maomao. Ela finalmente lhe deu o remédio, mas ele voltou imediatamente. Nem teve tempo de fazer efeito. Ela trouxe os antieméticos porque sabia o quão instável uma carruagem poderia ser; ela nunca esperou precisar deles para isso.

Os navios tinham, de fato, a vantagem de não terem de parar, o que significava que se chegava ao destino mais cedo – mas também significava que o tremor nunca

cessava. Maomao ficou um pouco surpresa ao perceber que Lahan era tão sensível ao barco quando não teve problemas com a carruagem.

Quer dizer, não é como se eu não entendesse. Maomao inclinou-se junto com o movimento do navio, mas Lahan exclamou **“Caramba!”** e agarrou-se a um poste, a outra mão ainda segurando o balde.

Em seguida, Maomao inclinou-se na outra direção.

“Por que você não fica enjoada?” , Lahan perguntou ressentido.

“Talvez seja a mesma razão pela qual não fico bêbada com muita facilidade.”

Aliás, Lahan não era um homem que aguentasse a bebida. Ele continuou a encarar Maomao, que ainda não tinha ficado verde.

“Não vou mais andar em barcos!” , ele anunciou, parecendo abatido - mas no meio de uma viagem fluvial não era o lugar ideal para encontrar uma boa carruagem, e ele acabou embarcando também no próximo navio. Além disso, ele tinha que acompanhar Ah-Duo e a consorte de volta para casa. Ah-Duo parecia bastante apaixonada por viajar de navio, enquanto Lishu estava bastante apaixonada por ser adorada por Ah-Duo. Nenhuma delas conseguiu pensar em nenhum motivo convincente para mudar para uma carruagem agora.

Aos poucos chegaram ao terceiro desembarque. Quando Maomao estava desembarcando para mudar para o próximo navio, ela ouviu um baque forte. O que poderia ser?

Acontece que alguém desmaiou ali mesmo no cais. Um marinheiro tentava trazê-lo de volta, embora parecesse cauteloso ao fazê-lo. A figura inerte era um homem com uma capa completamente desgastada.

Ele está doente? , Maomao perguntou, observando de uma distância segura. Ela não queria ser sugada por nada, mas não tinha o sangue tão frio a ponto de deixar uma pessoa doente ou ferida sem ajuda.

"Ei, senhor, você está bem?" , disse o marinheiro, sacudindo o homem.

“Eu estou... eu estou muito bem”, disse o homem, embora parecesse bastante fora de si.

O marinheiro o colocou de bruços, mas depois gemeu. **“Urgh...”**

O homem já deve ter sido muito bonito; a ponta alta e firme do nariz e as sobrancelhas em forma de ramo de salgueiro provavam isso. Mas metade do seu rosto estava coberto de marcas de varíola; se seu rosto fosse um círculo, a pele marcada e a pele clara teriam formado aproximadamente uma forma yin-yang.

O marinheiro empurrou o homem para longe. O recém-chegado levantou-se cambaleante. **"Com licença senhor. Posso pegar uma carona no seu barco?"** Havia um sorriso em seu rosto horrível e Maomao viu uma bolsa com pequenas moedas em sua mão estendida. Ele ainda era jovem – talvez com vinte e poucos anos.

“E-Espere aí, você! Você não está com alguma doença estranha, está?”, gritou o marinheiro que o ajudou a se levantar, roçando furiosamente em qualquer coisa que entrasse em contato com o homem.

Ainda sorrindo, o homem tocou o rosto devastado. **“Opa!”** Ele assentiu para si mesmo como se tudo fizesse sentido. Um lenço estava no chão, a seus pés; deve ter caído quando ele desmaiou. Ele o pegou e dobrou ao meio, formando um triângulo; ele então usou para cobrir metade do rosto. À primeira vista, quase parecia um curativo.

"Eu sei! É varíola! Isso é o que é, não é?!”

A varíola era uma doença terrível que cobria todo o corpo com pústulas. Era uma doença extremamente infecciosa que, dizia-se, poderia devastar uma nação inteira. Até mesmo a tosse ou o espirro de uma pessoa doente pode ser suficiente para transmiti-la a outra pessoa.

O homem deu um sorriso idiota e coçou a bochecha. **“Ah, está tudo bem! Essas são apenas cicatrizes. Já tive varíola uma vez, mas agora estou em boa forma! Apenas olhe!"**

"Como o inferno! Você desmaiou há menos de cinco minutos! Fique para trás, para trás, eu falei!”

“Só desmaiei porque fiquei com um pouco de fome! Você tem que acreditar em mim!”

A conversa inspirou todos os demais próximos do homem a lhe darem um pouco mais de espaço. Maomao estreitou os olhos. Se ele não estivesse doente, então ela não seria necessária aqui.

"O que parece ser o problema?", perguntou Rikuson, que estava transferindo a bagagem para o próximo barco. Ele parecia muito meticuloso. Maomao decidiu, em particular, apelidá-lo de “Gaoshun 2”.

“Aquele homem com o curativo no rosto quer embarcar, mas o marinheiro não deixa”, explicou ela brevemente.

“Hmm”, disse Rikuson, estudando o jovem. Com suas marcas cobertas, ele era realmente bonito. E ele parecia bastante alegre. **"Qual é o problema? Ele está tentando se aproveitar?”**

“Não, ele tem o dinheiro, mas tem marcas de varíola no rosto e o marinheiro está preocupado com a possibilidade de ele estar doente. Mas é um ponto discutível, já que o navio está lotado de qualquer maneira.”

Consorte Lishu estava a bordo, o que significava que haveria guarda-costas. Eles não poderiam ter algum estranho aleatório embarcando também.

Rikuson semicerrou os olhos para o homem. **“Ele está realmente doente?”**

"Boa pergunta." Daquela distância era difícil ter certeza, mas pelo que Maomao podia ver, o homem tinha marcas de varíola, mas não tinha pústulas. Ele provavelmente estava dizendo a verdade: já esteve doente uma vez, mas já fazia muito tempo. Então, por que Maomao simplesmente não disse isso ao marinheiro?

Porque só vai ser uma dor de cabeça para eu envolver.

Era simples assim.

O jovem não deu sinais de desistir do barco; ele praticamente se agarrou ao marinheiro. **“Estou te implorando, deixe-me embarcar! Como você pode ser tão cruel?”**

“Larga de mim! Para! Vou pegar sua varíola!”

Normalmente, homens bonitos com cicatrizes no rosto tinham um humor sombrio que combinava, mas evidentemente não esse cara. Ele agarrou-se aos pés volumosos do marinheiro e não o soltou. Os outros marinheiros desejavam poder ajudar seu companheiro de bordo, mas, com medo da possibilidade de contrair alguma doença terrível, permaneceram indefesos à distância.

Algo tinha que ser feito em relação a este homem ou o navio nunca partiria.

Rikuson deve ter adivinhado o que Maomao estava pensando pela expressão dela, porque ele sorriu. **“Eu gostaria que o navio se apressasse e partisse, não é?”**

Ela não disse nada. O quê, ele estava tentando dizer a ela para fazer algo a respeito?

Parecendo completamente humilhada, Maomao desceu do barco e foi até o marinheiro (que agora parecia profundamente perturbado) e o jovem (que já tinha ranho saindo do nariz).

“Perdoe-me” , disse ela.

"Sim?", o jovem respondeu. Não foi exatamente consentimento, mas ela tirou o lenço do rosto do Homem Melequento mesmo assim. Uma olhada nas marcas feias foi o suficiente para ela confirmar que ele as havia obtido anos atrás. Ela olhou para o olho no lado marcado do rosto dele; parecia nebuloso e sem foco. Suas pupilas também tinham tamanhos diferentes; era provável que ele estivesse cego naquele.

“Essa pessoa não está doente” , ela anunciou. **“Ele tem cicatrizes, mas não há chance de ele espalhar a doença para mais ninguém.”** Pelo menos não é varíola. Quanto a quaisquer outras doenças que ele pudesse ter, ela não sabia e se isentava de qualquer responsabilidade.

Com um olhar de total repulsa, o marinheiro pegou cautelosamente o porta-moedas que o homem deixara cair. Ele virou-o de cabeça para baixo, pequenas moedas caindo musicalmente dele. **"E onde você está indo, senhor?"**

“Para a capital! Eu quero ir para a capital! A capital!" Ele cerrou os punhos e os sacudiu com entusiasmo; ele não poderia parecer mais um caipira indo para a cidade grande, mesmo que tentasse. **“E quando chegar lá, vou fazer muitos remédios!”**

"Remédios?" Os ouvidos de Maomao se animaram.

"Sim! Posso não parecer grande coisa, mas sou um grande negócio!” O homem tirou uma sacola grande de algum lugar debaixo da capa e, quando a abriu, exalou um odor característico. Maomao tirou o pote de barro da sacola e abriu a tampa e descobriu que estava cheio de unguento (pomada). Ela não tinha ideia se era eficaz, mas tinha sido feito com muito escrúpulo, com ervas medicinais em pó misturadas até obter a consistência perfeita. Esses cuidados no preparo eram ainda

mais vitais para a qualidade do produto final do que exatamente quais ervas eram utilizadas.

Maomao olhou novamente para o homem. Ele estava sorrindo amplamente e disse ao marinheiro: **“Quer um pouco? Funciona contra o enjôo! Mas é claro que nenhum marinheiro compraria um remédio assim. Pff, pão-duro. Por que não comprar alguns? Oh! Na verdade, esqueça de comprar qualquer coisa. Posso entrar no barco? Sim? O barco?"**

"Não. Este navio está alugado. Você terá que esperar pelo próximo.”

"O que? Sério? Eu tenho que esperar?!" O homem não parecia nada entusiasmado, mas pareceu aceitar. Então ele olhou para Maomao e sorriu novamente. **“Obrigado, você foi de grande ajuda. Para mostrar minha gratidão, deixe-me dar-lhe um pouco deste remédio para enjoo!”**

A maneira como ele falava fazia com que ele parecesse muito, bem, jovem, mas ele parecia mais adulto do que agia. Ele pelo menos parecia ser mais velho que Maomao.

"Não, obrigada. Não fico enjoada”, disse Maomao.

"Não? Que pena, isso.”

O homem estava prestes a guardar o remédio quando alguém gritou por trás de Maomao: **“Espere!”** Lahan realmente saiu voando do navio. **“O re-remédio... D-Dá para mim...”** , ele disse, respirando com dificuldade.

Estou impressionada que ele tenha conseguido nos ouvir , pensou Maomao. Ele estava bem longe e não parecia estar no seu melhor. Maomao se entreteve com esses pensamentos ao entrar no barco.

○●○

“Ufa, você realmente salvou meu pescoço! Você não apenas explicou sobre minha doença, como também me colocou neste barco!”

O homem com o curativo se chamava Kokuyou. Ele era um viajante, como Maomao poderia ter adivinhado pelo seu traje sujo. Ele também era médico, ou pelo menos assim afirmava.

Quando Lahan soube que Kokuyou tinha todos os tipos de remédios com ele, ele insistiu bastante para que o viajante se juntasse a eles em seu navio. E como foi Lahan quem fez os preparativos da viagem para começar, essa era sua prerrogativa,

desde que o recém-chegado não parecesse propenso a causar qualquer dano a consorte Lishu ou a qualquer outra pessoa. No entanto, não era garantido que Kokuyou chegaria à capital, mas apenas ao próximo patamar, onde Lahan desceria.

Kokuyou era um personagem um tanto estranho e bastante falador também; ele tagarelou sobre si mesmo enquanto preparava um remédio.

“Hum. Para encurtar a história, eles me expulsaram. 'Você está amaldiçoado! Saia daqui! Grah!’ Que cruel, certo?” Kokuyou disse, embora certamente não parecesse o que pensava. Não havia nenhum tom sombrio em seu tom; ele conversava como uma velha fofocando no poço da aldeia.

Maomao observou-o atentamente, compreensivelmente em dúvida se um medicamento preparado por um homem com varíola e de origem incerta realmente funcionaria. Seu antiemético também não parecia ter nada de especial. Lahan, com um humor muito melhor, chamou Kokuyou para sua cabine pessoal, e Maomao foi junto, pensando que, já que ele afirmava ser médico, talvez valesse a pena ouvir o que Kokuyou tinha a dizer.

“Na verdade, estive no mesmo lugar nos últimos anos. No ano passado, a aldeia sofreu com uma praga de insetos. Então, do nada, o xamã da aldeia começou a dizer que era uma maldição!”

E foi aí, afirmou Kokuyou, que ele se viu perseguido. Médicos e xamãs tendiam a não se dar muito bem. Na opinião de Maomao, era estúpido e ridículo acreditar em ideias infundadas como maldições, mas ela era minoria nisso. Francamente, isso a deixou com raiva.

Apesar do tom frívolo de Kokuyou, seu remédio se mostrou bastante eficaz. Lahan, que até então não havia se separado do balde por um momento, conseguiu entrar na conversa. Talvez tenha ajudado o fato de o navio não balançar mais tão violentamente como antes, mas, de qualquer forma, Lahan parecia muito satisfeito.

"Hum. Então você diz que vai para a capital em busca de trabalho?” , ele perguntou.

“Sim, bem... sim. Suponho que seja mais ou menos isso.”

Lahan murmurou novamente e coçou o queixo. Ele parecia estar calculando alguma coisa, mas Maomao o cutucou com o cotovelo.

Não nos arraste para nada... estranho.

O homem pode parecer um pouco estranho, mas se suas habilidades médicas fossem reais, ele seria capaz de ganhar a vida na capital. Isto é, se ele escondesse as cicatrizes da varíola.

Na medida em que eles ainda estavam viajando com Ah-Duo e a consorte Lishu, não era ideal ter um homem estranho com eles. Lahan sabia disso: olhou para Maomao e tirou um pedaço de papel das dobras de suas vestes. Ele escreveu uma nota rápida e disse: **“Se você precisar de alguma coisa, venha para este endereço. Talvez eu possa lhe ajudar.”** Lahan anotou o endereço de sua casa na capital.

Kokuyou pegou o papel e deu-lhes um sorriso inocente. **“Haha! Uau, com certeza encontrei algumas pessoas legais!”**

Ele não está fazendo isso pela bondade de seu coração, advertiu Maomao em particular. Lahan era do tipo intrigante. Ele só deu seu endereço a Kokuyou porque pensou que havia alguma maneira de usar o homem.

“Aliás, se me permite perguntar, o que aconteceu com a praga de insetos no ano passado?” , Maomao disse. Ela teria adorado interrogar Kokuyou e descobrir até onde iam seus conhecimentos médicos, mas essa questão tinha prioridade.

"Hum! Não era suficientemente ruim para eles comerem através das raízes das árvores ou ganharem tanto dinheiro que as pessoas não conseguiam alimentar os seus filhos. As crianças ficaram fracas por causa da desnutrição, mas a situação não ficou pior do que isso.” Kokuyou parecia adequadamente triste ao fazer seu relatório. A desnutrição tornava a pessoa mais suscetível a doenças – e quem tratava as doenças? Médicos. Maomao perguntou-se sobre o estado atual da aldeia que o expulsou.

“Se eles tiverem uma colheita bastante abundante este ano, acho que devem ficar bem”, disse Kokuyou. Maomao não achou que isso fosse muito provável, e o homem evidentemente concordou com ela, pois disse: **“Espero que os aldeões possam continuar ajudando uns aos outros até conseguirem um...”**

Foi um pensamento tão bom, “ajudar uns aos outros”. Mas sempre houve ‘ses’ envolvidos. Você poderia ajudar seu vizinho se tivesse recursos de sobra. Se você tivesse o suficiente para comer, poderia dar a alguém um pouco do extra. Era isso que “ajudar” normalmente significava; apoiar outra pessoa enquanto você estava morrendo de fome era inútil. Sim, havia alguns idiotas por aí que compartilhariam tudo o que tinham às suas próprias custas – mas a maioria deles eram homens e mulheres santos nas histórias.

Se as pessoas tratassem médicos e apotecários como se fossem sábios como aqueles, deveriam tornar a vida de seus médicos agradável o suficiente para deixá-los de bom humor. As necessidades básicas tinham que ser atendidas antes que se pudesse praticar a medicina. De que adiantaria se, levando uma vida de privação, os próprios médicos adoecessem?

A aldeia que expulsou esse homem poderia estar querendo um médico agora, mas seria um pouco tarde. A água derramada não volta para o copo.

"Tudo bem, vejo vocês então!" Kokuyou dobrou delicadamente o pedaço de papel com o endereço e colocou-o em suas vestes. Eles pagaram a viagem apenas na medida em que ele navegaria com eles. Ele teria um lugar na cabine dos guarda-costas – isso também seria uma forma de ficar de olho nele.

Agora que penso nisso...

A menção de Kokuyou à praga de insetos a lembrou: um dos problemas acumulados era aquele que Lahan havia enfrentado.

“O que você está planejando fazer a respeito da praga de insetos? Quero dizer, as coisas sobre as quais a senhora de cabelos dourados estava falando com você?” , perguntou Maomao, referindo-se a algo que a emissária dissera durante o banquete na capital ocidental. Ela queria exportar grãos para Shaoh e, se isso não fosse possível, ela solicitaria asilo político. **“Que benefício isso traz para nós?”**

A ideia da exportação era muito arriscada e a ideia do asilo era francamente perigosa.

Maomao e Lahan eram os únicos na sala; era por isso que eles poderiam ter essa conversa. Mesmo Rikuson não tinha ouvido falar disso.

"O que você acha? Que ela me tinha enrolado em seu dedo mindinho? Que eu faria tudo o que ela pedisse, sem pensar nisso, só porque ela era bonita?”

"Você não faria?" Ela estava brincando, mais ou menos; afinal, esse era o cara que não parava de falar sobre a aparência de Jinshi. (Lahan obviamente não sabia que Jinshi tinha algo complexo em relação à sua própria aparência.)

“Tenho algumas ideias próprias.”

"Como o que?"

“Nossa pequena aventura de navegação terminará quando chegarmos ao próximo desembarque. Presumo que você não se importa que eu me separe de Lady Ah-Duo e dos outros?”

Talvez Lahan finalmente estivesse cansado de ficar enjoado — ou talvez fosse por isso que ele trouxe Maomao o tempo todo.

“Vou continuar a acompanhá-las, então.”

“Agora, vá mais devagar”, disse Lahan, acenando com a mão para impedi-la de prosseguir. **“Garanto que você ficará muito interessada em saber para onde estou indo.”**

"Como assim?"

Lahan pegou um ábaco e começou a jogar as contas nele. **“Bem, podemos acabar contando nossas galinhas antes de eclodirem.”** Mas, ele parecia estar dizendo, valia a pena tentar.

Então, porém, ele disse: **“Vamos ver meu pai (Dad)”.**

Então foi assim que Lahan o chamou. Não algo respeitoso como “Pai” (Father). Apenas “pai” (Dad).

Capítulo 5: Concluindo na Capital Ocidental

“Devo entender que isso significa que devo ir à capital algum dia?”, Gyokuen perguntou.

“Sim, isso seria correto”, respondeu Jinshi.

Eles estavam no anexo de Gyokuen, um lugar agradável e fresco de frente para um lago. Eram só eles dois; Basen e seus vários guarda-costas estavam do lado de fora. Nenhum dos homens tinha nada parecido com uma arma – esta era a chance de conversarem com total e total confiança.

Jinshi refletiu sobre como isso era difícil enquanto escolhia as palavras. Ele era o irmão mais novo do imperador e, embora Gyokuen pudesse ser o pai da imperatriz, Jinshi ainda o superava. O problema era que ele constantemente sentia que estava prestes a voltar ao tom mais respeitoso de um eunuco.

Todos os outros foram embora, deixando Jinshi e Basen na capital ocidental, onde Jinshi passou a cuidar de uma coisa e depois de outra; diligente, metódico.

“Sim, é exatamente como você imagina. Especialmente considerando a ascensão da imperatriz Gyokuyou, a sensação é de que seria melhor se você tivesse um nome o mais rápido possível.”

A consorte havia se tornado imperatriz, mas sua apresentação oficial foi adiada por dois motivos: primeiro, que a imperatriz Gyokuyou tinha sangue ocidental espesso; e dois, que Gyokuen ainda não tinha sobrenome. Não havia muito o que fazer em relação ao primeiro, mas quanto ao último, a solução óbvia era simplesmente apressar-se e dar-lhe um. O assunto deveria ter sido abordado mais cedo, mas com tantos convidados acabou sendo adiado para depois de todos terem ido para casa.

Gyokuen provavelmente sabia que isso estava por vir. A ideia estava no ar, e os mais perspicazes poderiam ter adivinhado que Jinshi faria algo assim. Jinshi se perguntou se Uryuu poderia tentar se opor, mas o incidente com sua própria filha o deixou sem pernas para se apoiar. Lishu poderia ser uma membro da família, mas ela também era consorte do imperador, e agir maliciosamente com ela não seria permitido nem perdoado. Pior foi sua tentativa transparente de destruir as evidências. E isso quando as damas de companhia da consorte Lishu no palácio interno ainda pregavam peças nela regularmente. E ainda por cima, o próprio Uryuu parecia muito mais parcial com a irmã mais velha de Lishu.

Normalmente, isso teria trazido punição sobre suas cabeças, mas a consorte Lishu não queria isso. Então, em vez disso, o assunto foi abandonado - e o clã U ficou devendo um favor.

Gyokuen pareceu brevemente emocionado ao saber que receberia um nome, mas então suas sobrancelhas caíram. Jinshi não tinha certeza se era uma atuação ou uma reação genuína, mas de qualquer forma isso significava que ele não iria simplesmente aceitar a oferta de todo o coração.

Jinshi entendeu perfeitamente bem o porquê disso, mas fingiu que não. **“Há algum problema?”** , ele perguntou.

“Não, é simplesmente... Novamente, isso significa que eu teria que ir para a capital, não é?”

"Sim."

Mesmo a viagem mais urgente da região oeste até a capital e vice-versa levaria pelo menos um mês, uma perspectiva difícil para Gyokuen, que deveria governar aquela área. No entanto, ele também entendeu que não tinha a opção de recusar a oferta.

Gyokuen teve um filho, um homem substancialmente mais velho que a imperatriz Gyokuyou, com outra mulher. Embora diferente das crianças U, Gyokuyou e seu irmão pareciam se dar bem.

“Eu tenho um filho, e se tudo parecer calmo, ele não deverá ter nenhum problema aqui em meu lugar...”

Sim, se tudo parecesse calmo. Aí estava o problema.

Ficou muito claro por que Gyokuyou foi nomeada imperatriz: o imperador desejava se concentrar no que estava acontecendo no oeste. Além da capital ocidental ficava a terra de Shaoh.

Shaoh não era um problema por si só; o verdadeiro problema era o país que se estendia acima dele: Hokuaren. O imperador se vincularia ao clã de Gyokuen para fortalecer a fronteira ocidental, mas se alguma coisa acontecesse enquanto o líder do clã estivesse fora... bem, a perspectiva era assustadora. Nem o filho de Gyokuen poderia viajar para a capital no lugar de seu pai; esperava-se que fosse o chefe do clã quem aparentemente receberia o nome.

Alguns defenderam ignorar esses costumes antigos e mofados, mas seria a imperatriz Gyokuyou quem provavelmente sofreria se seu pai decidisse romper com o precedente.

Gyokuen era e sempre foi um funcionário da capital ocidental. Ele detinha uma boa quantidade de território, com certeza, mas aos olhos de muitos funcionários da capital real, ainda ocupava um posto provincial nas periferias do país, independentemente da quantidade de terra que pudesse trazer. Sua rápida ascensão à proeminência após a destruição do clã Yi não pôde ser negada, mas também foi fonte de muito ressentimento e resistência contra ele.

“Sinto muito, mas devo pedir que você venha de qualquer maneira”, disse Jinshi. Ele sentia pena do homem, mas era o único jeito. Jinshi, assim como o imperador, sabiam que estavam pedindo algo quase impossível a Gyokuen, mas a exigência não vinha deles. Veio dos altos funcionários da capital. Talvez incluindo vários com parentes no palácio interno.

“Esta é apenas a primeira parte do plano deles para punir um caipira novato, suponho”, disse Gyokuen, mas parecia mais ou menos relaxado. Talvez se você não conseguisse lidar com esse tipo de provocação, você simplesmente não tivesse disposição para a política. A palavra “arrivista” pode ser interpretada como implicando uma posição fraca, mas isso não parece ser verdade para Gyokuen. **“De qualquer forma, eu entendo”,** disse ele.

Ele sabia que eventualmente receberia essa resposta, mas ouvir as palavras deu a Jinshi uma onda de alívio. No entanto, Gyokuen não terminou.

“Se me permite, gostaria de estipular uma condição.”

"Uma condição?"

"Sim. Gostaria que meu filho tivesse alguém para ajudá-lo. Ele conheceu apenas as terras ocidentais durante toda a sua vida e tem pouca experiência do mundo. Se possível, gostaria que ele fosse atendido por alguém com conhecimento da região central.”

Em outras palavras: vou fazer essa coisa impossível que você está pedindo, então me dê algum pessoal decente em troca.

"Hum. Sim, isso parece razoável. Você tem alguém em particular em mente?”

Na verdade, foi um pedido compreensível. O filho de Gyokuen um dia o sucederia, e ele precisaria saber sobre a vida na região ao redor da capital, mesmo que seu conhecimento fosse mínimo.

"Sim. Durante o banquete, o jovem Basen parecia uma pessoa completamente diferente quando se jogou na frente daquele leão.”

“Ah, ele? Ele é...”

Se Gyokuen estivesse de olho em Basen, isso poderia ser um problema. Ele podia não parecer grande coisa, mas era muito importante para Jinshi, alguém que pudesse falar francamente com ele e perto de quem Jinshi pudesse relaxar.

“Por favor, não me entenda mal; não é isso que estou perguntando. Eu nunca procuraria algo tão além da minha posição como ter um membro do clã Ma cuidando de meu filho”, disse Gyokuen rapidamente, compreendendo a importância da reação de Jinshi.

Os Ma eram um dos clãs nomeados e, ainda assim, nunca se tornaram ministros ou ocuparam outros cargos elevados. Em vez disso, existiam para servir a família

imperial. O assunto poderia ter sido aberto se Basen viesse de uma família sem nome, mas como membro do clã Ma, ele tinha certeza de que de alguma forma estaria envolvido com a família imperial – e não com mais ninguém. Gyokuen foi rápido em negar que estava pedindo a ajuda de um membro do clã de Basen, porque fazê-lo seria alegar que sua família era igual à do imperador – uma afirmação que teria beirado a traição.

“Fiquei apenas impressionado” , continuou Gyokuen. **“Não sei quantos homens existem que poderiam agir de forma tão decisiva quando confrontados com um animal selvagem, em vez de tremer de terror.”**

A observação de Gyokuen foi um elogio simples e sincero, ao que parece. Foi um tanto estranho ouvir alguém elogiar Basen tão sem reservas, mas Jinshi concordou com ele: pois tão facilmente quanto ele ficava irritado na maioria das circunstâncias, quando a situação era difícil, Basen mostrava uma compostura notável. Ele agiu rapidamente também. Quanto mais perigosa a situação, mais se agia não por pensamento, mas por instinto, e os instintos de Basen não o levaram a mal. Ele merecia um bom elogio.

Verdade seja dita, no treinamento marcial, Jinshi e Basen estavam praticamente em pé de igualdade. Jinshi tinha uma técnica mais refinada, então em competições formais ele era frequentemente o vencedor. Se eles estivessem em uma luta real, porém, ele não tinha confiança de que poderia derrotar Basen. Isso também explicou por que Gaoshun designou Basen para Jinshi, apesar de sua inexperiência.

“Certamente acalmaria a mente de uma pessoa ter alguém tão capaz para protegê-la.” Gyokuen, que não conhecia as idiossincrasias*[1] de Basen, elogiou muito.

"Oh? Terei que avisar Basen”, foi tudo o que Jinshi disse, e então começou a pensar em possíveis candidatos. Se Gyokuen tivesse vindo até ele pessoalmente, ele deveria pelo menos ter alguém em mente. **“Agora, que tipo de pessoa você esperava que atendesse seu filho?”**

Aberta e diretamente, essa foi a maneira de lidar com a situação. Gyokuen assentiu lentamente. **“Eu esperava poder perguntar por alguém da capital.”**

“Ah. E quem poderia ser?”

Gyokuen tinha algum conhecido na capital ou a imperatriz Gyokuyou deu boas palavras a alguém? A imperatriz era uma mulher perspicaz e não teria surpreendido

Jinshi se ela tivesse encontrado uma boa ajuda e estivesse tentando mandá-los de volta para sua casa.

Gyokuen sorriu – e então disse algo inacreditável. “ **Talvez você possa prevalecer sobre Mestre Lakan neste assunto?”**

Foi tudo o que Jinshi pôde fazer para manter o desânimo longe de seu rosto.

Depois de se separar de Gyokuen, Jinshi voltou para seu quarto de hóspedes e caiu no sofá. **“Esse deve ser o último”** , disse ele.

"Sim, senhor."

Se Gaoshun estivesse lá, Jinshi poderia ter aproveitado a oportunidade para tirar uma grande variedade de reclamações do peito, mas não; apenas Basen estava presente. Ele também parecia nervoso, suspirando audivelmente.

A capital poderia ser sufocante à sua maneira, mas era melhor do que ficar preso aqui. Jinshi pelo menos se sentiu um pouco mais fácil por ter enviado a consorte Lishu e os outros na frente. Seu único erro de cálculo foi permitir que a apotecária fosse levada embora só porque alguém havia jogado a carta do “irmão mais velho”.

É certo que a ausência dela foi um alívio de certa forma, mas ao mesmo tempo o perturbou. No entanto, ele praticamente podia ver o que a garota, quase 30 centímetros mais baixa que ele, faria com ele se ele se apressasse agora. Ele teria que aproveitar ao máximo essa situação.

“Gostaria de um pouco de suco de fruta, senhor?”, Basen perguntou.

"Sim, obrigado."

Basen preparou o suco, hesitante. Enquanto Jinshi estava fora, os criados entravam para arrumar a cama e cuidar de outras tarefas diversas, mas quando ele estava no quarto, Jinshi preferia que os criados não entrassem, a menos que fosse absolutamente necessário. Não que ele não confiasse nos funcionários da casa de Gyokuen; ele simplesmente teve experiências desagradáveis o suficiente no passado e preferiu evitar a presença de criados. Talvez Gyokuen tenha descoberto isso através da imperatriz Gyokuyou, pois nenhum membro da equipe doméstica apareceu na porta de Jinshi, a menos que ele os convocasse.

Quanto a testar sua comida em busca de veneno, o guarda-costas do lado de fora daria um gole e Basen comeria outro. Foi em grande parte por uma questão de

forma; contra um veneno de ação lenta, o exercício seria inútil. Quanto a isso, ele apenas teria que confiar em Gyokuen.

Jinshi deixou o suco azedo assentar em sua língua enquanto contemplava vagamente o dia seguinte. Ele finalmente poderia retornar à capital, e voltar deveria ser uma viagem muito mais rápida do que ter vindo para cá. Jinshi pessoalmente preferia viajar por terra a ir de navio, mas se pudesse economizar tanto tempo, então seria de navio.

Ele queria se apressar e chegar em casa, mas as pessoas aqui continuavam conversando com ele, na esperança de chamar sua atenção. A data de seu retorno foi adiada em parte por causa da comoção no banquete e, mais tarde, pela questão do funeral, mas também havia simplesmente uma velha política envolvida. Talvez seja por isso que Gyokuen deixou seu próprio negócio até agora: na capital ocidental, seu nome facilitou a fuga. Basta dizer: **“Receio ter uma reunião com Gyokuen depois disso”.**

Mesmo assim, não eram poucas as pessoas que traziam suas filhas ou irmãs mais novas para servir-lhe bebidas, ou que vinham acompanhadas de mulheres de aparência estrangeira que exalavam uma beleza exótica. Alguns de seus perfumes deviam conter ingredientes afrodisíacos, porque Basen, que era particularmente sensível a essas coisas, não tocava em sua bebida; ele simplesmente ficou ali sentado, todo vermelho. Ele era conveniente, de certa forma, como uma espécie de teste decisivo.

Mesmo que Basen fosse irmão de leite de Jinshi e um velho amigo, ainda havia algumas críticas a ele que Jinshi poderia ter feito. Outro dia - durante o incidente que provocou um terrível mal-entendido por parte de Ah-Duo - Jinshi pensou que talvez Basen finalmente tivesse crescido um pouco, mas ele parecia estar errado sobre isso. O jovem começou tarde quando se tratava de mulheres de sua idade. Somente com Maomao ele parecia completamente à vontade e, de certa forma, isso poderia ser apenas um sinal de que ele não conseguia se imaginar quebrando-a.

O próprio Jinshi sentia que, apesar de sua imunidade a venenos, ela ainda era uma garota pequena e de aparência delicada, que parecia tão frágil quanto qualquer outra jovem — mas, estranhamente, ele descobriu que não conseguia imaginá-la quebrando daquele jeito. Talvez porque ele a viu rir ruidosamente enquanto tomava veneno, ou voltar do sequestro parecendo tão calma como se ela estivesse fora fazendo algumas tarefas, e assim por diante.

Bastante simples: Basen não via a apotecária como uma mulher. Mas Jinshi estava em conflito. Na idade de Basen, seu pai Gaoshun já tinha três filhos. E pensar que um homem tão claramente, aham, ativo entre as mulheres deveria ter um filho assim... E a irmã mais velha e o irmão mais velho de Basen já eram casados.

Jinshi esvaziou sua xícara e olhou para Basen. **"Você ainda não está sendo incomodado sobre se casar?"**

Basen franziu a testa, pego de surpresa pela pergunta de Jinshi. Era fácil de ver. A mãe de Basen era babá de Jinshi, então ele conhecia bem o tipo de pessoa que ela era – uma mulher forte o suficiente para que Gaoshun às vezes descrevesse sua própria esposa como uma senhora assustadora.

Basen empalideceu e começou a suar profusamente, até mesmo tremendo. Jinshi parecia ter provocado algumas lembranças ruins.

“Fui, bem, encorajado a ir a algumas reuniões combinadas.”

“Com jovens honradas, tenho certeza”, disse Jinshi. Sua expressão não mudou, mas interiormente ele sorriu. Todas as perguntas vinham aparecendo em sua direção ultimamente; foi divertido estar doando pela primeira vez. **“Pelo menos lhe mostraram retratos delas?”**

“Sim... eu estava disposto a olhar, pelo menos”, disse Basen.

Talvez isso tenha sido sensato. Uma imagem poderia facilmente “melhorar” a realidade. Alguém poderia muito bem ser convencido a participar de uma reunião sob falsos pretextos, após o que o outro lado poderia tentar alegar que Basen estava comprometido. E Basen, sendo quem era, era tão teimoso que, uma vez estabelecido um “relacionamento” como esse, provavelmente se sentiria responsável perante a mulher pelo resto da vida.

A testa de Basen franziu e ele parecia em conflito. Ele baixou os olhos e olhou para a mão direita enfaixada. Depois de um longo momento, ele disse: **“Ainda sou muito inexperiente. Acho que pode demorar um pouco... para eu pensar em mulheres.”**

Foi um pronunciamento verdadeiramente patético, mas enquanto Jinshi observava Basen, ele se arrependeu de ter provocado seu amigo. **“Isso ainda está incomodando você?”,** ele perguntou.

Basen não disse nada.

Jinshi sabia: o desconforto de Basen em relação às mulheres tinha algo a ver com sua mãe e sua irmã mais velha. E, de certa forma, Jinshi também.

Como a própria mãe de Basen passava todo o tempo cuidando de Jinshi, Basen era cuidado por sua irmã, dois anos mais velha que ele, e por uma serva. É praticamente trabalho de uma criança implorar, implorar e satisfazer seus próprios desejos, mas as coisas eram um pouco diferentes com Basen.

Às vezes, um guerreiro em batalha transcendia o mero treino: num momento de crise, os movimentos do seu inimigo podiam parecer lentos, ou ele podia parecer imune à dor. Normalmente, esses poderes foram obtidos através do aperfeiçoamento interminável de si mesmo como guerreiro, mas Basen parecia ter nascido com eles. Foi apenas coincidência ou será filho de uma família com tradição militar que remonta a séculos? Seja como for, as habilidades de Basen só poderiam ser chamadas de algo instintivo.

Certa vez, quando Basen decidiu ver sua mãe, essas habilidades foram voltadas para sua irmã e a criada. Normalmente, eles conseguiam acalmá-lo de seus acessos de raiva, mas não daquela vez. Com a mão de seu filho, pequena e vermelha como uma folha de bordo, Basen agarrou o braço de sua irmã – e o quebrou.

Ele tinha apenas seis anos na época e quebrou um dos dedos no ato. Ele era tão forte que o retrocesso de sua própria ação foi tão poderoso.

Por conta desse incidente, Basen passou a viver separado de sua irmã e irmão mais velhos. Jinshi o conheceu logo depois disso e inicialmente o considerou uma pessoa bastante fria e distante - mas é claro que ele era; Jinshi quase roubou sua mãe dele. O fato de eles serem instruídos juntos na esgrima foi em parte para promover a proximidade entre eles e em parte um ato de misericórdia para com Basen.

Jinshi ouviu essa história pela primeira vez quando tinha mais de dez anos, depois que Gaoshun o viu provocando Basen por tentar manter distância das damas de companhia.

“As mulheres são criaturas muito frágeis”, disse Basen. **“Acho que é muito cedo para mim.”**

O que Jinshi poderia dizer sobre isso? Não havia nada. Em vez disso, ele estendeu a xícara, pedindo silenciosamente mais suco.

Capítulo 6: O Clã La (Parte Um)

Temos certeza disso?, Maomao pensou enquanto tomava um gole de chá. A familiaridade pode ser uma coisa perigosa – ela embota a sua sensação de perigo.

“Suponho que isso conte como uma recepção calorosa”, disse Lahan, também tomando um pouco de chá.

Um homem de rosto impassível estava sentado à mesa, de braços cruzados.

“Agora, meu querido irmão...” Lahan disse. Se ele fosse levado ao pé da letra, o homem que os enfrentava era seu irmão mais velho. Ele era de estatura mediana, não muito alto, suas feições eram mais ou menos indistintas, e isso parecia ser tudo o que existia para ele. Pensando bem, Lahan disse que o excêntrico estrategista o adotou, mas nunca disse que não tinha outros irmãos. Maomao simplesmente presumiu.

Lahan os levou para uma propriedade não muito longe do cais do barco – perto o suficiente para caminhar. Rikuson havia descido do barco com eles, mas Lahan lhe dissera **“Não tenho tanta certeza sobre trazer estranhos”** , e ele agora estava em uma pousada perto do cais. Maomao pensou que poderia muito bem ter continuado para casa com Ah-Duo e a consorte Lishu, mas aparentemente isso não estava nos planos.

Quanto ao infinitamente alegre Kokuyou, ele disse que iria encontrar uma carruagem para levá-lo à capital. Se o destino decretasse, eles se encontrariam novamente.

A casa para onde iam não ficava numa cidade; foram jogados em algum lugar sozinhos. Era uma casa razoavelmente suntuosa, mas ficava ali no campo. Talvez algum alto funcionário da capital tivesse sido banido para cá; teria sido humilhante para alguém assim.

Está tudo bem para nós simplesmente aparecermos em algum lugar como este?

Maomao podia ver o que pareciam ser campos de cultivo por toda parte. Pequenas casas pontilhavam a paisagem ao longe, mas estavam muito distantes umas das outras para constituir uma aldeia. A colheita que crescia nos campos era algo que Maomao não via muito. Parecia semelhante à trepadeira, mas a trepadeira era

considerada, bem, uma erva daninha, porque raramente produzia frutos. Mas isto, fosse lá o que fosse, tinha sido plantado numa grande área.

Me pergunto o que poderia ser.

No momento em que estavam a caminho de casa, eles passaram por esse homem na estrada. Ele lançou-lhes um olhar chocado e depois os arrastou para um galpão próximo, onde estavam agora. Quanto ao chá, a chaleira estava ali e eles simplesmente a pegaram emprestada. Não tinha um cheiro estranho, então provavelmente era seguro. O chá tinha um gosto incomum, provavelmente algo torrado. O local parecia ser uma pequena oficina servindo ao trabalho de campo; os implementos agrícolas bem arrumados demonstravam a meticulosidade do proprietário.

"Por que você está aqui?!", o homem exigiu.

"Por que? O quê, seu irmão mais novo não pode vir fazer uma visita?” Maomao suspeitava que eles realmente estivessem aqui porque Lahan sentiu cheiro de dinheiro. **“Papai está por perto? Eu gostaria de falar com ele.”**

"Papai! Você quer dizer seu “papai” com olhos de raposa?”

“Não, quero dizer, papai. Meu honrado pai adotivo está na capital, para sua informação.”

O irmão de Lahan ficou em silêncio – até bater na porta com abandono. **“Saia daqui e vá para casa! Agora, antes que eles encontrem você!”**

"Você é terrível. Já faz muito tempo desde que você viu seu irmão mais novo.”

“Você não é mais filho do meu pai.”

A conversa parecia vagamente absurda. Maomao abriu a tampa do bule e olhou para dentro e não encontrou folhas de chá, mas cevada torrada. Sim, ela pensou, impressionada; essa era uma maneira de usá-la.

Então Lahan tomou um gole de sua bebida com indiferença enquanto seu irmão se enfurecia e ordenava que ele fosse para casa. Enquanto isso, Maomao inspecionou uma videira que estava num canto do pequeno prédio. Parecia ser a mesma coisa que foi plantada nos campos lá fora. A videira foi cortada e colocada em um balde. Uma boa olhada revelou o que pareciam ser raízes - então eles estavam planejando replantar?

As folhas realmente pareciam trepadeiras, mas aparentemente era outra coisa. Maomao começou a vasculhar as prateleiras. Algo nos campos chamava sua atenção e não a soltava. Nas prateleiras ela não encontrou nada além de baldes e trapos, então olhou para fora pela janela. Embora o pequeno galpão projetasse uma sombra naquela direção, ela viu vasos com jovens ipomeias.

Mas também não era uma ipoméia.

Havia muitas ipomeias atrás do galpão. Elas eram puramente ornamentais? Ou talvez a família tenha feito remédios com elas? As sementes de ipomoea eram conhecidas como *qianniuzi* e eram usadas como laxante e diurético. Elas poderiam ser bastante tóxicas e precisavam ser tratadas com cuidado.

Quando o irmão de Lahan viu Maomao espiando pela janela, fechou-a com força. **"O que você está fazendo?!"**

"Nada. Só estou curiosa sobre as ipomeias."

"Quem diabos é você, afinal?"

Um pouco tarde para essa pergunta.

"Ela é minha irmã mais nova, querido irmão."

"Sou uma completa estranha, senhor."

"Qual é?!" O irmão de Lahan cerrou os punhos.

Maomao e Lahan se entreolharam e então Maomao disse: **"É certamente fácil irritá-lo".**

"Certo? Eles não fazem muitos como ele - ele realmente vai dar uma resposta quando você quiser."

"Pare com isso! Não entendo uma palavra que nenhum de vocês está dizendo!" O irmão de Lahan bateu os pés. Foi realmente divertido ajustá-lo.

Lahan serviu mais chá do bule e ofereceu ao outro homem, que bebeu de um só gole e depois jogou a xícara fora – a bebida devia estar muito quente. Maomao foi buscar o recipiente de madeira para beber.

"Excelente reação. Inspirada pelo livro", disse ela.

"Certo? Você pensaria que gente como ele estaria em toda parte, mas eles são surpreendentemente raros, o tipo dele."

“Meu Deus, não entendo uma palavra!”, exclamou o irmão, com a língua saindo da boca.

Ok, chega de diversão às custas do irmão. Hora de voltar ao assunto.

“Você parece ter a intenção de nos expulsar. Posso perguntar por que?” Maomao disse. **“Quer dizer, eu entendo como você pode desprezar esse homem por trair sua família verdadeira e se juntar àquele terrível estrategista raposa.”**

“Você entendeu tudo errado, irmãzinha.”

“Ela acertou, mas esse não é o ponto.”

“Acertou, irmão?!” Lahan disse, genuinamente angustiado. Ele realmente não percebeu?

Seu irmão o ignorou, olhando para Maomao. **“Ele chama você de irmã mais nova. Você é a garota de Lakan, então?”**

Maomao respondeu com um olhar verdadeiramente terrível. O irmão estremeceu e recuou.

“Maomao, não olhe assim para meu querido irmão; você vai causar-lhe um ataque cardíaco. Eu disse, não!” Lahan parecia estar conversando com uma criança, e isso só a irritou ainda mais. Ela desviou o olhar dos dois e tomou outro gole de chá.

O irmão de Lahan sentou-se, com o rosto contraído, e respirou fundo algumas vezes para se acalmar. Ele abriu a boca, mas Maomao olhou para ele. Ele colocou a mão na testa e escolheu as palavras com cuidado. **“Olha, realmente não importa quem você é – você deveria sair daqui o mais rápido que puder. E se você é quem Lahan afirma que é, mais uma razão.”**

“Pelo seu tom, deduzo que isso não é pouca coisa” , disse Lahan.

“Se você entende isso, então pare de reclamar e vá embora.”

Ser tratado assim, porém, só poderia despertar a curiosidade de uma pessoa. Os óculos de Lahan brilharam. **“Irmão, o que aconteceu?”**

“É mais seguro se você não perguntar.”

“Só queremos saber o que está acontecendo. Então ficaremos bem e iremos para casa.”

“Se eu te contar, não haverá escapatória.”

“Irmão” , *falar assim terá exatamente o efeito oposto ao que você deseja* , pensou Maomao.

À medida que a conversa prosseguia, Lahan continuou tentando obter as informações que desejava. Eventualmente, suspeitava Maomao, ele descobriria a verdade. Exceto que a trama mudou primeiro.

A porta se abriu com estrondo, revelando um homem idoso com uma bengala, uma mulher de meia-idade e vários do que pareciam ser criados.

“Pensei ter ouvido uma confusão aqui”, disse a mulher, estreitando os olhos para Maomao e Lahan. O irmão de Lahan ficou pálido. **“Já faz muito tempo, Lahan. Três anos, se minha memória não estiver falhando?”**

“De fato já faz muito tempo.” Lahan deu um passo à frente e curvou-se profundamente. **"Mãe. Avô."**

Mãe... Avô... Maomao pensou. Em outras palavras, essa era a família que foi expulsa da capital. O velho era a imagem da idade teimosa, com os olhos envelhecidos, o rosto determinado, a barba muito longa.

Quanto à mulher, ela tinha um rosto lindo, mas seus olhos estreitos faziam Maomao pensar em um predador. Ela parecia a mulher do clã Shi – a mãe de Loulan. Em suma, ela era intimidante. Sua roupa era um pouco, bem, chamativa, e ela usava uma pulseira branca no pulso – talvez ela ainda não tivesse se atualizado com a moda atual.

“Vejo que você trouxe uma criança abandonada e desleixada com você. Quem é essa, sua empregada?”, a mulher disse. Parecia ser praticamente obrigatório que novos conhecidos ridicularizassem Maomao, e ela já estava acostumada com isso. Ela ficou quieta e manteve os olhos no chão.

“Oh, céus, mãe. Essa é minha irmã mais nova.”

“Laha-?!” O irmão mais velho começou a gritar, mas tapou a boca com as mãos.

"Irmã mais nova... filha de Lakan, não é?", o velho interrompeu. Maomao continuou a olhar para o chão, mas seu rosto se contorceu em uma carranca.

Havia uma pessoa lá que parecia pelo menos tão ofendida com o nome quanto Maomao, e era a mãe de Lahan. Maomao podia até ouvi-la ranger os dentes.

“Sim... Sim, isso mesmo”, Lahan se ofereceu. Até mesmo seu irmão o fixou com um olhar surpreendente. Então era por isso que ele estava tão empenhado em tirar Lahan e Maomao de lá sem serem descobertos. Ele não queria que sua mãe ou seu avô os encontrassem. Nisso Maomao concordou com ele: parecia que a vida teria sido mais fácil se eles nunca tivessem conhecido essas pessoas.

O velho fez um som abafado; isso confundiu Maomao por um segundo antes que ela percebesse que parecia ser uma risada.

“Hahahaha. Como você soube?”

Lahan parecia perplexo. **“Como nós...?”**

Do que ele está falando? Maomao perguntou, com uma expressão de confusão semelhante à de Lahan. Os outros não pareceram notar, talvez porque ela e Lahan tivessem expressões faciais relativamente mínimas.

Despreocupado, o velho continuou: **“Se você está aqui por causa de Lakan, esqueça. Ele é uma casca vazia de homem. Nem resistiu quando o colocamos em confinamento. Ele apenas continua murmurando para si mesmo. Francamente, é perturbador.”**

“Espere... Confinamento?” Maomao e Lahan se entreolharam.

O irmão de Lahan levou a mão à testa e soltou um longo suspiro.

“Avô, do que você está falando?” Lahan perguntou.

“Oh, não se faça de bobo. Seu pai adotivo pode ser excêntrico, mas até você começaria a suspeitar de algo quando ele não voltasse por dez dias inteiros. É por isso que você está aqui, não é?’

Maomao não entendeu exatamente o que estava acontecendo, mas entendeu que parecia uma dor no pescoço. E se fosse para acreditar nesse velho, o avô de Lahan, aquela aberração estava confinada em algum lugar. Não que ela pudesse acreditar.

“Er, dez dias inteiros não significam muito para nós, avô. Maomao e eu estamos fora da capital há mais de um mês” , disse Lahan, coçando a nuca.

O velho virou-se lentamente para olhar para Maomao. **"Você está brincando."**

Maomao tirou uma pequena caixa da bagagem, que ela abriu e revelou um vaso com uma planta muito incomum. Foi o pequeno cacto que ela recebeu. **“Você não vai encontrar isso por aqui, pelo menos não ainda”** , disse ela. Eles também tinham geléia de groselha e algumas outras coisas, mas ela imaginou que um pedaço informe de comida não seria tão comunicativo. **“Também temos peles e sedas”** , acrescentou.

A mãe e o avô de Lahan olharam para a planta, como nunca tinham visto antes. Sim, era algo que dizia de forma convincente “lembrança do oeste”.

“Você está brincando”, repetiu o avô.

"Por que deveríamos mentir para você?" Lahan disse. **“Trouxemos charutos também. Quer um pouco?"** Ele também abriu parte da bagagem. As folhas de tabaco eram normalmente importadas e eram um item de luxo na capital, mas no Ocidente podiam ser adquiridas mais barato.

A mãe e o avô se entreolharam em silêncio. Por fim, o avô levantou uma das mãos.

"Pegue-os."

Os servos atrás dele avançaram sobre Maomao e Lahan. Eles foram logo capturados, ainda um pouco estupefatos.

○●○

“Como isso pode ter acontecido? Como eles puderam me trancar? Meu! Eu pensei que era da família.”

“Acho que você quer dizer um traidor.”

"Que rude!" Lahan disse e sentou-se em uma cadeira. Eles estavam realmente trancados, mas em uma sala bastante comum. A mobília era velha, mas resistente, e o lugar era respeitavelmente limpo. Maomao sabia, porque passou o dedo pelas prateleiras e parapeitos das janelas em busca de poeira como uma sogra cruel, mas não encontrou nada.

“Ainda assim...” disse Maomao. Havia muitos mistérios ali. Se fosse para acreditar no avô de Lahan, aquela aberração estava em algum lugar desta mansão, também trancada a sete chaves. Ele poderia ser extremamente indiferente, mas Maomao não tinha certeza se deixaria ser preso tão facilmente.

“Você acha que aquele velhote está dizendo a verdade?” Maomao perguntou.

Lahan coçou o cabelo despenteado. **“Não posso ter certeza se ele não está.”**

“E o velho?”

“Maomao… Há algo que não lhe contei”, disse Lahan abruptamente. **“A cortesã que ele comprou da Casa Verdete no ano passado... ela não estava com a melhor saúde.”**

“Imagino que não.”

A mulher já parecia prestes a morrer a qualquer momento. E quem deveria comprar esse pedaço de cortesã expirante senão o estrategista excêntrico?

“É por isso que meu honrado pai adotivo não veio nesta viagem.”

Foi por isso que Rikuson insistiu tanto que Maomao deveria ir para o lugar do estrategista? Maomao encostou-se no parapeito da janela. A janela tinha grades de madeira e não parecia oferecer muitas chances de fuga. Além das grades, ela podia ver agricultores trabalhando nos campos. O que diabos estava crescendo lá?

“Meu pai raramente considerava as pessoas como, bem, pessoas. Mas depois de receber aquela cortesã em sua casa, ele mudou dramaticamente. Foi embaraçoso ver, francamente.”

"Oh?"

“Eles jogavam Go e Shogi todos os dias. Com frequência, suponho. O que era uma má notícia quando ele tinha que sair para trabalhar. Ele levava consigo um diagrama do tabuleiro e, depois de fazer um movimento, um mensageiro era enviado de volta à casa para colocar a pedra no tabuleiro, depois registrar o movimento de resposta e voltar ao tribunal. De novo e de novo."

Sim, Maomao percebeu, isso seria realmente irritante. Ela sentiu pena do mensageiro.

“O mensageiro estava sempre bastante ocupado – até a virada do ano. Depois disso, ele passou a ter cada vez mais tempo livre.”

“O que quer que você pense que quer dizer, não tem nada a ver comigo.” Ela não acreditava que o excêntrico estrategista simplesmente se deixaria capturar, arrancado de uma cortesã por quem ele tinha tanta simpatia. Em outras palavras, simplesmente tinha chegado a hora dela. Ela provavelmente durou mais tempo do que teria se tivesse sido deixada para viver seus dias no distrito do prazer. Talvez tenha sido esse pensamento que permitiu a Maomao parecer tão calma. Para outros, ela poderia até parecer fria – mas quando você estava envolvida com medicina,

você acabava sendo confrontado com pessoas morrendo regularmente. Se você passasse todo o seu tempo chorando por causa disso, nunca chegaria ao próximo paciente.

Embora haja alguns que sempre choram, ela pensou. Alguns que, embora pudessem fazer melhor apenas para se acostumarem, nunca o fizeram. Alguns que nunca aprenderam a simplesmente aceitar isso. Alguns gostam de seu pai adotivo. Ela achou que era inepto, estúpido; mas era exatamente por isso que ela o respeitava tanto.

"Nada a fazer com você? Não seja tão sombria. Se aquela cortesã morresse, não acredito que nem mesmo meu honrado pai adotivo pudesse suportar o choque."

"E você acha que eles aproveitaram essa oportunidade para trazê-lo aqui?"

Foi uma ideia ridícula. Apesar de tudo, o velho maluco era um alto funcionário. Se ele desaparecesse por dez dias inteiros, seria de se esperar consternação de muito mais pessoas do que apenas de seu filho adotivo.

Contudo, quando Maomao expressou essa objecção, Lahan respondeu: **"Quando comprou a sua cortesã, acabou por faltar ao trabalho durante duas semanas. E quando ele voltou, quase não havia trabalho esperando por ele."**

Ele precisa ganhar a vida!

Ou todos os outros precisavam admitir que, afinal, não precisavam dele.

"A questão é essa: enquanto todos os outros estiverem fazendo o seu trabalho, e a não ser que haja uma crise total, eles provavelmente poderiam continuar a funcionar por uns bons seis meses antes que alguém percebesse que ele se foi."

Honestamente. Por que o imperador simplesmente não o demite?

Maomao começou a temer que talvez o estrategista tivesse algum tipo de influência sobre o governante. Ou talvez fosse simplesmente porque a aberração era muito boa em escolher subordinados talentosos.

"Parece um pouco meio idiota para mim. As cortesãs são apenas um bando mais preguiçoso e desleixado do que eu pensava?"

"Tudo o que posso dizer é... bem, ele é meu pai."

Maomao soltou um suspiro.

“Se eu tivesse que adivinhar, diria que o avô e os outros prenderam o pai na esperança de fazer com que a chefia da família parecesse vaga e, assim, conseguir que ela fosse dada a eles”, disse Lahan.

“Política familiar não é realmente minha praia. Como eles decidem quem será o chefe do clã?”

Ela tinha ouvido falar que a velha aberração havia roubado a liderança da família do avô de Lahan, mas ela não entendia os detalhes. Talvez houvesse algum tipo de papelada envolvida, algo que mostrasse quem era o dono do quê.

“Normalmente, entre os clãs nomeados, há um objeto que é transmitido junto com o nome. Quem o possui é o chefe do clã, e o traz consigo quando se apresenta no palácio. Obviamente, é claro, eles não estão no palácio todos os dias – apenas em ocasiões especiais. Normalmente, a herança seria mantida em algum lugar seguro. Quando o chefe da família muda, o antigo chefe acompanha o novo na saudação formal ao imperador. Eu sei que dizem que o Pai ‘roubou’ a chefia da família, mas na realidade esse procedimento ainda era observado.”

“Como ele conseguiu isso?”

A julgar pelo que ela tinha visto do avô de Lahan, ele não parecia o tipo de pessoa que abandonava seu cargo silenciosamente. Será que ele realmente teria ido educadamente com... bem, você sabe com quem ver o imperador?

“Foi muito simples: o avô foi forçado a sair. Ele nunca gostou de números bonitos, sabe.”

“Deixe-me adivinhar: você encontrou a prova.” Ela se perguntou se teria sido inapropriado perguntar em voz alta quantos anos ele tinha na época.

“O que o avô estava fazendo era... bem, nada mais do que mesquinho, então ele próprio seria o único punido. O avô disse que a revelação mancharia o nome da família, mas o pai pouco se importava com essas coisas.”

Portanto, o “avô” seria arrastado para baixo de sua altura, e ele poderia escolher fazer isso como um criminoso ou renunciar à liderança – e foi ninguém menos que seu neto quem ajudou a colocá-lo nessa posição. Lindos números, de fato. Lahan provavelmente gostou de ajudar o velho maluco, fazendo toda aquela pesquisa.

“De repente eu entendo por que eles não tratam você como família por aqui.”

"Desculpe? Que estranha mudança de assunto...”

E o próprio homem nem viu! Sim, ele era sobrinho daquela aberração, tudo bem.

“Tudo bem, mas eles passaram todo esse tempo vivendo tranquilamente aqui no interior, certo? Por que eles decidiriam agir agora?”

“Posso pensar em alguns motivos pelos quais isso pode acontecer.” Lahan começou a contar nos dedos. **“Primeiro: os documentos públicos neste país são eliminados após dez anos. Ou acho que você poderia dizer que eles se desgastam; tudo o que não é extremamente importante simplesmente não é preservado com cuidado. A prova que encontrei dos trocos que meu avô roubou só significaria alguma coisa se eles pudessem compará-la com aqueles papéis.”** Ele ergueu outro dedo. **“Dois: eles podem ter encontrado algum tipo de vantagem sobre ele, algo com que poderiam ameaçá-lo e se proteger, se necessário. Embora eles estariam arriscando a ira dele, é claro.”**

Ele se virou para Maomao e ela se afastou dele, inquieta. É claro que, naquele momento, a ira não viria por causa de Maomao, mas da cortesã. **“Você acha que eles poderiam conseguir informações assim por aqui?”,** ela perguntou.

“Bem, espere. Deixe-me terminar”, disse Lahan, e ergueu um terceiro dedo. **“Três: alguém lhes deu essa informação.”**

Oh! A situação de repente começou a parecer familiar. **“Você acha que é isso que está acontecendo aqui também?”**

Aqui também: tanto os bandidos que atacaram a consorte Lishu quanto a história da cartomante na capital ocidental a fizeram pensar na imortal “branca”. O *m odus operandi* foi semelhante em ambos os casos.

“Estou apenas imaginando uma possibilidade. Mas algo que não pode ser descartado.”

Sim, ele estava certo. Eles não podiam ter certeza de nada, mas deveriam trabalhar partindo do pressuposto de que isso era possível. Isso, no entanto, deixou Maomao com uma dúvida. **“Se todos esses incidentes estão relacionados, então uma coisa me incomoda.”**

"O que?"

Ela não conseguia afastar a sensação de que a sombra da Dama Branca pairava sobre a sucessão de acontecimentos misteriosos ultimamente, e várias coisas sobre

este cheiravam ao mesmo perpetrador. Mas ela se perguntou: **“Tivemos casos tanto no Oriente como no Ocidente que pareciam envolver a imortal. Você acha que ela está realmente conectada a todos eles de alguma forma? Ela teria que ser extremamente ágil. Mesmo se assumirmos que não é a própria Senhora, mas seus agentes, que fazem o trabalho, a informação parece viajar muito rapidamente.”**

"Verdade..."

A cartomante da capital ocidental pode ter agido de maneira muito parecida com a Dama Branca, mas como ela poderia ter ouvido falar da meia-irmã da consorte Lishu, que estava longe, no leste? Se eles estavam compartilhando informações, como o faziam? A pergunta permaneceu sem resposta.

“E se a Dama Branca tivesse um co-conspirador na capital?” Lahan perguntou. Então ela seria capaz de descobrir quem estaria viajando para o oeste.

“Como explicamos então a própria existência da cartomante? Ela já estava lá há pelo menos dez dias.”

“É exatamente isso. Parece impossível”, Lahan gemeu.

“Ainda assim...” Maomao murmurou, olhando pela janela.

“Ainda o quê?” Lahan perguntou.

“Não consigo deixar de pensar se eles vão nos alimentar” , disse ela, olhando para os campos. Os agricultores ainda trabalhavam laboriosamente.

Os receios de Maomao revelaram-se infundados. Eles receberam uma refeição e não foi ruim. Ingredientes decentes – carne e peixe. O peixe estava um pouco salgado. Quanto mais para o interior se ia, mais frequentemente se encontravam frutos do mar salgados. O peixe na capital era retirado fresco do mar e levado aos comensais em cavalos velozes, de modo que nunca se via frutos do mar em conserva ali.

O que era surpreendentemente saboroso eram os pães de gergelim. Eles foram recheados, não com pasta de gergelim, mas com castanhas esmagadas ou feijão vermelho ou algo assim. O recheio era espesso e doce; talvez eles tivessem usado mel ou xarope para dar aquela consistência.

Não, espere. Isso é... batata doce?, ela se perguntou, mastigando a comida pensativamente. Isso faria sentido.

Até Maomao, que não era muito fã de doces, comeu dois pães; Lahan devorou nada menos que cinco deles.

“Olha você. Estou quase impressionada”, disse Maomao.

“Para sua informação, usar o cérebro faz com que você deseje comida doce”, respondeu Lahan, depois enfiou outro pãozinho na boca.

“Eu me pergunto se a família aqui gosta de doces”, disse Maomao.

Batata-doce era um alimento incomum. Tendo vivido tanto na Casa Verdete como no palácio interno, Maomao já as tinha encontrado antes, mas não estavam facilmente disponíveis no mercado. O resto dos ingredientes envolvidos na refeição não eram dignos de nota - talvez as pessoas aqui fossem exigentes com o recheio.

"Na verdade. Pelo menos, não me lembro deles sendo assim. Quero dizer, não que eles odeiem doces também.”

“Hum.” Maomao tomou um gole de chá pós-refeição. Desta vez não tinha gosto de cevada torrada, mas de folhas de chá de verdade. Então, agarrando-se a um pensamento passageiro, ela disse: **“Acho que ainda não vimos seu pai. O que está acontecendo com ele?”**

“Sim, o que ele está fazendo? Eu também queria vê-lo”, disse Lahan, lambendo a gordura dos dedos enquanto falava. Isso lembrou Maomao do estrategista com olhos de raposa e lhe rendeu uma carranca. **“Você acha que esse seu pai está envolvido nisso tudo?”,** ela perguntou.

"Hum. Eu duvido. Meu pai adotivo apenas pediu que o assento do chefe do clã fosse desocupado. Mas os boatos sempre se espalham, e meu avô era um homem orgulhoso. Ele descobriu que não poderia mais ficar na capital. Pai, ele poderia ter ficado lá se quisesse. Ele simplesmente escolheu não fazer isso.”

“Um fato com o qual sua mãe parece claramente menos satisfeita.”

Lahan sorriu sarcasticamente. **“Sim, foi o avô quem escolheu a mamãe. Ela e meu pai adotivo se dão bem como água e óleo.”**

Teria sido mais surpreendente se eles fossem realmente amigos; Maomao imaginou a mulher arrogante e sentiu uma pontada de simpatia.

“Eu me pergunto sobre a sabedoria de colocar nós dois na mesma sala. Espero que pelo menos nos dêem lugares separados para dormir”, disse Maomao.

“Se nos fazem dormir no mesmo quarto, quem se importa? Não é como se algo fosse acontecer.”

“Você acertou.”

Isso era tudo que havia a dizer sobre isso; os dois se entreolharam como se não pudessem acreditar que estavam tendo aquela conversa.

“Falando nisso, você e o irmão mais novo do imperador—”

“Acho que vou dormir um pouco”, disse Maomao, caindo na cama ao lado dela.

"Ei! Onde vou dormir?

“Tem um sofá bem ali.”

“Você deveria ter mais respeito pelos mais velhos!”

“Achei que vocês, mais velhos, deveriam adorar nós, crianças.”

Lahan evidentemente teve algum problema com esse acordo, mas Maomao não deixou que isso a incomodasse. Em vez disso, ela ficou deitada na cama, tentando esclarecer os fatos na cabeça.

Lahan e o excêntrico estrategista pareciam estar dando ao ex-chefe do clã e à sua família dinheiro suficiente para viver - afinal, eles tinham recursos para contratar empregados, embora talvez não para atualizar seus móveis para o que há de mais moderno em termos de luxo ou luxo. coma comida sofisticada em todas as refeições. Parecia um arranjo bastante agradável para Maomao, mas alguém que já viveu no luxo da capital poderia considerá-lo profundamente degradante. A humilhação agravou-se ao longo de muitos anos e agora estava a ponto de explodir — mas quem acendeu o pavio?

Maomao lembrou-se da pulseira branca que a mãe de Lahan usava. Ela não deu uma boa olhada nela, mas a lembrou da corda branca enrolada em forma de cobra. Ela esperava que não fosse apenas um mal-entendido, mas que trouxesse de volta algumas lembranças ruins.

Essa “imortal” com certeza é tenaz , pensou Maomao. Ela era como um fantasma; seus rastros pareciam estar por toda parte. Foi quase o suficiente para convencer Maomao de que ela realmente tinha a habilidade sobrenatural de estar em muitos lugares ao mesmo tempo.

Maomao adormeceu desejando que alguém se apressasse e pegasse a mulher.

A próxima coisa que ela percebeu foi que já era noite. Ela saiu do quarto bocejando e descobriu não apenas Lahan, mas também seu velho e desagradável avô. Se fosse apenas o vovô, ela poderia ter dado um tapa nele e tentado escapar, mas ela podia ver um servo atrás dele.

O rosto do velho se contorceu ao ver Maomao. Talvez ela ainda estivesse com cabeceira? Ou olhos pegajosos? Talvez o travesseiro tenha deixado uma marca em sua bochecha e ele não tenha gostado.

“Estamos indo”, disse o avô, e saiu da sala antes que Maomao pudesse protestar. Ela e Lahan trocaram um olhar, mas como a alternativa a ir era presumivelmente apenas serem trancados novamente, eles foram.

“Parece que você é mesmo filha de Lakan”, comentou o avô, mas Maomao não disse nada; não havia razão para ela responder a isso. Porém, revelou que a família estava investigando o assunto enquanto ela dormia. Ela se perguntou como eles conseguiram isso quando percebeu que não havia dormido mais de quatro horas.

“O homem é um completo idiota”, continuou o avô. **“O que quer que façamos, o que quer que digamos, ele apenas murmura para si mesmo. Nem tenta falar conosco. Mas seu nome... Seu nome, pelo menos, ele se lembra.”**

Maomao parou no meio do caminho. Essa conversa sugeria algo sobre quem estaria no destino, e ela não gostou.

“Eu sei que você não é uma grande fã, mas é melhor irmos. Discutir não nos levará a lugar nenhum agora”, disse Lahan e, infelizmente, ele estava certo. Maomao começou a andar novamente.

Eles se dirigiam para um prédio nos limites da propriedade, com grandes janelas redondas com grades. Você podia ver o interior – o que significa que você podia ver o homem imundo de meia-idade no chão.

O homem estava deitado de costas, com o queixo coberto de barba por fazer. O cabelo de sua cabeça estava solto atrás dele, como se ele o tivesse varrido, aborrecido. Uma tigela suja estava no chão ao lado dele. Grãos de arroz estavam grudados em suas roupas e nos dedos, como se ele estivesse comendo com as mãos em vez de com os pauzinhos.

"Pai!" Lahan gritou, correndo para as grades. A visão do homem, obviamente fora de si, deve ter despertado algo nele.

De fato parecia haver algo errado com ele. Sua boca continuou se movendo, formando palavras silenciosas – ele parecia como se fosse um viciado passando por algum tipo de abstinência. Lahan aparentemente teve o mesmo pensamento, pois se voltou para o homem idoso. **“Avô, eu sei que você disse que o pai não iria ouvi-lo, mas você não deu ópio a ele ou algo assim, não é?!”**

“Hmph, não posso falar sobre isso. Mas quero que ele me revele a localização da herança .” O velho olhou para Lahan imperiosamente. Então ele abriu os braços e disse: **“De qualquer forma, eu não o convoquei. Ele me convocou e eu fui até a capital buscá-lo. Ele estava assim quando o encontrei.”**

Maomao realmente concordou com ele – isso definitivamente não era envenenamento por ópio.

“Não havia empregados ou qualquer outra pessoa na casa. Só ele, o maluco, curvado sobre um tabuleiro de Go e murmurando para si mesmo.”

O avô alegou que trouxera o estrategista para cá alegando que não havia mais ninguém por perto.

Ninguém? Maomao se perguntou. Ela olhou para Lahan: isso não parecia possível. **“Ele teve que demitir todos os seus empregados ou algo assim porque estava muito endividado para pagá-los?”**

“Não, ele manteve um mínimo de ajuda doméstica. Ele precisava de alguém para cozinhar e limpar, e para cuidar do paciente.” Então, porém, Lahan acrescentou **: “Ainda assim... imaginei que isso poderia acontecer”.**

A que ele estava se referindo? Em vez disso, quem: ele tinha que se referir à cortesã que o estrategista acolheu no ano passado. Todos os criados poderiam ter ido embora, mas ela ainda estaria lá – e o estrategista com olhos de raposa não teria ido embora e simplesmente a deixado em casa. O fato de ele estar aqui e parecer em estado de choque devia significar que a cortesã havia morrido.

Ele parecia como se sua própria alma tivesse fugido de seu corpo – e ainda assim, o corpo se movia. Ele parecia estar enfrentando algo que não podia ser visto. Ele estava sentado diante de alguém que não estava mais ali.

“Você não pode fazer algo por ele, Maomao?” Lahan perguntou. Por um instante, o excêntrico estrategista estremeceu, mas depois retomou sua implacável litania murmurada. Ele estava em péssimo estado.

“Você deveria ser o que se passa por seus filhos. Você não tem ideia de onde podem estar as joias da família?!” Vovô exigiu.

“Receio que você possa gritar o quanto quiser, senhor, mas...” Lahan disse, balançando a cabeça.

Maomao foi mais direta: **“Não faço ideia”.** Ela também balançou a cabeça.

“Então talvez você se lembre disso!” O velho tirou um maço de papéis das dobras de suas vestes. Eles estavam cobertos com algum tipo de número. **“Lakan tinha isso com ele. Esse tipo de coisa é sua especialidade, Lahan. Esses números devem revelar um local escondido ou algo assim!”**

O velho evidentemente tinha a impressão de que os números eram algum tipo de código. Lahan pegou o papel e semicerrou os olhos. Maomao espiou por cima do ombro.

Ambos viram o que era imediatamente. O jornal tinha dois números lado a lado e dezenas de páginas.

Eles também sabiam que o molho não continha a resposta que o velho procurava — mas, dadas as circunstâncias, não havia razão para lhe dizer isso imediatamente. Em vez disso, eles sentiram que precisavam fazer algo a respeito da aberração desanimada. Francamente, Maomao teria ficado igualmente feliz em não ter nada a ver com ele, mas quanto mais cedo começasse, mais cedo seria feito.

“Você tem um tabuleiro de Go nesta casa?”, ela perguntou.

“O que diabos isso tem a ver com alguma coisa?!”

"Você tem um?", ela repetiu, sem mudar seu tom. O velho estalou e chamou um criado, que trouxe um tabuleiro de Go e pedras.

Eles entraram na sala do estrategista. Quando o tabuleiro foi colocado à sua frente, seus ombros estremeceram. Maomao sentou-se à sua frente, do outro lado do tabuleiro. Ela pegou as pedras pretas, enquanto Lahan colocou as brancas onde o estrategista pudesse alcançá-las.

Maomao pegou uma pedra preta e colocou-a no tabuleiro, seguindo os números escritos no papel. Em resposta, a aberração pegou uma pedra branca e a colocou no tabuleiro com um clique.

Ela acreditava que os papéis eram anotações mantidas pelo mensageiro enquanto o estrategista e sua cortesã jogavam Go. Além dos dois números, números corridos

foram cuidadosamente inscritos no canto superior direito. Maomao simplesmente jogou de acordo com os números e o estrategista respondeu.

Maomao não era uma jogadora particularmente boa de Go. Ela sabia que a parte inicial do jogo envolvia algo chamado *joseki* , sequências de movimentos que eram em grande parte definidas. Assim, ela poderia esperar que o estrategista fizesse os mesmos movimentos que fez no jogo real. Ela simplesmente continuou virando as páginas, jogando e virando as páginas novamente, até chegar às últimas três folhas.

Lahan, observando, inclinou a cabeça. **“Essa foi uma má jogada.”** Ele estava se referindo à pedra que Maomao acabara de colocar – mas ela a tocou exatamente de acordo com o papel.

O estrategista estreitou os olhos por um momento e então, *clique* , fez outro movimento.

“Colocar a pedra ali... Teria que ser uma peça de sacrifício. Mas por que? Por que ela faria isso dessa maneira?” Lahan murmurou. Maomao não sabia muito sobre Go, mas Lahan o conhecia um pouco. Seja como for, ela continuou jogando do jeito que o jornal dizia.

Porém, quando chegaram ao final do jornal, ainda estavam no meio do jogo.

“Não... Você nunca cometeria um erro como esse” , murmurou a aberração de monóculo. Havia grãos de arroz grudados em sua barba por fazer, e Maomao teve que lutar contra a vontade de mandá-lo lavar o maldito rosto. **“Você sabe que eu nunca sentiria falta disso... Então, por quê?”**

O estrategista não se moveu para jogar a pedra branca em sua mão; ele apenas olhou para o quadro.

Depois de um momento de silêncio, Maomao resmungou: **“Talvez ela estivesse cansada de movimentos normais?”** Ela não sabia muito sobre Go, mas ao longo dos muitos e muitos anos de sua existência, o senso comum foi estabelecido: em tal e tal situação de tabuleiro, é assim que você deve jogar. Então o outro jogador responderia da mesma forma de uma maneira particular.

“É certamente verdade, você normalmente faria isso nesta situação. Então a resposta está aqui, e então o preto se move aqui...” O homem de monóculo continuou murmurando para si mesmo, preocupando-se com a pedra branca em

seus dedos – mas então ele pareceu chegar a algum tipo de compreensão. *Clique* . A pedra foi para o tabuleiro.

“Mas isso...” Lahan disse, sua expressão sombria. Aparentemente, também não foi uma jogada muito boa. Sem o papel para orientá-la, Maomao não sabia mais onde jogar, então em vez disso deslizou a tigela de pedras pretas na direção do estrategista. Ele pegou uma e colocou no tabuleiro.

Lahan, que obviamente sabia mais sobre Go do que Maomao, cruzou os braços e observou. A princípio ele pareceu cético, mas um dos movimentos que se seguiu pareceu despertar algo em sua mente e seus olhos se arregalaram.

"Ei! Não é hora de ficar sentado jogando!” Vovô explodiu **. “Apresse-se e—”**

“Calma” , disse Lahan. **“Está ficando bom.”**

Ele observou o tabuleiro com uma expressão estudiosa. Ficando bom? A aberração estava jogando sozinho! Então, novamente, em sua mente, parecia ser outra pessoa segurando as pedras pretas. A cor gradualmente retornou à sua antiga palidez fantasmagórica.

O único som era o clique, clique das pedras no tabuleiro, movimento após movimento após movimento.

Finalmente a aberração parou. **“Chegamos ao fim do jogo.”** Ele baixou a mão como se quisesse indicar que havia terminado de jogar. Então ele semicerrou os olhos para o tabuleiro. **“O resultado é bastante óbvio. Incluindo cinco pontos e meio, as pretas vencem por um ponto e meio.”**

Lahan também olhou para o quadro. **"Entendi. Ele está certo”** , disse ele. Evidentemente, ele era tão rápido na leitura de território em Go quanto em qualquer outro tipo de cálculo.

O estrategista puxou os joelhos até o peito e apoiou o queixo neles. Ele rolou uma pedra de Go entre os dedos, ainda olhando para o tabuleiro. **“Eu tive que me perguntar. Fiquei me perguntando: como você poderia ir antes que nosso último jogo terminasse? Você sempre odiou perder. Eu tinha certeza de que você não iria embora antes que tudo acabasse.”** As palavras pareciam sair de sua boca. **“E eu me perguntei, por que você faria um movimento como esse? Tinha que ser um erro, eu tinha certeza, embora soubesse que você nunca cometeria um erro.”**

Ele estava falando sozinho; o que ele estava dizendo não era dirigido a nenhum deles. Ele foi interrompido pelo velho.

"Ei! Lakan! Onde estão as joias da família? Eu quero esse tesouro agora!" Ele empurrou Lahan para o lado e apareceu na frente do excêntrico estrategista.

O estrategista olhou para ele por um segundo e murmurou: **"Você é uma pedra de Go bastante barulhenta"** . Mas então ele bateu palmas e disse: **"Ah! Pai, é você?"**

"'Pai, é você?' Pfah! Você não se lembra do rosto dos seus próprios pais?!"

Mas não era uma questão de lembrar; o homem simplesmente não conseguia distinguir um rosto do outro.

"Pai? Ah, sim... Sim, isso me lembra..." Ele parecia completamente fora de si, mas tirou um pacote embrulhado em pano de seu manto. **"Receio estar lhe contando isso, aham, tardiamente, mas eu me casei."**

Dentro do pacote havia cabelo. Cerca de 15 centímetros de comprimento, amarrado com um elástico de cabelo. Maomao sabia a quem pertencia.

O avô ficou vermelho como uma beterraba e deu um golpe com a bengala que tinha na mão na têmpora do estrategista.

"Pai!" Lahan gritou, correndo. Maomao tirou um lenço das dobras de seu manto. A bengala escorregou pela têmpora do estrategista, roçou sua bochecha e acabou atingindo seu nariz. Ele não havia levado um golpe direto no rosto, mas seu nariz ainda pingava sangue.

"Você é sempre assim! Você nunca ouve o que eu digo, apenas balbucia coisas que não fazem sentido! E justamente quando penso que você está completamente egocêntrico... Isso! O que é isso?!" Vovô estava apontando para o maço de papéis. **"Você está zombando de mim de novo?!"**

"Eu não estou zombando de você. Foi por isso chamei você."

Maomao suspeitava que pelo menos isso fosse verdade. O homem poderia fazer papel de idiota na corte, mas ela tinha a sensação de que ele não tinha feito a mesma coisa com aquele velho. O avô de Lahan havia falado sobre o estrategista que o convocou – pensar que esse era o motivo.

No entanto, isso era para falar da perspectiva do estrategista. Às vezes, as pessoas simplesmente não conseguiam se entender, pais e filhos ou não. O homem idoso e

o estrategista excêntrico eram simplesmente diferentes demais.

"Qualquer que seja. As joias, cara. As joias!" Vovô estava muito ressentido agora. Ele agarrou sua bengala novamente – e uma lâmina emergiu de dentro dela. Era uma bengala-espada. **"Você sabe o que vai acontecer com você se você me segurar, certo?"**

O estrategista ergueu os olhos, mas não para a lâmina. Seus olhos estavam fixos em outra coisa. **"Maomao? O que você está fazendo aqui?"**

Então ele finalmente a notou. Talvez ele nunca teria sido tão flexível se não o tivesse feito. Isso apenas mostrou o quão concentrado ele estava em seu jogo. **"Então você veio ver seu pai!"**

"Não." Maomao desejou que ele se concentrasse na situação em que se encontravam. Sentindo o perigo, ela foi até a parede.

"Ah, Maomao está aqui! Hoje devemos fazer uma festa!" , disse o estrategista, segurando a mecha de cabelo. Então ele virou a mão para Maomao. **"Você não vai dizer nada? Só uma palavra para sua mãe..."** Ele olhou para ela com a mais estranha das expressões. Com seu rosto abatido e barba imunda, ele de repente parecia muitos anos mais velho.

Normalmente, Maomao poderia simplesmente tê-lo ignorado, mas agora, surpreendentemente, ela baixou a cabeça respeitosamente na direção do cabelo. Não, ela não tinha nada a dizer, mas poderia fazer isso.

"Não me ignore, caramba!" , berrou o velho enfurecido, brandindo sua bengala-espada. A idade tinha cobrado seu preço, mas ele já havia sido soldado e ainda era mais robusto do que eles poderiam esperar. Diante dele estava um estrategista que era um soldado que deixava todo o verdadeiro trabalho para seus subordinados; um oficial civil convicto cuja arma preferida era o ábaco; e Maomao, que não tinha confiança de que ela ajudaria em alguma luta.

Os três covardes se dispersaram — e tudo o que puderam fazer foi escapar do velho e de sua bengala. Os servos estavam atrás do avô, mas obviamente não iriam ajudar ninguém. Maomao, buscando qualquer tipo de segurança, escondeu-se atrás de um poste.

Então, porém, eles ouviram uma voz lenta e calma. **"Afaste isso; é perigoso. E se você realmente acertar alguém com isso?"**

Maomao olhou para ver o velho flutuando no ar, chutando as pernas. Ele pendia de mãos envelhecidas que seguravam seus braços; segurando-o estava um homem de pele escurecida pelo sol e um lenço no pescoço. Suas roupas o caracterizavam como fazendeiro — talvez aquele que Maomao vira da janela de seu quarto. Ele era alto, de ombros largos e muito bem constituído, mas seus olhos eram gentis e serenos.

"Ei, o que você está fazendo?! Me deixe ir!"

"Sim, sim. Assim que você me der essa espada", disse o corpulento fazendeiro, arrancando a arma do velho e colocando-a de volta na bengala. **"Quando você encontrou tempo para fazer isso?",** ele murmurou. Os criados, em vez de tentarem ajudar o avô, pareciam completamente aliviados ao ver o agricultor.

Quem é? Maomao pensou, mas sua pergunta foi prontamente respondida.

"Já faz muito tempo, pai" , disse Lahan, baixando a cabeça.

"Ah, você parece bem. Apesar das dificuldades em que encontrei você. Aquela garota aí... é minha sobrinha?" O fazendeiro jogou a bengala-espada para um dos servos e seu rosto já gentil suavizou-se ainda mais. O homem parecia um urso, mas sua presença era calorosa e reconfortante.

"Posso considerar que é meu irmão mais novo que acabou de chegar?", o excêntrico estrategista disse, sorrindo.

"Você pode, embora eu desejasse que um dia desses você soubesse quem eu era", disse o pai de Lahan, sorrindo sarcasticamente.

Ele ainda não havia largado o velho, que continuava a chutar. **"Estou fazendo isso por você, droga! Você não quer seu direito de primogenitura de volta?!"**

"Eu? Não particularmente."

"E você consegue conviver com isso?! Seu fraco!"

"Isso mesmo! Você sempre foi assim!" De repente, a mãe de Lahan estava lá. Ela não parecia se dar muito bem com o estrategista; ela deve ter ouvido a comoção e vindo investigar. O pai de Lahan pareceu perturbado ao se ver confrontado com outra crítica.

"Que bem me faria herdar a chefia da família? Um bufão administrando a casa só poderia envergonhar a todos."

Seu tom resignado só irritou o velho e a mãe de Lahan.

“Você ainda seria melhor que aquele idiota!” Vovô gritou.

O idiota em questão estava sorrindo estupidamente para Maomao. Foi extremamente nojento.

“Você não ama nosso filho? Você não quer vê-lo herdar a liderança?” A mãe de Lahan pressionou.

“Mas Lahan também é nosso filho”, protestou o fazendeiro. Aparentemente, o filho a quem a mulher se referia era o irmão mais velho de Lahan, que eles conheceram antes. Parecia que Lahan era considerado um traidor e não mais seu filho.

A casa parecia dividida: alguns que seguiam as ordens do velho até momentos antes olhavam agora para o pai de Lahan, abertamente dilacerados.

“De que adiantaria eu herdar a liderança neste momento, afinal?” O pai de Lahan disse. **“Não há ninguém para me substituir, não é?”** Em seguida, acrescentou: **“Além disso, talvez ninguém se importasse se meu querido irmão Lakan não voltasse, mas acho que sentiríamos falta de Lahan”.** Seu tom era plácido e gentil.

Naquele momento, um servo veio correndo. **"Mestre! Há um homem chamado Rikuson aqui...”**

Vovô e mamãe fizeram cara feia com isso. **“E-E daí?! Jogue-o na orelha*[1]!”**

“M-mas senhor, ele tem vários outros homens que parecem ser, uh, soldados com ele...”

“Sabe, parece que me lembro de haver uma guarnição por aqui” , disse Lahan como se isso estivesse lhe ocorrendo. Mas era uma frase escrita, se é que Maomao já tinha ouvido alguma.

"Droga! V-Você contava com isso quando decidiu vir para cá?!”

“Ah, não, nada disso. Embora pareça que certamente não doeu.”

Seu tom despreocupado alimentou a raiva do vovô; o velho bateu na parede com a mão enrugada. **"Estou cercado de idiotas! Incompetentes! Toda a minha família é uma vergonha!”** Agora ele estava pisando no chão com tanta força que parecia que ele poderia colocar um pé no chão. **“Tenho um filho que nunca sabe**

com quem está falando e outro que se acha agricultor! Maldito seja o útero que gerou os dois! Eu deveria ter tido outro filho – talvez esse tivesse dado certo!”

A fúria do velho não deu sinais de diminuir. Seus ouvintes recusaram-se a olhar para ele; com o que ele estava dizendo, até a mãe de Lahan sentiu os lábios se curvarem.

“E depois há Luomen – nunca soube usar uma espada, e então ele se mutilou! Existe pelo menos uma pessoa que vale meu tempo por aqui?!”

Maomao de repente entrou em movimento. Ela saiu correndo de trás do poste, agarrando a tigela que estava no chão – o resto da sopa do estrategista. No momento seguinte, ela estava na frente do vovô e jogou a coisa podre no velho.

"Que diabos está fazendo?!" Vovô se enfureceu. Ele deu um tapa em Maomao com a palma da mão aberta, deixando sua bochecha queimando.

Maomao tropeçou para trás. **“Maomao!”,** o estrategista gritou. Ele tentou pegá-la, mas ela se esquivou habilmente. A mão do velho ela não conseguiu evitar, mas a do estrategista ela poderia escapar facilmente.

“Simplesmente não gostei do seu tom”, disse Maomao em voz baixa. Era a coisa errada a fazer, então, se ela fosse atingida, teria que conviver com isso. Mas ela queria impedir o velho de ridicularizar o seu velho. **“Não vou ouvir você dizer mais uma palavra contra meu pai adotivo. O que estou dizendo é, por favor, cale a boca!”**

“Sua prostituta tagarela! Quem você pensa que eu sou?”

Quem? Maomao pensou. Na opinião dela, era o velho que não entendia quem ele era.

“Sem essa herança, você é apenas um velho frágil que não sabe ter confiança em si mesmo”, disse Maomao com um sorriso. Seu lábio estava cortado, mas isso era um pequeno detalhe.

O rosto do velho ficou tenso e a mãe de Lahan também empalideceu.

“Esqueça o nome da família. Esqueça a liderança. O que você fez com suas próprias mãos para se orgulhar?” Maomao perguntou.

“Ouça essa cadelinha magrela...”

O fato de ele ter respondido não com uma resposta real, mas com uma crueldade inarticulada, foi resposta suficiente. Ele seguiu em frente na liderança da família, cometendo uma série de ofensas menores. Ela não sabia se o fracasso dele em entrar no território da corrupção grave se devia a uma tendência racional genuína ou a uma simples covardia.

Maomao tinha mais algumas coisas que gostaria de dizer ao velho, mas então alguém se interpôs entre os dois.

“Sinto muito, mocinha, mas por favor. É o bastante." O dono da voz gentil era o pai de Lahan, com as sobrancelhas franzidas em preocupação. **“Eu sei que você valoriza seu tio, mas lembre-se de que este homem é meu pai.** ” Seu rosto, com um toque de tristeza, lembrou-a de seu velho, Luomen.

Com esforço, ela engoliu o que estava prestes a dizer.

[1] Throw out on ear = jogue fora na orelha: Expulsar, remover ou dispensar alguém (de algum lugar ou situação), especialmente de forma muito abrupta ou sem cerimônia.

Capítulo 7: O Clã La (Parte Dois)

“Eu me perguntei o que estava acontecendo...” Rikuson soltou um suspiro. Ele finalmente conseguiu entrar na mansão, e o avô e a mãe de Lahan estavam agora isolados em uma sala separada. Rikuson tomou a decisão momentos depois de ver o estado sitiado do estrategista. Na verdade, ele era outro dos excelentes subordinados que a aberração encontrou para si mesmo.

"Eu sinto muito. Se meu irmão Lakan tivesse recuperado a sanidade mais cedo, tudo isso poderia ter acabado muito mais rápido”, disse o pai de Lahan, parecendo cansado. Maomao sentia uma estranha afinidade por ele, talvez porque se parecesse muito com Luomen — não na aparência, mas em algo menos tangível.

Percebendo que a sala da “prisão” não era exatamente agradável, eles se mudaram para outra parte da casa. No momento, Lahan, seu pai, Maomao, Rikuson e o estrategista estavam todos juntos, junto com vários homens que Rikuson trouxera com ele. Maomao sentiu-se um pouco mal por eles terem vindo até aqui quando, no final das contas, não eram necessários. Rikuson contaria apenas sua história oficial, ou seja, que eles tinham vindo trazer seu oficial superior de volta para casa, mas não havia dúvida de que a intenção dos homens era intimidar.

Enquanto isso, Maomao não queria estar na mesma sala que o estrategista maluco, mas sabia que não poderia ser insistente naquele momento. Num piscar de olhos, porém, ele estava ao lado dela e tagarelava sobre alguma coisa. Ela desejou que ele calasse a boca. Ela sabia que deveria ter pena dele em seu estado enfraquecido, mas descobriu que simplesmente não era capaz.

“Maomao, algum dia deveríamos mandar fazer um vestido para você. Obteremos muitos dos melhores tecidos e também poderemos fazer um palito de cabelo!”, disse o estrategista.

Maomao não disse nada.

“E então devemos nos vestir bem e podemos ir ver um show! Sim, vamos fazer isso!”

Maomao não disse nada.

“Você gosta de livros, não é, Maomao? Tive uma ideia: por que parar apenas de lê-los? E se você mesma fizesse um livro?”

Mesmo quando ela o ignorou, ele não desistiu. Ela quase estremeceu com a ideia de fazer seu próprio livro, mas conseguiu conter a reação.

“Mano, estamos tentando conversar aqui. Talvez você possa ficar sentado em silêncio por um momento?” O pai de Lahan, irmão mais novo do estrategista, tentou acalmá-lo, mas sem muita convicção. Nem Lahan – o filho adotivo do estrategista – nem Rikuson – seu subordinado – também poderiam ser muito enérgicos com ele. Então, eventualmente, todos os olhares na sala pousaram em Maomao. Ela franziu a testa fortemente, mas estava encurralada.

Ela fungou e fez uma cara de desgosto exagerado. **"Você fede. Você cheira como um cachorro selvagem que esteve na chuva”** , disse ela.

O estrategista levou a manga ao nariz e cheirou. Então ele olhou para o pai de Lahan. **“Onde é o banho?”**

“Vire à direita nesta sala e ela estará no final do corredor. Vou pedir aos criados que preparem para você imediatamente.”

"Sim. por favor. Imediatamente” , disse o estrategista, e saiu da sala.

“E não se esqueça de escovar os dentes”, gritou Maomao atrás dele. Se tivessem sorte, não o veriam por pelo menos uma hora.

“Acho que é difícil ter uma filha”, comentou o pai de Lahan com tristeza. **“Não que eu tenha conseguido falar com ele sozinho.”**

“Só de assistir isso parte seu coração” , concordou Rikuson, tomando um gole de chá.

“Seja como for, você chegou aqui muito rápido”, disse Lahan a ele **. “Achei que você ainda poderia demorar.”**

Rikuson estava hospedado em uma pousada perto do desembarque do navio, e devia saber que quando ele e Maomao não voltassem, Rikuson ficaria desconfiado e iria para a mansão. Mas não fazia nem um dia inteiro desde que eles partiram – um prazo bastante curto.

“Eu tinha uma dica” , respondeu Rikuson, apontando para o pai de Lahan.

“Não tanto de mim pessoalmente” , disse o homem. **“Alguém foi e contou a eles. Alguém que nem sempre confessa seus verdadeiros sentimentos.”** O pai de Lahan olhou pela janela, onde o irmão mais velho de Lahan podia ser visto arrastando indiferentemente uma videira verde. **“Ele reclama de estar preso ao trabalho de fazendeiro, mas você vê como ele é dedicado a isso. Não, ele nem sempre fala abertamente sobre seus sentimentos, mas é um bom menino.”**

“Ele está bem. Acho que ele não é uma pessoa má”, disse Maomao.

“Meu irmão mais velho não é exatamente um modelo de virtude, mas não é capaz do verdadeiro mal” , acrescentou Lahan.

“Erm, vocês dois não estão exatamente cheios de elogios” , disse Rikuson, observando o jovem nos campos com um toque de pena.

“Dizem que o pai existe para o filho e para o neto, mas não me parece. Esse menino tem ainda menos talento para a política do que eu” , disse o pai de Lahan. Com sua pele bronzeada e corpo corpulento, ele parecia ter sido um soldado muito capaz, mas no final das contas era preciso levar em conta a personalidade. Às vezes uma pessoa era mais adequada à enxada do que à espada ou à lança. Este homem parecia um fazendeiro em cada centímetro.

“Eu tenho que me perguntar”, disse Lahan, inclinando a cabeça. **“Por que eles mencionariam tudo isso agora? Se eles estivessem esperando que as evidências da corrupção do avô fossem eliminadas, eu esperaria que eles agissem mais cedo.”** Maomao não tinha certeza se isso era uma coisa tão inteligente de se dizer com Rikuson sentado ali, mas aparentemente estava tudo bem.

“Uma pergunta justa. Lakan chamou seu avô por causa de sua nova noiva. E tudo bem, até onde foi. Normalmente, acho que meu pai simplesmente o teria ignorado e não teria ido para a capital. Exceto…” O pai de Lahan tirou um pedaço de corda trançada das dobras de suas vestes. Embora seus dedos manchados de terra o tivessem escurecido, estava claro que originalmente era branco. Era muito parecido com aquele que a mãe de Lahan usava no pulso.

“Estou farta dessas coisas”, disse Maomao, desviando o olhar intencionalmente.

“Uh... ainda não disse nada sobre isso” , disse o pai de Lahan, parecendo confuso.

“Você não precisa. Deixe-me adivinhar: sua esposa foi influenciada por alguma cartomante ou algo assim.”

“Isso está exatamente certo.”

“E ela perguntou como estava aquela aberração.”

“Não tenho certeza. Mas descobrimos que não havia ninguém perto dele...”

O filho adotivo da aberração, Lahan, e seu assistente próximo, Rikuson, estavam ambos na capital ocidental. Mesmo que o estrategista desaparecesse, as duas pessoas com maior probabilidade de notar não estariam por perto.

Frustrada, Maomao pegou algo em cima da mesa. O criado evidentemente o trouxera para acompanhar o chá. Parecia um daikon seco e achatado com pó branco por cima. O fato de estar em um prato significava que provavelmente era comida. Era doce, mas mastigável; era pegajoso, mas não desagradável.

Isso é batata doce?

Maomao já havia comido batata-doce processada antes, mas quase sempre coisas cozidas no vapor e transformadas em pasta. Essa parecia ter sido cozida e desidratada.

“Isso é muito bom. Estou certa de que isso é batata-doce?”, ela perguntou.

"Oh!" Lahan exclamou, inclinando-se para frente como se de repente tivesse se lembrado de algo. **"Isso mesmo! Pai, você disse algo sobre uma batata interessante?”**

“Hum? Batata? Oh! Sim. Sim, eu acho que sim."

Lahan pegou um pouco do lanche do prato de Maomao. **“Você disse que achava que poderia ter uma ideia – você quis dizer isso?”**

“Hum. É batata cozida no vapor e seca. Sem açúcar, sem mel, mas é mais doce que castanha ou abóbora, não é?” Ele gesticulou para fora da janela como se dissesse: *Aí está* . Maomao perguntou-se o que havia nos campos – eram estas batatas.

Lahan semicerrou os olhos e ajustou os óculos. **“Quanto está crescendo?”**

“Estamos tentando expandir o máximo que pudermos. Não gostaria que nenhum dos campos fosse desperdiçado.”

“Parece que você não tem ajuda suficiente.”

“Alguns agricultores da região vêm nos ajudar. Temos mais batatas do que sabemos o que fazer com elas.” Eles pareciam felizes em ajudar em troca de todas as batatas que conseguissem. **"Oh! Mas não se preocupe. Não os vendemos no mercado aberto, como você disse, Lahan. Quando os vendemos, garantimos que sejam apenas produtos e não batatas cruas.”**

"Tudo bem, então."

Maomao ficou perplexa com a conversa. Estariam Lahan e seu pai tentando monopolizar o mercado de batata-doce? Seria culpa de Lahan que Maomao só tivesse visto a batata-doce como ingrediente, e não crua? Ela teria cultivado com prazer algumas batatas-doces para si mesma se pudesse conseguir uma crua.

“Mas é um desperdício”, disse o pai de Lahan. **“Temos mais batatas do que poderíamos precisar. O armazém está cheio. Bem, os porcos ficam muito felizes em tê-los como lixo, eu admito. Acho que melhorou a carne deles também.”**

Se tivessem tantas batatas-doces, não iriam simplesmente parar de cultivá-las?

“No ano passado, um bronzeado rendeu duzentos shin (750 kg) de batata-doce”, disse o pai de Lahan.

“Duzentos shin?!” Maomao exclamou.

“Quatro vezes mais do que a produção de arroz comum”, disse Lahan. **“Em parte graças aos ajustes do papai, tenho certeza, mas mesmo assim... incrível, certo?”**

“A cultura é exclusiva desta região?” , perguntou Maomao, inclinando-se na direção do pai de Lahan.

"De jeito nenhum. Há muito tempo, comprei um broto que pensei ser uma ipoméia cara, mas de aparência interessante - mas era do sul. Acabou sendo uma planta diferente, embora parecesse semelhante. Algo que você cultiva com porta-enxerto, não com sementes. Não tive sorte em fazê-lo florescer e fiquei empenhado em tentar tirar uma flor dele.” Ele olhou pela janela. **“Depois que chegamos aqui, tivemos bastante espaço na roça. Eu sabia que as flores às vezes só florescem sob condições específicas, mas às vezes também produzem subprodutos incomuns. Assim."** Ele arrancou um pedaço da batata seca.

Intrigado, ele começou a brincar com o processamento do seu porta-enxerto de várias maneiras. **“Quando investiguei, descobri que se tratava de um tubérculo chamado batata-doce – mais doce que as castanhas e capaz de crescer mesmo em solos pobres. Acho que posso ser a única pessoa em todo o país cultivando essas coisas. Lahan me disse para não deixar nenhuma batata-semente sair da aldeia, e é isso que tenho feito.”**

A essa altura, Maomao estava começando a ter uma boa ideia do que Lahan queria do pai. Tinha a ver com o que a emissária de Shaoh dissera: provisões ou asilo. Escolha um. Além disso, serviria como contramedida à praga de insetos que em breve os atacaria. Ela suspeitava que Lahan esperava utilizar as batatas do seu pai para resolver ambos os problemas – mas, por mais enorme que fosse o rendimento desses campos, não havia forma de produzirem o suficiente para alimentar um país inteiro. Mesmo que ainda restassem batatas-semente, não parecia uma solução viável.

O pai de Lahan, porém, deu a resposta. **“Você não precisa usar porta-enxerto. Você também pode usar hastes. Você provavelmente poderia fazê-lo funcionar, desde que tivesse sido plantado recentemente.”**

“Caules, senhor?” Maomao perguntou.

Havia maneiras de cultivar plantas além de apenas sementes ou batatas – um corte de caule poderia funcionar, desde que criasse raízes. Se conseguissem fazer isso, talvez pudessem esperar, digamos, um rendimento dez vezes maior. (Sim, sim, contar galinhas alguma coisa.) Mas ainda não seria suficiente. Ao contrário do arroz, porém, os insetos não iam atrás das batatas. Essa era uma grande vantagem.

“Pai, tenho um favor a lhe pedir”, disse Lahan – e então passou a descrever mais ou menos o que Maomao havia imaginado. Ele queria comprar a batata-doce e também queria batata-semente e couve. E ele queria que seu pai lhe dissesse a melhor forma de cultivá-los, se possível. Acontece que ele queria muito.

Maomao achou que Lahan estava sendo um tanto presunçoso - apesar de estarem conversando com o pai dele - mas “pai” continuou sorrindo. Sem parar para pensar, ele disse: **“Claro, ficarei feliz em fazê-lo”** . Ele recostou-se na cadeira, moeu um pouco de tinta e começou a escrever as instruções.

Maomao, com a testa franzida, disse: **“Você tem certeza disso? Se você não estabelecer algumas regras básicas agora, poderá ser levado para a lavanderia daqui.”**

"Meça suas palavras!" Lahan objetou.

“Hahaha! Eu disse que tínhamos mais deles do que sabíamos o que fazer com elas. Se você nos deixar o suficiente para dar aos outros agricultores, tudo bem. E, er, se nossos impostos não fossem tão pesados, eu também ficaria feliz com isso.”

Isso só fez Maomao franzir ainda mais a testa. Ela olhou para Lahan, mas ele estava sorrindo, obviamente mexendo o ábaco na cabeça.

Maomao pegou o pincel do pai de Lahan.

"O que você está fazendo?", ele perguntou.

Ela começou a escrever um contrato, o pincel movendo-se em pinceladas rápidas e decisivas. **“Primeiro temos que definir o preço das batatas, assim como dos rebentos. Se você vai ensinar-lhe os métodos de cultivo, isso é extra.”**

“É claro que pagarei por isso”, disse Lahan, como se dissesse que pelo menos isso era óbvio até para ele. Mesmo assim, Maomao não conseguiu deixar a situação de lado. Lahan parecia muito com seu pai adotivo.

Lahan leu com tristeza o contrato que Maomao havia produzido; ele parecia estar reconsiderando como lidar com os valores.

Então houve um baque e um homem coberto de lama entrou. **“Já terminei, pai”,** disse ele.

"Excelente. Apenas deixe aí.”

Era o irmão mais velho de Lahan, carregando um balde com uma videira verde. Pelo menos um deles deve ter percebido que Lahan poderia estar atrás disso – seus preparativos foram muito minuciosos.

O pai de Lahan pegou a videira. **“Elas ficam mais saborosas se você não deixar as vinhas crescerem demais. Você tem que cortar as raízes periodicamente.”** Ele mostrou para Maomao. **“Você pode ferver o excesso de vinhas. Acho que são muito boas, mas meu pai não concorda.”**

Saborosa ou não – uma colheita que cresceria mesmo em solo pobre, poderia ser cultivada com videiras e onde até as videiras seriam comestíveis? Era como se tivesse sido feito sob medida para evitar a fome. É claro que, mesmo que começassem agora, não havia como dizer o quanto poderiam realmente esperar colher, mas dado tudo o que foi dito, parecia que certamente obteriam mais deste produto do que jamais obteriam de arroz, mesmo se não bastasse.

Foi por isso que Lahan foi tão receptivo aos avanços da emissária.

“Devíamos ter começado a vender mais cedo”, disse Maomao, arrancando sorrisos irônicos de Lahan e do seu pai. Sem dúvida, Lahan ordenou que não liberassem a colheita no mercado porque sabia que seria um negócio próspero.

“Meu pai não gostou muito da ideia. Reclamou de ter que agir como um agricultor”, disse o pai de Lahan. Parecia um pouco tarde para me preocupar com isso com todos esses campos ao redor. **“Além disso, se você vender um monte de uma safra nova, terá verdadeiras dores de cabeça com os impostos.”**

Era verdade que vender sempre gerava impostos. Alimentos básicos como arroz e trigo eram tributados como uma porcentagem do rendimento, variando o montante de região para região.

“No entanto, os vegetais – para esses, eles consomem apenas uma porcentagem do que é realmente levado ao mercado.”

“Porque as coisas que apodrecem... bem, se você tentar armazená-las em algum lugar, elas simplesmente estragarão.”

Melhor cobrar depois que as mercadorias foram convertidas em dinheiro vivo. Em qual categoria essas batatas se enquadrariam? As batatas como tal provavelmente foram mantidas, pelo menos por um tempo. Se inundassem descuidadamente o mercado com batatas cruas, poderiam ficar sujeitos a impostos substanciais.

“Para ser justo, se temos uma tonelada delas por aí, não importa realmente se eles as aceitam como impostos” , observou o pai de Lahan.

“Agora, pai, é importante economizar nos impostos.”

Maomao lançou um olhar para Lahan: que coisa de se dizer, quando ele estava do lado que coletava. O pai de Lahan, porém, parecia estar gostando da vida rural. Dada a sua constituição, ele poderia ter se dado muito bem como soldado, suspeitava Maomao, mas aqui estava ele.

“Parece que você está aproveitando a vida aqui” , ela comentou casualmente.

O pai de Lahan sorriu, os olhos brilhando. " **Eu estou. Tanto que quase me sinto mal por isso.”** Ele mexeu na videira de batata enquanto falava. **“Com desculpas à minha mãe e ao meu pai, sou grato ao meu irmão mais velho, Lakan. Se não fosse por ele, eu nunca teria experimentado o prazer de uma vida tranquila de trabalho de campo.”**

“Pense nos problemas que ele causou às pessoas que pegou no seu caminho”, disse Lahan. O excêntrico estrategista expulsou da capital seu pai – o chefe do clã – e seu meio-irmão mais novo, que seria o próximo na linha de sucessão, para reivindicar a liderança da família. Então ele adotou seu sobrinho Lahan. Isso era tudo que Maomao sabia sobre a situação, mas ela confiava que fosse verdade.

Aconteceu, porém, que para o pai de Lahan, aquele despejo da capital tinha sido uma bênção disfarçada.

“Gosto daqui” , disse ele. **“Quanto mais você cultiva, mais você pode crescer. Na capital, o máximo que se poderia esperar cultivar eram plantas em vasos.”** Seu sorriso o fazia parecer muito mais jovem do que realmente era. **“Se o que estamos fazendo aqui pode salvar as pessoas da fome, então eu digo: pegue o quanto precisar! Deixe todo o país cultivar batatas!”** Ele estava realmente entrando nisso.

“Não acho que o avô vá compartilhar sua positividade”, disse Lahan.

Bem, não há muito que possamos fazer sobre isso . Dez anos no exílio não suavizaram em nada o seu orgulho. A vida dele continuará como tem sido: dolorosamente chata, no que lhe diz respeito. Houve um brilho surpreendente de frieza nos olhos do homem.

“Ele sempre gostou de acumular números nada bonitos” , disse Lahan. Ele estava calculando o tamanho do campo e quantos brotos de batata poderia plantar.

O corte da videira duraria vários dias se fosse mantido em água.

A realidade é que mesmo que iniciassem um campo agora mesmo, não havia garantias de que conseguiriam colher este ano. Assim como não existia um remédio que curasse tudo, não existiam respostas perfeitas na política. Você simplesmente tinha que pesar os prós e os contras e decidir o que seria mais vantajoso.

No momento em que estavam pensando no que fariam, a porta se abriu.

“Maomaaaaao! Já tomei meu banho!”

Entrou o estrategista, completamente nu, exceto por uma camada mínima de roupa íntima. Esqueça o excêntrico – isso era totalmente doentio. Ele nem parecia ter tido tempo para se secar completamente; sua pele e cabelo ainda pingavam.

Sem se preocupar em esconder seu aborrecimento, Maomao despejou um pouco do chá agora frio em uma xícara, depois tirou uma pequena garrafa de suas vestes e adicionou várias gotas de seu conteúdo à bebida. Ela entregou ao estrategista.

“M... M... Maomao! Você está me servindo chá?!”

“Por favor, tome um pouco.”

Os olhos do estrategista se encheram de lágrimas de emoção quando ele pegou a xícara e bebeu de um só gole.

Houve um breve momento de silêncio. Assim que ele bebeu o chá, um arrepio percorreu seu corpo – e então ele caiu no chão.

"Você o envenenou!" Lahan exclamou.

“É só álcool” , respondeu Maomao. O estrategista estava tão vulnerável à bebida como sempre. Na verdade, ela pensou que ele parecia ainda menos capaz de segurar a bebida do que antes.

Completamente não interessada em ver mais o corpo nu do homem, ela trouxe um cobertor do quarto e colocou-o sobre ele. Lahan e Rikuson carregaram a aberração para o sofá com olhares exasperados.

“Talvez eu tenha tido sorte de só ter filhos”, disse o pai de Lahan com um sorriso divertido.

A aberração estava sorrindo de uma forma muito angustiante. **“...faça um...”** ele murmurou, arrastando o sono.

"O que foi que você disse, senhor?" Rikuson perguntou, aproximando-se.

“Vou fazer uma... uma tentativa...”

Rikuson parecia chocado. **“Ele quer fazer um livro de Go por algum motivo”** , disse ele, parecendo não ter entendido direito. Maomao, porém, olhou para a mesa. Lahan preservou a partida anterior como recorde do jogo.

Havia, supostamente, muito mais registros de muitos outros jogos entre a aberração e sua cortesã – o suficiente para encher um livro.

Hmmm…

O estrategista adormecido parecia muito tranquilo. Maomao esperava que ele ficasse mais deprimido com as coisas, mas parecia que não. Ele não deu nenhum indício de estar oprimido pela dor, mas estava com seu jeito bizarro de sempre, seguindo em frente.

“Normalmente, quando alguém compra uma cortesã, faz dela uma amante. Então não é necessária qualquer aprovação dos pais – o que teria sido conveniente, considerando a relação entre o meu honrado pai adotivo e o meu avô” , disse Lahan a Maomao.

"Sim, então?"

“Mesmo assim, ele parece ter querido fazer apresentações formais, a ponto de chamar meu avô, que ele deixou aqui por tanto tempo.”

Essa mulher é minha esposa, ele queria dizer. Claramente, inequivocamente.

“Lakan sempre foi um romântico”, disse o pai de Lahan.

"Sim, ótimo." Maomao sentou-se numa cadeira como se quisesse deixar claro que nada disso tinha a ver com ela. Ela pegou a videira de batata do balde e a mordeu experimentalmente. **“Está terrivelmente cru”** , disse ela, e jogou-o de volta no balde com a testa franzida.

Capítulo 8: A Conclusão da Jornada de Lishu

“Foi uma longa viagem, mas está quase no fim”, disse Ah-Duo enquanto estava no convés do navio e saboreava a brisa.

"Sim." Consorte Lishu segurava firmemente a grade. Seu enjôo havia melhorado muito agora, mas ela sempre teve medo de que um movimento repentino do barco pudesse derrubá-la, então ela não o soltou. Ah-Duo sorriu com suas travessuras; Lishu respondeu com um beicinho, de repente envergonhada.

Com elas no convés naquele momento estavam uma dama de companhia, a jovem que Ah-Duo chamava de Rei, e dois guarda-costas.

Rei estava vestida com roupas masculinas, mas parecia ser uma mulher. Lishu ficou nervosa no início com Rei, mas depois de um tempo ela percebeu o que estava acontecendo. Como Ah-Duo também usava roupas masculinas, as duas formaram uma linda imagem juntas. Ambas eram altas e magras, ao mesmo tempo bonitas e descoladas. Lishu mal conseguiu conter um suspiro quando olhou para elas - de admiração por um e decepção por não ter a beleza fácil da outra.

Lishu tinha dezesseis anos e gostaria de dizer que ainda estava crescendo, mas parou de ficar mais alta no ano passado e parecia improvável que seu corpo se tornasse mais feminino daqui em diante. Ela tinha ouvido falar que o leite de vaca poderia ajudar com isso, e por um tempo ela tentou bebê-lo, mas sempre ficava com enjôo no estômago, e ela acabou desistindo.

Para seu desgosto, suas damas de companhia a descobriram indo e voltando do banheiro. Ela sabia que eles a chamavam de coisas como “a consorte sem esperança” e “consorte troféu” pelas suas costas. Isso a deixou chateada e irritada – claro que deixou – mas o que ela poderia dizer? Ela sabia que era verdade. Pelo menos ela estava ciente dos apelidos agora. Mesmo isso era melhor, muito melhor, do que não ter ideia do que as suas mulheres diziam, dançando para elas como um bobo da corte.

Os pensamentos de Lishu devem ter aparecido em seu rosto, pois Ah-Duo perguntou: **“Você ficará bem voltando para o palácio interno?”**

Ops!, a consorte pensou, e forçou seus lábios a se curvarem para cima em um sorriso. **"Eu vou ficar bem."**

Ela tinha aliados agora, mesmo que apenas alguns. Junto com sua principal dama de companhia, várias outras damas de Lishu começaram recentemente a ser mais atenciosas com ela. A empregada que vinha buscar a roupa também falava com ela de vez em quando. Lishu podia imaginar o que sua ex-dama de companhia chefe deve ter pensado sobre ela conversando com alguém de nascimento tão baixo, mas desde a repreensão que recebeu depois de tentar tirar dela o espelho de Lishu, a mulher tinha sido muito mais quieta.

A lavadeira disse a Lishu que havia um livro que ela adorava, mas não conseguia ler, então Lishu estava fazendo uma cópia para ela sem contar às outras damas de companhia. Era um pequeno segredo, no que diz respeito aos segredos, mas com a pouca excitação que havia no palácio interno, foi o suficiente para fazer o coração bater forte.

Ah-Duo, entretanto, olhou para Lishu com preocupação. **“E você pode fazer o seu trabalho?”**

“Eu vou... ficar bem” , disse Lishu novamente.

Seu trabalho: em outras palavras, seu dever como consorte. Às vezes, isso significava oficializar cerimônias, mas Lishu sabia que não era a isso que Ah-Duo estava se referindo.

Ela estava falando sobre as visitas do imperador.

Até este ponto, Sua Majestade nunca ordenou que Lishu fosse sua companheira de cama por causa de sua idade. Mas ela tinha dezesseis anos agora — não era mais “muito jovem”. Quando aquela viagem terminasse, uma dessas visitas estaria à sua espera.

“Você é filha de Senhor Uryuu. O que aconteceu nesta viagem não precisa afetar você. Tenho certeza que você ainda pode falar com o Príncipe da Noite.”

O Príncipe da Noite – o homem que anteriormente usava a identidade do eunuco Jinshi no palácio interno. Acontece que essa identidade era um disfarce; na verdade, ele era alguém cujo nome dificilmente poderia ser pronunciado. As pessoas se referiam a ele como “o irmão mais novo do imperador” ou “o Príncipe da Noite”.

Mas quanto a esse assunto, Lishu só conseguiu balançar a cabeça. Sim, ela ficou bastante apaixonada por ele quando ele esteve no palácio interno. Um jovem que parecia ter saltado de um pergaminho ilustrado, que sempre tinha um sorriso gracioso até para ela? Ela sabia muito bem que isso equivalia a bajulação, porque ela era uma consorte superior, mas ainda assim a deixava feliz quando alguém a chamava pelo nome e dizia coisas gentis sobre ela.

Antes — há muito tempo, quando ela era imatura e ignorante — Lishu poderia ter respondido com alegria. A ideia de que alguém tão bonito, alguém por quem ela estava tão apaixonada, pudesse se tornar seu marido era como um sonho.

Mas Lishu entendeu: o sorriso cativante do jovem era aquele que ele poderia e iria mostrar a qualquer pessoa. Ela percebeu isso há quase um ano.

Foi o momento em que ela viu o sorriso desprotegido do irmão mais novo do imperador – não aquele de uma ninfa celestial, mas aquele pertencente a um jovem comum. Lishu nunca tinha visto isso antes, e isso a apunhalou ao perceber que ela não era especial para ele.

“Eu não poderia. Ele seria um desperdício comigo” , disse ela.

Ah-Duo sorriu com isso. **“Ah, ah. Feliz por ser a consorte superior do imperador, então?”**

“Ah! Não foi isso que eu...!” Lishu acenou com as mãos como se pudesse afastar a ideia. Ela sentiu que não estava nem apta para ser consorte de Sua Majestade. A imperatriz Gyokuyou e a consorte Lihua pareciam para Lishu como se vivessem acima das nuvens, tão distantes dela que quando ela estava sentada ao lado delas em banquetes, ela sempre se perguntava se era realmente aceitável para ela estar lá. Às vezes, ela se percebia sendo mais arrogante do que o necessário com suas damas de companhia, na tentativa de reforçar sua própria confiança. Ela queimou de vergonha com o pensamento.

"Não? Então, se posso perguntar, o que você quis dizer?” Ah-Duo deu-lhe um sorriso provocador.

Lishu estufou as bochechas – mas não muito. Estranhamente, ela nunca achou desagradável quando Ah-Duo a provocava.

Lishu pensou que havia alguém mais adequado para o Príncipe da Noite – assim como havia para o imperador. Ela ficou quieta por um longo momento.

"Qual é o problema? O gato comeu sua língua?" Ah-Duo disse, seus olhos dançando, mas Lishu continuou a olhar silenciosamente para ela. Ah-Duo parecia um jovem bonito, mas era uma mulher. Antigamente, ela havia sido a única consorte de Sua Majestade.

Tanto a imperatriz Gyokuyou, com o encanto exótico de seus cabelos ruivos e olhos verdes, quanto a consorte Lihua, que era como uma rosa desabrochando e também inteligente, eram adequadas para ser a peça central do jardim de Sua Majestade. Mas quando Lishu se perguntou quem era a mais adequada para ficar ao lado do Imperador, sua mente voltou para quando Sua Majestade ainda era o herdeiro aparente. Como ele ocasionalmente enfiava a cabeça para roubar um lanche quando Ah-Duo e Lishu estavam tomando chá juntas, e colocava Lishu em seus joelhos. Ela era uma criança ignorante e o chamava de tio barbudo. Isso traria

um sorriso irônico ao rosto de Sua Majestade, enquanto Ah-Duo segurava o corpo rindo.

Agora, parecia inimaginável.

Lishu comia algum doce e os observava, pensando: Então é assim que marido e mulher são. Ela achava que eles combinavam melhor do que qualquer casal no mundo.

Talvez fosse por isso que ela não conseguia aceitar isso, mesmo sabendo que era inevitável. Sabia que isso era inevitável desde o momento em que ela se tornou consorte.

Lishu era, e seria, mais um obstáculo entre Ah-Duo e o imperador. Ela sabia que o amor na vida real nunca era tão bonito quanto nos pergaminhos ilustrados, que foi para isso que ela nasceu. No entanto, ela temia que Ah-Duo, a quem ela adorava, passasse a desprezá-la por causa disso. Ela pensou, na verdade, que Ah-Duo ainda poderia ser uma consorte se Lishu não tivesse vindo para o palácio interno.

Em sua mente, porém, isso também não significava que ela deveria se tornar a esposa do Príncipe da Noite. No final das contas, ela se viu simplesmente arrastada pela vida, sem saber o que realmente queria. Ela conhecia o amor, ou talvez "amor", através de seus pergaminhos e romances – mas ela não entendia o que realmente era.

"Você pode ver a capital" , disse Ah-Duo. Embora ainda nebuloso à distância, era possível avistar a vasta parede externa que cercava o palácio. **"Vou voltar para nossos aposentos. Quero colocar minhas coisas em ordem** ." Ah-Duo mantinha apenas um mínimo de mulheres servindo; ela cuidava principalmente de si mesma. Isso a tornou extremamente impressionante aos olhos de Lishu.

"Eu também!" Lishu largou a grade e seguiu Ah-Duo. **"Ai!"** ela exclamou.

A madeira da grade parecia um tanto áspera, pois uma lasca havia perfurado sua palma. Ela tentou pressionar a palma da mão com o dedo para retirá-lo, mas tudo o que conseguiu foi sangrar. Frustrada pelo choque da dor, ela encontrou outra lembrança borbulhando em sua mente.

Um servo do Príncipe da Noite salvou Lishu duas vezes – a primeira de bandidos, a segunda de uma fera de uma terra estrangeira. Na primeira ocasião, ele expulsou facilmente os bandidos, mas Lishu, encolhida atrás, não conseguiu ver seu rosto. Foi só quando o leão atacou que ela o viu cara a cara pela primeira vez. Ela

imaginou que ele seria mais velho, mas percebeu que eles não poderiam estar separados por mais de cinco anos. Ela soube mais tarde que ele era membro do clã Ma.

O jovem havia machucado a mão - foi por causa do golpe total que deu ao leão? - e estava sendo cuidado; Rei tentou tratá-lo, mas o jovem recusou. A apotecária notou, porém, e deu-lhe os primeiros socorros apesar de suas objeções. A apotecária era tão indiferente e o jovem, apesar das reclamações, permitiu-se ser tratado. Lishu percebeu que eles deviam ser bons amigos e esse pensamento a deixou triste.

Mais de uma vez durante a estadia, ela se preocupou em saber se deveria agradecê-lo, mas no final ficou tão envergonhada por ele tê-la visto reduzida a um desastre fungando que não conseguiu se esforçar para falar com ele. O jovem pode ser servo de outra pessoa, mas ele também veio de uma casa respeitável. Talvez ele tenha confundido Lishu com uma garotinha que não conhecia seus modos. Ela gostaria de poder pelo menos enviar-lhe uma carta, mas sua posição também não permitia isso. Mesmo que ela pudesse ter enviado um, ela sabia que nunca o faria. Ela simplesmente não tinha isso dentro dela.

Lishu sentiu uma onda de depressão. Ela voltou para sua cabana, olhando para a lasca em sua mão.

○●○

“Acho que isso é um adeus por um tempo, então,” Ah-Duo disse levemente enquanto subia em outra carruagem. Originalmente, elas deveriam se separar no desembarque do navio, mas Lishu implorou e convenceu Ah-Duo a deixá-la compartilhar uma carruagem de volta à capital. Lishu realmente desejou que elas pudessem ter estado juntas durante todo o caminho até o palácio, mas ela desistiu da ideia. Ah-Duo poderia ter sido indulgente com ela, mas Lishu podia ver sua própria assistente ficando cada vez mais desconfortável. Ela decidiu não incomodar mais Ah-Duo.

Lishu observou Ah-Duo pela janela de sua carruagem enquanto ela partia, e então seu próprio transporte começou de volta ao palácio interno. As seis semanas de viagem, às quais ela não estava acostumada, foram difíceis para ela. Ela passava dia após dia numa carruagem ou num navio, sentindo a pele queimar sob o sol quente. Houve insetos e, para completar, ela foi atacada primeiro por bandidos e depois por um leão. É como chutar alguém quando ela já estava caída.

No entanto, a verdade era que tinha sido divertido. A vida no palácio interno ostentava todas as conveniências, mas era chata. Lishu estava feliz por finalmente ver suas damas de companhia depois de tanto tempo, mas ela sabia que isso incluía algumas que não gostavam muito dela. Sem elas, porém, Lishu nunca teria sido capaz de manter sua dignidade como consorte.

Ela olhou para a dama de companhia ao lado dela – desde o ataque do leão, ela serviu Lishu com uma expressão de medo no rosto. Ela foi designada para servir a consorte pelo pai de Lishu, mas ela praticamente ignorou Lishu - talvez a meia-irmã de Lishu lhe dissesse para fazer isso, ou talvez ela acreditasse nos rumores sobre a consorte ser uma filha ilegítima. Talvez ambos. Lishu ficou secretamente aliviada porque a mulher não voltaria para o palácio interno com ela.

A carruagem passou pelo portão do palácio, apresentando o cocheiro um selo que substituía a autorização por escrito para entrar.

Lishu presumiu que eles seguiriam diretamente para o palácio interno, então ela ficou surpresa quando a carruagem parou com o portão dos fundos do palácio ainda a alguns metros de distância. **"O que está acontecendo?",** ela perguntou à dama de companhia que estava com ela.

Desconfortavelmente, a mulher tentou dar uma olhada no motorista, então olhou para Lishu com a mesma sensação de desconforto. **“Parece que eles desejam falar com você, senhora.”**

Naquele momento, várias mulheres de meia-idade embarcaram na carruagem. Lishu não as tinha visto no palácio interno – pelas roupas, ela presumiu que eram damas da corte que serviam no palácio propriamente dito.

“Lady Lishu”, disse aquela que estava no centro, ajoelhando-se diante dela. **“Por favor, aceite nossas mais humildes desculpas, mas durante o próximo mês, você será solicitada a morar fora do palácio interno.”** Ela ergueu a cabeça e olhou Lishu nos olhos.

Capítulo 9: Regresso a casa

O cavalo relinchou ao parar em frente à Casa Verdete.

Foi uma longa viagem, pensou Maomao, saindo da carruagem e acenando educadamente para o motorista. Ele descarregou a bagagem dela com um baque.

Incluía as roupas consideradas necessárias para a viagem, que agora eram dela, junto com alguns produtos exclusivos e remédios incomuns da capital ocidental – e uma carga gigantesca de batatas.

“Maomao, meu Deus… Você está planejando abrir um novo negócio?” A velha senhora se aproximou, segurando um cachimbo na mão ressequida. **“Estou bastante feliz que você tenha conseguido que nos enviassem arroz, mas gostaria que você pensasse na quantidade. O armazém não aguenta mais!”**

Ela pegou uma das batatas secas de uma cesta. Ainda estava cru, mas com olhos crescendo, então teria que servir como batata-semente.

Depois do confronto na aldeia do médico charlatão, Maomao acabou com pelo menos a quantidade de arroz que lhe venderam. Ela avisaria a senhora por carta: o primeiro lote já devia ter chegado.

"E o que é isso?" , perguntou a senhora, olhando para a batata polvilhada com pó branco.

Maomao pegou, arrancou um pedaço e colocou na boca. Para uma batata, era terrivelmente doce – quase tão doce quanto uma castanha seca.

A senhora também pegou um pedaço e mastigou. Seus olhos se estreitaram. **“Seria melhor grelhar um pouco primeiro. É um pouco difícil para mim.”** Ela gritou por um dos criados, instruindo-o a retirar a cesta.

“Ninguém disse que você poderia ficar com todos elas”, disse Maomao.

“Ninguém precisou. Eu sei que você e Chou-u não podem comer tudo isso sozinhos. Estou ajudando você aqui e ouvindo você. Nem mesmo uma palavra de agradecimento.”

O último mês e meio claramente não diminuiu nem um pouco a mesquinhez da senhora.

Maomao, porém, não aceitaria isso de braços cruzados. **“Mesmo um ano de aluguel grátis para a farmácia era barato para todo aquele arroz, você não acha?”,** ela disse. Praticamente troco no bolso. Ela havia escrito em sua carta que, em vez de pagar diretamente pelo arroz, a senhora poderia lhe dar um aluguel grátis. O fato de a velha não ter dito nada sobre isso, Maomao considerou que concordava.

"Sim, sim. Isso é separado. Você tem isso de graça, certo? Bem, compartilhe com seus vizinhos” , disse a senhora. **“Eeeei, pessoal, Maomao está em casa! E ela trouxe lembranças!”**

A velha nunca desistiu! Seu grito atraiu uma multidão de cortesãs. O trabalho acabou e elas deveriam estar descansando, mas o impulso mercenário era forte.

"Sardenta!" Chou-u surgiu no meio da multidão, Zulin seguindo obedientemente seu “chefe”. Mas havia algo mais com eles... **“Sim, você com certeza pegou seu tempo! Você simplesmente se levanta e sai, e depois não volta para casa por quase dois meses?! Isso não fazia parte do acordo!”**

Sim, bem, Maomao também não esperava por isso. O que mais a incomodava, porém, era a criatura por trás deles.

"Ei, o que é isso atrás de você?" ela exigiu de Chou-u.

“Não me diga que você se esqueceu de Zulin! Que idiota!"

“Não é disso que estou falando. Atrás dela." Maomao apontou para um gato malhado sentado e se arrumando.

“O quê, você não se lembra do Maomao? Cara, isso é frio” , disse Chou-u.

“Oh, acredite, eu me lembro dela”, disse Maomao. Mas a bola de pelos deveria estar na aldeia do charlatão. O que ela estava fazendo aqui no distrito do prazer? **“O que eu quero saber é por que ela está aqui?”**

Foi a senhora quem atendeu. **“Ela estava com o arroz! Eles não poderiam exatamente mandar a gata de volta sozinha, poderiam? De qualquer forma”,** acrescentou ela, **“Acabei de avistar alguns ratos no armazém, então acho que ela pode ficar um pouco. E ela é amigável – o que a torna popular entre os clientes. Mas temos que fazer algo a respeito do hábito dela de roubar acompanhamentos no jantar.”**

A senhora era uma mulher prática. Ela nunca teria um animal de estimação, mas um animal que pudesse ser útil, tudo bem.

Maomao (a menina) lançou um olhar sombrio para Maomao (a gata). A bola de pelos estreitou os olhos, bocejou um pouco e disse: **“Miau!”**

Naquele momento, alguém saiu cambaleando da farmácia.

“V-você está em casa?”, perguntou o homem, Sazen. Maomao o encarregou de administrar a loja enquanto ela estivesse fora. Ele nunca foi uma pessoa de aparência robusta, mas agora parecia abatido e tinha uma barba desgrenhada no rosto. Ele tropeçou em Maomao e imediatamente caiu no chão. **“A loja... É toda sua...”** ele conseguiu dizer, e então desmaiou.

Chou-u cutucou-o com um pedaço de pau que conseguiu em algum lugar. **“Pare com isso”,** disse a senhora, ordenando a um criado que tirasse Sazen do caminho.

“As pessoas estavam pegando resfriados a torto, a direito e no centro enquanto você estava fora, Sardenta. Esgotámos o medicamento que você preparou antes de partir, mas as pessoas continuavam a implorar-nos por mais”, disse Chou-u a Maomao.

Ela assentiu: fazia sentido. Muitas vezes as pessoas ficavam doentes à medida que as estações mudavam, por isso não havia medicamentos suficientes, embora ela tivesse ganhado mais do que esperava precisar. Muito poucas pessoas no distrito do prazer tinham dinheiro para ir ao médico para tratamento adequado – tomar algum remédio era o máximo que podiam fazer. E muitos deles nem fariam isso.

“Alguns deles foram muito agressivos”, acrescentou Chou-u. **“Um até roubou alguns remédios, porque disse que os comprou de graça no ano passado!”**

O velho de Maomao provavelmente deu para o cara – um péssimo hábito dele. Ele distribuía tratamentos de graça para qualquer um que aparecesse chorando, e uma vez que você distribuía remédios uma vez, todo mundo queria-os de graça. Sem dúvida ele havia doado generosamente os estoques da loja até que a senhora percebesse.

Maomao entrou na farmácia. Ela viu um almofariz e um pilão contendo alguns remédios incompletos, junto com um livro de medicina no chão. Ela pegou o livro e folheou as páginas, que tinham manchas, como se Sazen as tivesse manuseado com dedos sujos. Normalmente ela poderia ter dado a ele o que pensava por não ter tratado o livro com o devido respeito, mas quando o viu relaxado ali, descobriu que não conseguia dizer nada.

Talvez eu tenha tido um golpe de sorte com ele, ela pensou. Ele não era muito habilidoso, mas também não desistiu. Isso era o que realmente importava.

Maomao examinou as gavetas da caixa de remédios, calculando quais medicamentos precisavam ser reabastecidos. Então ela começou a limpar o chão bagunçado.

Estava úmido na loja. O tempo passou enquanto ela estava ocupada limpando seu tempo fora e agora era início do verão. A chuva caiu continuamente, sem nenhum sinal de parar. Um jovem — descendente de uma importante casa mercantil — passou com uma prostituta que Maomao conhecia, trotando sob um guarda-chuva, como que para ilustrar que esta estação tinha seus próprios encantos. A mulher provavelmente odiava molhar as roupas, mas não iria perder a chance de sair. As atividades das cortesãs podiam ser bastante limitadas: o bordel era como uma gaiola e as cortesãs eram os passarinhos dentro dela.

“Quase dá para ouvir os grilos aqui”, disse Meimei com um olhar ressentido para a mulher do lado de fora. Ela estava mastigando uma batata seca com seus lábios deliciosos. As batatas ficavam bem saborosas se você as colocasse no fogo por alguns minutos para amolecê-las. Eram doces à sua maneira, não como aqueles salgadinhos que usam açúcar ou mel.

“Foi muito difícil para o pobre Sazen também” , acrescentou ela. Deixando de lado as epidemias, Sazen poderia não ter entrado em colapso se a viagem de Maomao tivesse ocorrido numa época do ano ligeiramente diferente. Sazen, que tinha uma propensão a se sentir responsável nos momentos mais estranhos, evidentemente relutava em ter tempo para dormir para preparar ervas medicinais suficientes.

“Você não precisa dormir um pouco, irmã?” Maomao perguntou. Ela tinha certeza de que Meimei estava trabalhando na noite anterior. A mulher mais velha tinha acabado de sair do banho e seu cabelo ainda pingava. Dormir na hora de dormir: isso também fazia parte do trabalho de uma cortesã. Enquanto isso, uma cortesã de alta classe como Meimei praticava à tarde para manter suas habilidades afiadas.

Meimei, porém, apenas mastigou preguiçosamente a batata e olhou para Maomao de perto. **“Escute, ontem, meu patrono...”**

"Sim?"

Meimei tinha três homens que eram seus patronos, como lembrou Maomao. Um era funcionário público e os outros dois eram comerciantes; todos eles adoravam jogos de tabuleiro.

“Ele disse que eu deveria ir até a casa dele”, disse Meimei. Venha para a casa dele: ou seja, ele queria levar Meimei para casa com ele. Se ele estava falando assim, não estava apenas convidando-a para dar um passeio com ele.

"Ele quer comprar sua parte?"

“Isso é o que importa.”

Para uma cortesã, ser comprada era como se casar. Era uma oportunidade de se libertar da jaula do bordel. Meimei, porém, não parecia feliz com isso. Maomao conseguia entender: seu gosto por homens era extraordinariamente pobre.

“Ele é uma má notícia, esse cliente?” Maomao perguntou.

“Não, eu não diria isso.”

"A senhora se opõe?"

“Oh, ela adora a ideia.”

Isso pode parecer simples, mas essa decisão influenciaria o resto da vida de Meimei. Maomao poderia muito bem imaginar que ela não gostaria de fazer isso com muita leviandade. Não era uma escolha que pudesse ser facilmente desfeita depois de feita.

Meimei ainda era uma cortesã popular, mas quem sabia quanto tempo isso duraria? A idade era a barreira inevitável para alguns em seu ramo de trabalho, e a maioria das mulheres já teria se aposentado da profissão há muito tempo.

“Esse cara, a esposa dele faleceu, mas ele tem filhos”, explicou Meimei.

"Hum." Maomao não parecia particularmente interessada. Ela não pretendia responder com tanta apatia, mas de repente se viu imaginando o estrategista maluco. No final, ela lhe deu uma bebida alcoólica para nocauteá-lo e depois fugiu antes que ele acordasse. Lahan veio com ela, ansioso para voltar à capital para poder coordenar a questão das batatas. Rikuson efetivamente tirou a palha e teve que ficar para trás. O estrategista estava resmungando novamente durante o sono sobre fazer um livro e, no momento, provavelmente estava ignorando todo o seu trabalho para se concentrar nessa tarefa.

Maomao se perguntou se Meimei ainda sentia algo por gente como ele. Ela sabia que não havia mais uma cortesã comprada em sua casa? Maomao se perguntou brevemente se deveria contar isso à irmã mais velha, mas a informação parecia tanto tornar a vida de Meimei mais difícil quanto mais fácil, então ela ficou quieta.

“As crianças não tendem a gostar muito de mim”, disse Meimei.

“Você não pode simplesmente ignorá-las?” Maomao respondeu.

“Ideia interessante...” Por alguma razão, ela parecia estar estudando Maomao. Ela havia terminado a batata e estava limpando a gordura dos dedos com um lenço. **“Falando em crianças, onde está aquele seu garoto travesso?”** ela perguntou, tentando mudar de assunto.

“Chou-u? Nenhuma idéia. Provavelmente com Ukyou ou Sazen.”

“Hum. Há algo que eu gostaria que ele desenhasse para mim.”

"Pornô?"

Meimei sorriu e deu um beliscão afetuoso na bochecha de Maomao. Maomao lamentou a pergunta; ela percebeu que esse tipo de piada era mais coisa de Pairin.

“Eu tinha certeza de que todos já estariam cansados dele, mas sua popularidade parece surpreendentemente duradoura”, disse Maomao, esfregando a bochecha avermelhada. Chouu vinha fazendo um negócio próspero desenhando retratos de cortesãs e criados, mas Maomao presumia que o interesse era motivado principalmente pela novidade.

"Claro. Esse garoto é talentoso.” Meimei saiu da farmácia e foi até a mesa do balconista, onde pegou um leque. A moldura de bambu foi forrada com papel de qualidade e decorada com a imagem de um gato brincando com uma bola. O animal era uma chita — talvez Chou-u tivesse tomado Maomao como modelo — e, apesar da escassez de linhas usadas para representá-lo, a criatura parecia surpreendentemente viva.

Justo naquele momento — quase como se ela soubesse do que estavam falando — a gata Maomao apareceu; seu rabo se levantou e ela soltou um **“Miau!”**

“Quando seu negócio de retratos começou a perder força, o garoto começou a inventar coisas assim”, disse Meimei. **“Ele conhecia muitas cortesãs que gostavam de gatos. Eu me perguntei por que ele passava todo o tempo seguindo Maomao – e então ele inventou isso!”**

Maomao (a garota desta vez) não disse nada. Chou-u certamente foi meticuloso. E embora a moldura do leque fosse velha, o papel era novo. Ele o atualizou com coisas supostamente enviadas da aldeia do charlatão. Então o papel foi dado a ele e ele remodelou a moldura – em outras palavras, os materiais foram gratuitos.

Maomao teve que admitir que a capacidade de desenho de Chou-u parecia ter melhorado substancialmente – talvez isso tivesse a ver apenas com a rapidez com

que as crianças cresciam e amadureciam. Ela tinha certeza de que antes seus desenhos eram mais superficiais.

“Ah, isso mesmo, acho que o menino está aprendendo com um pintor”, disse Meimei.

“Isso é novidade para mim.” Maomao franziu a testa.

“Você esteve no oeste por tanto tempo. Um cliente de uma grande casa comercial trouxe esse cara, um pintor de ponta, ou pelo menos foi o que ele disse.”

“Ah”, respondeu Maomao. Era uma história familiar: os ricos compravam pinturas ou cerâmicas o tempo todo; era uma espécie de esporte para eles. Quando isso não bastasse, cercavam-se de artistas que criavam obras de que gostavam particularmente. Era um hobby caro, ao qual só os ricos podiam se dedicar.

“Acredite ou não, ele disse que apresentaria o cara ao Joka” , acrescentou Meimei.

"Caramba!"

Joka era uma das “três princesas” da Casa Verdete, mas desprezava os homens. Autoridades civis ou estudantes poderiam pelo menos conseguir conversar com ela sobre poesia ou exames civis, mas a pintura não era exatamente sua área de atuação.

“Isso não é tudo”, disse Meimei. **“Este pintor? Acontece que ele é especialista em retratos de mulheres bonitas.”** Sua tristeza de momentos anteriores desapareceu, substituída por um sorriso e acenos de mão excitados e fofoqueiros.

“Acho que nossa querida irmã não aceitou bem”, disse Maomao.

“Oh, não, ela não fez isso! Ela estava com tanta raiva. E você sabe o que ela faz quando fica com raiva: ela escreve poesia. Então, uma cortesã novata e ignorante copiou exatamente um dos poemas de Joka e o enviou a um cliente! Houve uma confusão!”

Joka era especialista em poemas e letras – mas era preciso ter cuidado com tudo o que ela escrevia com raiva. Os versos podiam parecer lindos à primeira vista, mas estavam encharcados de veneno. Ela não poderia escrever para os clientes quando estivesse de mau humor – a senhora faria questão de verificar a correspondência enviada por Joka em momentos como esse.

Embora o apetite de Pairin por homens pudesse torná-la difícil de lidar, Joka estava no outro extremo da escala e era igualmente problemática.

Maomao, a gata, envolveu as pernas de Meimei e miou como uma guloseima. Meimei a **pegou no colo e a colocou de joelhos, coçando-a embaixo do queixo.**

“Então este é o pintor com quem Chou-u está aprendendo?” Maomao (não o gato) perguntou.

“Uh-huh. Joka estava decidida a enviar aquela carta desagradável e usou Chou-u como seu mensageiro.”

Parecia que o Sr. Comerciante queria desesperadamente que o Sr. Pintor criasse uma imagem de Joka. A intenção era que o homem fizesse um esboço quando conhecesse a cortesã e depois completasse o rascunho final. Legal e fácil. Mas Joka não estava disposta a ficar ali sentada e deixá-lo estudá-la. Em vez disso, ela conduziu toda a reunião atrás de uma tela dobrável – rude, mas eficaz.

Implacáveis, o Sr. Comerciante e o Sr. Pintor deixaram seus endereços e imploraram a Joka para entrar em contato com eles. Normalmente, uma carta seria entregue por uma cortesã aprendiz acompanhada por um criado, mas não se podia pedir a uma jovem que entregasse uma carta tão mordaz, então Joka chamou Chou-u. Uma maneira legal de contornar o processo de verificação da senhora.

Chou-u entregou a carta - tudo muito bem - mas também gostou das fotos do Sr. Painter e começou a passar tempo com ele.

“Ele pode até estar lá hoje”, disse Meimei.

“E depois que eu o avisei para não sair”, resmungou Maomao. Ela desejou que todos os outros pensassem sobre o que significava cuidar de Chou-u. Ele ainda arrastava uma perna – se alguma coisa acontecesse com ele, ele teria dificuldade em reagir.

“Ei! Maomao!”, ela ouviu Ukyou chamar.

Maomao levantou-se, ignorando a gata, que havia virado de costas e implorava por comida. **"O que está errado?",** ela chamou de volta. Ukyou parecia angustiado.

“É Chou-u!”

“O que ele fez desta vez?” Maomao fez uma careta, parecendo não estar nem um pouco surpresa com esse acontecimento.

“Por favor, venha comigo,” Ukyou disse, pegando a mão dela. **“Algum amigo dele está morrendo!”**

Capítulo 10: Os bolinhos ruins

Ukyou levou Maomao para uma mansão no meio da cidade. Na capital, quanto mais para o norte, melhor era a segurança pública, e era lá que ficava a maior parte das casas de classe média.

Uma das casas parecia mais desgastada que as outras. Deve ter sido outrora resplandecente à sua maneira, mas agora faltavam algumas telhas e a parede de barro cedeu em alguns pontos, revelando a estrutura de bambu por baixo. Parecia menos idade e mais que o proprietário não acompanhava a manutenção.

“Aqui, é isso.” Ukyou bateu na porta da casa em ruínas. **“Desculpe, mas isso é o máximo que posso ir. Vou pegar o inferno com a senhora se não voltar”** , disse ele.

“Sim, eu entendo”, disse Maomao, mas quando ela entrou na casa em ruínas foi com um olhar de alguma curiosidade. Ukyou certamente parecia ser um homem ocupado. **"O que é isso?",** ela se perguntou em voz alta ao entrar. Apesar do estado desgastado do exterior da casa, o interior era notavelmente limpo e arrumado.

Mas não foi isso que a surpreendeu. Em vez disso, foram as paredes. Elas foram pintadas de branco e cobertas de estuque, sobre os quais foram pintados quadros. Um jardim de pêssegos espalhado por toda a parede – mas não eram três heróicos guerreiros mordendo os pêssegos, mas uma linda mulher. Ela mesma tinha a forma de um pêssego, seu cabelo era preto como breu e dentes brancos apareciam entre os lábios que pareciam tão deliciosos quanto a fruta que ela estava comendo.

Ela era a própria essência da imortal da vila dos pêssegos.

Esse é o tipo de coisa que você só tem tempo de fazer se tiver um patrono, pensou Maomao. Meimei dissera que o homem pintava mulheres bonitas, mas Maomao nunca imaginara algo tão espetacular. Ela estudou a parede atentamente – as superfícies pintadas tinham um brilho único, diferente das pinturas com as quais ela estava acostumada. Ela estava prestes a passar o dedo pela parede na esperança de descobrir qual era o material quando ouviu passos fortes.

"Sardenta! Olá, Sardenta! O que você está esperando? Venha olhar ele, rápido!" Era Chou-u, com o rosto pálido.

Merda, isso mesmo . Maomao tinha o péssimo hábito de se envolver completamente em tudo o que chamava sua atenção. Ela permitiu que Chou-u a arrastasse pela casa, até chegarem ao que parecia ser uma sala de estar. Mas estava cheio de objetos diversos: pós coloridos (provavelmente pigmentos), cascas de ovo (por algum motivo), um pó branco que ela considerou ser estuque e outra substância para engrossá-lo.

Bem no meio da sala, um homem estava deitado em um sofá. Outro homem com expressão preocupada estava ao lado dele. O homem no sofá estava abatido e sem pelos faciais, e sua palidez era além da pálida; ele era praticamente branco. A única cor em sua pele parecia estar nas pontas dos dedos, cobertas de tinta. O homem parado ao lado dele parecia meticuloso, só que suas mãos também estavam sujas.

“Você tem que olhar o mestre!” Chou-u disse.

O “mestre” deve ser o famoso artista progressista. Havia um balde cheio de vômito ao lado do sofá.

Maomao começou a examinar o homem. Seus braços e pernas se contraíam ocasionalmente. Ela abriu os olhos dele e olhou para suas pupilas; ela tomou seu pulso. Pelo que ela sabia, ele mostrava todos os sinais de ter um caso de intoxicação alimentar.

“Quais são os sintomas dele?”, ela perguntou.

“Acho que ele estava vomitando e com diarreia há muito tempo” , disse Chou-u.

“Quando finalmente passou, ele parecia estar sofrendo de frio, então eu o deitei”, acrescentou o homem que estava próximo.

"E quem é este?" Maomao perguntou.

“Ele é amigo de trabalho do mestre! Vamos, apresse-se!”

Chou-u poderia intimidá-la o quanto quisesse, mas Maomao não podia fazer muito. Se você não soubesse qual toxina estava agindo, não poderia tratá-la. Se fosse verdade que o homem estava vomitando e tendo diarréia, havia uma coisa que certamente lhe faltaria.

“Chou-u, me traga um pouco de sal e açúcar. Se não houver nenhum em casa, compre em outro lugar”, disse Maomao. Ela tirou uma bolsa de moedas das dobras do roupão e jogou-a para ele.

“Entendi”, disse ele e saiu correndo da sala. Ele poderia não ser capaz de correr bem por causa de seu corpo meio paralisado, mas pelo menos essa tarefa poderia ser confiada a ele.

“Vou usar a cozinha”, disse Maomao ao amigo de trabalho, que assentiu.

Ela foi até a cozinha e olhou no jarro de água para ter certeza de que a água ainda estava boa. Ela teria preferido fervê-la, mas não havia tempo. **“Isso é água doce?”,** ela perguntou.

“Foi comprado ontem do vendedor de água potável, então deve estar tudo bem”, disse o homem. Sim, se eles tivessem comprado a água, então deveria ser seguro. O mesmo pode não acontecer nas partes mais violentas da cidade, mas por aqui era improvável que alguém vendesse algo adulterado. Maomao pensou que poderia descartar com mais ou menos segurança a possibilidade de o artista ter bebido água contaminada. Ela pegou uma colher cheia, cheirou e depois tomou um gole, mas até onde ela sabia, o cheiro e o gosto eram normais. A casa podia não parecer grande coisa, mas pelo menos eles podiam comprar água decente.

“Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido?” Maomao perguntou ao homem meticuloso.

“Acho que sim”, disse ele. Apesar de sua angústia, ele teve presença de espírito suficiente — e cortesia suficiente — para oferecer-lhe uma cadeira. Em vez disso, ele sentou-se em um barril. **“Ele fica mais do que feliz em comer comida estragada – é um mau hábito dele. Suspeito que esse seja o problema aqui.”**

Intoxicação alimentar, então, como Maomao pensara.

“Ele encontrou alguns bolinhos recheados que comeu. Eles estavam estragados, então nós os cuspimos imediatamente, mas ele jurou que ficariam bem se os cozinhássemos, e ele os comeu.”

“Quem somos ‘nós’?”

“Ah, o garoto estava conosco.”

O garoto? Deve ter sido assim que chamavam Chou-u.

Comida ruim não se tornava boa magicamente só porque você a cozinhou um pouco mais. O elemento venenoso da deterioração muitas vezes permanecia. Um bolinho mofado, por exemplo, ainda pode ser tóxico mesmo se você raspar o mofo. No entanto, poucas pessoas se preocuparam com isso. Às vezes, eles não tinham o luxo de se preocupar com um toque de veneno, quando enfrentavam a escolha entre comer comida ruim e não comer nada.

“Argh! O que eu vou fazer? Mesmo que ele volte a trabalhar na pintura, não será feito a tempo.” O homem passou os dedos por uma grande tábua encostada em uma parede. Estava pintado de branco e trazia um esboço, o contorno tênue de uma mulher. Sem dúvida o próximo passo seria colori-la, a imagem ficando cada vez mais realista à medida que as cores se tornavam mais vivas. **“Ele prometeu que isso seria feito daqui a dez dias!”**

Dez dias? Portanto, havia algum tipo de prazo envolvido.

"Voltei!" Chou-u disse, entrando com açúcar e sal, que entregou a Maomao. Ela os colocou na água que havia preparado, misturando-os, depois pegou um pouco de algodão que tinha e mergulhou na água. Ela deixou a água escorrer do pano na boca do homem, administrando o líquido diversas vezes.

Ela estava indecisa entre mantê-lo aquecido ou induzir febre. No mínimo, as roupas imundas que ele usava agora não seriam capazes de absorver seu suor. Ela pediu que trocassem o artista por uma roupa de algodão que pudesse absorver a transpiração. Também não poderia estar fazendo muito bem a ele ficar deitado no sofá; ela preparou uma cama adequada e depois começou a preparar remédios para o estômago.

O homem vomitou mais duas vezes enquanto ela fazia tudo isso, mas não havia muito o que falar; apenas o cheiro acre de ácido estomacal impregnava a sala.

Talvez manter o suor longe dele e dar-lhe líquidos estivesse surtindo efeito, porque à noite ele parecia mais calmo e seus espasmos haviam parado. Maomao, Chou-u e o parceiro do homem estavam todos exaustos. Não havia nada naquela casa, exceto material de pintura, e até mesmo para deixar o quarto em condições de uso, foi necessário pedir ajuda aos vizinhos. O colchão era tão duro quanto um velho biscoito de arroz e igualmente mofado. Que tipo de vida esse homem estava vivendo?

Maomao e Chou-u estavam cada um afundados em uma cadeira. O sofá onde o dono da casa estava deitado agora estava aberto, mas, honestamente, ninguém estava interessado em usá-lo até que estivesse completamente limpo.

“Você acha que ele vai conseguir, Sardenta?” Chou-u perguntou, preocupação em sua voz.

“Provavelmente”, disse ela. Era impossível ter certeza, mas presumindo que nada inesperado acontecesse, ela pensou que o homem recuperaria a consciência. Eles teriam que tentar mantê-lo quieto por um tempo e dar-lhe comida que ajudasse na digestão. A casa nem tinha arroz suficiente para fazer um mingau de arroz fino; eles teriam que ir buscar alguns. Aliás, também não havia panelas decentes para cozinhar.

Lendo habilmente a situação, o outro homem disse: **“Vou buscar um pouco de arroz e uma panela de barro na minha casa”.** Não poderia ter sido fácil; ele também estava cansado. Ele era tão próximo do dono desta casa?

“Afinal, o que nosso paciente costuma comer?” Maomao murmurou.

Ela estava meio que falando sozinha, mas Chou-u respondeu: **“O patrão sempre compra coisas nas barracas de rua, ou às vezes os vizinhos dão comida para ele. Hoje foram aqueles bolinhos.”**

“Isso explica o estado em que ele se encontra” , disse Maomao, provocando um olhar de desgosto em Chou-u. **"O que?"**

"Nada. Só de pensar naquelas coisas que comemos hoje. O outro cara e eu dividimos os bolinhos com o mestre, mas eles eram tão nojentos que nós os cuspimos. Mas eu pensei que eles eram estranhos antes de prová-los.”

Uma coisa estranha neles, por exemplo, foi a maneira como o patrão disse “não me lembro de ter visto isso por aqui” ao ver os bolinhos na mesa. Isso pode parecer uma bandeira vermelha, mas mesmo assim o artista os ofereceu aos seus convidados.

“Acho que agradeço que ele estivesse tentando ser hospitaleiro e tudo mais, mas sinto que há um monte de coisas por aqui que talvez ele não devesse comer.” Chou-u não parecia impressionado. Sempre se ouvia dizer que havia muitos esquisitos entre os artistas, e parecia ser verdade.

Maomao apoiou os cotovelos no braço e apoiou o queixo nas mãos. **“Estou surpresa que você tenha conseguido colocar algo assim na boca.”**

“Quero dizer, o outro cara disse que comeria um também, e eles pareciam bons.”

O outro cara; em outras palavras, o amigo de trabalho de antes. Chou-u estava sempre com fome, então costumava comer qualquer coisa que parecesse remotamente comestível. Foi o suficiente para nos perguntar se ele alguma vez realmente foi filho de uma família chique.

“Mas foi tão amargo! Acho que talvez o recheio de feijão tenha estragado ou algo assim”, disse ele.

"Amargo?" , perguntou Mao.

“Sim, simplesmente horrível! Eu estava tipo, *ah!* e cuspi. O outro cara também.”

Então parecia bom, mas tinha um gosto amargo? Maomao cruzou os braços e inclinou a cabeça. **“Era realmente amargo? Não é mais azedo?”**

“Sim, era amargo. ‘Azedo’ não é a palavra que eu usaria.”

“E o recheio não tinha um cheiro estranho?”

“Se tivesse, provavelmente não teria comido.” Chou-u havia tirado os sapatos e chutava. Eles estavam com a janela aberta para mudar o ar do quarto, e estava úmido lá dentro. A noite havia caído; Maomao encontrou uma lâmpada espalhada e acendeu-a. Era uma luz de aspecto invulgar – desde as suas tintas até às suas fontes de iluminação, este artista parecia gostar de coisas importadas – mas queimava óleo de peixe, por isso Maomao estava habituada ao cheiro. (Na verdade, a gata Maomao começou a lamber o óleo recentemente; isso estava se revelando um grande problema.)

“O recheio tinha alguma coisa parecida com fio? Alguma coisa presa nele?”

“Preso nele? Bem, agora que você mencionou...” Chou-u parecia ter pensado em algo. **“Acho que pode ter parecido um pouco viscoso. Cuspi tão rápido que não tenho certeza. O outro cara disse que estava podre e para cuspir fora. Lavamos a boca com água e não engolimos nada.”**

Maomao ficou perplexa.

“Mas não acho que esses bolinhos teriam um sabor melhor só porque você os cozinhou. Eu me pergunto se há algo errado com a língua do mestre.” Chou-u olhou para o homem adormecido com verdadeira exasperação.

Alguma coisa errada com a língua dele, pensou Maomao. Ela estava começando a ver uma luz no fim deste túnel. **“O que você fez com suas sobras, então?”** ela

perguntou.

“Joguei-as fora! Elas estão na lixeira lá fora. O mestre ficou chateado por desperdiçarmos comida, mas pelo menos ele não tentou tirá-las do lixo.”

Assim que Maomao ouviu isso, ela pegou a lamparina e saiu, onde localizou a caixa de madeira para o lixo. Um odor repugnante emanava dela – o lixo ainda estava lá dentro. Bem em cima havia dois bolinhos meio comidos. Maomao ficou feliz por ter conseguido chegar antes que os homens viessem levar o lixo embora para servir de lixo para os porcos.

"Caramba! O que você está fazendo? Isso é nojento!" Chou-u disse quando a viu vasculhando o lixo. Mas Maomao não teve escrúpulos em pegar um bolinho de massa amassado com as próprias mãos. Ela olhou o recheio e descobriu carne de porco picada e vários tipos de vegetais. Ela separou o bolinho, tentando descobrir exatamente o que havia dentro.

Chou-u a observou. **“Sardenta... Por favor, pare de sorrir enquanto vasculha o lixo bruto. É super assustador.”**

Um sorriso deve ter surgido em seu rosto sem que ela percebesse. Se ela estava sorrindo, era de excitação – ela não podia ignorar a pressa.

“É isso que o seu mestre cozinhou e comeu?”

"Sim. Garanto que ele não tem paladar ou algo assim. O gosto era horrível, mas ele ficava dizendo como era delicioso.”

Uma hipótese começava a se solidificar na mente de Maomao. **“E aquele outro cara? Por que ele veio aqui hoje?”**

“Provavelmente para parar o mestre, eu acho. O mestre jurou que quando terminasse o trabalho que estava fazendo partiria imediatamente em viagem.” Chou-u olhou para baixo, abatido.

“Que tipo de viagem?”

“Bem, ele disse que estudou pintura no oeste uma vez, há muito tempo atrás. Ele viu aquela linda mulher ali e nunca a esqueceu. É por isso que ele só pinta imagens de mulheres, diz ele.”

O Oeste? Isso a lembrou da luminária, das tintas – tudo tinha um forte cheiro de exótico.

“O outro cara continua tentando dizer a ele que não há como uma mulher que ele viu décadas atrás ainda estar por perto, mas ele está desesperado para encontrá-la novamente.”

O fluxo do tempo não era misericordioso; por mais bonita que fosse, nenhuma mulher poderia afastar os efeitos da idade. Mesmo uma senhora que uma vez chorou lágrimas de pérolas poderia acabar como uma velha bruxa murcha e gananciosa. Se existisse uma mulher que não envelhecesse, ela teria que ser uma imortal ou uma fada ou algo assim.

“O-o que diabos você está fazendo?”

Ah, falando do diabo: o “outro” voltou com arroz e uma panela. Ele ficou tão chocado que deixou cair a panela e veio correndo.

Na escuridão, coberta de lixo, Maomao deve ter parecido assustadora. Ela ainda não tinha tirado o sorriso perturbador do rosto. Até ela achou estranho sorrir tanto, mas não conseguia parar. Em vez disso, ela sorriu para o homem, segurando punhados de lixo com as duas mãos. Então ela olhou para Chou-u.

“Chou-u, você pode ir para casa. Um dos criados deve vir buscá-lo em breve.” Ela presumiu que Ukyou, pensativo como era, apareceria para ver o que estava acontecendo agora que o sol havia se posto. Ele poderia pedir a alguém para substituí-lo no trabalho.

"O que? De jeito nenhum vou embora ainda!

“Você deve estar cansado. Pelo menos vá dormir até que alguém venha buscá-lo.”

“Sim, bem... Lave as mãos, Sardenta.” Ele não teve nenhuma resposta real, o que significa que estava cansado. Ele bocejou e entrou.

“Honestamente… O que você está fazendo?” , perguntou novamente o parceiro do pintor, observando Maomao de uma distância segura. Ele estava olhando para o lixo nas mãos dela.

“Posso falar com você por alguns minutos? Vou lavar minhas mãos primeiro.” Maomao largou o lixo e foi até o poço.

Maomao e o homem estavam novamente sentados na cozinha, Chou-u e o patrão dormiam no quarto ao lado. Eles falaram baixinho para não acordá-los.

“Sobre o que você queria conversar?”, o homem perguntou.

“Você sabe muito sobre cogumelos venenosos?” Maomao disse.

“Não posso dizer que pensei que era esse o rumo da discussão” , disse o homem, mas não conseguia olhar para ela.

Algumas coisas neste caso pareceram incomuns a Maomao. Por um lado, você esperaria que algo podre tivesse um gosto azedo. Claro, algumas coisas podem ficar amargas quando estragam, mas um sabor amargo não era suficiente para ter certeza de que você estava lidando com comida estragada. E se o gosto era ruim o suficiente para fazer os outros dois cuspirem, por que isso não incomodou o velho mestre?

Depois havia a questão de saber de onde vieram os bolinhos.

“Você sabia que existem certos cogumelos que ficam amargos quando crus, mas que o sabor desagradável desaparece quando são cozidos? Além do mais, esses cogumelos são venenosos – muitas vezes estão por trás de casos de intoxicação alimentar nesta época do ano.”

Este cogumelo em particular era frequentemente confundido com uma variedade comestível usada na culinária. A superfície era ligeiramente viscosa, o que combinava com a descrição de Chou-u, assim como com os cogumelos que Maomao observara no recheio dos bolinhos no lixo.

Se eles tivessem comprado a comida em uma barraca de rua ou algo assim, poderia ter havido um protesto público sobre isso – mas, de qualquer forma, ninguém continuaria comendo algo com um gosto realmente horrível.

Eles conseguiram a comida de alguém da vizinhança? Mas não se falava de pessoas com dores de estômago – alguém lhes teria contado se houvesse.

Nem a barraca de rua nem as explicações da vizinhança pareciam muito prováveis.

“Posso perguntar quem trouxe os bolinhos?” Maomao disse. Ela olhou para as pinturas de belas mulheres que pareciam adornar todas as paredes. Cada um parecia uma linda mulher imortal e cada um tinha características individuais distintas, sugerindo que o artista havia usado um modelo diferente para cada uma.

O prazo final para o trabalho que o artista estava fazendo agora se aproximava e, quando terminasse, o mestre alegou que partiria para o oeste. Este homem aqui estava tentando impedi-lo. Ele alegou ser um colega, mas não havia nada nele que realmente dissesse *artista* .

"O que você está tentando dizer? Foi apenas uma intoxicação alimentar” , disse o homem.

“Sim, certamente foi isso. Intoxicação alimentar causada por alguns cogumelos.”

Os bolinhos não estavam realmente podres, mas estavam envenenados, e estavam desde o início.

"Por que você fez isso?" Maomao perguntou. **“Por que você colocou veneno nos bolinhos? Por que você estava tão desesperado para fazer com que parecesse um acidente que até envolveu Chou-u?”**

"Eu não sei do que você está falando."

“Não tenho a impressão de que você pretendia matá-lo”, disse Maomao, e o homem não respondeu. **“Na verdade, acho que você sinceramente não quer que ele morra. Estou errada?"**

O homem ficou em silêncio por um momento, depois fechou os olhos e soltou um longo suspiro. **“O veneno provou ser mais potente do que eu esperava.”** Este homem era do tipo direto – isso parecia tão bom quanto uma confissão. **“Eu errei ao envolver o garoto nisso, mas se isso o salvou, estou feliz por ter feito isso.”**

Maomao não sabia o que ela teria feito se o homem fosse do tipo violento. Mas ele permaneceu calmo; mais do que tudo, ele parecia preocupado com o velho pintor. Em seu rosto havia uma combinação de alívio e arrependimento.

“Vejo como você está feliz por ele estar bem. Por que envenená-lo, então?” Maomao perguntou.

“Porque ele estava indo embora! Ele não quis calar a boca sobre sua viagem para o oeste, mas não pretende voltar!”

“Ele estava se mudando para lá permanentemente?”

"Sim. Ele está consumido pela ideia... de novo.”

O homem levantou-se da cadeira e foi para a sala ao lado. Ele olhou com amor para as pinturas montadas e depois foi para outro cômodo mais fundo da casa. Esta sala também tinha paredes cobertas de fotos de belas mulheres.

“Essas pinturas são impressionantes” , disse Maomao, semicerrando os olhos para elas. Ocorreu-lhe que se uma certa beleza elegante estivesse ali, ele

praticamente poderia ter se misturado perfeitamente. (Um pensamento irrelevante, se é que alguma vez existiu!) Ele provavelmente estava preso sob uma avalanche de trabalho no palácio agora. **“Ouvi dizer que há até comerciantes que querem colecionar seu trabalho. Se ele aceitasse comissões, provavelmente poderia ganhar uma vida confortável.”**

“Sim, mas ele não pode enviar a pintura até que esteja pronta.”

"E nesta jornada dele para o oeste, ele falou com você sobre isso?"

“Sim, mas ele insistiu que era apenas uma viagem. Acho que ele sentiu que tinha que mentir até para mim. Deve ser mentira, caso contrário, por que ele levaria os últimos seis meses para se preparar?”

Este homem queria apenas provocar uma intoxicação alimentar no artista – um motivo para adiar o prazo. Maomao, tendo sido praticamente arrastado para a capital ocidental, compreendeu que qualquer empreendimento ainda mais a oeste exigiria preparativos substanciais. Prova de identificação para atravessar a fronteira, uma caravana para levá-lo. Se você perdesse a oportunidade, praticamente teria que recomeçar do zero. Era isso que esse homem esperava que acontecesse.

“Argh... Isso é horrível. Achei que ele realmente poderia morrer.” O homem colocou a cabeça entre as mãos e murmurou: **“Por favor, não morra...”** Ele estava genuinamente profundamente preocupado.

“Você não poderia ter usado um veneno mais suave?”, perguntou Maomao, embora percebesse que poderia parecer estranho falar de qualquer veneno como sendo suave.

“Não, ele tem um estômago de ferro e uma constituição à altura”, disse o homem. Foi esse estômago infatigável que convenceu o artista de que qualquer coisa poderia ser comida se fosse bem cozinhada — e que convenceu este homem de que apenas um veneno bom e forte resolveria o problema.

É por isso que ele precisava de Chou-u, para fazer parecer que realmente era uma intoxicação alimentar. Com uma terceira pessoa para testemunhar que os bolinhos estavam estragados, ninguém suspeitaria de mais nada quando o pintor ficasse enjoado.

Maomao mal conseguia acreditar nisso. **"Por que você simplesmente não falou com ele, então?"**

"Eu fiz! Mais de uma vez. No começo ele nem me contou sobre seu plano."

Eventualmente, porém, o artista teve problemas ao tentar organizar tudo o que precisava para sua viagem e recorreu a esse homem em busca de ajuda. Mesmo assim, ele permaneceu calado sobre sua intenção de se mudar.

Este homem afirmava ser pintor, mas na verdade era apenas um assistente no trabalho do mestre. Ele misturava tintas, comprava pigmentos e encontrava comerciantes que desejassem adquirir as pinturas do mestre.

"Eu sou pouco mais que um serviçal. Sem o mestre, não sou capaz de fazer nada!"

"Você realmente acredita nisso?" Maomao perguntou.

O mestre era certamente um pintor talentoso, mas como ser humano parecia estar faltando alguma coisa - e pessoas assim tendiam a acabar mortas em algum campo em algum lugar em pouco tempo. Eles precisavam de assistentes como este.

"Aprendi coisas conversando com tantos comerciantes e tentei contar a ele sobre elas", disse o homem. Ele tinha ouvido falar que coisas estranhas estavam acontecendo no oeste – que ainda eram apenas antecipações, mas se os rumores fossem verdadeiros, seria melhor manter a cabeça baixa por enquanto. **"Mas ele insistiu que, se fosse esse o caso, ele teria que ir – que era agora ou nunca."**

Em vez de ser dissuadido de ir para oeste, o mestre redobrou os preparativos. Ele já havia se encontrado com o líder de uma caravana, então não havia como esse homem intervir naquela direção.

Na sala escura havia uma grande tela coberta com um lençol branco.

“Ele já havia desistido da ideia de ir antes, mas então viu essa linda senhora e isso inspirou novamente suas paixões.” O homem puxou o pano para o lado.

Os olhos de Maomao se arregalaram. **"Mas isso é..."**

“Uma mulher muito parecida com a imortal que ele encontrou no oeste”, diz ele. Essa não é ela, mas ela se parecia tanto com a outra mulher que as memórias voltaram à sua mente. *Acho que não o culpo. Como você pode esquecer alguém assim?*

É disso que se trata? Maomao pensou, suor frio escorrendo pelo pescoço.

“O mestre disse que ela era uma sacerdotisa que ele viu em Shaoh”, explicou o homem.

A pintura retratava uma mulher de cabelos brancos e olhos vermelhos.

Capítulo 11: A Xamã Dançante da Água

Por que estou fazendo isso? Maomao perguntou a si mesma, fazendo beicinho enquanto preparava o pacote embrulhado em pano. Era o tipo de coisa que ela usava para comprar ervas medicinais. Afinal, ela não cultivou e colheu tudo sozinha. Às vezes ela procurava um especialista, da mesma forma que alguém comprava mochi em um lugar que só fazia bolinhos de arroz.

Maomao procurou Sazen e encontrou-o varrendo indiferentemente o hall de entrada da Casa Verdete. Ele dormiu vários dias depois que Maomao chegou em casa, mas quando começou a parecer mais saudável, a senhora começou a trabalhar mais com ele novamente, e enquanto isso Maomao o obrigava a estudar o trabalho de apotecário nas horas vagas.

“Você poderia cuidar da loja para mim? Só estou indo para a próxima aldeia; Voltarei essa noite”, disse ela, inclinando-se para fora da janela.

Sazen se encolheu e apoiou o queixo na ponta da vassoura. **"É isso que você quer dizer? E vigiar a loja é tudo o que tenho que fazer?”** Sob a tutela implacável de Maomao, Sazen tornou-se um trabalhador bastante competente, mas parecia que ainda estava receoso de ter de assumir o cargo por muito tempo.

“Retire todas as ervas penduradas no teto que secaram e polvilhe-as. Preserve-as como sempre fazemos.”

"Sim, claro." Sazen encostou a vassoura na parede, depois enfiou a mão por baixo da camisa e coçou a barriga, o que Maomao recompensou com um olhar furioso. Ela podia ver a sujeira entrando em suas unhas.

“E certifique-se de lavar as mãos”, acrescentou ela.

“Não precisa me dizer duas vezes.”

“Debaixo das unhas também!”

Sim, Sazen estudava rápido, mas precisava de um pouco mais de interesse em higiene. Muitos de seus clientes reclamariam se ele não estivesse. Maomao teria que continuar lembrando-o.

Será que ainda chego a tempo para a carruagem compartilhada?, pensou ela. Alugar uma carruagem só para si era caro. Porém, as carruagens chegavam à capital várias vezes por dia para entregar provisões e, como descarregavam a carga aqui, tinham espaço para servir como transporte compartilhado na viagem de volta. Demorava e era a maneira mais desconfortável de viajar, mas tinha uma vantagem inquestionável: era barato.

“Você vai a algum lugar, Sardenta?” Chou-u perguntou, revelando os dentes da frente que estavam começando a crescer novamente. Sua leal capanga Zulin estava ao lado dele. Maomao lançou-lhes um olhar azedo, depois passou pelas crianças e saiu da farmácia. **"Ei, você está indo para algum lugar, não é?"** Chou-u gritou atrás dela. **“É o mercado? Se você for fazer compras, eu também quero ir!”**

Ele agarrou Maomao, a gata, que estava dormindo no saguão, e usou a pata dela para cutucar Maomao, a humana, em um gesto de *leve-me*, *leve-me* . **“Miaw!”** a gata objetou.

“Vou para a floresta”, disse Maomao finalmente. **“É um lugar chato no meio do nada.”**

"O bosque! Eu quero ir para a floresta! Leve-me! Leve-me! Leve-me!" A cutucada da gata tornou-se uma verdadeira bofetada. A felina Maomao não ficou mais feliz com isso do que a humana, chutando as pernas até se libertar das garras de Chou-u.

Em vez disso, Chou-u se jogou no chão. Maomao teria pensado que uma criança já teria superado esses acessos de raiva aos dez anos de idade, mas talvez sua educação mimada o tivesse deixado para trás na maturidade. Ele parecia à frente de sua idade em alguns aspectos; Maomao só podia lamentar que este não fosse um deles. Zulin estava se preparando para imitar seu “chefe”, mas Maomao a agarrou pelo colarinho e a endireitou antes que ela pudesse cair no chão.

“Vou denunciá-la à senhora”, avisou Maomao, momento em que Zulin congelou e balançou a cabeça vigorosamente. Evidentemente, seu coração não estava em

crise; ela estava apenas seguindo Chou-u.

“Que barulho é esse?” A senhora apareceu, parecendo cansada. Zulin se encolheu.

“Vou buscar algumas ervas. Ele só iria atrapalhar meu caminho, e você sabe disso.” Ela apontou para Chou-u, que ainda rolava no chão.

A senhora semicerrou os olhos para Chou-u, depois soltou um suspiro exasperado e disse: **"Ah, leve-o já."**

"O que?" Maomao perguntou, sua infelicidade estampada em seu rosto. Ela tinha certeza de que a senhora, uma mulher eminentemente prática, veria que não havia razão para trazer um pirralho problemático em uma viagem de trabalho.

"O que? Sem chance! Você está falando sério, vovó?” Chou-u levantou-se triunfantemente.

Zulin começou a pular para cima e para baixo imitando, mas a senhora a segurou com a mão na cabeça. **"Você não."** A cabeça de Zulin caiu em decepção. Ao contrário de Chou-u, que parecia receber tratamento especial a cada passo, ela era uma aprendiz. Se ela pudesse ir com Maomao e Chou-u, seria um mau exemplo para as outras estagiárias. Zulin tinha sido essencialmente um bônus que veio com sua irmã mais velha, mas se ela não provasse que poderia fazer algo para ganhar dinheiro, certamente seria desviada diretamente para o trabalho de cortesã.

Chou-u deu um tapinha nas costas de sua capanga desanimada. **“Não se preocupe, com certeza trarei uma lembrança para você!”**

“E quem vai pagar por esta lembrança?” Maomao interrompeu imediatamente.

Chou-u a ignorou, em vez disso continuou com Zulin: **“Você poderá sair um dia. Apenas aguente firme – eu eventualmente comprarei sua parte!”**

Maomao quase engasgou. Onde ele aprendeu a falar assim? E ele sabia que a maioria dos clientes que diziam esse tipo de coisa eram indolentes e inúteis?

A senhora, ignorando o garoto tagarela, cutucou Maomao.

“E por que estou levando ele, exatamente?” Maomao rosnou para ela.

A senhora enfiou a mão na gola e coçou a clavícula. **“Você ficou fora por um tempo lá. Você sabe como Chou-u agia enquanto você estava fora?”**

Bem, é claro que ela não sabia. Provavelmente gritando e brincando, como sempre fazia. Ele era muito próximo de Ukyou, o criado; ele poderia se dar bem sem Maomao.

“Acredite ou não, ele estava deprimido”, disse a senhora. **"Pense nisso. O menino chega aqui sem pais e aí até você o abandona. Qualquer um ficaria chateado.”**

“Não é o que eu esperava ouvir de uma senhora monstruosa que compraria de bom grado uma menina de um procurador”, respondeu Maomao, com sarcasmo espesso em sua voz. Até Luomen a adotar, ela foi deixada sozinha em um quarto, ignorada por mais que chorasse. E quando a criança Maomao percebeu que chorar nunca a levava a lugar nenhum, ela parou de chorar. Talvez essa fosse uma das razões pelas quais sua expressão emocional parecia tão moderada.

Ela não se ressentiu especificamente de ninguém por isso; aliás, ela não se lembrava disso pessoalmente. A mulher que a deu à luz tinha trabalho a fazer, assim como Pairin, que foi quem lhe deu leite. Na altura, a Casa Verdete estava à beira do colapso e Maomao tinha sido objeto de alguma raiva. Ela se considerava sortuda por ninguém simplesmente tê-la estrangulado.

“Se elas estão sendo vendidas por um comprador, então o destino delas já está decidido. É o carma dos pais delas e não é problema meu. Mas eu as crio e as educo para que possam fazer um trabalho útil – você não acha que isso é muito gentil da minha parte? Lembre-se, se elas crescerem e se tornarem idiotas que não podem fazer nada, elas não vão ficar aqui.”

“E quanto a Chou-u?”

“Descobrir o que fazer com ele é problema seu. Só estou de olho nele para ter certeza de que não morra. Afinal, sou paga pelos meus problemas.”

Uh-huh. Maomao se perguntou solenemente o quanto a senhora estava ganhando com isso.

“Quanto ao seu transporte, você pode pular o transporte compartilhado. Vou providenciar um para você. Você deveria estar grata” , disse a senhora.

“Puxa, muito generoso da sua parte. Não estou pagando passagem, você sabe.”

“Vai ajudar a cobrir as batatas”, respondeu a senhora, dirigindo-se então para a sala dos criados. Maomao observou-a partir, inclinando a cabeça, perplexa.

Eu realmente não quero levá-lo , ela pensou. Ela estava indo para um lugar que o homem havia descrito para ela na noite passada. Maomao fez com que ele contasse o que sabia sobre a mulher da foto – onde o "mestre" de Chou-u tinha visto essa mulher de cabelos brancos e olhos vermelhos. Ela também estava curiosa sobre a história do encontro do pintor com outra mulher em Shaoh, tantos anos atrás, mas por enquanto ela tinha outras coisas em mente.

Há mais de seis meses o pintor viu a mulher numa aldeia onde foi buscar pigmentos. Ele afirmou que ela realmente parecia uma imortal.

"Ele disse que ela dançou na água" , dissera o homem a Maomao. A cena era tão estranha que o pintor pensou que devia tê-la sonhado, em parte porque acabou no lago completamente bêbado. Ele coletou seus pigmentos, mas já era tarde, então ele passou a noite na aldeia. Antes que ele percebesse, já era de manhã e ele estava dormindo em um galpão próximo.

A essa altura, o mestre teve certeza de que aquilo não era um sonho. Isso o lembrou da mulher que ele tinha visto há muito tempo, e ele pareceu interpretar isso como uma espécie de sinal. Foi então que começou sua conversa ridícula sobre mudar para o oeste.

Maomao conhecia a aldeia para onde o pintor tinha ido; ela esteve lá várias vezes para comprar remédios. A desculpa perfeita para ela ir lá novamente. Ela lançou mais um olhar furioso para Chou-u e suspirou.

Depois de uma hora saltando e chacoalhando na carruagem, eles chegaram a uma aldeia perto de uma floresta. Ficava ao longo de um rio e lembrava-lhe em espírito a cidade natal do charlatão. Produzia principalmente arroz e vegetais, e os arrozais recém-plantados refletiam o céu como espelhos gigantes.

"Uau!" Chou-u exclamou, inclinando-se para fora da carruagem e observando a paisagem passar. Aquela não era uma daquelas carruagens sofisticadas como as da nobreza; era mais uma carroça – não havia cortinas nem coberturas; havia até capas de chuva guardadas a bordo para o caso de começar a chover.

"Cuidado, Chou-u, não se incline muito. Não venha chorar comigo se você cair", gritou Ukyou, que estava sentado no banco do motorista. A senhora cumpriu sua palavra – ela alugou uma carruagem, mas obrigou Ukyou a dirigi-la.

Qual é a história aqui? Maomao se perguntou, olhando para Ukyou com certo aborrecimento. Não que ela tivesse algum problema específico com o atencioso criado-chefe, mas algo a incomodava enquanto observava os campos passarem. Os

arrozais eram realmente impressionantes nesta época do ano. O céu estava azul sem nenhum sinal de chuva. A terra parecia tão safira quanto o céu, e havia algo misterioso e intrigante no mundo vestido de azul.

Chou-u puxou a manga de Maomao. **“Ei, Sardenta. O que é aquilo?"**

Ele apontou para algumas pequenas colinas de areia; em cada uma havia uma vara conectada entre si por uma trança de corda torcida. Elas pareciam estar à beira do rio que corria ao lado dos arrozais.

“Acho que a intenção é delimitar o espaço sagrado”, disse Maomao. Ela mesma não sabia muito sobre isso, mas sabia que tinha algo a ver com algum tipo de religião popular. Era para criar uma barreira para impedir a entrada de coisas ruins. Mas o formato da corda era um pouco incomum — talvez uma variação local da superstição.

Então, porém, Maomao se inclinou para ver melhor. *Huh?* A corda realmente não se parecia em nada com as outras vezes que ela as viu. Ela achava que costumavam ser mais simples, mas este ano a corda estava mais torcida do que o normal, e tiras de papel branco foram tecidas nela. Pareceu-lhe um pouco mais sofisticado do que antes, mas ela também sabia que não se muda a forma dos objetos de culto por capricho.

“Chegamos”, disse Ukyou. Maomao desceu da carruagem e olhou para a floresta. **“Vou passear pela vila,”** Ukyou os informou, apontando para o que parecia ser o único lugar na cidade para se refrescar. Eles provavelmente tinham pelo menos um pouco de luar em mãos. **“O que você quer fazer, Chou-u?”**

“Hmm...” Chou-u olhou para frente e para trás entre Maomao e Ukyou, depois trotou até Maomao.

Ukyou riu. **“Acho que vou tomar uma rodada, então.”** Ele se dirigiu ao estabelecimento de bebidas.

Chou-u estava segurando o manto de Maomao por algum motivo. Ela estava com medo de que ele arrancasse seu cinto, então pegou a mão dele e puxou-o em direção à casa do chefe da aldeia.

“Este lugar com certeza está vazio”, disse Chou-u após um momento de silêncio. Era verdade — não havia realmente nada ali —, mas também não havia necessidade de dizer isso em voz alta, e Maomao deu-lhe uma pancada na cabeça.

Dirigiram-se para a última casa da aldeia, um lugar em ruínas com legumes pendurados nos beirais. Provavelmente os estavam secando para preservá-los - uma boa ideia, mas nesta época do ano era preciso ter cuidado ou o mofo começaria a crescer nos vegetais antes que você percebesse. Ao lado dos vegetais havia uma corda trançada, como uma versão menor daquela que tinham visto antes.

Maomao calculou que já se passaram três anos desde a última vez que ela esteve aqui. O seu serviço no palácio interno manteve-a afastada durante muito tempo e ela esperava que o chefe da aldeia ainda se lembrasse dela.

"Olá?", ela chamou, batendo na porta. Chou-u imitou-a com um baque sólido, e Maomao abaixou a cabeça com raiva, no momento em que uma jovem emergiu de dentro.

"Sim? Quem é esse?" a mulher disse. Ela era muito bonita para alguém tão distante do país e estava vestida com uma roupa que parecia simples, mas durável.

“Eu gostaria de ver o chefe, se me permite. Diga-lhe que a discípula de Luomen, o apotecário, está aqui”, disse Maomao, identificando-se não pelo seu próprio nome, mas pelo do pai. A maioria das pessoas dificilmente acreditaria nela se ela afirmasse ser apotecária. Ficar alguns anos mais velha poderia ajudar nisso, mas Maomao sentiu que não tinha motivos para se gabar de ser apotecária, então optou por um nome que o chefe provavelmente reconheceria.

A jovem entrou em casa e apareceu um homem de meia-idade – o filho do chefe, como Maomao se lembrava. Ele também deve ter se lembrado dela, pois disse: **“Ah, sim”** , e assentiu. **“Receio que meu pai tenha pegado um forte resfriado no ano passado...”**

E morreu disso, infelizmente.

“Entendo”, disse Maomao. Longe dela ridicularizá-lo, dizer que era apenas um resfriado. Se não for controlado, um resfriado pode piorar rapidamente e se transformar em pneumonia. Ela se lembrava de que o ex-chefe da aldeia nunca tomava remédios – ele era uma personalidade gregária que gostava de dizer que tudo pode ser curado com uma boa bebida e um bom sono. A sua filosofia fez dele um mau cliente, mas mesmo assim Maomao nunca desgostou dele.

“Eu insisti que ele deveria consultar um médico, mas... bem, agora é um ponto discutível”, disse o filho. **“Então desculpe. Isso é sentimento suficiente. Você está aqui para ir para a floresta?”**

"Sim, senhor." Maomao deu-lhe o valor que ela sempre pagava, mas ele balançou a cabeça.

"Mantenha. É melhor você entrar lá antes que o sol se ponha."

"Estou certamente grata, senhor..." Maomao não pôde deixar de se perguntar o que havia inspirado essa mudança de opinião.

Ela estava prestes a colocar as moedas de volta nas dobras do roupão, mas Chou-u estendeu a mão. **"Sardenta! Você deveria usar isso para me comprar doces! Vamos, faça isso!"**

"Você tem sua própria renda", disse ela, guardando as moedas em segurança onde elas pertenciam e virando-se em direção à floresta.

"Muitas cobras nesta época do ano. Tenha cuidado" , disse o novo chefe.

"Claro, eu sei disso. E eles são ingredientes excelentes."

"Essas cobras não", respondeu o chefe, apertando entre os dedos a corda que pendia do beiral. Quando Maomao olhou mais de perto, viu que cada ponta da corda tinha um formato um pouco diferente. Estreitou-se em uma extremidade, enquanto na outra ficou mais grosso e a extremidade foi dividida. Quase a lembrou de uma cobra. Na verdade, parecia muito familiar. **"Se você matar uma cobra, os aldeões poderão atacá-la",** disse o chefe.

"Me atacar? Mas que diabos?" A ideia era praticamente incompreensível para Maomao, cujo primeiro pensamento ao ver uma cobra era geralmente o quão saborosa ela seria grelhada com uma bela cobertura de molho de soja. Aliás, uma vez, quando ela capturou várias cobras ali, eles realmente lhe agradeceram por cuidar das pragas.

O novo chefe deu-lhe um sorriso cansado. **"Foi o último testamento do meu pai, você vê. Pouco antes de morrer, quando estava muito fraco, ele convocou um xamã."**

Ele deveria ter chamado um médico!

Esse xamã havia dado ao ex-cacique um incenso que aliviaria sua dor, mas em troca foi instruído a disseminar um ensinamento na aldeia. Maomao percebeu que era daí que deviam ter vindo as cordas "sagradas" incomuns.

"Veja, há muito tempo, um deus cobra costumava ser adorado por aqui. Esse foi o raciocínio" , disse o atual chefe, ainda sorrindo timidamente. Sua expressão

sugeria que não se poderia contestar uma fé antiga, mas seu sorriso era tenso.

“O que você faz com as cobras venenosas, então?” Maomao perguntou. As víboras eram o inimigo natural do agricultor. Se uma delas mordesse uma pessoa, eles estavam praticamente perdidos.

Ainda com aquele sorriso tenso, o chefe sussurrou: **“Eu as tenho matado, secretamente. Sei que alguns fiéis não aprovariam, mas o que devo fazer?”** O chefe tinha as aparências para manter. A jovem, provavelmente sua esposa, observava os visitantes. Não seria bom ver o marido tendo uma conversa particular bem na sua frente.

Maomao tinha a permissão que queria, então ela não tinha mais nada a fazer aqui. Ela decidiu que era hora de desaparecer.

“Vamos, vamos”, disse ela.

"Sim!" Chou-u disse.

“Ah, há mais uma coisa que você deveria saber”, disse o chefe. **“Não são apenas cobras – aparentemente, os pássaros também estão fora dos limites. Não que você provavelmente consiga pegar um sem arco e flecha.”**

“Esse xamã parece muito exigente. Você não poderia nem abater uma galinha com uma regra como essa.”

“A proibição é apenas para pássaros voando.”

Maomao abriu as mãos e encolheu os ombros – isso não fazia sentido para ela. Em vez disso, ela foi para a floresta, com Chou-u logo atrás dela.

○●○

“Você ainda não terminou, Sardenta?” Chou-u perguntou, sentado em um toco com as pernas balançando.

É por isso que eu não o queria aqui.

Pirralhos como ele ficaram entediados tão rapidamente. A viagem foi muito boa, mas era óbvio que Chou-u se tornaria um peso morto mais cedo ou mais tarde. Maomao tinha certeza de que a velha a havia obrigado a levá-lo consigo para que o ratinho não atrapalhasse o trabalho dos criados. *Solitário, minha bunda!*

Maomao ignorou a tagarelice de Chou-u e, em vez disso, cortou um pouco de grama que crescia perto da raiz de uma árvore – isso era incomum e ela não resistiu em agarrá-las. Ela só precisava dos botões frescos, mas se preocuparia com os detalhes mais tarde.

“Ei! Sardenta!"

"Feche o bico. Foi você quem quis vir junto”, disse Maomao enquanto colocava algumas ervas em sua bolsa.

Chou-u apoiou-se nas mãos e se inclinou para frente, olhando para Maomao com aborrecimento. **"Mas estou cansado!"**

Eles não tinham caminhado muito, mas com a grama alta e as folhas caídas, o passo era difícil. Seria cansativo para Chou-u, que ainda estava parcialmente paralisado. É justo - mas Maomao não estava disposta a lhe dar nenhuma folga por isso. Se ela pegasse leve com ele agora, ele esperaria que ela fizesse isso o tempo todo.

“Espere aí, então”, disse ela. **“Estou indo mais longe.”**

"O que? Sem chance!" Chou-u deixou a boca aberta para mostrar seu aborrecimento. **"Você vai me deixar aqui?"**

"Você disse que estava cansado."

“Ukyou me daria uma carona nas costas!”

“Desculpe, mas você é muito pesado para mim. Veja você." Maomao prontamente começou. Chou-u fez uma careta e saltou do tronco. Ele preferia estar com as pessoas, como a senhora descreveu. Quando ele estava no distrito do prazer, frequentemente era encontrado com os criados ou as meninas.

A floresta estava sombria por causa da vegetação densa, e ele ouviu um som vibrante como o de asas batendo. Foi acompanhado por um *hoo, hoo* – talvez fosse um pombo?

"Estou chegando! Já estou indo, só não me deixe aqui!” Chou-u gritou e foi atrás de Maomao, arrastando sua perna. Maomao, mantendo um olhar frio sobre ele, continuou em direção à floresta.

O lugar estava cheio de árvores diferentes. Muitos eram de folhas largas; o local devia estar repleto de nozes e frutas vermelhas no outono. As florestas de coníferas

eram melhores para fazer papel, mas em Li a maioria desses locais estava localizada no norte.

Enquanto ela avançava, Maomao avistou uma framboesa e colocou-a na boca. Chou-u encontrou outra e copiou-a, o que foi bom, exceto que deixou sua boca pegajosa e vermelha. Maomao engoliu o aborrecimento e enxugou os lábios, sabendo que se os limpasse na manga a cor nunca sairia.

A cada framboesa que comia, Chou-u sorria com tristeza. **“Essas são azedas”,** ele anunciou.

“Isso porque ainda não estão maduras”, disse Maomao.

Evidentemente, isso não iria impedi-lo de comê-las. **“Ei, Sardenta! Você pode comer esses cogumelos?”** ele perguntou, apontando para alguns pequenos fungos crescendo em um tronco de árvore ressecado. **“Eles são comestíveis?”**

“Eles não são muito bons, infelizmente. E eles nem são venenosos.” Por outras palavras, não interessavam a Maomao. Os ombros de Chou-u caíram desapontados.

Eles pareciam alegres, mas Maomao não tinha esquecido por que ela estava aqui. Eventualmente ela encontrou um pântano (no caminho onde ela descobriu alguns fungos de braquetes, o que a deixou muito feliz). Taboas cresceram ao longo das margens. O pólen dessas plantas, conhecido como *puhuang* , tinha propriedades medicinais e podia ser usado para auxiliar na coagulação e como diurético.

Havia uma ilha no meio do pântano e, enquanto isso, uma série de postes e cordas sagradas foram instaladas na fronteira entre as árvores e o pântano, pois há muito se dizia que lugares com água eram portais para o outro mundo. Isso também pode explicar por que havia um pequeno santuário na ilha do lago. O senhor do lago morava lá; Maomao tinha ouvido falar que ela tinha a forma de uma grande cobra.

Havia uma cabana na beira do pântano para a pessoa encarregada de cuidar do santuário, e era para lá que Maomao e Chou-u se dirigiam. A cabana foi construída sobre palafitas, para mantê-la afastada da água quando chovia forte – mas nos últimos anos o pântano começou a recuar; marcas podiam ser vistas nas palafitas onde a água estava. Maomao tinha ouvido falar que mesmo o local onde ficava esta pequena casa já fizera parte do pântano, o que poderia explicar por que o solo era macio, lamacento e difícil de atravessar. Aproveitaram uma sucessão de degraus para facilitar a viagem.

Ao lado da cabana havia uma estrutura ainda menor, de onde se ouvia arrulhar – pombos, suspeitava Maomao. A princípio ela pensou que talvez eles estivessem sendo guardados para alimentação, mas então se lembrou do que o chefe havia dito: se fosse para acreditar em suas palavras, era proibido comê-los. Nesse caso, talvez fossem animais de estimação.

Chou-u estava inspecionando as marcas de maré alta com interesse. Maomao subiu as escadas que levavam à cabana e espiou lá dentro. A pessoa que estava lá dentro também a notou, pois um velho peludo logo saiu da casa. Maomao já havia lidado com ele antes e parecia se lembrar dela também.

“Faz muito tempo que não vejo você. Pensei que talvez você tivesse ido para algum lugar e se casado”, disse o velho.

"Desculpe, ainda não."

“E, no entanto, esse é o jovem que você tem aí!”

O velho não ficou mais delicado ou civilizado enquanto ela estava fora, Maomao percebeu. Ele era um velho conhecido do pai adotivo de Maomao, Luomen; eles haviam sido médicos juntos uma vez na capital, há muito tempo. Aquele homem deveria ser bastante habilidoso, mas sua personalidade um tanto heterodoxa, combinada com uma tendência misantrópica, agora o fazia viver uma vida de eremita aqui no interior. Ele alegou que passava seu tempo colhendo ervas e cuidando do santuário, mas suas funções não pareciam se estender muito. Não havia nenhum barco na água, sugerindo que ele não ia muito à ilha.

Eles entraram, onde o velho pegou algumas ervas secas da parede e as colocou sobre sua mesa rústica. **"Aqui. Pegue o que você precisa, mas o que você vê é o que eu tenho.”**

Quando Maomao precisava de uma erva fora de época, ou de alguma planta incomum, era mais rápido comprá-la desse velho. Ele até comia *puhuang* , colocado sobre uma esteira feita de folhas de taboa.

O homem sentou-se numa cadeira com um *“Hup!”* e se inclinou para frente. Maomao tinha ouvido falar que ele era mais de dez anos mais velho que Luomen – e ele não tinha ficado mais jovem nos três anos desde que ela o viu pela última vez. Ele ainda sabia como secar ervas, e com boa qualidade. Em boas quantidades também, apesar da velhice.

“Estou impressionado que você tenha conseguido reunir tanto” , disse Maomao. **“Fiquei feliz em descobrir que você não ficou senil.”**

“Ahh, as solteironas sempre têm as línguas mais afiadas.”

“Não é pior que a sua”, respondeu Maomao, arrancando uma gargalhada de Chou-u. Ela olhou para ele enquanto embrulhava as ervas que precisava em um pano.

“Não é tão surpreendente. Tive ajuda ultimamente” , disse o velho.

“O quê, um dos pirralhos da aldeia? Um trabalho muito bom para uma criança.” Maomao olhou deliberadamente para Chou-u ao dizer isso; ele esticou o lábio para ela em gesto de *quê?*

“Não, não. Alguém que encontrei na capital um tempo atrás. Muito capaz. Olha, falando do diabo...”

Eles ouviram passos subindo as escadas. **“Ei, vovô! Eu consegui as coisas que você queria! Huh? Convidados?"**

A voz do recém-chegado era alegre — e familiar. Entrou um jovem com um saco balançando em uma das mãos e um lenço enrolado como curativo em volta de um olho.

É por isso que reconheço essa voz!

Era Kokuyou, o homem com marcas de varíola que, pelo que Maomao sabia, procurava trabalho na capital.

○●○

“Mas você não sabe, todo mundo disse que não queria um médico com uma cara tão assustadora!” Kokuyou disse, soando, como sempre, como se a cascata de seus infortúnios simplesmente tivesse rolado de suas costas. Assim que viu Maomao, o homem volúvel começou a conversar.

"Eles se conhecem?" Vovô perguntou, ao que Chou-u respondeu: **“Ela praticamente coleciona caras estranhos como ele”.**

Resumindo, ao chegar à capital, Kokuyou foi de clínica em clínica, procurando um lugar para iniciar sua prática médica. A cada vez, eles perguntavam sobre o tapa-olho e, como um idiota, ele dava uma resposta direta e mostrava suas cicatrizes. Os médicos ignorantes expulsaram-no, aconselhando-o a nunca mais voltar, sob pena

de lhes transmitir a sua doença. Os médicos menos ignorantes compreenderam que a doença já não era contagiosa, mas até um médico acabava por gerir um negócio. Eles não tinham nenhum motivo convincente para contratar um homem de aparência evasiva e tapa-olho.

Vovô estava chicoteando seus velhos ossos até a cidade para entregar algumas ervas que um médico havia encomendado a ele, e aconteceu que naquele exato momento Kokuyou estava sendo expulso da mesma clínica. Vovô pode ter sido um misantropo, mas tinha olho para talentos médicos. À medida que a idade o desacelerou gradualmente, ele começou a pensar em encontrar um ajudante. Ele questionou Kokuyou sobre seus conhecimentos médicos e ficou surpreso ao descobrir que o homem sabia mais do que o vovô esperava – e então aqui estava ele. Um homem com tapa-olho chamaria menos a atenção aqui do que na capital e, de qualquer forma, o médico idoso explicara as coisas ao chefe da aldeia.

“Hahaha! A vida com certeza pode ser difícil, não é? Mas de qualquer forma, pelo menos eu posso comer!”

Vovô conseguiu um bom ajudante, e Kokuyou... bem, ele era Kokuyou. Ambos pareciam bastante felizes.

Se eu tivesse percebido, talvez tivesse pedido que ele se juntasse a mim , Maomao pensou com uma pontada de pesar, mas não podia voltar no tempo. Mesmo que ela o tivesse trazido para a loja com ela, a senhora só o teria feito trabalhar como um cachorro, como fez com Luomen. Talvez Kokuyou estivesse melhor aqui. Além disso, Sazen estava finalmente começando a se recuperar e Maomao não queria prejudicar sua confiança.

Kokuyou colocou suas ervas na mesa. **“Fresco da floresta!”** Ele sorriu.

Chou-u olhou para ele, depois fez uma cara de esquilo particularmente idiota e estendeu a mão. **“O que há sob o tapa-olho, senhor?”**

"Você quer ver?" Kokuyou disse, e então com uma palavra de advertência (**“É muito nojento!”**), ele levantou o tapa-olho.

“Ah, eca!” Chou-u exclamou (educação não era seu forte) e deu um tapa no ombro de Kokuyou. **“Que pena para você, senhor. Você poderia ter sido muito popular entre as clientes, se não fosse por... isso.”**

"Você diz isso! E aqui gosto de pensar que sou bom com as pessoas”, respondeu Kokuyou.

“Nossas garotas também podem ter gostado do seu rosto! Que pena.”

Nossas meninas. Legal, pensou Maomao, mas, fora isso, ela ignorou a conversa deles e, em vez disso, deu uma olhada avaliativa nas ervas. Ela semicerrou os olhos para uma delas, uma folha grande que ela não reconheceu. **"O que é isso?",** ela perguntou.

Kokuyou parou de brincar com Chou-u por tempo suficiente para dizer: **“Isso é uma folha de ‘incenso’”.**

Uma folha de incenso – em outras palavras, tabaco. A senhora e as prostitutas adoravam fumar, mas surpreendentemente, a prática não tinha pegado a maior parte das pessoas comuns. Certa vez, Maomao consertou um cachimbo danificado e tentou devolvê-lo ao dono, pois ela simplesmente presumiu que devia ser importante para ele.

O tabaco era um artigo de luxo; era o vício que manteve a senhora mesquinha fumando. Luomen informou a Maomao que fumar demais fazia mal à saúde. De qualquer forma, pelo que Maomao sabia, as folhas eram geralmente importadas e ela só as tinha visto em estado pulverizado, por isso não reconheceu a planta quando a viu.

“Na verdade, elas não são tão difíceis de cultivar” , interrompeu o velho.

"Oh?" , perguntou Maomao, estudando a folha com grande interesse. Ela estava pensando que, se conseguisse fazer com que isso crescesse no jardim deles, poderia ser um negócio paralelo lucrativo. Ela duvidava, porém, que esses dois simplesmente cuspissem algumas sementes para ela. Ela poderia pelo menos conseguir que compartilhassem algumas das folhas, mas questionou a sabedoria de consolidar ainda mais o hábito de fumar entre as cortesãs, fornecendo-lhes uma fonte barata de tabaco.

Não faria mal apenas apresentar a ideia, ela imaginou. Ela perguntou: **“Por quanto você venderia isso?”**

“Eles não estão à venda” , disse o velho, pegando as folhas e juntando várias delas antes de pendurá-las sob o beiral.

Para uso próprio? Maomao se perguntou. Mas ela não tinha visto nenhuma parafernália para fumar em casa e nunca tinha visto o velho fumando.

Como se respondesse à pergunta tácita de Maomao, o velho pegou um pote do chão e colocou-o sobre a mesa. Ele abriu a tampa e um odor característico saiu.

“Caramba, vovô, isso fede!” Chou-u disse, tapando dramaticamente o nariz. Isso não o impediu de espiar lá dentro, onde descobriu um líquido marrom. **"Você não vai nos pedir para... beber isso, vai?"**

“Não, e é melhor não. Isso mataria você. Tem folhas de incenso embebidas.”

"Eca! Por que você teria algo assim por perto?” Chou-u perguntou, sentando-se em uma caixa de madeira no chão.

“Nós usamos isso para manter as cobras afastadas” , disse o velho.

Maomao bateu palmas: as folhas de tabaco eram venenosas se comidas, e ela sabia que a toxina afetava os insetos. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que também poderia funcionar com cobras. Insetos eram uma coisa, mas cobras ela sempre tentava pegar — ela nunca teria pensado em tentar afastá-las.

“É o melhor que podemos fazer com toda essa bobagem de não matar cobras. Temos que ter cuidado – não queremos causar problemas. Mas também não queremos ser mordidos enquanto estamos colhendo legumes, e ainda por cima eu crio pombos.”

O velho estava praticamente espumando; Kokuyou manteve um sorriso enquanto preparava o chá. Os olhos de Chou-u brilharam quando ele viu pães cozidos no vapor emergirem do armário.

“Ninguém deu a mínima para este santuário por décadas! Agora eles não vão calar a boca sobre o aparecimento de algum mensageiro do deus cobra. É um pouco tarde para eles – a ponte para a ilha está boa e quebrada”, disse o velho.

“Hahaha! Os xamãs são os piores, não são?” Kokuyou concordou alegremente. Houve, talvez, apenas uma pitada de animosidade pessoal em sua alegria?

Enquanto isso, Maomao se perguntou sobre algo. Última vontade e testamento do chefe da aldeia anterior ou não, ela questionou se alguém em uma pequena aldeia como esta estaria realmente hesitante em matar uma cobra. Foi realmente porque uma divindade cobra já foi adorada aqui?

“Esse xamã era realmente tão persuasivo?” , ela perguntou friamente.

Vovô bufou. **“Ah! Engraçado você perguntar. Os verdadeiramente fiéis dizem que *ela* mudou de forma.”**

“Mudou de forma?” Maomao já tinha ouvido falar de raposas se transformando, mas uma cobra?

Não é suficiente que as raposas possam fazer isso?

Ela deu-lhes um olhar confuso. Kokuyou abriu a janela da cabana e Maomao descobriu que conseguia ver o pântano e o santuário. Vovô olhou pela janela e coçou a barba desgrenhada. **“Eu não vi isso sozinho. Mas eles reivindicam a xamã...”**

Eles alegaram que a xamã dançou pela superfície da água para chegar ao santuário.

Isso tem que ser...

“Foi dito que isso provava que a xamã era a mensageiro do deus.”

E aí está… a coisa mais sombria que já ouvi!

Pode ter sido sombrio, mas se fosse verdade, então a “mulher pálida” que o pintor testemunhou também poderia ter sido real.

“Essa xamã não era uma jovem de cabelos brancos e olhos vermelhos, não é?”

"Não, não. Ela era uma mulher jovem, sim, mas ninguém disse uma palavra sobre ela ter aquela aparência.”

Chou-u estava ansioso. **“Isso é incrível! Como ela andou sobre a água?”**

“É fácil”, disse Kokuyou. **“Você só precisa dar o próximo passo antes que seu pé comece a afundar. Então você faz isso de novo e de novo. Um passo de cada vez."** A mentira parecia vir muito facilmente para ele.

"Incrível!"

Maomao deu um tapa na cabeça de Chou-u como um aviso para não ser tão ingênuo, ao mesmo tempo que olhava carrancudo para Kokuyou. Ela estava começando a considerá-lo amigável e inofensivo quando descobriu que ele era capaz de algo assim.

“Não me diga que você realmente acredita que ela poderia fazer isso” , disse Maomao.

“Inferno, claro que não. Mas... aham.” O velho médico continuou coçando o queixo e olhando para fora. Ele parecia em conflito. **“Uma vez, quando eu era jovem, vi exatamente isso.”**

“Você viu alguém dançando na superfície da água?” Maomao inclinou a cabeça. Chou-u a copiou, assim como Kokuyou, por algum motivo.

"Sim. Antes de deixar a aldeia. Você sabe, costumava ser dever da donzela do santuário servir ao deus cobra.” A família do velho era, na verdade, parente distante do chefe da aldeia, e as jovens que serviam no santuário eram da mesma linhagem. Vovô acabara de dizer que o santuário estava praticamente abandonado há décadas — mas havia uma explicação para isso. **“Eles vieram caçar meninas para o palácio interno, e então não havia mais nenhuma jovem por aqui.”**

O que alguém poderia dizer? Era tão simples assim. Com isso, os rituais que eram transmitidos de boca em boca durante gerações desapareceram e o santuário caiu em desuso. Foi nessa altura que o anterior chefe da aldeia assumiu o comando. Como o chefe antes dele era um homem de pouca fé, ele permitiu que o santuário permanecesse sem uso, até que se tornou decrépito, e até mesmo a ponte para a ilha do santuário apodreceu e desabou. Então Vovô voltou para a aldeia e se tornou o guardião do santuário, mesmo que apenas nominalmente, morando aqui nesta cabana.

“A donzela do santuário não voltou para a aldeia depois de completar seu mandato no palácio interno?” Maomao perguntou.

“Eh. Ela sempre foi uma garota bem-humorada. Por que ela deveria voltar para um lugar como este?”

É justo , pensou Maomao, imaginando Xiaolan, que fora sua amiga no palácio interno. Os pais de Xiaolan a venderam para trabalhar para ter uma boca a menos para alimentar. Ela entendeu a realidade – e sabia que mesmo que voltasse para casa, não haveria lugar para ela. Em vez disso, depois de deixar o palácio interno, ela encontrou trabalho para se sustentar. Uma jovem com uma cabeça decente sobre os ombros provavelmente poderia ter encontrado inúmeras maneiras de ganhar a vida melhor do que aquela que tinha em uma aldeia como aquela. Havia mais de uma maneira pela qual se poderia dizer que o palácio interno dava às suas mulheres uma vantagem na vida.

“O ex-chefe lamentou antes de morrer, mas meu sentimento era que se ele fosse reclamar tanto, deveria ter pedido ajuda a um médico”, disse Vovô.

“Hahaha! É engraçado. Sim, algumas pessoas são assim, hein?” Kokuyou riu, mas o velho deu-lhe um tapinha suave na cabeça. Não foi tão engraçado.

Maomao olhou para fora. **“Não vejo nenhum barco. Como você se comunica? Presumo que você tenha que verificar as condições do santuário periodicamente.”**

Vovô desenhou um círculo na mesa. **“Os barcos irritam a divindade, evidentemente. Existe até uma área específica reservada para a pesca – embora tudo o que você vai pescar seja botia, então não vale exatamente a pena o esforço. Então o santuário simplesmente fica sem vigilância. Você pode ir ver se estiver interessada, mas não de barco.”**

“O que é isso, algum tipo de enigma?” Maomao perguntou. Como ela deveria chegar à ilha sem usar um barco? Ele achava que ela poderia andar sobre as águas?

“O quê, você pensou que seria fácil chegar a um lugar sagrado?” Velho que fala bobagens. **“Kokuyou, você os leva. Deveria haver uma visão melhor da ilha na margem oposta do que aqui. E capine os campos enquanto você faz isso.”**

“Ah, que tarefa árdua” , disse Kokuyou, mas mesmo assim pegou uma foice manual.

“O tabaco cresce ali. Você não pode ter folhas, mas se houver sementes, você pode pegar algumas. Seu pagamento por fazer a remoção de ervas daninhas.”

Maomao fez uma careta para o velho, que parecia decidido a girar o parafuso em todas as oportunidades – mas ela também pegou uma foice.

O pequeno bando de Maomao dirigiu-se para o outro lado do pântano. Algo que parecia folhas de lótus flutuava na superfície da água. Chou-u inicialmente ficou com medo das cicatrizes de Kokuyou, mas demonstrando que ele tinha uma adaptabilidade considerável, pelo menos, ele e Kokuyou já eram bons amigos. Chou-u estava até mesmo persuadindo o jovem médico a cavalgar nas costas, embora, ao contrário dos criados, Kokuyou balançasse um pouco sob o peso de Chou-u e isso parecesse perigoso. Talvez apenas ser capaz de ver com um olho tenha prejudicado seu senso de equilíbrio.

“Ali está, ali”, disse Kokuyou, quando uma ponte que ligava a margem à parte de trás da pequena ilha apareceu. A ponte estava podre, porém, e não restava muito dela. Maomao olhou para aquilo sem acreditar: até a fundação estava desmoronando; dificilmente parecia capaz de suportar uma tábua de madeira.

Kokuyou, evidentemente na mesma página que Maomao, tirou uma tábua de madeira de algum lugar. **“Aqui vamos nós”** , disse ele, colocando-o sobre a base frágil.

“Isso é seguro?” Maomao perguntou, sentindo uma crescente sensação de desconforto enquanto o observava.

“Hahaha, claro que é. Você ficaria surpresa com o quão resistente essa coisa é.” Para demonstrar, ele pulou na prancha – que prontamente cedeu, jogando-o no pântano com um **“Oops!”**

"O que você está fazendo cara?" Chou-u disse, estendendo a mão para ajudar a colocar Kokuyou de pé. Com um *glorp* , porém, Kokuyou afundou ainda mais. Um arrepio de medo percorreu o grupo.

“Eu não suponho que este seja um daqueles pântanos sem fundo, não é?” Kokuyou perguntou, ainda sorrindo.

Por um segundo, nem Maomao nem Chou-u disseram nada, mas após o instante de silêncio, todos entraram em atividade. Quanto mais Kokuyou lutava, porém, mais fundo ele afundava. No momento em que estava mergulhado até o pescoço na água do pântano, Maomao conseguiu encontrar uma videira de aparência robusta na floresta e arrastá-la para fora, para que o homem pudesse usá-la para se libertar.

“Você vai me causar um ataque cardíaco, senhor” , disse Chou-u.

“Hahaha! Desculpe por isso” , respondeu Kokuyou, coçando a nuca com a mão enlameada. (Assim, a parte limpa que restava dele ficou tão suja quanto o resto.)

Maomao pegou um balde de água de irrigação do campo próximo e trouxe-o – após o que ela tomou o caminho de menor resistência, ou seja, despejá-lo na cabeça dele. Kokuyou se sacudiu como um cachorro molhado.

“Ah, sim... O velho me disse que era perto deste pântano que diziam que as crianças eram levadas embora” , disse Kokuyou.

“Caramba” , disse Chou-u, sem parecer satisfeito. Não havia como dizer quantas pessoas estavam enterradas na lama.

Maomao olhou para a ponte decadente. **“Eles realmente não cuidaram disso.”**

“A manutenção custa dinheiro. Acho que há algo na composição da lama aqui que causa mais danos do que a água comum.”

O pântano pode não ser sem fundo, estritamente falando, mas certamente era mais profundo do que a altura de Kokuyou. Substituir a fundação regularmente teria sido um problema. Elementos da fundação podiam ser vistos estendendo-se muito além do pântano, o que implica que o pântano já ocupou toda aquela área.

Uma panóplia de plantas silvestres crescia ao redor do santuário da pequena ilha. Eram brilhantes e coloridas, sugerindo que poderiam ser flores, mas era difícil dizer àquela distância – a única coisa certa era que era uma cor raramente vista nesta área. Os pássaros voavam com bastante frequência; talvez as sementes tenham chegado até aqui em algum cocô.

“Tudo bem, vamos ao que interessa” , disse Kokuyou, parecendo enérgico, apesar de ainda estar salpicado de lama em alguns lugares. De repente ele estava usando um chapéu de junco. (De onde ele tirou isso?)

O campo estava cheio de ervas daninhas; Maomao estava prestes a dizer exatamente o que pensava disso, mas Chou-u adiantou-se: **“Ugh!”** ele exclamou, seus ombros caindo. Depois disso, ela sentiu que não poderia dizer nada. Em vez disso, ela obedientemente começou a arrancar ervas daninhas, mantendo os olhos abertos em busca de sementes de tabaco. Mas não havia nenhuma.

Velho bastardo astuto, ela pensou, decidindo ter certeza de arrancar algumas sementes dele antes de ir para casa.

Kokuyou cantarolava alegremente enquanto fazia o trabalho, e Maomao sentiu-se compelida a ajudar. Chou-u, que parecia não ter nenhuma intenção de ajudar, começou a coletar pedrinhas e desenhar na terra.

Por um tempo, eles se concentraram em seu trabalho. A umidade era alta no pântano. O solo lamacento parecia rico em nutrientes, mas da mesma forma, eles fariam com que as raízes apodrecessem rapidamente. Isso pode ter explicado a quantidade de areia misturada ao solo do campo. Felizmente, isso tornou as ervas daninhas fáceis de arrancar.

“Ei, você sabia?” Kokuyou disse. Ele havia parado de cantarolar, mas quase parecia que estava falando sozinho.

"O que?" Maomao disse.

“Sobre as donzelas do santuário que costumavam ter nesta aldeia.”

Maomao lançou-lhe um olhar perplexo. Como ela saberia alguma coisa sobre isso?

“Vovô me disse que o trabalho delas era aplacar o grande espírito da cobra. Mas as donzelas eram originalmente escravas.”

Maomao não disse nada. Chou-u ainda estava desenhando, alheio à conversa. Kokuyou continuou, sussurrando para que apenas Maomao pudesse ouvir: **“Acho que o rio costumava inundar muito aqui. Até desenvolverem o controle de enchentes, os campos costumavam ser inundados todos os anos. Até as casas ficavam submersas às vezes.”**

O que as pessoas faziam naqueles tempos antigos, quando eram impotentes diante de desastres naturais catastróficos? Elas se envolveram em comportamentos sem sentido.

“Dizem que eles compraram escravos para usar como sacrifícios. Era quando havia dinheiro sobrando, é claro; quando não havia, provavelmente escolheram alguma garota pobre da aldeia.”

Portanto, “donzela do santuário” era apenas um epíteto agradável para um sacrifício humano.

"Mas então..."

Um dia, uma sacerdotisa possuidora de poderes espirituais apareceu. Ela até, segundo se dizia, dançou sobre as águas à vista de todos os aldeões.

“Vovô” realmente se abriu para esse cara, pensou Maomao. Todas essas histórias eram novas para ela. O velho devia estar a par dessa tradição por causa da ligação de sua família com as donzelas do santuário. Parecia estranho que, ao mesmo tempo, ele também fosse parente distante do chefe da aldeia.

“Acho que isso significava que, se você não possuísse esses poderes, poderia esperar ser sacrificada mais cedo ou mais tarde”, disse Kokuyou. Se você foi sacrificado ao deus disto ou ao senhor daquilo, provavelmente não importava muito para a pessoa que sofria o ritual. **“Mas então, quando ela pensou que tinha escapado, ela foi enviada para o palácio interno!”**

Assim, dado não ao dono do lago, mas ao dono da terra.

Não admira que ela não quisesse voltar . Maomao compreendeu agora porque é que a jovem nunca mais regressou, como o velho lhe dissera. Quem poderia culpá-la se, de fato, ela sentia alguma raiva de sua cidade natal?

Maomao olhou distantemente para a água. A superfície ondulou, mas a julgar pelo estado de Kokuyou depois de cair, era principalmente lama lá embaixo. Ela pegou um pedaço de pau que estava próximo e enfiou-o na água. Depois que afundou na lama, foi difícil retirá-lo.

“Menos pântano e mais lama. As medidas contra as cheias podem ter dispersado a água que fluía para lá, mas talvez o encolhimento do pântano o tenha tornado mais lamacento”, disse Maomao. Ela se levantou de onde estava agachada. **“Você sabe quando o pântano começou a encolher?”**

“Acho que não. Você poderia tentar perguntar ao vovô” , disse Kokuyou.

Maomao coçou o queixo e mexeu a lama o melhor que pôde. De repente, ela descobriu que Chou-u estava parado ao lado dela, também se mexendo. **“Você deixou cair alguma coisa?”,** ele perguntou.

“Não” , disse Maomao.

Chovia muito nesta época do ano – o nível da água provavelmente ainda não estava no pico. Isso significava que o pântano ficaria ainda mais lamacento durante a estação seca.

De repente, Maomao levantou-se de um salto.

“Qual é o problema, Sardenta?” Chou-u perguntou, olhando para ela, mas ela o ignorou e saiu correndo. **“Ei, Sardenta!”**

"Huh? O que está acontecendo?" Kokuyou perguntou. Maomao não respondeu; ela foi direto para a cabana onde o velho morava. Ela não queria ficar conversando com os dois – ela estava desesperada para testar a ideia que teve o mais rápido possível.

Enquanto ela corria, um sorriso surgiu no rosto de Maomao.

“Rapaz, de onde veio isso? O que ela pensa que está fazendo?” Chou-u resmungou, mas ele e Kokuyou seguiram em frente do mesmo jeito. Chou-u deve ter se cansado de correr no meio do caminho, pois quando chegaram na cabana, Kokuyou o carregava nas costas.

Maomao subiu as escadas e bateu na porta. Assim que o velho abriu, ela explodiu: **“Dê-me algumas sementes de tabaco!”**

Vovô estava comendo macarrão, parecendo quase como se estivesse comendo a própria barba. **“É por isso que você está aqui? Se não houvesse sementes no**

campo, seria uma pena.” Ele começou a mastigar ruidosamente o macarrão.

Maomao esperava algo assim, mas teve uma ideia. **“E se eu lhe dissesse que posso identificar a notória xamã?”,** ela sussurrou.

A mastigação desagradável do homem parou e ele largou os hashis. **“Kokuyou, venha aqui. Pegue isso e vá entreter a criança.”** Ele puxou uma bola da prateleira e jogou-a para Kokuyou, que não conseguiu pegá-la e teve que correr atrás dela, com Chou-u trotando atrás dele.

Com os intrusos afastados, o velho fez sinal para Maomao se sentar. Ela se sentou em uma cadeira e olhou pela janela para o pântano. **“Deixe-me arriscar um palpite: quando essa xamã apareceu, era a época do ano em que o nível da água estava baixando.”**

O pintor tinha visto a mulher de cabelos brancos e olhos vermelhos há cerca de seis meses, mais ou menos - essa seria a estação de pouca chuva. Menos água no pântano significaria mais pântano.

“Isso mesmo” , disse vovô.

“E a donzela do santuário dançou mais ou menos na mesma época do ano, certo?”

“Não vejo o que isso tem a ver com alguma coisa.”

Maomao umedeceu o dedo no jarro de água e começou a desenhar um mapa na mesa: um círculo representando o lago, depois do qual acrescentou a pequena ilha e a ponte. Vovô deve ter achado difícil ver o mapa da água, porque ofereceu a ela um pincel e papel. Materiais brutos, mas ainda mais fáceis de ver. Maomao começou a escrever.

Ela apontou para a margem mais próxima da ilha, o ponto mais distante do rio que desembocava no pântano. **“Foi aí que a dança da chuva foi realizada?”**

“Sim, está certo”, disse o médico. O local podia ser visto da janela da cabana em que se encontravam.

“Essa donzela do santuário ou xamã ou o que quer que fosse, invocou a bênção do grande deus cobra e atravessou a água. E se eu lhe dissesse que poderia fazer a mesma coisa?”, perguntou Maomao.

O velho semicerrou os olhos para ela, claramente cético. **“Isso é bobagem suficiente da sua parte. Se assim posso dizer, não acho que você tenha figura**

para atrair o deus cobra.”

“Puxa, velho, não sabia que você era um crente tão devoto.” Seus olhos se encontraram. Maomao sorriu, tentando provocá-lo. Se ela estivesse certa, esse velho sabia de alguma coisa, algo que não estava contando a ela.

Era quase como se ele pudesse ler sua mente. **“Luomen nunca operaria com base em suposições dessa forma”,** disse ele.

“É exatamente por isso que quero investigar o pântano: para fundamentar essa suposição.”

Vovô lançou-lhe um olhar furioso, mas levantou-se como se a convidasse a segui-lo. **“Você não é do tipo que tem um pouco de mistério na vida, não é? Não que eu seja de falar. A coisa a fazer em um momento como este é acreditar que os imortais e as sacerdotisas realmente existem.”** O velho quase cuspiu as palavras, mas depois gritou para a dupla que brincava com a bola lá fora: **“Vão comprar alguma coisa que sirva para jantar!”**

Ele deu alguns trocos a Kokuyou. Evidentemente ele não achava que a bola iria distraí-los por tempo suficiente. **“Agora, ouça, garoto; esse idiota está sempre sendo enganado. Desculpe, mas você acha que poderia ficar de olho nele?”**

"Claro! Deixe isso comigo” , disse Chou-u, e foi atrás de Kokuyou novamente. Maomao e o velho médico ficaram onde estavam até os outros dois desaparecerem de vista. Aí o médico disse: **“Vamos”.**

Ele a levou para uma área do pântano que havia sido cercada. Plantas flutuantes cresciam na superfície da água. Maomao franziu a testa para o chão pantanoso, tirando os sapatos e segurando a saia enquanto caminhavam. Vovô, por sua vez, levantou as pernas das calças.

A água estava escura e turva.

“A donzela do santuário caminhou daqui até a ilha. Se você conseguir fazer a mesma coisa, direi tudo o que você quiser saber.” Então ele baixou a voz para um sussurro ameaçador e disse: **“Antes da donzela do santuário, as jovens que foram trazidas para cá eram chamadas de sacrifícios e foram afogadas neste pântano. Amarradas a pesos e afundadas vivas nas profundezas insondáveis. Minha bisavó me contou como ela tentou cobrir os ouvidos enquanto as meninas choravam e soluçavam pela última vez, cada tentativa de luta as**

arrastava para mais perto de sua destruição. Não há garantias de que você não terminará da mesma maneira."

Pode ter sido um costume reverenciado, mas também deve ter sido uma visão aterrorizante para os aldeões que o testemunharam. E então eles sentiram remorso pelo que haviam feito e imploraram perdão, embora isso não significasse nada naquele momento.

Pilares de pedra estavam ao redor do pântano, construídos com pedras de tamanhos semelhantes empilhadas umas sobre as outras, com a maior de todas no topo.

"Então, como exatamente a donzela atravessou o pântano?", o velho perguntou.

Maomao tirou uma corda que trouxe de casa junto com algumas tábuas finas de madeira. **"Tudo bem se eu pegar isso emprestado?"**

"Como quiser."

"Obrigada."

Ela fez três furos em cada tábua e passou a corda por eles para criar o que pareciam ser sandálias toscas. Não eram muito impressionantes, mas ela as calçou pensando: *sandálias paddy seriam perfeitas agora* . Sandálias paddy eram calçados usados por pessoas que plantavam arrozais – mas desejar não a levaria a lugar nenhum.

O velho a observava com curiosidade agora, mas por enquanto ela ficou quieta. Ela enrolou o manto para mantê-lo afastado do chão, depois enrolou uma corda em volta do corpo, amarrando a outra ponta a um dos pilares de pedra. Então ela começou.

"Ei, o que você está fazendo?" Vovô perguntou.

"Comprovando."

Maomao colocou o pé no pântano – ou melhor, quase deu um chute nele, e o impacto fez com que seu pé saltasse para trás. O velho se assustou, mas Maomao já estava dando o próximo passo, chutando com força. Ela fez isso repetidas vezes, atravessando o pântano.

Ela estava, de fato, andando sobre as águas. Não foi exatamente como Kokuyou sugeriu, mas ela deu cada passo antes que seu pé afundasse e depois repetiu o processo. Foi o suficiente para mantê-la na superfície.

“Como é isso? Posso andar sobre a água.” Maomao sorriu, cheia de confiança.

O velho tocou a barba, surpreso. **“Isso é algo especial, eu admito.”** Ele pegou um pedaço de pau comprido que estava próximo, deu um passo no pântano e mergulhou-o na água. Houve um som duro e agudo. **“Mas você não precisa fazer todo esse trabalho. Há mais marcos desses no pântano.”** Ele atingiu o grande pilar de pedra novamente.

"O que?" Maomao disse, pasma. Em seu espanto, ela parou de mover os pés – que imediatamente afundaram no pântano. Vovô acabou tendo que retirá-la.

“Como você fez isso, afinal?” Vovô perguntou ao Maomao coberto de lama depois de libertá-la.

Maomao tirou os “sapatos” e olhou para o pântano, cansada. **“Quando você tem algo que não é nem muito líquido nem muito sólido, ele tem algumas propriedades especiais”** , disse ela. Teria sido mais fácil demonstrar se ela tivesse um pouco de fécula de batata em mãos. Misture isso na água em uma proporção específica e você poderá pegá-lo com a mão – mas logo escorrerá entre os dedos.

Aquele pântano era muito parecido. Foi por isso que Maomao perguntou ao vovô que época do ano era quando a donzela dançava sobre as águas. E Maomao calçou o calçado improvisado porque julgou que havia água demais na mistura para fazer o contrário.

Ela imaginou que alguns dos “sacrifícios” notaram que quando o pântano encolhesse e a proporção entre lama e água mudasse, você poderia caminhar sobre ele. Mas ela não estava certa.

“Um truque como esse? Isso não é muito justo”, disse ela.

“Os pilares de pedra afundados no pântano são lápides para os sacrifícios mortos”, respondeu o velho com firmeza. Eles foram enterrados de tal forma que mesmo na estação seca não eram visíveis. Dez deles, ou talvez um pouco mais — dando a entender o número de mulheres que morreram afogadas.

“Há muito tempo, quando foi decidido o momento do próximo sacrifício, o filho do chefe da aldeia contou à infeliz menina sobre as lápides.” Depois foi a jovem que teve o “senhor do lago” ao seu lado, e ela se tornou a donzela do santuário. **“Isso foi há mais de cinquenta anos.”**

O chefe anterior da aldeia evidentemente não sabia sobre as pedras. Pareceu a Maomao que o único que sabia deles era aquele homem ali. Ela olhou para ele: ele

sabia o tempo todo e manteve silêncio sobre isso. Por que ele faria isso, exceto talvez se houvesse algo pelo qual ele se sentisse culpado?

“A xamã era uma mulher de cabelos brancos?” Maomao perguntou novamente.

Mas, novamente, o médico balançou a cabeça. **“Nunca tive ninguém assim por aqui.”** No entanto, ele tinha algo mais a acrescentar. Ele começou a falar, contando a Maomao que, por mero acaso, na capital, ele encontrou a ex-donzela do santuário que havia sido enviada para o palácio interno. Ela já tinha uma neta.

A ex-donzela do santuário perguntou-lhe: qual era o estado do grande deus cobra hoje? O médico explicou que mesmo sem uma sacerdotisa, as melhorias na tecnologia de controle de cheias fizeram com que o rio e o pântano já não transbordassem. O deus cobra tornou-se uma simples superstição, seu santuário foi à ruína e ninguém o visitava.

“Não posso deixar de pensar que talvez teria sido melhor se eu tivesse dito a ela que o santuário estava indo bem, que graças à grande cobra estávamos a salvo das enchentes. Mesmo que não fosse verdade”, disse ele.

A ex-donzela do santuário ficou incrédula com o que o velho lhe disse. Era como se todas as donzelas do santuário que desceram às profundezas tivessem morrido em vão. O pensamento enfureceu a mulher.

“Pouco tempo depois, ela e a neta chegaram à aldeia. A ex-donzela do santuário disse que servia a um novo deus cobra, e foi quando ela fez sua neta atravessar o pântano.”

Um novo deus cobra? Maomao pensou nas cordas sagradas brancas, na divindade cobra e na mulher de cabelos brancos que o pintor tinha visto. Ela pegou a vara e mergulhou-a no pântano, procurando os marcos enquanto seguia em direção à pequena ilha. O velho estava certo; esse era um método mais confiável do que aquele que Maomao havia tentado. Contanto que seus pés estivessem firmes, você conseguiria.

Ela pulou para a ilha. Era o lar do santuário dilapidado, de ervas selvagens desenfreadas e de flores com pequenas pétalas vermelhas sopradas pelo vento. Aquelas flores não viveram muito; algumas pétalas já estavam caindo, deixando para trás plantas carecas. Elas foram plantadas aqui ou algumas sementes caíram na área? Tudo o que Maomao sabia era que as plantas não deveriam estar aqui.

“Papoilas?”, ela ouviu o velho dizer, e pelo tom dele, ela percebeu que ele as estava descobrindo pela primeira vez. Talvez ele não tivesse estado na ilha antes, embora soubesse como chegar lá.

“Posso fazer outra pergunta?” Maomao disse.

"Vá em frente. Eu vou te contar qualquer coisa agora.”

“Como você sabe sobre as lápides?”

Vovô sorriu. **“Você sabe que sou parente das donzelas do santuário, o que significa que sou filho de uma escrava. Não é incomum que os poderosos de uma aldeia se envolvam com os escravos.”**

Ele disse que foi o filho do chefe da aldeia quem contou à ex-donzela do santuário sobre a existência dos pilares funerários. Isso pareceria implicar que o chefe engravidou uma escrava — e essa criança era o vovô.

“Quando o chefe se cansou dessa escrava, ela foi passada para o próximo aldeão, até que finalmente, quando a fome ameaçou, ela foi usada como sacrifício.”

Para que existissem lápides, era preciso que houvesse alguém para colocá-las – para cortar a rocha e empilhar pedra sobre pedra ao longo dos anos. Sem falar que então carregar as pedras até o seu local através dos outros marcadores já colocados.

“Esse marcador logo em frente à ilha é o último. Salvou minha irmãzinha de se afogar...” disse o médico.

Então, em vez disso, ela foi enviada para o palácio interno. Não foi a filha do chefe da aldeia que partiu, mas sim o filho da escrava e de quem ela havia sido “transmitida”. Quando a criança regressou, décadas mais tarde, descobriu que os aldeões que tinham assassinado a sua mãe e usado a sua própria vida para atingir os seus fins tinham esquecido completamente a divindade local e as mulheres que tinham sido sacrificadas como donzelas do santuário a ela.

Maomao olhou para as folhas de tabaco na margem oposta. **“Você, por acaso, conseguiu isso da ex-donzela do santuário?”**

"Sim. Mas não as sementes de papoula. Ela me deu o tabaco como uma espécie de lembrança, pedindo dois favores em troca.”

“E você vai me contar sobre isso também?”

“Sim, é hora de contar a alguém. O nível da água ainda está alto agora, então eles permaneceram escondidos, mas quando o outono chegar, os topos das lápides aparecerão. Consegui manter todo mundo fora da trilha até o ano passado, mas acho que não consigo mais”.

A xamã seria revelado como uma fraude.

“O primeiro favor foi esse: que eu ficasse quieto, mesmo sabendo o que sabia.”

As injunções contra os aldeões que matassem cobras ou pássaros eram provavelmente a pequena forma de vingança do xamã. Este velho pode se opor aos métodos dela, mas optou por desviar o olhar.

“O outro...” O médico idoso olhou para sua cabana de palafitas. **“O outro era que eu lhe desse uso gratuito do meu pombal.”**

“Pombos? O que diabos ela queria com isso?” Maomao perguntou, inclinando a cabeça em confusão. Pensando bem, ela também ouviu pombos arrulhando na aldeia. Eles normalmente mantinham pássaros caipiras?

“Não mate pássaros voadores”

Comparada à regra sobre cobras, essa advertência quase parecia uma reflexão tardia.

Maomao voltou pelas lápides em direção à cabana. Várias vezes ela quase escorregou na pedra escorregadia, mas estava com pressa para chegar ao pombal.

Ao se aproximar, seu nariz arrepiou com o odor característico. Lá dentro havia várias dezenas de pássaros com penas esverdeadas escuras. Eles bateram as asas com entusiasmo, surpresos com a chegada repentina de Maomao, mas ela ignorou a reação deles. Em vez disso, ela pegou cada um e jogou de lado.

"Ei! Deixem os pobres pássaros em paz!” Vovô gaguejou. Então ele pensava neles como algo mais do que comida – mas isso também era irrelevante para Maomao naquele momento. Finalmente ela encontrou o que procurava. Ela agarrou um pássaro pelas costas e o virou, arrancando a coisa presa à sua perna: um pedaço de barbante branco torcido. Estava sujo em alguns lugares; ela imaginou que tinha ficado sujo enquanto o animal estava lá fora.

Maomao saiu do pombal e desfez o barbante. Acabou sendo um único pedaço de pano, bordado com caracteres que realmente pareciam uma cobra rabiscada.

Eu sei que já vi isso antes, pensou Maomao. Pareciam muito com o bordado da capa do rato de fogo que ela vira na loja de roupas usadas. Se você soubesse o que estava vendo, poderia dizer que não era apenas um padrão aleatório — era um código baseado em caracteres do oeste.

Maomao lembrou-se da vidente da capital ocidental – como ela usara uma pena de pombo em vez de um pincel para escrever. Já há algum tempo, Maomao vinha lutando com o fato de que a Dama Branca de alguma forma parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo neste país. Certamente a jovem não poderia viajar tanto? Sua aparência albina pode fazê-la parecer estranha, mas ela não conseguia usar magia como diziam que os imortais faziam. Praticamente o contrário, na verdade – com a pele tão sensível à luz solar, ela não conseguiria passar muito tempo ao ar livre em regiões iluminadas.

Portanto, não seria a própria Dama Branca quem se movimentava; Maomao presumiu que ela dirigia os confederados. O problema com essa hipótese era a informação: para libertar o leão da jaula ou fazer contato com a meia-irmã da consorte Lishu, a Dama Branca precisaria de uma forma de trocar informações rapidamente entre a capital ocidental e a capital imperial na região central. . Mesmo o cavalo mais rápido levaria mais de dez dias para chegar ao oeste da capital, e voltar levaria quase o mesmo tempo, mesmo que fosse de barco.

Como ela resolveu esse enigma? Esses pombos.

“Ei, vovô, a própria ex-donzela do santuário vem visitar o pombal?”

“A neta dela vem. Ela levou alguns deles com ela, disse que iria usá-los para uma maldição ou algo assim.”

“Você não vai ficar sem pombos?”

“Não, eles voltam para este galinheiro quando eu os libero. A menos que um animal – ou um humano – os pegue primeiro.”

Ou seja, ela poderia se comunicar, aproveitando a aptidão desses pombos. Maomao fechou os olhos, pensou por um segundo no que deveria fazer e depois olhou para o velho. Era possível que algum mal acontecesse à ex-donzela do santuário e à sua neta. Elas pareciam estar ligados à Dama Branca.

Maomao estalou a língua. **“Quer trabalhar comigo desta vez, vovô?”**

"O que? O que você está falando?"

Maomao não estava totalmente desprovida de decência. Ela poderia simplesmente ir direto para Jinshi sem dizer mais nada ao velho, mas optou por não fazê-lo. Em vez disso, ela começou a negociar, avaliando até onde ele iria, onde no meio ele a encontraria.

Capítulo 12: As Provações da consorte Lishu

Jinshi recebeu uma carta de Maomao no dia seguinte ao seu encontro informal com a mensageira do oeste: *Encontrei uma pista sobre a Dama Branca numa aldeia chamada Lago Dourado* . Foi mais conveniente para ele – ou talvez mais inconveniente.

O “mensageiro do oeste” era uma das emissárias de Shaoh que visitara Li no ano anterior, uma mulher chamada Aylin. Ela e sua companheira eram tão parecidas que poderiam ser gêmeas, mas a outra mulher, Ayla... bem, as coisas acabaram se complicando.

Da última vez que a visitou, Ayla usava uma faixa vermelha no cabelo e Aylin uma azul; desta vez, toda a roupa de Aylin era azul. Devido à natureza secreta de sua missão, ela não usava nada que chamasse a atenção, mas sim um *quju shenyi,* um manto com bainha curva que era bastante comum em Li.

Na verdade, ela não era alguém com quem Jinshi deveria ter se encontrado pessoalmente. A última vez que ela o viu, ele estava vestido de mulher e ela, embaraçosamente, o confundiu com o espírito da lua.

Além disso, ele estava ocupado. Ele se perguntou sobre o que ela falaria naquele momento, sob cuja orientação ela estava; mas acabou sendo de Lahan. Jinshi pensou que parecia estar tramando algo na capital ocidental, mas tinha certeza de que Lahan, entre todas as pessoas, não estaria fazendo nada superficial e deixou o assunto passar. Não que ele confiasse tanto em Lahan, mas sim porque tinha uma certa compreensão da psicologia do outro homem. Lahan tinha algum tipo de fixação em “números bonitos” e “números feios” e, embora Jinshi não pudesse afirmar que entendia bem isso, ele concluiu que Lahan não faria nada que violasse seus padrões de “beleza”.

Jinshi esperava cerca de metade do que Aylin disse a ele; a outra metade foi inesperada, mas nada disso foi completamente irracional. Lahan já estava a par dos

dois pontos que Aylin havia levantado e não demonstrou nenhuma reação particular.

Uma coisa que ela disse fez doer a cabeça de Jinshi: exportação de alimentos ou asilo político.

Lahan já havia conversado com Jinshi sobre as exportações na forma de uma raiz vegetal chamada batata-doce. Era uma cultura promissora, que podia ser cultivada mesmo em solos pobres e produzia uma colheita muitas vezes superior à do arroz. O fato de Lahan poder vir até ele com tal ideia imediatamente após seu retorno à capital lembrou-o mais uma vez que o clã La não era nada desprezível.

O resultado foi que Jinshi passou as duas semanas desde seu retorno trabalhando praticamente sem dormir. Apenas recuperar o atraso já era ruim o suficiente, mas agora havia ainda mais a ser feito. Suas preocupações no palácio interno também não terminaram – outra situação que causou dor de cabeça havia surgido.

Ele teria que encontrar uma maneira de justificar as exportações para Shaoh para a burocracia, e era improvável que alegar que elas eram uma proteção contra a praga de insetos bastasse. Todas as diversas medidas que Jinshi já havia tomado contra a peste pareciam suficientes. Quaisquer medidas preventivas tomadas pelos membros da burocracia serviriam para evitar que uma catástrofe que eles previam caísse sobre as suas próprias cabeças. Eles não queriam se dar mais trabalho por causa de alguma ansiedade infundada.

Essa era a realidade, então Jinshi inventou um pretexto: o trabalho forçado a que seriam submetidos os criminosos capturados durante a rebelião do clã Shi seria o trabalho agrícola. Ninguém se oporia à abertura de novas terras para esse fim. E quando se tratava de terra, havia bastante no antigo domínio do clã Shi de Shihoku-shu. Com o fim do domínio xiita sobre a região, as negociações provavelmente seriam mais fáceis do que antes. E havia muitos ex-agricultores entre os criminosos. Seus meios de subsistência teriam voltado a ser como eram antes de o clã os contratar – poderia até ser um pouco mais difícil do que antes.

Jinshi nem precisaria colocar o plano em ação; ele tinha alguém para cuidar das coisas em seu nome. Especificamente, um alto funcionário encarregado de Shihoku-shu após a destruição do clã Shi. Alguém que nasceu e foi criado na região, na verdade, e que subiu na hierarquia como funcionário regional. Eles haviam passado pela fome no passado, e quando Jinshi explicou como o cultivo de batata-doce evitaria mais fome no futuro, seu caso foi ouvido com entusiasmo.

Qualquer pessoal necessário poderia ser recrutado em Shihoku-shu. Havia um suprimento imediato de terceiros filhos de agricultores, homens que não tinham direito a nenhum campo. Se o palácio interno pudesse ser considerado serviço público sob a imperatriz reinante, então este também poderia.

O planejamento de Jinshi foi até aí – ele era bastante capaz, mas não era um gênio. Ainda havia problemas a serem resolvidos na ideia, mas ele deixaria os detalhes para quem a executasse. Haveria pressão, sim, mas eles simplesmente teriam que estar à altura da situação. Jinshi não gostava de simplesmente delegar assuntos, mas tinha outras coisas para fazer. Ele estava sempre um pouco sobrecarregado, mas gostava de pensar que tinha noção do alcance de suas funções.

Jinshi não tinha muitos subordinados verdadeiramente confiáveis, mas tinha alguns. Cada um tinha seus pontos fortes e funções para as quais eram mais adequados. Ele pegou sua xícara enquanto pensava no que faria com aquela carta. Sua sempre atenta senhora, Suiren, viu que o copo estava vazio e, com um **“Bem, agora”** , serviu-lhe mais suco.

Jinshi a observou e espontaneamente decidiu mostrar-lhe a carta de Maomao. **“Temos alguém disponível agora?”,** ele perguntou.

“Sim, vários que acabaram de voltar.”

“Escolha alguém adequado, então.”

"Tudo bem." Suiren colocou a mão na bochecha, pensando. **“Por que não tentamos alguém novo? Deve ser interessante.”**

“Tem certeza de que é seguro?” Jinshi perguntou inquieto.

Suiren, porém, continuou a sorrir amplamente. **“Já estive errada?”**

Jinshi só pôde oferecer um sorriso triste em resposta a essa demonstração de confiança. Suiren certa vez atendeu pessoalmente a imperatriz viúva - nem mesmo Maomao conseguiu levar a melhor sobre ela. Suiren foi uma das pessoas que ajudaram a garantir a segurança da imperatriz viúva naquele covil de iniqüidade, o palácio interno – a imperatriz viúva, que engravidou do atual imperador com pouco mais de dez anos de idade. Jinshi estava convencido de que o fato de Suiren ter sido designada para atendê-lo era uma demonstração de preocupação maternal por parte da imperatriz viúva.

“Se você ainda não acredita em mim, deixe-me contar um segredinho” , disse Suiren, e então sussurrou no ouvido de Jinshi.

Seus olhos se arregalaram. **"Isso é verdade?"**

"Sim. Eu estava administrando um pouco de punição quando descobri...”

O “segredo” de Suiren não teve qualquer influência no trabalho de Jinshi – mas foi uma informação muito útil para ele pessoalmente. Ele se perguntou, porém: que castigo era esse de que ela estava falando? Ele decidiu que, no momento, era melhor deixar algumas perguntas sem serem feitas.

“Tenho certeza de que você gostaria de sair vitorioso de vez em quando, Jovem Mestre”, disse Suiren, com um gesto que era infantil e encantador, apesar da idade. Porém, assim que Jinshi percebeu isso, ela voltou para a afetada e capaz dama de companhia. **“Vou cuidar disso imediatamente”,** disse ela. Ela fez uma reverência e saiu da sala sem sequer ouvir o som de passos.

Jinshi sabia que Suiren cuidaria de tudo. Ele poderia se concentrar em outro trabalho.

O outro problema trazido a ele pela Enviada Especial Aylin, por exemplo. Algo que parecia novidade até para Lahan. Jinshi não queria ouvir; ele teria preferido tapar os ouvidos. Foi o suficiente para ameaçar destruir seu sorriso impenetrável.

Que tipo de problema era? Tinha a ver com a Dama Branca.

E por causa disso, ele perderia outra chance de visitar a farmácia no bairro do prazer..

○●○

“A Dama Branca foi presa.”

Ela foi informada dois dias depois dos acontecimentos na aldeia e no seu pântano. Considerando que sua carta demoraria um dia para chegar, as coisas aconteceram tão rápido quanto humanamente possível.

Foi Basen quem trouxe a mensagem, e Ukyou quem trouxe Basen para a loja quando avistou o jovem parado desconfortavelmente no saguão da Casa Verdete. Basen relaxou visivelmente quando Maomao lhe contou que sua irmã Pairin estava com alguém naquele dia e não estava em casa.

A loja era um tanto apertada, então Maomao pediu à senhora que preparasse um quarto para eles. O bordel tinha muitos aposentos excelentes para conversas privadas, mas apenas presumindo que Chou-u não os encontrasse. O pirralho

supercurioso se intrometeria diretamente em qualquer conversa. Felizmente, Ukyou se ofereceu para distraí-lo.

Maomao tomou um gole do chá que lhes foi servido. **"Isso está certo?"**

“Eu esperava mais entusiasmo” , disse Basen.

“Garanto que estou bastante chocada.”

Parecia que Basen ainda não estava acostumado a ler as expressões de Maomao. Jinshi ou Gaoshun certamente teriam registrado a leve ruga em sua testa.

Após a descoberta de que a Dama Branca estava usando pombos para facilitar sua rede de informações, eles rapidamente viraram a armação contra ela. Maomao presumiu que eles poderiam ler uma das cartas, sequestrar a pessoa que veio buscá-la e provavelmente aprender alguma coisa - mas ela nunca imaginou que seria tão fácil.

O que realmente fez a diferença foi que ela conseguiu trazer ajuda.

Com essa ajuda, Maomao foi até o velho que adorava a grande cobra. Ela acreditava que ele tinha no coração os interesses de sua irmã um tanto dúbia e de sua neta, e sabia que de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, eles estavam ligados à Dama Branca. O homem poderia ficar quieto, mas isso não salvaria as mulheres do castigo. Então, Maomao insistiu com ele, ele deveria desertar. (Chame isso de chantagem, se necessário.)

“Nós vigiamos o pombal e, quando detivemos a pessoa que o visitou, eles nos levaram à vila de um determinado burocrata”, disse Basen.

Perguntaram à irmã mais nova do velho e à sua neta se conseguiam identificar o funcionário em questão, e as mulheres disseram que o conheciam; eles também identificaram vários outros burocratas que eram amigos desse homem. Um deles, descobriu-se, estava abrigando a Dama Branca.

“Meio anticlimático. Mas não posso deixar de me perguntar: por que alguém iria tão longe para protegê-la?” Maomao disse.

“Os burocratas eram fumadores apaixonados de maconha e também foram encontrados vestígios do que se pensa ser ópio na casa.”

“Ah.” Mas é claro: uma vez que alguém fica viciado em narcóticos, pode fazer qualquer coisa para obtê-los. Tirar tal droga da sua vida também exigiu uma

decisão considerável. **“Só serve para mostrar que não se deve brincar com drogas perigosas, eu acho.”**

“Você é quem fala!” Basen disse. Ela ignorou seu olhar profundamente duvidoso, pensando em que remédio ela prepararia hoje. Basen provavelmente veio apenas para contar a ela o que havia acontecido, então seu negócio estava encerrado. Sua mão estava melhor agora; o curativo estava retirado. Na verdade, porém, Maomao não sabia ao certo por que eles não poderiam ter enviado uma carta a ela, ou pelo menos a algum outro mensageiro. Não há razão para Basen vir aqui e ficar aterrorizado com as cortesãs.

Apesar de ter entregue sua mensagem, Basen não deu sinais de se levantar para sair. Em vez disso, ele continuou lançando olhares furtivos para Maomao, a boca quase abrindo e fechando novamente.

Por fim ela perguntou: **“Há algum problema, senhor?”**

“Aham. Não, eu...”

Maomao estava curiosa, mas não queria se envolver. Seja o que for, provavelmente significava problemas – e pior, provavelmente significava Jinshi. Sim, definitivamente é melhor ficar longe.

Ela não via Jinshi desde que eles se separaram na capital ocidental. A extensão do contato deles foi a carta dela sobre a Dama Branca, à qual a resposta dele foi profissional.

Espero que ele apenas finja que nada aconteceu. Isso seria o mais harmonioso, na opinião dela. Infelizmente, o mundo não era um lugar decente o suficiente para lhe proporcionar harmonia só porque ela queria.

Basen finalmente parou de bater a boca e olhou-a bem nos olhos, claramente resolvido a dizer o que tinha a dizer. **"Eu tenho uma pergunta para você. Se o período menstrual de uma mulher não chega, é justo presumir que ela está grávida?”**

Maomao recebeu isso com silêncio – ela nunca sabia o que aquele homem iria dizer a seguir! Basen fez uma careta com o olhar desdenhoso que ela lhe deu, mas seu rosto ficou cada vez mais vermelho. Francamente, Maomao não tinha certeza do que fazer com uma resposta tão desesperadamente virginal. Ele queria saber como saber se uma mulher estava grávida? Será que ele se envolveu com alguma garota má que se aproveitou dele?

Acho que pude ver, ela pensou. Basen sempre pareceu um pouco aquém, em termos de homem. Não havia fim de pessoas no mundo que, sob a influência de beber um pouco demais, cometeram um erro noturno. E considerando o status de Basen, deve haver muitas mulheres ansiosas para tomar uma bebida com ele.

Ela sabia que isso era algo que ela não podia provocar; ela tinha que estar falando sério. **“Mestre Basen,”** ela começou. **“Eu sei que você pode se sentir enganado, mas um homem de verdade assume a responsabilidade por suas ações.”**

Basen olhou para ela, incrédulo.

“Se for realmente seu filho, então você tem que fazer o que é certo. Não que isso signifique que ela tenha se aproveitado de você, mas…”

"Espere. O que você está falando?"

“A pobre garota que você engravidou, Mestre Basen.”

“Eu não engravidei ninguém!” Basen bateu com o punho no chão, o impacto tão poderoso que fez Maomao sentir como se pudesse ser lançada ao ar. Era seu punho direito – ele não tinha medo de machucá-lo novamente?

"Por que você está perguntando, então?"

“B-Bem, é...” Sua boca começou a abrir e fechar novamente, mas ele conseguiu se inclinar e sussurrar no ouvido de Maomao: **“É sobre a consorte Lishu.”**

Maomao olhou para ele, estupefato. *Sem chance. Sem chance...*

Sim, parecia haver algo entre eles; se você pudesse desconsiderar suas respectivas estações, Basen e Lishu poderiam ter feito um belo trabalho—

Espere. Quando diabos eles teriam tido tempo?

Certamente não houve um momento livre. Por outro lado, Maomao mal os observava vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, então ela não tinha certeza. Então, novamente, eles alguma vez pareceram que...? Ela tentou se lembrar.

Ela parecia estar confusa, à sua maneira. Enquanto pensava, ela vasculhou seu armário de remédios e tirou um pacote de algo que colocou na frente de Basen. **“Esse é um abortivo relativamente inofensivo”** , disse ela – algo que mantinha à mão para as cortesãs.

“Não tenho certeza se posso controlar minha força, mas posso bater em você?” Basen perguntou com uma polidez incomum. O toque de civilidade, na verdade, indicava o quão irritado ele estava. Maomao sabia que nunca sobreviveria a um golpe de alguém com aquela força absurda e guardou delicadamente o remédio.

Basen pigarreou, bebendo um pouco do chá frio em um esforço para diminuir o rubor que surgiu em seu rosto, uma combinação de frustração e vergonha. **“Aham. O que estou dizendo é que um certo personagem augusto está em uma posição difícil.”** Aparentemente desesperado para evitar usar um pronome pessoal, ele recorreu a locuções extremamente tortuosas. **“Quando alguém fica longe de um determinado lugar por um longo tempo e depois retorna a esse determinado lugar, está sujeito às mesmas restrições como se estivesse entrando nele pela primeira vez.”**

Um certo lugar era sem dúvida o palácio interno.

“Ah, então é isso que está acontecendo” , disse Maomao, batendo nos joelhos.

Havia estipulações ao entrar no palácio interno: assim como se esperava que qualquer homem fosse eunuco, havia certas coisas que uma mulher também deveria fazer. Nada tão difícil como o que era exigido aos homens, mas a última coisa que queriam era que uma mulher entrasse no palácio interno com um filho já na barriga. Assim, a entrada de uma mulher só era permitida depois de confirmada a menstruação.

Havia exceções ocasionais para licenças temporárias, mas normalmente eram para prestar homenagem à família do noivo por ocasião do casamento de uma mulher - o nome do parceiro era registrado, então, se ela engravidasse, eles sabiam quem culpar . A maioria das mulheres partiu antes mesmo de a criança nascer.

Uma mulher que estava longe do palácio interno há quase dois meses, e ainda por cima uma alta consorte, não poderia esperar simplesmente voltar. O problema de Lishu era que já fazia mais de um mês desde que ela havia retornado da capital ocidental.

“Então a menstruação dela está atrasada?” Maomao perguntou. Basen assentiu miseravelmente. **“Bem, a consorte Lishu é jovem, então elas podem ser irregulares, e quando você considera o preço que a viagem deve ter cobrado dela, não pode ser tão surpreendente se ela se atrasar um pouco.”**

Isso, porém, falava puramente do ponto de vista da saúde. O fato de Basen estar conversando com ela e saber tais informações pessoais significava que havia algo mais acontecendo.

O que poderia acontecer a uma mulher suspeita de engravidar fora dos limites do palácio interno – uma das mais altas consortes de Sua Majestade, aliás? Especialmente quando a razão pela qual ela deixou o palácio interno nesta ocasião foi para que ela pudesse ser dada ao irmão mais novo do imperador, Jinshi, em casamento? Se Basen estava ciente desta situação, provavelmente Jinshi também estava.

Se aquela garota não tivesse azar, ela não teria sorte nenhuma , pensou Maomao. Ela teve que simpatizar com todas as tribulações às quais Lishu foi submetida, considerando que não eram culpa dela. Ela já foi intimidada e ridicularizada; se as pessoas pensassem que ela estava noiva de Jinshi, olhares de ciúme começariam a surgir em sua direção.

Grávida, entretanto? Consorte Lishu dificilmente parecia qualificada para engravidar. Ela nunca havia sido "visitada" pelo imperador. Diante disso, Maomao estava começando a pensar que viu o que Basen queria dizer.

"Você quer que eu prove que nada de desagradável aconteceu com a consorte Lishu."

Isso trouxe uma expressão indisfarçável de alívio ao rosto de Basen. **"Você vai fazer isso?"**

"Eu vou. Porém, precisarei ir ao palácio e não tenho certeza se eles me deixarão entrar. Um médico, talvez, mas uma apotecária qualquer?"

"Não se preocupe com isso. Já falei com o chefe do consultório médico. E Senhor Luomen gentilmente concordou em vir também."

Isso facilitou as coisas. Então Basen já tinha tudo preparado quando chegou. Quanto ao motivo pelo qual Luomen estava envolvido, era provável que Basen não confiasse no charlatão para lidar com isso, mas sabia que nem qualquer médico (homem) poderia atender a consorte. O pai adotivo de Maomao foi o compromisso perfeito.

Maomao estava entusiasmada com a perspectiva de ver seu pai novamente – já fazia um tempo. Ela se sentiu mal por Lishu, mas pessoalmente estava absolutamente feliz.

Basen, por outro lado, continuou com uma aparência sombria. Talvez ela devesse ter discutido o assunto com ele, mas ela não estava pensando nisso profundamente naquele momento.

No dia seguinte chegou um mensageiro do palácio. Maomao deixou Sazen encarregado da loja, como sempre.

“Por favor, não demore!”, ele disse. O que ele era, seu cachorro de estimação? Ele sempre foi assim. Maomao garantiu que Chou-u estaria fazendo compras com Ukyou quando ela partisse, e ela estava feliz por ter feito isso. Ela conversou com a senhora, e até a velha senhora entendeu que o menino não poderia ir com ela ao palácio.

Chou-u poderia ter ido embora, mas Maomao, a gata, acariciou-a persistentemente, até que ela a pegou pela nuca e a colocou na cabeça de Sazen.

“Ei, estou com calor...”, ele disse, mas não parecia especialmente infeliz enquanto saboreava o pelo branco da barriga do gato contra seu rosto.

Parecia ser uma vantagem desses passeios que eles achassem que ela precisava estar apresentável, e por isso lhe davam roupas novas sempre que ela era chamada para essas tarefas. Eles nunca as pediam de volta, então Maomao sempre vendia as roupas para a loja de roupas usadas ou as colocava em leilão entre as cortesãs. Além do manto habitual, desta vez havia um manto branco. Algo para servir de avental de médico naquela estação quente.

Se estivessem convocando Maomao, isso implicava que a menstruação da consorte ainda não havia chegado. Ela decidiu preparar um pouco de *wenjing tang* , uma mistura que ajudava no fluxo sanguíneo, só para garantir. Havia vários outros remédios que poderiam ajudar, mas Maomao escolheu um com efeitos colaterais mínimos. Ela presumiu que Luomen também teria alguns prontos - como não poderia, sendo muito mais experiente do que ela? -, mas achou que a consorte poderia se sentir menos intimidado em receber o remédio de outra mulher em vez de um eunuco.

A carruagem percorreu os terrenos do palácio, parando em algum lugar perto dos fundos do palácio. Na verdade, eles estavam bem perto do palácio para onde Anshi, a imperatriz viúva, os havia convidado uma vez.

Maomao vestiu o manto branco, ignorando o calor, e desceu da carruagem. Ela se viu diante de um palácio relativamente pequeno bem no meio entre a residência da imperatriz viúva e a da atual imperatriz. Deve ter sido construído há muito tempo

como local de residência de uma consorte real, antes de o palácio interno ter sido estabelecido. Quanto ao edifício onde o antigo imperador passara tanto tempo, que Maomao visitara no ano anterior, já não existia há muito tempo. Ela tinha que admitir que o lugar parecia um pouco mais árido sem ele.

Esperando em frente ao palácio estava um médico com uma expressão benigna no rosto e uma bengala na mão. Era Luomen. **“Ah, você está aqui”,** disse ele, arrastando uma perna enquanto se aproximava de Maomao. Eles enviaram cartas, mas já fazia quase seis meses desde a última vez que se viram.

Luomen estava acompanhado por outros dois homens que pareciam ser funcionários médicos. Ambos eram pequenos e idosos, nada ameaçadores - talvez fosse simplesmente assim que os médicos tendiam a ser, ou talvez fosse um gesto de consideração pela consorte Lishu.

“Por aqui, por favor”, disse uma mulher. Era uma das damas de companhia de Lishu do palácio interno. Maomao a reconheceu, mas não sabia seu nome. A mulher, porém, claramente conhecia Maomao; alguém poderia ouvir um *tsk* audível dela. Aparentemente, as atitudes entre as mulheres de Lishu não melhoraram – talvez até tenham piorado.

“Por aqui”, reiterou a mulher e depois conduziu-os pelo que pareceu a Maomao um caminho muito longo e tortuoso. Eles subiram para o segundo andar, depois para o terceiro, depois para o cômodo mais interno do andar, antes que a mulher dissesse: **“Sinto muito. Esqueci que a patroa mudou de quarto.”**

Ela está tão ansiosa para tornar nossas vidas difíceis? Maomao se perguntou. Os três médicos que a acompanhavam eram todos velhos; talvez sua aparência gentil tenha feito com que a mulher os tratasse levianamente.

Por fim, Maomao e seus companheiros foram conduzidos à câmara mais interna do primeiro andar do palácio, que parecia um quarto perfeitamente típico de uma consorte. Ênfase para uma consorte: os móveis eram de uma qualidade que o cidadão comum talvez nunca visse em toda a sua vida.

A consorte Lishu estava deitada em uma cama com dossel, com sua principal dama de companhia (que também era familiar) parada ao seu lado, parecendo bastante angustiada. Lishu estremeceu brevemente ao ver os médicos do sexo masculino (embora fossem idosos), mas ver Maomao com eles a relaxou - por um breve segundo, antes de estremecer novamente, por razões completamente diferentes.

Luomen disse simplesmente: **“Presumimos que poderia haver preocupações sobre nós, então trouxemos um procurador”** , e olhou para Maomao.

Lishu era suspeita de estar grávida – e mesmo que não estivesse, se algo tivesse

acontecido entre ela, uma alta consorte, e um homem que não fosse o imperador, sua vida estaria perdida.

Não que eu ache que isso seja remotamente provável . Por um lado, ela não achava que alguém tão transparente quanto Lishu pudesse manter um segredo como esse por muito tempo. Provavelmente não de Maomao, e quase certamente não de Ah-Duo, que esteve com ela durante toda a viagem. É claro que era impossível ser absolutamente positivo, mas parecia improvável.

Foi assim que Maomao se viu diante da consorte aterrorizada, flexionando os dedos. A solução mais rápida e simples seria verificar se a consorte Lishu estava intacta, uma tarefa para a qual Maomao, criado no bairro do prazer, era especialmente adequada. Ela tinha todos os tipos de maneiras de saber.

“Vamos nos apressar e acabar com isso. Isso será mais fácil para todos”, disse Maomao.

"O que? Espere... N-Não! Nãooooo!” Lishu lamentou.

"Você ficará bem. Terminarei antes que você possa contar os grãos de madeira da sua cama.”

“Terminar com o que... ahh! Eca! ”A consorte estendeu a mão desesperadamente para a sua principal dama de companhia, mas Maomao fechou a cortina à volta da cama. Quanto aos médicos idosos, permaneciam discretamente num canto da sala, de costas.

Por um tempo, o único som foi o choramingo de Lishu.

“Ela é pura. Claro” , anunciou Maomao categoricamente, enxugando as mãos com um pano. Lishu estava deitada na cama, completamente esgotada, provocando consternação em sua principal dama de companhia. Deveria estar tudo bem - Maomao era uma mulher; ela até fez algo semelhante ao avaliar se o filho da imperatriz Gyokuyou estava virado; mas evidentemente Maomao estava errada ao pensar que uma virgem completa faria o exame da mesma forma que uma mulher que já tivesse dado à luz. Lishu parecia ainda mais exausta do que quando arrancaram seu cabelo no banho.

“Maomao, você poderia ser mais gentil” , disse Luomen, embora fosse um pouco tarde para isso. Os outros dois médicos também exibiam expressões tensas.

Justamente quando Maomao estava pensando que o trabalho havia terminado e ela poderia relaxar e preencher a papelada, uma voz de mulher disse: **“Com licença”.** A porta se abriu e três das damas de companhia de Lishu entraram, flanqueando a ex-dama de companhia chefe da consorte, aquela que havia sido repreendida por Jinshi. Ela parecia encrencada, como sempre, mas hoje parecia ter levada isso a outro nível.

"Sim? Podemos ajudá-la?" perguntou a atual chefe dama de companhia. Ela era tecnicamente a superior nesta situação, mas começou a vida como nada mais do que uma provadora de comida e sentiu um compreensível choque de medo quando confrontada pela mulher que anteriormente ocupava o seu cargo.

A ex-dama-de-companhia simplesmente a ignorou, voltando-se para Maomao e os médicos idosos. **“Você conseguiu verificar a castidade da consorte?”,** ela perguntou.

“Sim, acabamos de terminar o exame”, disse Luomen, ao que a mulher olhou para Maomao.

“Mas você não fez o exame, não é? Foi aquela mulher lá. Uma conhecida da consorte. Você não vê um problema aqui?” Ela parecia estar sugerindo que Maomao poderia mentir para proteger Lishu – uma atitude que Maomao considerou irritante, com razão.

“Talvez você queira se juntar a mim na realização de um reexame, então?”, ela disse. **“Talvez devêssemos chamar uma parteira também, só para ter mais segurança.”**

Sua ideia provocou olhares de angústia - de Lishu e de sua principal dama de companhia. A consorte parecia que poderia morrer de vergonha se fosse submetida a mais humilhações desse tipo.

A ex-dama de companhia, por sua vez, simplesmente balançou a cabeça. Era quase como se ela pensasse que era ela quem estava no comando aqui – ela certamente se tornou mais presunçosa desde que Maomao a viu pela última vez. Antes, pelo menos ela estava disposta a fingir ser respeitosa com a consorte.

O motivo de sua arrogância logo ficou claro: ela o segurava na mão. **“Devo dizer que esperava muito que não chegasse a esse ponto, mas encontrei isso e me senti obrigado pela honra de chamar a atenção coletiva de vocês para o assunto.”** Ela colocou um pedaço de papel sobre a mesa. (Maomao não pôde deixar de notar como estava amassado.) **“Confesso, não pude acreditar que a consorte escreveria uma coisa dessas!”** A mulher inclinou-se dramaticamente – quase teatralmente – contra a mesa.

Quando Maomao viu o que estava escrito na página, ela só conseguiu franzir a testa.

"Uma carta de amor!" A ex-dama de companhia chefe anunciou. **“Para alguém que não é Sua Majestade!”**

A página estava coberta de personagens bonitos e femininos – e uma plenitude de palavras doces e proclamações de amor.

Então é por isso que ela nos levou pela rota panorâmica , pensou Maomao, finalmente entendendo por que o atendente os levou para a sala errada antes de finalmente trazê-los para a consorte Lishu. Ela não estava fazendo uma brincadeira desagradável – ela estava ganhando tempo.

A ex-dama de companhia chamou um funcionário que estava fora da sala. Maomao não sabia por que ela estaria tão ansiosa para fazer isso – a infidelidade da consorte também teria consequências para suas damas de companhia. Acima de tudo, a questão de saber se a carta era realmente de Lishu incomodava Maomao, mas a caligrafia já havia sido examinada e determinada como sendo dela.

Maomao e os médicos foram expulsos do edifício antes de terem oportunidade de interrogar a consorte. Parecia que a ex-chefe queria agir antes que Maomao pudesse fazer o exame, mas a tática de adiamento não ganhou tempo suficiente para isso. Em vez disso, pode-se dizer, ela recorreu à força.

Maomao e seus companheiros decidiram voltar ao consultório médico do palácio. Maomao era uma estranha, enquanto Luomen e seus dois colegas médicos não eram personalidades fortes. Se recebessem ordem de partir, pouco poderiam fazer a não ser partir. Maomao estava determinada a pelo menos redigir um relatório sobre as suas descobertas. A ex-dama de companhia insistiu que a palavra de Maomao não era confiável, mas não cabia a ela julgar. No mínimo, os médicos que a acompanhavam tinham visto o rosto de Lishu e pareciam acreditar que Maomao estava certa.

“Isso foi bastante descarado”, observou o Médico Idoso nº 1. Ele tinha uma estrutura esguia que fazia pensar em uma árvore estéril.

"Sim! Era quase demais para assistir” , respondeu o Médico Idoso nº 2, um homem corpulento com dedos que pareciam salsichas.

Luomen não era mais jovem que os outros dois médicos, mas, como membro mais novo do consultório, foi ele quem serviu o chá. Maomao levantou-se para ajudá-lo, mas ele a fez sentar-se novamente, insistindo que ela se concentrasse em escrever.

“O palácio interno sempre teve pessoas como ela, mas é sempre decepcionante perceber que esse tipo ainda está vivo e bem” , disse o primeiro médico.

"Você disse isso!", disse o segundo. **“Não estou dizendo que as mulheres são más, apenas que algumas delas tornam o ambiente um lugar mais escuro. É a mesma coisa no palácio em geral...”**

Maomao inclinou a cabeça, surpresa: eles conversavam como se tivessem estado no palácio interno. **“Vocês não são eunucos, são, senhores?”**

"Não, não somos. Estávamos no palácio interno, mas não fomos castrados – saímos de lá antes que nos pegassem.”

“Antigamente, um médico não precisava ser eunuco para ir ao palácio interno. Embora eles fizessem você tomar uma droga estranha sempre que você visitava.”

Ah... Maomao lembrou: o escândalo mais notório no palácio interno ocorreu décadas atrás, quando um médico se envolveu com uma mulher que ali servia e a engravidou. Ou, pelo menos, essa era a história — na verdade, fora obra do ex-imperador, mas o crime foi atribuído ao infeliz médico, que foi banido junto com a criança. Problema resolvido, no que diz respeito à burocracia.

Hoje em dia, o velho charlatão era o único médico no palácio interno, mas na época daquele incidente havia muitos médicos servindo lá - naturalmente, já que não era necessário abrir mão da masculinidade para fazer isso.

“Muito bem para eles. Cheguei um pouco atrasado para sair e aqui estou” , disse Luomen suavemente enquanto colocava xícaras de chá em uma bandeja.

“A culpa é sua, Xiaomen. Você nunca acha que algo é urgente o suficiente para ser apressado! ” O Médico Idoso nº 1 riu.

“Isso mesmo, mas você com certeza nos ajudou!” O nº 2 riu. Os dois pareciam estar se divertindo, enquanto Luomen simplesmente parecia um pouco confuso. O que mais ele poderia fazer? Pelas atitudes até o apelido carinhoso, ficou claro que eram velhos amigos.

O Médico Idoso nº 2 voltou-se para Maomao. **“Então você é filha adotiva de Xiaomen, senhorita? Então, é o excêntrico, L…”**

O rosto de Maomao começou a se contorcer até adquirir um olhar descarado. O corpulento médico rapidamente fechou a boca.

“As jovens sempre têm alguns assuntos que preferem evitar. Vamos respeitar isso”, disse o médico magrelo astutamente. Claramente, a idade lhe trouxe sabedoria. Mais útil.

“Voltando ao assunto, então o palácio interno sempre teve muitas pessoas como ela?” Maomao perguntou.

"Sim. Elementos caóticos.” Quando a imperatriz reinante estava no poder, as mulheres no palácio interno estavam empenhadas em chutar umas às outras. Os funcionários eram selecionados, e selecionados frequentemente, com base na sua capacidade, e assim o palácio interno tornou-se um microcosmo da tensão que permeou toda a corte. **“E as pessoas dizem que também havia muitos espiões.”**

“Espiões?”

Evidentemente, as intermináveis batalhas entre as consortes os inspiraram a começar a usar empregadas domésticas na esperança de obter informações privilegiadas.

“De vez em quando, até as damas de companhia se tornavam traidoras” , disse o médico. Uma senhora insatisfeita com sua situação poderia facilmente ser alvo de conversa, transformada em um peão no jogo de outra pessoa. Ou ainda, poder-se-ia confiar no poder dos pais para explorar uma fraqueza dos pais do alvo – e assim a hierarquia no palácio interno poderia mudar com uma velocidade vertiginosa.

“Ficou excepcionalmente ruim quando a atual imperatriz viúva engravidou. Mulheres enlouquecidas de ciúme até tentaram matá-la.”

"Isso é verdade! Não sei como ela sobreviveu até que a imperatriz reinante a colocou sob sua proteção” , disse o outro médico.

“Tudo graças à incrível dama de companhia que ela teve. Ela realmente sabia como se comportar... dizem que ela até fez os assassinos atacarem suas amantes!”

O que é isso, um romance? Maomao pensou, tomando um gole de chá e parecendo nada impressionada.

“De qualquer forma, faz muito tempo que não vejo algo tão desagradável” , disse o primeiro médico.

Isso trouxe uma questão à mente de Maomao; ela disse: **“Pelo jeito que você está falando, parece que você acha que outra pessoa no palácio dos interno está conspirando para derrubar a consorte Lishu”.**

“Você acha que não? Por que outro motivo uma pessoa se voltaria tão espetacularmente contra a grande dama a quem serve?”

Era um argumento justo – até agora, a ex-dama de companhia nunca tinha ido além do assédio comum. Desta vez, porém, ela estava claramente decidida a destruir a consorte. Se ela tivesse sucesso, Lishu seria banida do palácio interno e suas damas de companhia ficariam desempregadas. Na verdade, elas teriam sorte se não sofressem o mesmo castigo que sua amante.

“Isso parece muito superficial” , disse Maomao.

Os Médicos Idosos Números 1 e 2 se entreolharam. **“Se você é filha de Xiaomen, tenho certeza de que é uma jovem muito inteligente. Mas nem todo mundo é tão cuidadoso e atencioso quanto você”,** disse pacientemente o médico esguio.

“Eu entendo isso” , disse Maomao – mas isso era demais.

“Pessoas assim não estão pensando no futuro – apenas no seu orgulho. Eles podem começar irritando alguém de quem não gostam, mas quando há resistência, isso só os deixa mais irritados.”

“Você não acha que ela hesitaria nem um pouco? Ela está lidando com uma alta consorte e é apenas uma dama de companhia.”

“É exatamente isso. Se uma pessoa se sente pisoteada, basta que alguém lhe dê um empurrãozinho e ela cai – os humanos são engraçados assim.” Era uma maneira simples de fazer um espião.

“Hahaha, você gosta desse tipo de história, não é?”, disse o médico rechonchudo, enfiando um pãozinho na cara. **“É exatamente como você disse que ‘Branca Imortal’ de quem todos falavam era uma agente de inteligência de outro país.”**

Luomen tomou um gole de chá com um sorriso reservado no rosto, mas havia uma simpatia inconfundível pela consorte Lishu em seus olhos.

“Ei, não se preocupe com isso. Assim que sua garota enviar a papelada, a consorte estará livre e limpa”, disse o corpulento médico, obviamente capaz de dizer exatamente como Luomen estava se sentindo.

“Mas aquela carta de amor”, disse Luomen, sua preocupação não amenizada.

"Oh aquilo. Garotas da idade dela escrevem cartas assim o tempo todo. Qual é o problema em deixar um pouco de fantasia tomar conta de você? Eu sei, eu sei – é constrangedor, com certeza, e é um problema vindo de uma alta consorte. Mas basta dizer que ela estava praticando a escrita para Sua Majestade e o problema desaparece. Talvez ela tenha escrito aquela carta, mas não a enviou, não é? De qualquer forma, todas as cartas das consortes deveriam ser verificadas pela censura.”

“Sim, eles deveriam ser...” disse Maomao. Mas ela estava preocupada com o quão confiante a ex-dama de companhia havia agido.

“Diga, Maomao” , começou Luomen, olhando para fora.

"Sim?"

“Tem uma certa pessoa que sempre aparece por volta dessa hora, dizendo que é hora do lanche. Tem certeza de que deveria estar aqui?”

Com isso, Maomao prontamente esvaziou o chá. No mesmo momento, ela ouviu um velho estranho assobiando lá fora. Ela não perdeu um segundo juntando suas coisas e abrindo a janela em frente à entrada. **“Vou sair, então”** , disse ela.

“Você é estranha”, disse um dos dois Médicos Idosos, mas nenhum deles tentou impedi-la; eles estavam muito ocupados se preparando para a tempestade que estava prestes a cair.

Exatamente no mesmo momento em que Maomao pousou no chão do lado de fora, houve uma grande batida quando a porta se abriu. **"Tio! Eu trouxe um pouco de *ji dan gao* ! Você se juntará a mim, não é?”**

O homem que anunciava seu lanche não era outro senão o maluco de monóculo, e sua entrada deixou Maomao sem absolutamente nenhum motivo para ficar por mais tempo.

Ainda não tenho certeza, no entanto...

Será que o problema de Lishu realmente acabaria agora? A pergunta a deixou inquieta. Ela esperava que não houvesse nada de maior acontecendo, mas os sentimentos ruins de Maomao tendiam a estar certos.

Capítulo 13: Escândalo (Parte Um)

Alguns dias depois, Sazen veio até ela com uma história perturbadora. Ele apareceu na loja com o rosto tenso, dizendo que queria conversar. Maomao se perguntou sobre o que ele poderia querer conversar, mas acabou sendo ninguém menos que consorte Lishu.

“Se uma consorte de retaguarda do palácio estivesse se encontrando secretamente com um homem, ela seria condenada à morte?”

A pergunta veio completamente do nada, e Maomao só conseguiu pronunciar um confuso **“Huh?”**

Sazen pareceu considerar a resposta dela um tanto insultuosa; ele pisou no chão e disse: **“Ela iria ou não? Sou um caipira ignorante; apenas me diga!”** Seu olhar era penetrante. Maomao percebeu que a reação dela não foi a ideal. Sazen, ela sabia, já servira ao clã Shi e, embora não tivesse lealdade aos seus antigos mestres, ela suspeitava que ele tivesse alguma ligação com Loulan.

“Acho que isso seria inevitável em casos de infidelidade, não é? Uma dama comum do palácio pode ser uma coisa, mas você está falando de uma consorte. Por que você está falando sobre isso? O que causou isso?”

Sazen franziu os lábios e não conseguia olhar para ela. **“Ouvi falar disso no mercado – dizem que o imperador está se preparando para subjugar outro clã.”**

“É o clã U, por acaso?”

"Nenhuma ideia. Mas ouvi dizer que foi por causa de uma alta consorte que tem apenas dezesseis anos.”

Maomao não disse nada sobre isso, mas desejou poder colocar a cabeça entre as mãos. Se até mesmo Sazen tinha ouvido falar desta situação, provavelmente todos na capital já tinham ouvido falar. Ela tinha certeza de ser explícita em seu relatório de que a consorte Lishu era inocente. O que quer que a ex-dama de companhia chefe da consorte pudesse estar fazendo, Maomao tentou dizer a si mesma que não seria grande coisa. Mas parecia que ela estava errada.

Normalmente, ela enviaria uma carta para Jinshi e simplesmente esperaria que ele fizesse algo a respeito, mas não havia tempo para isso agora.

“E-Ei!” Sazen chorou quando ela deu um pulo.

“Vou precisar que você observe a loja um pouco.”

“O que, de novo?!”

Maomao saiu correndo em direção ao lado norte da capital. Era lá que ficava o palácio — junto com todo um bairro de casas de alta classe. Uma delas era uma das vilas de Sua Majestade, lar de Ah-Duo, ela própria uma ex-alta consorte.

“Lady Ah-Duo está?” Maomao perguntou ao guarda, mesmo sabendo que ele não iria simplesmente permitir sua entrada.

“Você tem um compromisso oficial, senhorita?”, o guarda perguntou. O fato de ele estar disposto a falar tão educadamente com uma mera apotecária - e não

particularmente bem vestida - provavelmente era porque ele se lembrava de Maomao de suas outras visitas aqui. Mas isso não seria suficiente para obter sua admissão.

“Receio que não, senhor, mas simplesmente preciso ver Lady Ah-Duo.”

“Desculpe, regras são regras. Não posso simplesmente deixar você entrar”, disse o guarda, parecendo genuinamente arrependido. Ocorreu brevemente a Maomao tentar passar por ele à força enquanto ele estava ocupado sentindo pena dela, mas ela sabia muito bem que isso só terminaria com ela presa.

“Posso pelo menos pedir que você leve uma mensagem para mim?”

“Receio que ela não esteja aqui agora...”

Maomao fez uma careta como se tivesse mordido algo particularmente amargo. Se ela fosse apenas se deixar mandar para casa, ela poderia muito bem nem ter vindo.

Eu me pergunto se Suirei está aqui , ela pensou, mas depois descartou a ideia. Suirei não deveria existir oficialmente. Ela não encontraria Maomao sozinha e, mesmo que o fizesse, provavelmente não teria autoridade para convocar Ah-Duo.

“Posso esperar?” Maomao perguntou, determinado a ficar lá até que Ah-Duo voltasse.

Foi cerca de uma hora depois que uma carruagem chegou à vila. O guarda teve a gentileza de alertar Maomao, que estava sentado à sombra de uma árvore enquanto esperava. Ela ficou de pé e correu até o veículo; O rosto de Ah-Duo apareceu na janela.

"Bem, isto é uma surpresa. Sempre achei que você fosse um pouco mais fria do que isso”, disse Ah-Duo – e era verdade que alguns anos atrás, Maomao provavelmente não teria vindo pessoalmente para Ah-Duo assim. Ela teria tido em mente que o palácio tinha suas próprias maneiras de manter seu equilíbrio, e que o imperador parecia especialmente atencioso com Lishu, de modo que nada de muito terrível poderia acontecer com ela.

Naquele momento, porém, em sua mente, Lishu parecia se sobrepor à senhora do clã Shi aniquilado. Talvez tenha sido isso que a deixou estranhamente emocionada com isso.

“Vamos conversar lá dentro” , disse Ah-Duo. **“Tenho certeza que você deve estar com sede depois de tanto tempo de espera neste calor.”**

“Obrigada, senhora”, disse Maomao, curvando-se profundamente, e então elas entraram na vila.

“Portanto, já existem rumores no mercado. As notícias viajaram mais rápido do que eu esperava.” Ah-Duo sentou-se com as pernas e os braços cruzados. Para qualquer outra pessoa, a postura poderia parecer imperiosa, mas para ela parecia estranhamente adequada e nada ofensiva. Uma dama de companhia serviu-lhes chá, mas desapareceu quase sem que Maomao percebesse. Maomao pensou que Suirei, pelo menos, poderia estar presente, mas não havia sinal dela.

Hesitante, ela disse: **“Posso deduzir pelo seu tom, senhora, que os rumores são verdadeiros?”**

“A verdade é que no momento ela está confinada em um palácio separado” , disse Ah-Duo. A consorte não estava, a rigor, sendo tratada como criminosa, mas ainda estava efetivamente presa.

“Você teve a oportunidade de falar com a consorte Lishu?”

“Sim” , respondeu Ah-Duo. Ela disse a Maomao que Lishu insistiu que não havia escrito nenhuma carta de amor - mas também, acrescentou Ah-Duo, a carta em questão foi claramente escrita por Lishu.

Isso fez Maomao hesitar. **“Essas coisas não se contradizem?”**

“Não. Parece que o texto em questão foi copiado de um romance.”

Então é isso. Os romances que as mulheres do palácio tanto amavam estavam cheios de histórias de romance — algumas partes das quais poderiam parecer uma carta de amor se fossem encontradas isoladamente.

“A consorte ficou bastante chocado. Ela diz que estava copiando a história para uma senhora do palácio de quem recentemente fez amizade.”

Maomao olhou para o chão. Lishu acreditava que, lenta mas seguramente, ela estava ganhando alguns aliados.

Uma mulher que não sabia escrever provavelmente era uma mulher de posição inferior. Ao escrever a história, Lishu tentou, à sua maneira um tanto estranha, fazer amigos. Copiar um texto pode parecer uma coisa bastante mundana, mas teria levado tempo e esforço consideráveis - e como Lishu estava fazendo isso e não pedia nada em troca, ela poderia muito bem ter imaginado que isso aprofundaria a amizade entre ela e essa outra mulher. Ela deve ter ficado muito feliz com a ideia.

Apenas para se ver traída, pensou Maomao. Ou será que a outra mulher abordou a consorte com isso em mente o tempo todo? Seja como for, foi tudo muito dissimulado.

“Você não poderia fornecer uma cópia do livro em que ela estava trabalhando?”

“O problema é que... todo livro que entra no palácio interno passa pelos censores, que mantêm uma cópia em mãos para referência. Mas nada do que eles têm corresponde a esse texto.”

“Você quer dizer que não passou pelo escritório deles?”

“Hum. Alguém o contrabandeou.”

Bem, agora. Isso era um problema. Ainda algo incomodava Maomao. **“O que aconteceu com a mulher que pediu a consorte para copiar o livro? Onde ela está? Aliás, como é que uma mulher que não sabe ler conseguiu um livro que tinha contornado os censores?”**

“Suponha que a mulher já tenha ido embora?” Ah-Duo disse. Enquanto a consorte Lishu estava em viagem, cerca de cem mulheres chegaram ao fim de seus mandatos de serviço e deixaram o palácio interno. Essa mulher misteriosa tinha sido uma delas.

“E depois que ela foi embora?”

“Nós olhamos, naturalmente. Mas nunca a encontramos. De qualquer forma, não é como se ela estivesse oficialmente atendendo a consorte. Elas parecem ter se conhecido quando a mulher fez biscoitos a pedido da consorte. Mesmo que a encontrássemos, ela poderia simplesmente se fazer de boba. Ela pode estar fazendo tudo com um olho no fim do contrato.”

Se este fosse, de fato, um crime premeditado, teria sido difícil para a mulher agir sozinha. Maomao tentou pensar sobre o que sabia. Uma coisa era certa: se uma alta consorte como Lishu tivesse começado a fazer amizade com uma empregada doméstica, seus críticos não teriam ficado calados sobre isso – muito menos sua ex-dama de companhia chefe.

Então, uma dama do palácio, perto do fim de seu mandato, abordou a consorte Lishu para copiar um texto romântico de um livro. Acontece que esse livro foi um que os censores não viram ou aprovaram. Algo que uma empregada humilde e analfabeta normalmente nunca possuiria.

“Estou pensando que alguma outra pessoa usou a empregada para convencer a consorte a escrever a passagem, mas qual a sua opinião, Lady Ah-Duo?” Maomao perguntou. Ela não gostava de trabalhar inteiramente baseada em suas próprias suposições; ela esperava que Ah-Duo pudesse apoiar sua intuição.

“Eu concordo” , disse Ah-Duo, mas depois acrescentou: **“A senhora da consorte Lishu alegou que encontrou a ‘carta’ no quarto da consorte, mas na verdade foi encontrada em outro lugar – em algum lugar fora do palácio interno.”**

“Será que realmente foi enviado para algum fidalgo em algum lugar?”

Se ainda estivesse nos aposentos de Lishu, seria fácil afirmar que ela iria enviá-lo ao imperador: problema resolvido. Mas se já estivesse na posse de outro homem, então seria difícil culpá-los por tratá-la como infiel.

"Sim, infelizmente. É por isso que é um problema tão grande e por que ela está trancada a sete chaves agora. O homem em questão é filho de uma criada, alguém que conheceu a consorte diversas vezes ao longo da vida. Ele nega qualquer envolvimento, mas a carta foi encontrada em sua casa.”

O homem poderia protestar sua inocência o quanto quisesse; encontrar evidências como essa em sua própria propriedade foi bastante contundente. Aparentemente, a ex-dama de companhia chefe alegou que havia algo entre este homem e a consorte quando ela voltou do convento para o palácio interno, e ela insistiu muito para que o homem fosse investigado. Ela amarrou a consorte Lishu com um lindo laço.

Mas isso não faz sentido!

“Como ela enviou a carta? Achei que os censores verificavam tudo, até as cartas para casa”, disse Maomao. Foi por isso que, em uma ocasião, alguém tentou usar produtos químicos infundidos nas tiras de madeira como um código, e por que as cartas da imperatriz Gyokuyou para sua família foram tão indiretas na comunicação das informações que continham.

“A carta estava dobrada bem pequena. Deve ter sido colocado entre alguns itens que ela estava mandando para casa, para o menino pegá-la primeiro.”

Não era impossível. Mas algo parecia errado. Talvez Maomao se sentisse tão confusa e confusa porque era Ah-Duo contando tudo isso a ela. O que ela realmente queria era ouvir a história em primeira mão.

“Você acha que alguém poderia me conseguir uma entrevista com a consorte Lishu, ou mesmo com esse jovem?”, ela perguntou.

Naquele exato momento, alguém bateu na porta e um criado mostrou o rosto hesitante.

"O que é?" Ah-Duo perguntou, e o servo olhou para Maomao como se não tivesse certeza do que fazer.

“Um Mestre Basen está aqui perguntando por Lady Maomao.”

Era como se ele estivesse esperando a deixa.

Basen ofereceu apenas as saudações mais superficiais a Ah-Duo antes de arrastar Maomao embora.

“Se me permite perguntar, senhor, o que diabos você pensa que está fazendo?” Maomao perguntou. Basen veio a cavalo, relutante até mesmo em uma carruagem, e os dois se destacaram como um polegar machucado enquanto avançavam pela cidade, Maomao agarrado atrás dele. Ela tinha pelo menos um pano para cobrir o rosto.

“Você ouviu falar da consorte Lishu?”, ele disse.

"Sim..."

“Então você deve ter descoberto. Você deve ter alguma maneira de mostrar a inocência dela.” Maomao pensou ter entendido o que Basen estava dizendo, mas algo ainda a incomodava. **“Eu não posso vê-la sozinha. Disseram-me para encontrar um procurador”,** disse ele.

Uma mulher sob suspeita de infidelidade certamente acharia difícil encontrar um homem, é verdade. Por mais que Basen não pudesse ter sido um salva-vidas melhor para ela, Maomao decidiu ajustar o homem teimoso. **“Disseram a você. Por Jinshi?”,** ela perguntou.

“Estou... usando meu próprio julgamento.”

"Oh, entendo."

Sim, algo incomodava Maomao – mas como ela não queria perturbar a pessoa que controlava o cavalo, ela guardou isso para si por enquanto.

A Consorte Lishu foi transferida do palácio que ocupava alguns dias antes. Aquele edifício não era muito diferente daquele que ela tinha no palácio interno, mostrando que ela ainda estava sendo tratada como sua posição merecia – mas agora ela havia sido transferida para a parte oeste da cidade, e sua residência era menos um palácio do que uma torre. Parecia uma torre que se pode ver num templo, mas numa escala maior, com seis andares de altura e vários telhados sobrepostos, e embora lhe faltasse um pouco de cor, isso só o fazia parecer ainda mais imponente. A impressão foi reforçada pelo anel de árvores gigantescas que circundava o local. Verdadeiramente impressionante, no que diz respeito aos edifícios – mas alojamentos bastante pobres para uma consorte real. Os homens corpulentos que montavam guarda na entrada não tornavam o local mais convidativo.

“Durante o tempo da imperatriz reinante, uma poderosa cortesão que se voltou contra ela foi trazida para cá, sob o pretexto de ter uma doença incurável” , informou Basen a Maomao. **“Eles alegaram que a trouxeram aqui para tentar um novo procedimento médico. É o mesmo lugar para onde os irmãos do ex-imperador foram levados quando contraíram a doença que os matou. Todos eles encontraram seu fim nesta torre.”**

Portanto, esse lugar tem uma história. Maomao estava prestes a dizer isso em voz alta, mas ela se conteve. A triste história de alguma forma roubou a gravidade do local, transformando-o em nada mais do que uma prisão sombria. *Sua Majestade ordenou isso?,* ela imaginou. Ela sempre acreditou que ele gostava de Lishu, à sua maneira.

“Se conseguirmos encontrar uma maneira de minar as evidências, ela poderá sair daqui”, disse Basen. O que ele quis dizer foi que queria que Maomao falasse com a consorte e descobrisse a verdade.

Felizmente para ele, Maomao queria a mesma coisa.

Havia, no entanto, uma coisa que ela precisava ter certeza primeiro. Ela puxou o pano sobre a cabeça para poder olhá-lo bem nos olhos e disse: **“Vou fazer o que você pede, Mestre Basen, porque compartilho sua objeção ao tratamento da consorte Lishu”.**

Maomao sentia compaixão de vez em quando. Ela originalmente considerou Lishu nada mais do que uma princesinha desagradável, mas ao ver o infortúnio cair sobre a jovem repetidas vezes, ela passou a simpatizar com ela. Certamente ninguém poderia culpar Maomao por tentar fazer algo para ajudar a consorte. No palácio

interno, Maomao era a mulher da então consorte Gyokyou e, portanto, ela não poderia ser muito vociferante em apoio a Lishu - mas agora ela não tinha essa preocupação.

E quanto a Basen?

“Entendi corretamente que não estamos fazendo isso por ordem do Mestre Jinshi, mas a seu critério?”, ela perguntou.

"Você entendeu."

“E o que motiva esse comportamento, senhor?” Era a coisa óbvia a perguntar. Tão óbvio, na verdade, que ela não foi capaz de perguntar, embora isso estivesse em sua mente.

“Quem não gostaria de ajudar uma consorte inocente em apuros?” Basen disse.

"Como você sabe que ela é inocente?" Maomao disse categoricamente. Lishu e Basen acabaram de se conhecer em sua recente viagem. Eles se viram no banquete, é verdade, mas não tiveram oportunidade de conversar. E, fora isso, houve poucas oportunidades para eles sequer se verem durante a viagem – a única vez que estiveram cara a cara foi quando a leão atacou. Mais uma vez, eles mal se falavam até então; na maior parte do tempo, Basen simplesmente bombardeou Maomao com perguntas sobre Lishu. Agora ele estava agindo para ajudar aquela jovem sem ordens oficiais, inteiramente por conta própria. Por quê?

Eu gostaria que ele não fizesse isso.

Houve pessoas no mundo que fizeram algo extraordinariamente cansativo: apaixonar-se à primeira vista. Eles ignorariam completamente a personalidade e o status social, sentindo o amor, por assim dizer, baseado apenas na aparência de uma pessoa. Maomao tinha certeza: naquele momento, Basen estava operando sob a influência exatamente desses sentimentos enfadonhos. É verdade que ela sabia que ele ficava um pouco emocionado de vez em quando, mas na maior parte do tempo Basen estava bem ciente de seu lugar como assistente de Jinshi. Um lugar do qual agir por vontade própria para provar a inocência de Lishu enfaticamente não fazia parte.

Sendo assim, Maomao queria deixar bem claro uma coisa: **“Mesmo que estabeleçamos a inocência da consorte, o melhor que você pode esperar é que ela retorne ao palácio interno”.**

"Sim, eu sei disso."

Ela era uma flor que desabrochava num pico tão alto que ele nunca alcançaria enquanto vivesse. Reconhecer isso seria suficiente para encerrar o assunto para ele?

“Se você quer dizer isso, senhor, então muito bem.” Ainda havia muitas coisas que Maomao gostaria de poder dizer, mas decidiu parar por aí. Ela não estava mais ansiosa do que ninguém em meter o nariz nesses assuntos.

Às vezes acontecia com os clientes: eles ficavam loucos por uma cortesã na primeira vez que a viam e iam ao bordel constantemente, gastando todas as moedas que tinham com a mulher. Mas quando o dinheiro acabava, o amor também acabava, e os homens que não entendiam isso difamavam a cortesã repentinamente distante e desinteressada, ridicularizavam-na, às vezes até ficavam furiosos e tentavam matá-la. Não há nada mais perturbador do que um homem rindo ruidosamente em um quarto encharcado de sangue.

Se eles fossem se apaixonar por uma mulher que esconde as olheiras com maquiagem, olheiras causadas pela falta de sono por entreter os clientes a noite toda, você esperaria que eles pudessem pelo menos ser fiéis a esse amor. Se eles não percebessem o que estavam recebendo, então a culpa era deles por estarem tão prontos para dar seus corações.

Maomao olhou para Basen, implorando silenciosamente para que ele não fosse um daqueles homens.

“Eu sei” , disse Basen, tanto para si mesmo quanto para ela. As palavras soaram pesadas em sua boca e Maomao continuou a fita-lo com um olhar severo quando entraram na prisão.

“Você está bem, senhora?” Maomao perguntou a consorte Lishu, embora soubesse que não poderia estar muito bem. Quando foram admitidos na torre, receberam uma tira de madeira com a hora escrita e disseram que estavam livres para falar com Lishu até o próximo sino tocar.

A torre era de construção bastante incomum, com uma escadaria e corredores serpenteando pelo exterior, enquanto o interior era inteiramente dedicado a quartos individuais. Os aposentos de Lishu ocupavam dois quartos simples e adjacentes no terceiro andar; Maomao se perguntou se poderia haver pessoas nos andares de cima, mas parecia que não.

Lishu acenou com a cabeça, seu rosto pálido. A sua principal dama de companhia estava ao seu lado, mas, pelo que Maomao podia ver, ela não tinha outros acompanhantes. O quarto em si estava bem equipado para a cela de um criminoso, mas para um membro da nobreza deve ter sido um grande constrangimento.

Eu me pergunto quantas pessoas enlouqueceram e morreram nesta sala, pensou Maomao, mas ela sabia que não deveria dizer isso em voz alta - ela só faria com que ainda mais sangue escorresse do rosto de Lishu. Em vez disso, ela perguntou: **"Posso perguntar se o seu *visitante* mensal já chegou?"**

"Sim... finalmente", disse Lishu, olhando para o chão com vergonha. Isso não significava necessariamente que ela se sentiria fisicamente melhor, mas oferecia o consolo de que ela não teria de ser submetida a exames adicionais por mais ninguém, alegando que o trabalho de Maomao era suspeito. Pelo menos demonstrou conclusivamente que ela não estava grávida.

"Você poderia me dizer que tipo de relacionamento você tem com o homem que recebeu a carta?"

"Não é uma carta. É apenas algo que copiei", disse a consorte. Maomao optou por interpretar isto como uma negação de qualquer envolvimento com o homem, por mais fracos que fossem os termos. **"Ele é filho de um servo. Tudo o que ele fez foi tomar conta de mim algumas vezes quando eu era pequeno. A última vez que o vi foi na mansão, quando voltei do convento. Minha babá me disse que ele era uma pessoa adulta e muito séria."**

Nada disso parecia que Lishu estava mentindo; Maomao estava inclinada a acreditar na consorte.

"Nunca lhe enviei nenhuma carta, e a única razão pela qual enviei alguma coisa para casa foi porque eles enviaram um presente a Sua Majestade, e ele achou que deveriam receber algo em troca. Eu não enviaria nada para eles sozinha. A coisa mais próxima que chego de uma carta deles é quando a notícia chega do meu pai através da minha babá."

A ironia da situação é que Lishu ficou muito mais falante do que o normal. Cada vez que seus olhos encontravam os de Maomao, porém, ela desviava o olhar novamente. Isso era bastante normal para ela, e Maomao não se importou. **"Ouvi dizer que a carta foi entregue à sua família. Você acha que tal coisa é possível?",** ela perguntou.

“É impossível dizer” , respondeu não Lishu, mas sua principal dama de companhia. **“A maior parte do que Lady Lishu manda para sua família são presentes de Sua Majestade. Alguém da casa dela deveria vir buscá-los imediatamente após o palácio interno terminar de processar as mercadorias.”**

Não havia nenhuma estipulação sobre quem viria buscá-los – mas parecia ter sido o filho deste servo. Em outras palavras, nada poderia ser provado, mas também nada poderia ser refutado. Se a ex-chefe de Lishu tivesse a intenção de desacreditá-la, seria natural investigar o assunto.

“E não há sinal de que a ex-dama de companhia tenha enviado alguma coisa para alguém?” Maomao perguntou, mas Lishu e sua atual chefe balançaram a cabeça.

“Eu sei pelo menos que ela não enviou nada depois que escrevi aquela cópia”, disse Lishu. Se a imperiosa ex-chefe não tivesse enviado nada, seus lacaios também não teriam conseguido. De qualquer forma, eram mantidos registros dessas coisas no palácio interno, e isso teria sido bastante fácil de verificar. Como, então, a cópia manuscrita de Lishu chegou à casa do jovem?

“Ela afirma que esta ‘carta’ estava embalada com o carregamento, mas não consigo imaginar como é que ela realmente foi parar lá” , disse Maomao. Não teria sido possível embrulhar fisicamente nada com aquele papel. Talvez tenha sido colocado entre o material de embalagem usado para evitar quebras?

“Aparentemente estava bem enrolado, quase como um barbante. O papel que vimos estava muito sujo e muito esfarrapado”, respondeu a chefe.

"Isso está certo..."

Isso tornaria todo o trabalho mais fácil para o culpado. Mesmo que a pessoa errada recebesse a carta, ela não saberia o que havia dentro dela; eles pensariam que era um pedaço de barbante e o tratariam de acordo. E daí se eles jogaram fora? Seria bastante simples de recuperar. Na verdade, qualquer pessoa na casa da consorte Lishu poderia razoavelmente esperar que o fizesse.

“Alguma coisa mudou depois que você escreveu aquele texto?”

A consorte e sua chefe se entreolharam. Ambos inclinaram a cabeça interrogativamente, como se dissessem... *bem, sim e não* . Elas não conseguiam se lembrar.

Suponhamos, para fins de argumentação, que a ex-dama de companhia chefe fosse realmente a criminosa aqui (as evidências certamente pareciam estar aumentando). Mesmo assim, seria uma estratégia difícil de realizar sozinha. Ela deve ter tido um cúmplice fora do palácio interno. Como eles se comunicaram?

Podemos nos preocupar com isso mais tarde, disse Maomao a si mesma. O tempo estava acabando e havia outra coisa que ela queria perguntar. **“Mais uma coisa, então”** , disse ela, e puxou um papel e um conjunto portátil de escrita. **“Esse romance que a empregada pediu para você copiar. Você escreveria tudo o que lembrar sobre isso?”** Ela imediatamente começou a moer a tinta.

○●○

“Você não gostaria de um pouco de chá, Lady Lishu?” , perguntou a principal dama de companhia da consorte, Kanan. Ela estava perguntando. Mas Lishu balançou a cabeça. Ela não tinha nada para fazer a não ser beber chá, mas sentia que se bebesse mais, sua barriga iria virar mingau.

Kanan era a única dama de companhia com Lishu. Uma senhora bastava, dadas as circunstâncias; mas o mais humilhante é que Lishu nunca recebeu ordens específicas para não trazer outras mulheres para ela. Apenas Kanan estava disposta a segui-la até ali.

Lishu estava começando a pensar que finalmente estava se aproximando um pouco mais de algumas de suas outras damas de companhia, mas aparentemente isso tinha sido uma ilusão. Principalmente quando se tratava da empregada para quem Lishu copiou um romance porque a menina não sabia ler sozinha – e por causa de quem Lishu era agora considerado uma criminosa. Foi o suficiente para fazê-la querer chorar, mas chorar não faria nada além de tornar a vida mais difícil para Kanan, a única pessoa que realmente ficou com ela.

Aqui em sua torre, Lishu não tinha nenhuma diversão especial, nem mesmo janelas; não há como passar o tempo. Suas duas opções eram comer ou dormir. Praticamente nenhuma luz entrava em seu quarto, de modo que mesmo no meio do dia era necessário acender velas para enxergar, e a escuridão constante e persistente só piorava sua depressão.

As únicas pessoas que vieram visitá-la foram a apotecária (aquela que já havia servido no palácio interno) e o pai de Lishu, Uryuu, uma vez solitária. Lishu foi enviada para aquela torre imediatamente após a chegada de Ah-Duo, então ela não esperava ver a ex-consorte por um tempo. Quanto ao pai dela, a única pergunta dele foi: **“Então você realmente não fez aquela façanha ridícula?”**

“Não, senhor”, Lishu respondeu fracamente. Foi tudo o que ela conseguiu reunir. A apotecária provou que Uryuu era de fato seu pai verdadeiro, mas esses ressentimentos de longa data não se dissiparam instantaneamente na vida real como aconteciam nas peças. O pai dela poderia finalmente acreditar que ela era sua filha, mas ele tinha outros filhos. Ele rejeitou a mãe dela; por que ele deveria de repente sentir algum carinho pela filha que teve com ela? Lishu sabia perfeitamente que era improvável que as coisas mudassem, mas ela ficou triste ao ser confrontada com a realidade.

“Vou limpar isso então, senhora” , disse Kanan, recolhendo os utensílios de chá e tirando-os da sala. Não havia lugar para conseguir água nos aposentos de Lishu, então qualquer lavagem tinha que ser feita no andar inferior. Kanan teve alguma mobilidade, mas Lishu foi obrigada a permanecer no terceiro andar. Se alguma vez ela desceu, foi apenas com a permissão de seu guarda.

Lishu suspirou e se esticou sobre a mesa. O velho prédio rangia e rachava cada vez que ela se movia. Os níveis superiores pareciam estar em um estado ainda pior, e Lishu às vezes temia que um dia o teto pudesse cair.

Parecia-lhe que havia mais alguém trancado aqui além dela. Como a escada contornava a parte externa do prédio, para chegar aos níveis superiores era necessário passar pelos quartos dos andares inferiores e, várias vezes por dia, alguém — alguém que não era Lishu ou Kanan — subia as escadas. Kanan relatou que essa pessoa estaria carregando comida ou mudas de roupa, então devia haver alguém lá em cima na mesma situação que Lishu.

Mas ela não tinha como descobrir quem era — e mesmo que descobrisse, era possível que descobrisse que seria melhor não saber.

Sem mais nada para fazer, Lishu pensou que poderia tentar dormir um pouco, mas então ouviu um barulho acima dela. Ela olhou para o teto surpresa. Era um prédio antigo; deve haver alguns ratos por aí. Mas ficamos ansiosos quando estamos sozinhos em uma sala mal iluminada. Lishu estava tão assustada, na verdade, que pensou que poderia tentar sair.

Tump, tump, tump . Os ratos não tinham passos assim. Lishu ainda estava assustada, mas agora também estava estranhamente intrigada. Os sons pareciam vir de cima do quarto ao lado, então Lishu pegou a colcha da cama e, colocando-a sobre a cabeça, espiou cautelosamente pela porta.

“V-você é apenas um ratinho, certo? Diga ‘ *guincho* ’!”

Foi um pedido bobo. Antes, quando Lishu ignorava a zombaria de suas damas de companhia, ela havia assumido uma atitude imperiosa com as criadas que vinham ao seu palácio, frequentemente emitindo exatamente essas exigências infantis. Disseram-lhe que você tinha que se afirmar com esses tipos inferiores para que eles conhecessem o seu lugar, e ela acreditou nisso sem crítica. Não é de admirar que as criadas não gostassem dela: ela não conseguia fazer nada sozinha, mas andava por aí dando ordens.

A batida abafada parou, mas assim que Lishu soltou um suspiro de alívio, houve um estrondo tremendo, acompanhado por um tilintar de algo quebrando. Lishu ficou tão assustada que caiu de costas.

E então ela ouviu muito mais do que um guincho.

"Olá?". uma voz disse. **"Tem alguém aí?"**

Capítulo 14: Escândalo (Parte Dois)

“Você se lembra de algum livro como esse?” Maomao perguntou, mostrando o resumo que Lishu havia escrito ao velho dono da livraria. Ela tentou fazer com que Lishu escrevesse a essência da história e algumas de suas impressões sobre ela; elas não tiveram tempo para mais. Infelizmente, uma das coisas que Lishu não conseguiu lembrar sobre o livro era o título. Ela estava apenas copiando a parte que a empregada havia pedido e leu o resto do livro apenas superficialmente.

Não havia muito que Maomao pudesse fazer. Para provar que a “carta” incriminatória era na verdade o manuscrito de um livro, elas teriam que encontrar o livro do qual ela havia sido copiada. Lishu disse-lhes que o livro que lhe deram era manuscrito, não impresso, mas tinha uma capa atraente, sugerindo que talvez fosse um produto à venda, apenas com uma pequena distribuição.

“Hrm… Parece uma história de amor comum para mim, não que eu preste muita atenção nesse tipo de coisa.”

“Tenho que pensar que você pelo menos folheia tudo o que tem em estoque.”

“Ahh, há tantos livros hoje em dia. E meus olhos não são mais o que costumavam ser.” O livreiro bocejou. Ele estava praticamente aposentado agora; seu filho cuidava da maior parte do negócio. Obviamente, ele queria que Maomao se apressasse e fosse para casa para poder tirar uma soneca.

Ele não estava errado ao dizer que a história parecia um romance comum, mas tinha um toque político, o tipo de coisa que teria chamado a atenção dos censores. A história dizia que um jovem e uma jovem de famílias nobres rivais se apaixonaram à primeira vista, e então blá, blá, blá, tudo terminou em tragédia.

Maomao pressionou a mão na testa dela – isso não a levaria a lugar nenhum. Havia outras duas livrarias na capital, ambas menores que esta. Ela pode até acabar tendo que ir a livrarias de outras cidades.

Sua preocupação foi interrompida por um homem que entrou carregando uma carga considerável nas costas. **“Olá”** , disse ele a Maomao.

“Ah, você está de volta” , disse o velho – esse deve ser o filho dele.

"O que você está fazendo, pai?" , perguntou o mais jovem, largando a carga e lançando ao mais velho um olhar duvidoso. **“Você não está agindo como se os clientes fossem apenas um incômodo de novo, não é?”** O homem conhecia bem seu pai.

“Ela estava me importunando sobre se eu reconhecia aquele livro. Eu não leio todas as malditas páginas que passam por aqui, você sabe!”

“Deixe-me ver” , disse o filho do lojista, pegando o resumo de Lishu e semicerrando os olhos para lê-lo **. “Ah, este aqui...”**

Ele se ajoelhou e vasculhou o pacote que trouxera, encontrando um livro em particular. A capa mostrava um rapaz e uma moça, mas algo parecia um pouco estranho na foto.

Ele passou o livro para Maomao e ela imediatamente começou a ler. Mesmo folheando as páginas, era óbvio que se parecia com a história que Lishu havia descrito. Então ela parou em uma página específica. **“Isso aqui...”,** ela disse. Era muito semelhante a uma passagem que Lishu havia escrito de memória. Semelhante — mas alguns detalhes eram diferentes, as palavras exatas eram diferentes. O significado era quase idêntico, no entanto.

“Sim, há algumas coisas estranhas aí, hein? Dizem que é a tradução de uma peça muito popular no Ocidente.”

"Uma peça? O Oeste?"

"Claro. Algumas das descrições parecem um pouco engraçadas, certo? Quem o traduziu não sabia como era o mundo para os nobres de lá, então eles

mudaram nomes, costumes e outras coisas para soarem como os que temos aqui. Então, cada pessoa que copiou fez mais alterações para se adequar a si mesma."

Isso levou Maomao a analisar novamente o resumo da consorte. Lishu incluiu o nome de um dos personagens principais, o que incomodou Maomao, porque não parecia um nome normal. Agora ela percebeu que era um nome ocidental, transliterado diretamente para a língua deles usando caracteres arbitrários.

Ela folheou as páginas do livro novamente, procurando por aquele nome incomum, mas não conseguiu encontrá-lo. Ela, porém, encontrou outra passagem muito semelhante – embora uma que usasse nomes perfeitamente comuns.

"Huh. Eu me pergunto se ela estava lendo alguma cópia anterior deste livro. Mas esse deveria ser bem antigo", disse o filho.

"Onde posso conseguir uma cópia disso?" Maomao perguntou.

"Comprei do copista. Acho que eles disseram que conseguiram no verão passado. Esperamos imprimi-lo, então se você tentar comprar um agora, nós a expulsaremos."

Em outras palavras, a Consorte Lishu provavelmente usou uma cópia que estava em circulação antes do verão anterior. Maomao parou: não tinha acontecido mais alguma coisa no palácio interno naquele momento?

"A caravana..."

"Hum? O que é isso?"

"A garota gosta de falar sozinha, não é?" observou o velho livreiro. Ele e o filho olharam para Maomao, mas ela tinha outras coisas em mente.

A caravana teria conseguido trazer livros traduzidos do oeste. E a carga não teria sido inspecionada muito de perto, como descobriram no problema com os abortivos logo após a visita da caravana. Teria sido fácil adquirir um ou dois livros enquanto as damas de companhia das consortes superiores faziam suas compras.

"E daí?" Maomao disse. **"Acontece que alguém tropeça neste livro na mercadoria da caravana, compra-o e tenta usá-lo para derrubá-la? E a carta, então? Havia alguém lá dentro?"**

"Não tenho a menor ideia do que você está tagarelando. Você é estranha..."

"Pai, seja legal."

Maomao pensou muito, ignorando a conversa, mas não conseguia juntar as peças, não agora.

“Dê-me isto”, disse ela, entregando o livro ao lojista.

“Dez moedas de prata”, ofegou o velho, olhando para os pés.

“Isso é roubo! Esse não é um pergaminho de imagem sofisticado. Tem uma capa de baixa qualidade, erros por toda parte – é como se o copista o tivesse descoberto da noite para o dia!” Maomao não foi estúpida o suficiente para pagar apenas o que pediu.

“Não, pai, não está à venda! Vamos usar isso para imprimir!” , disse o filho, colocando-se entre Maomao e o pai.

“Duas moedas de prata! Compromisso justo?” Maomao disse.

“Nove pratas. E meio."

“Estou lhe dizendo, não está à venda!”

Cerca de trinta minutos depois de brigas, Maomao conseguiu o livro por seis moedas de prata e saiu da loja com o filho olhando sinistramente para ela.

○●○

Mais um dia estava começando. Mais um dia sem nada além de comer e dormir.

“Que tal este manto hoje, Lady Lishu?” Kanan perguntou, segurando uma roupa azul. Era um dos favoritos de Lishu, mas ela estava tão deprimida que não conseguia reunir entusiasmo para escolher as roupas.

"OK. Tudo bem”, disse ela. Ela estava cansada demais para dizer a Kanan para trazer algo diferente. Depois que ela foi trocada, Kanan preparou o café da manhã. A água estava no andar abaixo do de Lishu, mas a comida era preparada em um local totalmente separado. Kanan parecia fazer todos os esforços para voltar correndo com as refeições de Lishu, mas elas sempre estavam frias quando ela chegava, e Lishu se pegava tomando uma sopa morna.

“Vou sair por um momento, então” , disse Kanan. Ela saiu da sala e Lishu pôde ouvi-la descendo as escadas. Não haveria nada para fazer até que ela voltasse, mas nos últimos dias, esses momentos não pareciam vazios.

“Lishu, você está aí?” perguntou a voz da sala ao lado. Lishu, agarrando o travesseiro, foi para o outro cômodo e sentou-se, encostado em uma cômoda. Ainda segurando o travesseiro, ela olhou para o teto. Havia um pequeno cano engraçado enfiado em um dos vários buracos que se formaram na madeira dilapidada. Os corredores e escadas, pelos quais todos tinham que passar, eram mantidos em condições decentes, mas não parecia que havia tempo para verificar cuidadosamente cada cômodo.

“Estou aqui, Sotei”, disse Lishu. Em resposta, um aroma desceu pelo teto – ao mesmo tempo doce e amargo, era muito incomum. A princípio pareceu muito estranho para Lishu, mas tornou-se uma fonte de conforto. Sem dúvida era algum perfume que a pessoa acima dela usava.

Essa pessoa era uma jovem, como Lishu, e como Lishu, ela estava presa nesta torre por motivos além de seu controle. Ela disse que seu nome era Sotei e que havia falado com Lishu pela primeira vez alguns dias antes. Sua voz era fina e frágil, mas ela conseguiu arrancar uma parte podre do chão, romper o teto enfraquecido e empurrar o cano para dentro do quarto de Lishu. Ela era obviamente uma pessoa muito, muito mais forte que Lishu.

A consorte ficou surpresa - na verdade, apavorada - na primeira vez que ouviu a voz lá de cima, mas assim que percebeu que quem falava não era um rato nem um fantasma, mas uma jovem de sua idade, Lishu se abriu para ela. com velocidade surpreendente. Se havia uma coisa que Lishu tinha de sobra, era hora para matar. Antes que ela soubesse o que estava fazendo, ela disse seu nome a Sotei – mas para seu alívio, não houve nenhuma reação particular. Talvez Sotei não soubesse quem era Lishu.

“Eu me pergunto o que eles servirão hoje”, disse Sotei.

“Ontem foi mingau de cinco sabores, então espero que hoje tenhamos ovo e galinha. Eu gostaria que eles parassem com todos os mariscos...”

Era tão estranho como, na falta de mais nada para fazer, simplesmente comer se tornava um entretenimento por si só.

“Isso mesmo, você não pode comer frutos do mar, pode? Mas é tão bom!”

“Há alguns que eu posso ter. Mas sempre me sinto engraçada com isso...”

Quase igualmente estranho para consorte Lishu foi como ela nunca se sentiu sem palavras com Sotei. Talvez fosse porque elas não podiam realmente se ver.

Lishu nunca perguntou especificamente por que Sotei estava aqui na torre, mas quando Lishu disse que havia sido presa por acusações vagas, Sotei respondeu que estava praticamente na mesma situação.

“Não há realmente nada para fazer por aqui, não é? Todo o tempo livre e nada para preenchê-lo” , disse Sotei.

"Você está certa. Nunca estive tão sensível ao som de passos em minha vida.”

"Eu sei o que você quer dizer! Você sabe quem tem que ser – é o som da sua refeição chegando e você age como tal!”

“Que glutões!” Lishu disse, e ela ouviu risadas em resposta. **“Você tem ouvidos muito bons, Sotei. Você deve ter me ouvido aqui, foi por isso que falou comigo.”** Apesar da estrutura envelhecida, captar uma voz do andar de baixo exigiria uma audição bastante decente. Lishu quase não ouviu nada do que estava acontecendo acima dela.

“Isso é verdade, acho que minha audição é muito boa. Por exemplo, posso dizer que alguém está subindo as escadas agora.”

Lishu se concentrou e ouviu e, de fato, ouviu passos se aproximando. Ela tinha certeza de que devia ser Kanan, mas os degraus passavam direto pelos seus aposentos, continuando a subir.

“Espere um segundo”, disse Sotei. Ela saiu por um momento e houve algum barulho quando ela voltou. **“Ah, isso é quente! Desculpe dizer isso a você, mas hoje é mingau de frutos do mar.”**

"Eca. O que há nele?”

“Acho que isso é camarão seco. E isso pode ser um pouco de carne de porco aqui...”

“Acho que posso comer essas coisas...” Eles não eram seus favoritos, mas ela poderia comê-los ou morrer de fome. Se ela tivesse um ataque por causa da comida, só tornaria a vida de Kanan mais difícil.

Falando em Kanan, pensou Lishu, ela estava atrasada. Quanto tempo demorou para tomar o café da manhã? O de Sotei já estava aqui. Na verdade, Kanan parecia estar demorando nos últimos dias, Lishu notou - mas quando Kanan voltou, as conversas de Lishu com Sotei tiveram que parar, então a consorte estava disposto a ignorar os atrasos.

Do pequeno cano no teto, Lishu podia ouvir Sotei comendo. Ela alegou que não tinha nenhuma dama de companhia com quem conversar, mas alguém devia ter trazido a comida com pressa se o mingau ainda estava quente.

“Ei, Lishu, quer saber uma coisa?”

"O que?"

“É sobre este andar.” Lishu estava no terceiro andar da torre, com Sotei acima dela no quarto. Do lado de fora, parecia que a torre poderia ter dez andares ou mais. **“Dizem que nada acima do quarto andar é usado há décadas, então está ainda mais degradado do que os nossos níveis. Você tem que passar pelos guardas na descida, mas como ninguém usa os andares mais altos, não há ninguém que o impeça de subir.”**

"Uau! Sério?"

"Realmente. Talvez seja porque você não consegue escapar dos níveis superiores.”

Havia janelas do lado de fora da torre, mas mesmo que alguém pudesse quebrá-las e passar, ainda havia a altura a considerar. Lishu, pelo menos, não achava que conseguiria uma escada para ajudá-la a descer, nem queria tentar. Uma tentativa de fuga tão evidente nunca escaparia à atenção dos guardas.

O maior problema, porém, era que mesmo que Lishu conseguisse sair, não havia para onde ela pudesse ir. Ela continuou esperando e torcendo para que Lady Ah-Duo pudesse visitá-la, mas a ex-consorte nunca tinha ido à torre. Porém, mal se passaram dez dias desde o último encontro, e Lishu sabia que seria petulante falar sobre o assunto.

Nem houve qualquer contato da apotecária ou do pai de Lishu. Era fácil dizer que não fazia tanto tempo, mas cada dia que passava aumentava a ansiedade de Lishu. Se ela não tivesse Sotei para conversar, ela pensou que já poderia ter perdido o controle.

"Eu tive uma ideia. Quer tentar ir para os andares superiores?”

Essa sugestão, naquele momento específico, causou um choque no coração de Lishu **. "O que? O que você quer dizer com os andares superiores?”**

“A guarda entre o terceiro e o quarto andar é trocada três vezes ao dia. O guarda de plantão desce para chamar a próxima pessoa e, durante esses

poucos minutos, não há ninguém lá. Eles não trocam todos os guardas de uma vez, é claro, então você não pode descer, mas pode subir. Eu poderia fazer isso a qualquer momento. Não há ninguém acima do quarto andar."

Ela poderia subir.

"Podíamos ver toda a capital lá de cima. Por que não dar uma olhada? Qual é o problema?"

Lishu não disse nada imediatamente. À medida que as palavras de Sotei chegavam até ela, elas eram acompanhadas por aquele cheiro quase doce e quase amargo. Lishu sentiu que gostaria muito de ver a capital, mas ainda não deu um único passo. **"Tenho uma dama de companhia comigo"** , disse ela. **"Se eu desaparecesse, ela notaria imediatamente."**

"Você não contou a ela sobre mim. Por que isso?"

Lishu achou essa pergunta difícil de responder. Uma voz vinda do teto parecia algo complicado de explicar, e ela estava com medo de que Kanan tentasse fazê-la parar de falar com Sotei.

"Você está preocupada com o que ela pensaria sobre isso? Ela, uma assistente que deixa você sozinha enquanto aproveita estar livre desta torre?"

Lishu sentiu um arrepio na espinha, mas não podia negar o que Sotei estava dizendo. Lishu sabia perfeitamente que havia apenas uma de Kanan, sua principal dama de companhia, e ela não poderia estar com Lishu constantemente o dia todo, todos os dias. E ainda assim, mesmo neste exato momento, ela não estava lá fora, saboreando o ar livre, enquanto Lishu definhava aqui?

A consorte balançou a cabeça vigorosamente, como se pudesse afastar o pensamento. **"Não é isso que ela está fazendo!"**

"Não. Não, claro que não. Ela é uma senhora muito legal para deixar você aqui e esquecer de você, Lishu." Sotei parecia estar tentando retroceder um pouco em suas palavras, talvez por gentileza com Lishu. **"Eu só queria que você pudesse ver a vista daqui de cima. Eu gostaria de poder compartilhar isso com você. Se você mudar de ideia, basta subir. Diga à sua dama de companhia para tirar meio dia de folga – isso deve ser suficiente. Eles trocam os guardas em..."**

Lishu olhou para o chão e ouviu Sotei descrever o momento das trocas de guarda. Então Sotei saiu para limpar sua refeição, retirando o cano do teto para que Kanan não percebesse.

Os passos vieram novamente, e desta vez foi Kanan, que entrou na sala dizendo: **“Lamento mantê-la esperando tanto tempo, Lady Lishu”.** Parecia haver um pouco de suor em seu rosto, mas em algum momento ela encontrou tempo para trocar de roupa, incluindo uma faixa nova.

Kanan colocou o café da manhã de Lishu na mesa e a consorte pegou a tigela, pegou uma folha de lótus e começou a comer o odiado mingau de frutos do mar. Estava frio como pedra, o mingau parecia cola em sua boca, grosso, pegajoso e sem sabor.

Capítulo 15: Escândalo (Parte Três)

“Eu não entendo!”

Essa foi a única avaliação que Maomao pôde fazer do livro no qual ela gastou tanto dinheiro. Ela o leu duas vezes, pensando que talvez tivesse perdido a parte interessante da primeira vez. Ainda desconcertada, ela copiou tudo. E foi aí que isso a levou.

“Eu simplesmente não entendo.”

Isso era algo mais profundo do que se ela achava ou não o livro interessante. O problema se resumia a uma questão de emoções. Como experiência, ela mostrou o livro às cortesãs da Casa Verdete, e imediatamente eclodiu uma luta entre as mulheres para lê-lo, com todos os olhos brilhando. Não parecia importar-lhes que o texto estivesse repleto de caracteres incorretos ou que partes dele tivessem sido claramente mal traduzidas. Parecia ser tão atraente.

Um menino e uma menina de casas rivais se encontram em um banquete e se apaixonam à primeira vista. Tudo muito bem, até que o menino discute com alguém da família da menina e o mata. Isso só piora ainda mais as relações entre as duas famílias – mas não impede os jovens amantes, ardendo de paixão, de se casarem.

Apesar da rigidez da tradução, foi o comportamento dos personagens principais que realmente deixou Maomao confusa, ambos movidos pelas paixões da juventude. No final da história, os dois protagonistas acabaram mortos devido a um

pequeno problema de comunicação. *Eles poderiam ter evitado todo o problema*, pensou Maomao, se tivessem sido um pouco mais metódicos ao manter contato um com o outro e explicar o que iriam fazer.

Quando ela ofereceu essa opinião às cortesãs extasiadas, no entanto, ela foi recebida com alguns tremores de punho e o pronunciamento: **“Isso só mostra o quão ardente e apaixonado era o amor deles!”**

Alguém a pegou pelos ombros e explicou: **“Veja, são precisamente esses contratempos do destino que fazem a tragédia brilhar tanto!”**

Maomao não entendeu nada disso.

Então era isso que a consorte Lishu estava copiando? Ela tinha visto algo especialmente atraente nele?

Maomao já havia enviado notícias a Jinshi sobre o livro; a mensagem que ela tinha agora era uma cópia que ela fez no decorrer de uma única noite. Não tinha ilustrações, mas quando amarrado com um simples barbante tinha certa semelhança com um livro real. Ela pediu a ajuda de Chou-u, então o papel não era exatamente uniforme e o produto inteiro tinha... bem, vamos chamar de personagem.

“Eu disse que faria imagens!” Chou-u havia dito.

"Talvez na próxima vez. Tente cortar o papel direito, sim?”

Ela passou todo o tempo em discussões desse tipo. Enquanto isso, não importa quanto tempo ela esperasse, os assuntos em torno da consorte Lishu não pareciam progredir. Na verdade, nada parecia estar acontecendo.

Ela, no entanto, recebeu notícias de Lahan. Ele disse que iria “se encontrar com o Ocidente” em breve e perguntou se ela queria fazer parte disso.

“O Ocidente” foi presumivelmente a enviada de cabelos dourados – aquela que os confrontou com a escolha audaciosa entre ajuda material e asilo político. Lahan e a enviada já haviam tido uma discussão, mas afirmou que nada havia sido resolvido ainda. Maomao esteve lá, mas com toda a conversa sobre política e negócios, ela não conseguiu contribuir muito além de aquecer uma cadeira adicional.

Por isso ela recusou esse novo convite. E se o excêntrico estrategista ouvisse e tentasse enfiar a cabeça? É verdade que havia rumores de que ele estava ocupado ultimamente fazendo algum tipo de livro sobre Go. Quando precisava respirar, ele ia e criava problemas no consultório médico.

Ele deveria fazer seu maldito trabalho , pensou Maomao. Ocorreu-lhe que, pelo menos em tempos de paz, o trabalho poderia realmente ser melhor para o pessoal do maluco se ele não estivesse presente – mas quando ele estava em seu escritório, Maomao sabia que ela estava segura, então ela desejou que ele ficasse lá. Além disso, ela se sentia mal pela equipe médica ter que sofrer suas incursões regulares.

“Não tive nenhum trabalho real para falar recentemente”, disse Maomao com um grande suspiro. Às vezes ela se ocupava em estocar regularmente os remédios de que precisava, mas recentemente havia uma escassez de oportunidades para experimentar medicamentos incomuns ou preparar novas misturas. Ela frequentemente tinha que deixar a loja em outras mãos, pois era convocada para tarefas que estavam francamente fora de sua descrição de trabalho, e isso deixou sua vocação principal ficando um pouco estagnada. Não ajudou o fato de ela ainda ter que ensinar Sazen enquanto ela preparava a maior parte de suas drogas.

Ela só queria provar um pouco de bebida incomum de vez em quando. Para preparar alguns produtos farmacêuticos novos e descobrir o que eles faziam. Ela estava analisando os remédios que comprou na capital ocidental, mas eles a deixaram se perguntando se não havia nada mais incomum por aí, mais interessante.

No topo do seu armário de remédios havia três pequenos vasos para plantas, um dos quais tinha um botão verde do tamanho de um dedo brotando dele. Foi aqui que ela plantou as sementes do cacto. Eles vieram de um clima seco, então ela não os regou muito. Ela tinha a sensação de que, quando crescessem, poderiam ter todos os tipos de usos — mas a ideia de que poderiam levar anos até que ela tivesse a oportunidade de descobrir o que eram era o suficiente para fazê-la desmaiar.

Talvez eu tenha sorte e encontre um fígado de baiacu no chão ou algo assim, ela pensou preguiçosamente, olhando para as panelas.

A porta bateu e ela olhou para cima, perguntando-se quem seria, e descobriu que o visitante havia deixado cair alguma coisa a seus pés. Algo embrulhado em pano – parecia um galho. Maomao estendeu a mão, com os olhos brilhando. Era um chifre de veado! E não apenas isso – ainda estava macio. Um chifre que estava em processo de crescimento, não um que simplesmente calcificou e caiu quando o cervo criou um novo. Tinha quase 30 centímetros e ela sabia exatamente o que era.

“Um chifre de veludo!”, ela exclamou.

Era o chifre recém-desenvolvido de um cervo. Esse frescor era o que importava quando você os vendia - eles eram colhidos logo na primavera, e as próprias pontas

eram uma forma do produto particularmente valorizada e cara. Sim, a dica era anexada a essa. Era bastante longo, mas a julgar pela suavidade e pela forma como estava coberto de penugem, ainda possuía bastante potência medicinal.

O brilho nos olhos de Maomao foi acompanhado por um fio de baba pendurado em sua boca. Os vendedores ambulantes ocasionalmente tentavam vender chifre de veludo, mas ele era sempre em pó e, apesar da insistência de que vendiam “apenas os melhores produtos”, era óbvio que outras coisas além da ponta haviam sido misturadas. clientes que, imaginando que o produto ainda tivesse algumas propriedades medicinais, queriam uma dose antes de visitar as cortesãs. O medicamento foi alegado ser muito eficaz para clientes do sexo masculino.

Imagine quanto remédio ela poderia fazer com um chifre desse tamanho!

Primeiro vou precisar de um pouco de água fervente, para matar qualquer inseto e coagular o sangue, pensou ela, olhando amorosamente para seu prêmio - quando uma mão grande se estendeu pela lateral e enrolou o pano em volta do chifre, roubando-o. dela.

Ei tire as mãos! Maomao ergueu os olhos, com descontentamento evidente no rosto, para descobrir alguém que ela não via há muito tempo. Eles exibiam um sorriso que poderia facilmente ser confundido com o de uma gentil ninfa celestial, mas a cicatriz que percorria sua bochecha direita mostrava que isso era mais do que apenas uma beleza idealizada.

“Já faz um bom tempo, Mestre Jinshi”, disse ela.

Quase dois meses se passaram desde o retorno da capital ocidental, durante os quais não se viram. Eles trocaram algumas cartas, mas sempre sobre assuntos de negócios, e era sempre Basen ou algum mensageiro anônimo que trazia notícias de Jinshi para o distrito de prazer.

Ela achou que ele parecia um pouco mais anguloso do que antes. Talvez ele tivesse perdido algum peso, devido ao calor que fazia ultimamente. **"Você está dormindo bem?",** ela perguntou. Apesar de toda a sua beleza exagerada, este nobre era surpreendentemente dado ao excesso de trabalho e frequentemente parecia estar tropeçando de fadiga.

“Essa é a primeira coisa que você me diz? E o que você está procurando?” Jinshi estava olhando para a mão de Maomao e parecendo bastante exasperado. Seus dedos recusaram-se a soltar o chifre de veludo; ela segurava o pacote com firmeza e tentava puxá-lo para si.

“Pensei que talvez pudesse ser para mim, senhor.”

“Acredito que foi por isso que o trouxe.”

“Então se você me der. Por favor."

“De alguma forma, não tenho mais certeza se quero mais...”

Uma sentença de morte ! Maomao agarrou o pano com as duas mãos e puxou. Jinshi segurou o chifre acima da cabeça zombeteiramente; Maomao saltou para cima e para baixo golpeando-o, mas ele era por volta de 30 centímetros mais alto que ela e ela nunca iria alcançá-lo.

Filho de uma-!

Apesar de seu imprecatório monólogo interno, ela ficou um tanto tranquila, pois esse era o mesmo tipo de recompensa que Jinshi sempre lhe oferecera.

De repente, porém, ela sentiu que se inclinava no meio do salto. Por um segundo, ela foi contemplada com a vista do teto, até que o rosto de Jinshi apareceu acima dela. Seu sorriso gentil de um momento antes desapareceu; em vez disso, uma luz dura em seus olhos perfurou Maomao como uma lâmina. Ele havia tirado os pés dela quando ela saltou para o chifre e a pegou com a mão livre.

“Mestre Jinshi. O chifre, por favor.” De alguma forma, foi a única coisa que saiu de sua boca. Poderíamos até dizer que se ela tivesse dito mais alguma coisa, ela não seria Maomao.

“Ouça o que tenho a dizer e depois pensarei a respeito.”

“Por favor, mude ‘Vou pensar sobre isso’ para ‘Vou dar para você’”.

Apenas “pensar nisso” era um compromisso muito ambíguo quando se tratava de um superior social, e isso a preocupava. Ela não queria uma oferta que ele pudesse renegar a qualquer momento; ela queria uma garantia.

"Tudo bem... vou dar a você, mas ouça o que tenho a dizer."

“Se tudo que eu tenho que fazer é ouvir, então tudo bem.”

Ele estreitou os olhos para ela, mas não protestou, o que ela (um tanto unilateralmente) interpretou como concordância.

“Já que estamos nisso, posso pedir que você me deixe ir?”, ela disse.

"Eu recuso."

Não há dados aí. Então ela acabaria ouvindo-o em uma inclinação, com as costas apoiadas em seu joelho. Ela considerou tentar procurar ajuda, mas a porta e as janelas estavam fechadas. Mesmo que estivessem abertos, os outros residentes da Casa Verdete provavelmente apenas olhariam sorrindo, então talvez isso não tivesse importância.

Talvez Chou-u nos encontre , pensou Maomao, esperançosa, mas seu maravilhoso e adorável pirralho estava fora hoje, aprendendo a desenhar com seu professor. Ukyou ou Sazen, quem estivesse livre, o teria levado até lá e o buscaria novamente. O fato de a senhora ter permitido isso parecia uma prova positiva de que ela acreditava que haveria uma maneira de fazer bom uso dos desenhos de Chou-u no futuro.

Jinshi continuou a olhar para Maomao com uma expressão de fera que poderia morder a qualquer momento, mas pelo menos foi direto ao ponto. **“Você está pronto para aceitar... o que eu propus?”**

Para ser justa, ele nunca propôs nada. Mas mesmo Maomao não era densa o suficiente para não entender o que ele estava se referindo. Na noite do banquete na capital ocidental, Jinshi contou a Maomao o verdadeiro motivo pelo qual a trouxe consigo. Bem, tudo bem, ele não lhe contou com tantas palavras, mas ela sentiu que era correto entender que ele queria se casar com ela.

A vida não era como essas histórias – na vida real, você não precisava estar perdidamente apaixonado por alguém para se casar com essa pessoa. Pessoas poderosas muitas vezes se casavam como uma brincadeira em seus jogos de poder; e até mesmo os plebeus poderiam casar-se para se sustentarem, como um agricultor que simplesmente precisava de mais mãos para ajudar nos campos. Se ambas as partes pudessem ganhar algo com a união, ou pelo menos se um dos parceiros fosse do agrado do outro, então ambos não precisavam necessariamente ter sentimentos um pelo outro. Contanto que o casamento proposto não fosse completamente desagradável, talvez fosse melhor simplesmente aceitar.

Ele tem gostos estranhos, no entanto...

Certamente Jinshi poderia ter escolhido mulheres bonitas e nobres. Quem escolheria uma erva daninha como a azeda quando estava rodeado de peônias e rosas? Deve ter havido alguém mais adequada para ele do que Maomao.

Como consorte Lishu! Claro, ela estava atualmente presa por suspeita de infidelidade, mas enquanto Jinshi soubesse que ela era inocente, onde estava o problema? As pessoas diriam todas as coisas desagradáveis que quisessem, mas Jinshi certamente não era do tipo que acreditava nelas.

No entanto, aqui estava ele, insistindo novamente com seu terno, o próximo ato de seu pequeno drama. Ela esperava desesperadamente que ele não a estrangulasse novamente. Desta vez, ele pode terminar o trabalho.

"Você me odeia tanto?" , ele perguntou, seu rosto agora menos de um cachorro selvagem e mais de um cachorrinho. Amor, ódio – algumas pessoas queriam que o mundo fosse tão preto e branco. Por que ele não lhe daria a escolha de uma área cinzenta?

“Suponho que não odeio você como tal” , disse ela. Ela pode até pensar nele de maneira favorável. Certamente, ela considerava isso nobre de forma mais positiva do que quando se conheceram.

Jinshi franziu os lábios, não muito satisfeito com a resposta evasiva. Talvez ele esperasse que ela fosse franca e dissesse que o amava, mas, francamente, Maomao não estava em um ponto em que pudesse trazer essas palavras aos lábios. O melhor que ela conseguiu foi que não deixava de ter uma certa afeição por ele.

Em vez disso, ela disse: **“O fungo da lagarta me deixou muito feliz”.**

“Isso é tudo que você vai dizer?”

“Além disso, os bezoares de boi foram muito úteis.”

"E o que mais?"

“E eu quero aquele chifre de veludo.”

Ela estendeu a mão para pegar o pacote, que Jinshi havia colocado nas costas, mas ele colocou a palma da mão em sua barriga para impedi-la de se sentar, e ela não conseguiu alcançá-lo. Ela chutou as pernas por pura frustração, e desta vez ele agarrou seu tornozelo. Ela estava apenas tentando decidir o que ele poderia estar planejando quando ele passou a ponta do dedo mínimo pela parte de trás do pé dela.

“Hrk?!” Maomao engasgou, se contorcendo. As muitas experiências que realizou ao longo da vida tornaram-na muito menos sensível à dor, e as instruções das várias irmãs mais velhas também a entorpeceram em relação a questões sexuais, mas até

Maomao tinha os seus pontos fracos. A parte de trás do pé, e também as costas, estavam irremediavelmente vulneráveis a um toque suave dos dedos.

“M-Mestre Jinshi… Isso… não… é justo!”

"Justo? Não sei o que você quer dizer” , disse ele, e deslizou os dedos novamente. Como ele sabia fazer isso? Quando seu segredo foi revelado? Por que Jinshi conhecia o ponto fraco de Maomao?

"Me deixar ir. V-você está sujo.”

“Você é a única aqui que parece preocupada com isso.”

Ela odiava a maneira como ele fingia indiferença. Sério, como ele sabia? Apenas algumas pessoas estavam a par da vulnerabilidade de Maomao. A senhora, Pairin, e...

Então ela pensou na dama de companhia sempre no controle em sua primeira onda de velhice, e seus olhos se arregalaram. Suiren a puniu uma vez fazendo cócegas nela com um espanador – mas ela estava apenas brincando e parou imediatamente; Maomao não achava que ela tivesse revelado que aquele era um ponto vulnerável.

E pensar que Suiren descobriu isso naquele breve encontro – ela era realmente aterrorizante.

As cócegas haviam descido por seu pé agora; ela cerrou os dentes e se torceu, apertando os lábios e tentando não emitir nenhum som. Ela não teve muito sucesso.

Os dedos longos abriram caminho até o arco do pé, induzindo-a a uma surra, e então foram para o outro calcanhar. As cócegas continuaram se movendo antes que ela pudesse se acostumar em qualquer lugar, caindo na ponta dos pés, na parte superior do pé, no tornozelo e até na panturrilha.

Jinshi olhou para ela com um sorriso, totalmente no controle das coisas. Ele parecia estar saboreando a visão de Maomao se debatendo como um peixe, apesar de seus esforços para se controlar. Provocadamente, ele roçou a parte superior do pé dela, que agora estava arqueado como um arco.

Ela nunca imaginou que ele poderia se vingar pela última vez assim. Finalmente, incapaz de segurar por mais tempo, a risada explodiu dela. O livro sobre a mesa, aquele que Maomao estava copiando, caiu no chão. Finalmente pensando, talvez, que tinha ido longe demais, Jinshi a deixou ir.

Maomao controlou a respiração, ajeitou o roupão e enxugou as lágrimas que brotavam de seus olhos. Com isso, Jinshi engoliu em seco; ele parecia em conflito e não olhava nos olhos dela. Seu olhar pousou no livro, que ele pegou.

“Você já leu isso, Mestre Jinshi?”

"Eu já."

"O que você pensou disso?"

Havia um sorriso irônico no rosto de Jinshi – ele parecia sentir o mesmo que Maomao em relação ao livro. Ele entendia exatamente o que significaria para alguém de origem nobre deixar que suas ações fossem ditadas por seus próprios impulsos românticos. Do contrário, não poderia ter trabalhado no palácio interno todos esses anos.

“Acho que deve ter havido alguma outra maneira.”

“Falar assim pode fazer com que você seja desprezado por todas as mulheres do mundo.”

“Sem incluir você, suponho.”

A juventude impaciente deu origem a uma paixão ardente, e o amor que terminou em tristeza foi considerado belo porque foi tão trágico. O texto afirmava que a jovem no centro da história tinha treze anos, mas como se tratava de uma tradução do Ocidente, isso provavelmente daria catorze ou quinze anos pela contagem usada em Li, onde uma pessoa se torna um ano mais velha no início de cada ano. Mas isso ainda era jovem — jovem o suficiente para que ela ainda pudesse ser dominada por suas paixões, tornando impossível descartar a história imediatamente.

Maomao nunca teria feito tal coisa – nessa idade, ela já havia sido completamente doutrinada no pensamento do distrito do prazer. E Jinshi já estaria estabelecido no palácio interno. Eles passaram aquela época mais impressionável em ambientes que eram, à sua maneira, muito semelhantes.

“Eu me pergunto se eu teria sido capaz de fazer essas coisas se tivesse crescido em outro lugar”, disse Jinshi, e Maomao percebeu que ele estava falando com o coração. Ela não podia negar que isso poderia ser verdade. Mas era, em última análise, apenas uma possibilidade. Hipotético.

Em vez de responder, ela murmurou: **“Não quero ser uma inimiga”** . Jinshi lançou-lhe um olhar de soslaio, como se perguntasse de quem ela se referia ao inimigo. **“Para a imperatriz Gyokuyou”** , disse ela.

Jinshi entenderia o que ela estava dizendo? *Se não*, *tudo bem* , pensou Maomao. Havia coisas que nem ele sabia.

"Você-"

Ele parecia prestes a perguntar mais alguma coisa quando um cavalo relinchou lá fora. Houve um som de passos apressados e então alguém gritou: **“Mestre Jinka!”** Era um nome que ele já usara antes, quando visitava o distrito do prazer, e muitas vezes assumia.

Jinshi franziu a testa, perguntando-se o que seria desta vez, e abriu a porta. Um homem estava ali, sem fôlego – um dos servos que frequentemente acompanhava Jinshi e Basen. **"Perdoe-me, senhor!",** ele disse, ajoelhando-se uma vez e dando um passo mais perto. Ele olhou ao redor. Parecia que ele não queria que Maomao ouvisse o que ele tinha a dizer. **“É sobre a questão da flor branca.”**

“Então ela será mais que bem-vinda em saber disso”, disse Jinshi.

Maomao pareceu intrigada com a palavra-código, mas o servo prontamente dissipou sua confusão. **“A consorte Lishu escapou de seu quarto na torre e está no andar mais alto”,** disse ele, com o rosto uma máscara de horror.

○●○

Vamos fazer uma rápida viagem no tempo.

O aroma doce e amargo flutuou pela sala. Lishu sentou-se no canto, encostada no peito, enrolada no cobertor.

“Tem um cheiro um pouco estranho por aqui recentemente?” Kanan perguntou, mas Lishu balançou a cabeça. O cano não estava saindo do teto; Sotei, com quem Lishu conversava até momentos antes, retirou-se ao ouvir os passos de Kanan. Kanan deu uma olhada no teto decadente e disse que chamaria alguém para consertá-lo, mas Lishu pediu que ela não o fizesse. Ela não queria que algum estranho entrasse no quarto e, de qualquer forma, o lugar todo estava desmoronando; consertar aquele pedaço do teto não mudaria nada. Felizmente, Kanan cedeu.

“Lady Lishu, sua refeição está pronta.” Lishu pôde ouvir o barulho da bandeja sendo colocada. Mas ela sabia que era apenas mingau frio e sopa na mesa. Às vezes a porção do acompanhamento também era mesquinha. No início, ela até ansiava por essa comida ruim, mas hoje em dia ela simplesmente não se importava mais. Ela se forçava a comer metade, porque Kanan estava observando, mas mesmo isso era difícil. Talvez fosse porque ela passava o dia todo, todos os dias, enfiada neste quarto, com ainda menos coisas para fazer do que no palácio interno.

“Não se aconchegue em um canto. Saia onde há luz”, disse Kanan. Não havia luz ali. Havia uma janela no outro quarto que dava para o corredor, que era sem dúvida um pouquinho melhor do que o quarto em que Lishu estava agora, mas isso era tudo. Ela poderia sair pelo corredor e andar de uma escada a outra, mas isso não significava muito.

Lishu ficou instável. O cansaço era terrível. Ela sentou-se na cadeira e mergulhou a colher no mingau viscoso e pegajoso. Estava simplesmente claro hoje, com uma leve pitada de sal. Ela pensou que um pouco de vinagre preto poderia ajudar, mas não havia.

“Sinto muito, senhora. Devo ter esquecido”, disse Kanan com uma profunda reverência. Seu pedido de desculpas parecia sincero, mas Lishu não pôde deixar de notar que ela estava vestindo um manto diferente de quando saiu. Quanto tempo Lishu demorou desde que chegou aqui para perceber que Kanan trocava de roupa cada vez que ela ia buscar comida para Lishu? O novo manto tinha aparência e padrão semelhantes ao antigo, como se Kanan esperasse que Lishu não notasse a diferença.

Cada vez mais, porém, Lishu desconfiava dela. Lishu estava nessa situação por causa de um livro que uma empregada lhe deu para copiar. Ela suspeitava fortemente que fora sua ex-dama de companhia quem havia instigado a mulher a fazer isso. Ambas as pessoas que ela acreditava que a serviam fielmente.

A própria Kanan já esteve entre as mulheres zombando de Lishu, mas mudou de ideia depois que alguém tentou envenenar Lishu em uma festa no jardim. E era verdade que ela tinha sido muito mais gentil com sua amante desde então – tanto que Lishu insistiu que Kanan se tornasse sua principal dama de companhia, e não uma mera provadora de comida.

Mas será que Kanan realmente fez tudo isso para o benefício de Lishu? Quando ela assumiu pela primeira vez a posição de chefe dama, Kanan tinha autoridade mínima; as outras damas de companhia muitas vezes simplesmente a ignoravam.

Ela seguiu em frente e fez o seu melhor, ou assim Lishu acreditava. Mas isso era verdade? Ela ainda não estaria rindo de Lishu com as outras mulheres pelas costas? Ela não estaria fingindo ser simpática, apenas para voltar e relatar o que ouviu em sigilo, para entretenimento dos outros?

Não poderia ser verdade, poderia? Se fosse, ela nunca teria seguido Lishu até esta torre.

Ela tentou desesperadamente afastar esses pensamentos, mas eles não a deixavam em paz. Em vez de balançar a cabeça, ela levou a colher à boca e mordeu algo duro.

Ela cuspiu no lenço, descobrindo arroz, vestígios de sangue — e uma pedra do tamanho da ponta de um dedo.

“Senhora Lishu!” Kanan disse, olhando para ela com preocupação. Talvez um pouco de areia tenha entrado na comida por acidente – mas era grande demais para ser um grão de areia.

Incapaz de focar os olhos, Lishu mexeu a colher no mingau. Dois, três, quatro – havia pedras demais no fundo da tigela para considerar um acidente.

“Vou buscar uma tigela nova imediatamente!” Kanan disse e pegou o mingau, mas Lishu a impediu.

“Eu não quero isso.”

Ela nem tinha apetite. Ela não queria engolir mais mingau frio e nojento.

“Senhora Lishu…”

“Eu não quero isso! Eu não quero isso! Eu não quero isso!” Lishu balançou a cabeça furiosamente e tirou a comida da mesa. A tigela e a bandeja caíram no chão com estrondo, a sopa e o acompanhamento voaram para todos os lados. Lishu arrancou o cabelo e seu nariz começou a escorrer. Ela começou a chorar lamentavelmente. **"Por que?! Por que é sempre eu?!"**

Desprezada pelo pai, atormentada pela meia-irmã, duas vezes enviada para o palácio interno como ferramenta política. Tudo isso foi horrível, mas ela suportou. Ela pensou que talvez se ficasse quieta e fizesse o que lhe mandavam, seu pai poderia ser gentil com ela. Essa esperança foi frustrada pelos rumores de que ela era filha ilegítima. Acontece que ela era do sangue de seu pai, mas a atitude dele não mudou em nada. Isso mesmo, isso o devorou. Ele não suportava o fato de ser

de uma filial, enquanto a mãe de Lishu era da família principal. Foi por isso que ele lhe enviou apenas as damas de companhia mais cruéis. Talvez ele estivesse por trás de todos os problemas que ela enfrentou até agora.

Lishu não foi feita para ser uma grande consorte, mas lá estava ela, e ela teve que se levantar e se deixar comparar com as outras consortes, ou tentar encolher-se tanto a ponto de ficar invisível. Essas eram suas únicas opções. Na festa no jardim, o pai nem tentou falar com ela.

Se ele não a queria, por que a teve? Ele gostou de ver Lishu sofrer em seu limbo? Talvez todos eles tenham feito isso. Seu pai, sua meia-irmã, suas damas de companhia, a empregada, Kanan, todos... Todos eles...

Com um sobressalto, Lishu percebeu que tudo ao seu redor estava uma bagunça. A tigela de mingau estava quebrada, a mesa tombada e a cadeira dela caiu no chão. Tudo o que não estava pregado estava no chão, e Kanan estava num canto, escondendo o rosto com as mãos cobertas de grãos de arroz. Um prato estava quebrado a seus pés. Lishu jogou nela? Havia uma fina linha vermelha na bochecha de Kanan e sua expressão enquanto tentava avaliar Lishu era de terror.

Lishu sentiu seu sangue gelar. Ela nunca quis fazer isso. No entanto, ela era a única que poderia ter virado a sala de cabeça para baixo dessa maneira. Sua mente ficou em branco e ela começou a suar muito.

"Vá..."

“Senhora Lishu…”

“Saia daqui, por favor. E não volte!” Ela bateu na parede com força, bateu os pés e gritou. Ela não queria fazer isso. Mas foi a única coisa que saiu de sua boca.

“Sinto muito” , disse Kanan. **“Vou me trocar...”** Ela olhou tristemente ao redor da sala revirada e então saiu.

Quando os passos de Kanan desapareceram, Lishu caiu no chão. Seus olhos quando ela olhou para o teto estavam nublados com lágrimas. Ela não queria fazer isso, então por que ela fez? Ela sentiu que precisava atacar alguém, para não ser atacada novamente, e em sua ansiedade ela atacou Kanan.

O rosto de Lishu devia estar uma bagunça. Ela queria chorar em soluços ofegantes, mas se começasse a chorar, alguém poderia aparecer. Ela abraçou os joelhos com força.

“Lishu? Lishu!”, veio a voz da sala ao lado. O cano estava atravessando o teto e Sotei estava conversando com ela. Com os ouvidos, ela deve ter ouvido toda a conversa humilhante. **"O que está acontecendo? Parece que sua dama de companhia foi embora.”**

“Não é nada” , disse Lishu, movendo-se para sentar-se mais uma vez perto da cômoda. O cheiro doce e amargo a acalmou e a voz abafada de Sotei acalmou sua ansiedade.

Ela se perguntou quem era Sotei.

“Tive uma ideia, Lishu.”

“O que é isso, Sotei?”

“Eles vão trocar a guarda em breve. Você não quer subir?”

Sua voz era doce e agradável. Em qualquer outro momento, Lishu poderia ter hesitado sobre a decisão e depois recusado. Mas agora, agora ela não tinha isso dentro dela.

Ela não tinha motivos para não aceitar a sugestão de Sotei.

Lishu encostou o ouvido na porta e ouviu os passos. Ela ouviu enquanto eles desciam de cima, passavam e continuavam descendo. Ela ouviu as batidas de seu próprio coração, tão altas que teve medo de que o guarda que passasse notasse. Ela tentou não respirar. Não era como se o guarda pensasse que algo era incomum caso ouvisse um som naquele momento, mas o que Lishu estava prestes a tentar a deixou em um estado de ansiedade absoluta.

Ela ouviu passos chegando ao pé da escada; ouvi uma porta abrir e fechar. Tentando desacelerar seu coração acelerado, Lishu saiu pela porta.

Ela deu um passo lento para o corredor. Ela estava segurando os sapatos na mão para que não a entregassem. Ela subiu as escadas, passo a passo, e abriu a porta – bem devagar, para que não fizesse barulho.

O andar seguinte estava em estado ainda pior do que aquele em que Lishu morava. Pelo menos seus aposentos haviam sido varridos, mas aquele nível parecia repleto de poeira. Ela calçou os sapatos e olhou em volta. Havia vários quartos neste andar, mas apenas um deles estava com a porta entreaberta. Ainda lutando contra o pulso acelerado, Lishu bateu nele. **“Sotei?”**

Parecia não haver resposta. Lishu tinha acabado de se virar, pensando que ela devia estar no quarto errado, quando algo a envolveu por trás.

“Haha! Bem vindo a minha humilde residência." A voz de uma jovem, não mais abafada, soou no ouvido de Lishu. A mão que a agarrou era delicada e pálida, cheia de veias azuis. **“Não sei dizer há quanto tempo estou esperando.”** Ela tinha aquele mesmo cheiro único, doce e amargo ao mesmo tempo. O mesmo que desceu até Lishu através do teto.

“Sotei?” Lishu perguntou novamente, sentindo arrepios no pescoço. Sotei parecia estar apoiando o queixo na cabeça de Lishu e algo fazia cócegas em sua nuca. Era um embrulho branco – os melhores fios de seda. Uma borla para alguma coisa, talvez.

“Você tem uma pele tão bonita, Lishu. Uma cor boa e saudável, mas não bronzeada pelo sol.” A ponta do dedo de Sotei deslizou ao longo da bochecha de Lishu. **“E esse lindo cabelo preto. Você tem alguém que se importa o suficiente para penteá-lo, mesmo em um lugar como este. Estou com inveja! Ooh, mas uma comedora bagunceira, não é? Você tem um grão de arroz aqui.”**

Seus dedos delicados arrancaram o grão de arroz que estava grudado no cabelo de Lishu, lentamente, quase como se ela o estivesse raspando, e então ela o deixou cair no chão. Seus dedos estavam vermelhos em alguns lugares – pareciam queimaduras que estavam cicatrizando agora.

“Sinto muito por você” , disse Sotei. **“Mamãe morreu quando você ainda era bebê, usada como ferramenta política praticamente desde que você começou a andar. Rejeitado por sua família, ridicularizado por suas próprias damas de companhia…”**

Sim! Sim, essa era a história de Lishu.

“Realmente, é uma pena. Ninguém te entende. Por que você acha que é sempre a vítima?”

A voz gentil e o aroma envolveram Lishu. Ela podia sentir o calor do corpo na pele pálida. Fazia muito tempo que ela não sentia outra pessoa tão próxima dela. Ela sentiu que poderia simplesmente derreter.

“Eles são todos terríveis com você. Você não é nada além de doce e gentil, e tudo o que eles fazem é intimidar você e tornar sua vida um pesadelo.”

Lishu, quase derretendo com o cheiro doce, acenou com a cabeça ao ouvir as palavras de Sotei. Sim, está certo. Eles estavam sempre intimidando ela. Ignorando-a. Usando ela.

O que Lishu fez de errado?

Já faz muito tempo...

Por muito tempo...

Uma pergunta incompleta passou pela mente nebulosa de Lishu. Quando, ela se perguntou, ela contou a Sotei sobre seu pai?

“Todos eles deixam você sozinha para comer comida fria em uma sala escura. Inacreditável."

Quando ela mencionou que a comida estava fria? A pergunta lhe ocorreu, mas ela não conseguia fazer seu cérebro funcionar. Ela sentiu o abraço de Sotei afrouxar, e ela conseguiu se virar, para finalmente encarar alguém que ela só conhecia como uma voz até aquele momento.

"O que? Por que você está olhando assim para mim? Tem algo no meu rosto?"

A garota sorridente diante de Lishu tinha uma cor que ela nunca tinha visto antes. Ela era linda, à sua maneira. Sua figura era parecida com um pêssego, seus lábios carnudos e vermelhos como cerejas. Mas sua pele parecia... incolor. As pessoas do oeste tinham a pele pálida, mas esta era muito, muito mais pálida do que isso. Lishu nunca poderia ter deixado sua pele tão branca, não importa o quão abundantemente ela aplicasse pó de maquiagem branco. O cabelo de Sotei também era como o de uma velha. Foi o cabelo dela que Lishu confundiu com uma borla, cabelo que descia reto e verdadeiro pelas costas.

“Eu pareço estranha para você?” Sotei perguntou. Suas sobrancelhas, franzidas lentamente, também eram brancas. E os olhos dela eram vermelhos como rubis.

No caminho para a capital ocidental, Lishu ouviu os rumores de que havia uma mulher como um dos imortais míticos, provocando problemas em todas as regiões e fazendo as pessoas poderosas da capital dançarem na palma da sua mão.

"É você. A Dama Branca...”

“Então você sabe sobre mim. Isso nos torna duas iguais, então.” Sotei enrolou o cabelo de Lishu na ponta do dedo. **“Porque eu sei sobre você também. Só nunca**

pensei que nos encontraríamos no mesmo lugar juntas." Ela sorriu e puxou o cabelo de Lishu. **"Esse cabelo preto – estou com ciúmes dele!"**

Lishu não conseguia falar.

"E sua pele saudável! Você pode sair ao sol e não inflama e queima."

Ainda, Lishu ficou em silêncio.

"Não suporto nem a luz da janela. Você reclamou da escuridão, Lishu? A escuridão? Esses cantos sombrios são os únicos onde posso sobreviver!"

Os olhos de Sotei estavam estreitos e ela olhava fixamente para Lishu.

"Eu tenho algo para te dizer. Todo o tormento que foi infligido a você? Você não pode culpar ninguém por isso. A culpa é sua!" Dedos finos dançaram pela bochecha de Lishu, as pontas dos dedos ásperos arranhando sua pele. **"Você nunca teve que passar fome enquanto crescia e vestia todas as roupas bonitas deles sem questionar. Mas você fica sentada sem fazer nada, não é, Lishu? Você deveria saber que se não conseguir se proteger, você será um alvo."**

Agora os dedos beliscavam sua bochecha, cravando-se em sua pele, até que as unhas deixassem arranhões.

"Me dá nojo olhar para você." Uma tremenda carranca surgiu no rosto de Sotei, um olhar de desprezo tão brutal quanto suas palavras. Lishu se encolheu. **"É nojento só de ver você aí."**

O olhar frio de Sotei fez o coração de Lishu bater mais forte. Isso a lembrou de tantos olhares que ela tinha visto antes. Do pai dela, da meia-irmã, das damas...

Os dentes de Lishu começaram a bater. Ela sentiu como se pudesse ser sugada por aqueles olhos vermelhos. No alto, ela ouviu barulhos correndo, como insetos. Parecia-lhe as vozes das criadas e dos criados, espalhando histórias sobre ela e condenando-a pelas costas.

"Não... Pare..." Lishu balançou a cabeça; ela pressionou a mão na bochecha, que devia ter marcas vermelhas de arranhões, e olhou para Sotei com medo nos olhos.

Os lábios de Sotei se torceram. **"Doentio... É como olhar para o meu antigo eu."**

Lishu não tinha mais esperança de entender o que Sotei estava falando. Ela começou a correr, desesperada para sair dali. Ela correu pelo corredor decadente e subiu as escadas correndo. Como Sotei havia dito a ela, a porta do próximo andar

não estava trancada. Lishu continuou correndo cada vez mais alto. Ela perdeu a conta de quantos andares subiu. A bainha do roupão estava imunda e o rangido das tábuas do piso tornou-se ensurdecedor.

Ela viu uma porta que não era como as outras. Por um lado, tinha uma fechadura, mas a fechadura estava apodrecendo. Lishu agarrou a alça. A porta era um tanto pesada, mas ela a abriu e se viu confrontada com um céu plúmbeo. Não há dúvida de que os governantes do passado, olhando para toda a capital deste ponto de vista com uma taça de vinho na mão, acreditaram que a sua glória duraria para sempre.

Era uma varanda, embora devastada pela exposição aos elementos. Lishu deu um passo experimental e descobriu que a madeira gemia fracamente sob os pés.

Normalmente ela teria ficado congelada de medo, mas agora caminhava para frente, um passo instável de cada vez. A grade estava igualmente dilapidada; toda a tinta havia descascado. O vento soprava, açoitando suas bochechas e espalhando seus cabelos para todos os lados.

Lishu podia ver pássaros voando. Eles pareciam tão livres. Ela estendeu a mão em direção a eles, mas é claro que não conseguiu alcançá-los.

Ela olhou para sua mão, que agarrava inutilmente o céu.

Capítulo 16: Basen e Lishu

Quando Maomao e Jinshi receberam a notícia, eles correram para a torre a cavalo. Não houve tempo para arranjar uma carruagem; em vez disso, eles confiscaram a montaria em que o mensageiro havia subido, com Jinshi nas rédeas. Maomao não se preocupou em pedir permissão quando ela pulou atrás dele. Ele apenas disse: **“Iremos rápido. Não caia.”** Ela tomou isso como um ok. Ela pressionou o rosto nas costas dele, que cheiravam a perfume, e se preparou, tentando permanecer de pé.

Quando chegaram ao palácio, Jinshi tirou a máscara, relutando até mesmo na hora de mostrar sua insígnia de cargo. O cavalo nem diminuiu a velocidade enquanto se dirigiam para a torre onde a consorte Lishu estava confinada.

Uma multidão já havia se reunido em frente à torre. Além dos guardas, havia burocratas e damas da corte boquiabertos, confrontados por soldados que insistiam para que ficassem afastados. Assim que as damas da corte notaram Jinshi, coraram

furiosamente – até que avistaram Maomao e pareceram indignadas. Mas Maomao e Jinshi os ignoraram; não havia tempo para agradar gente como elas.

Eles podiam ver uma mulher no andar superior da torre, uma jovem olhando para longe, com o cabelo desgrenhado - era a consorte Lishu. Maomao não sabia o que ela estava fazendo; ela parecia estar tentando agarrar alguma coisa, estendendo uma mão em direção ao céu.

O que ela está fazendo lá em cima? Maomao pensou. O prédio era tão antigo que rangia sob seus pés; Maomao não conseguia acreditar que a tímida consorte tivesse subido até o último andar por vontade própria. Ela estava muito longe para distinguir sua expressão, ou adivinhar o que exatamente ela estava tentando fazer.

"Deixe-me passar! Deixe-me passar! ", gritou uma voz familiar. Maomao percebeu que a mulher contida pelos guardas era a principal dama de companhia de Lishu. Ela estava esticando os braços o máximo que podia, como se pudesse alcançar a porta da torre, mas os guardas não permitiram. **“Senhora Lishu—!”**

As roupas da mulher estavam cobertas de lama. Foi estranho; não parecia que tivesse chegado lá quando os guardas a pararam. Quase parecia que alguém tinha jogado uma torta de lama nela.

Mas a chefe dama de companhia não era o único rosto familiar.

"O que está acontecendo?! O que a consorte Lishu está fazendo lá em cima?!” Basen correu, sem fôlego. Ele deve ter ouvido a notícia também. Talvez ele estivesse se exercitando quando chegou até ele, porque estava vestido com o que parecia ser um uniforme de treinamento de artes marciais, em vez de seu traje oficial habitual.

A adição de um jovem gritando à dama de companhia em pânico só aumentou a confusão geral. Agora os guardas tinham que lidar com Basen, que estava decidido a entrar noa torre. Eles tentaram empurrá-lo para trás, mas apenas foram arrastados.

Ah, a força infame. Maomao tinha aprendido sobre isso em primeira mão na capital ocidental – mas ela sentiu que havia algo mais do que simples força física em ação aqui. Ela não conseguia pensar nisso agora; eles precisavam descobrir o que fazer com a consorte Lishu.

"Se acalmem!" Uma voz clara e linda soou. Basen e a chefe dama de companhia pararam e olharam para seu dono – Jinshi. Ele passou as rédeas do cavalo para um dos soldados e depois caminhou até os dois **. "Eu vou."**

“M-Mas...”, a dama de companhia gaguejou.

"Eu disse, farei isso." A expressão de Jinshi não permitia discussão. A dama de companhia caiu no chão. Havia uma linha vermelha em seu rosto e grãos de arroz em seu cabelo.

Alguém a estava assediando? Maomao se perguntou. Não era impossível. Você não precisava estar no palácio interno para encontrar muitas pessoas desagradáveis. Com a notícia de que sua senhora estava presa por suspeita de infidelidade, não seria surpreendente se a chefe dama de companhia também sofresse algumas represálias.

Pelo que Maomao sabia, essa mulher era a única senhora a acompanhar Lishu, então ela devia estar cuidando da consorte todo esse tempo, sozinha, sem ninguém para ajudá-la. No início, Maomao considerou-a nada mais do que uma provadora de comida particularmente desagradável – ela ficou impressionada com o quanto as pessoas podiam mudar.

“Por que você deixou a consorte sozinha? Você ia buscar a refeição dela?” Jinshi perguntou. Não havia gentileza em sua voz, mas seu tom também não era frio.

Seu comportamento calmo pareceu ajudar a dama de companhia a se controlar também. Ela disse: **“Minha senhora tem estado muito deprimida recentemente. Ela parece fraca, talvez porque não possa sair de seus aposentos e não tenha como tomar ar fresco. Acho que hoje ela atingiu o limite. Ela me expulsou do quarto dela – ela não parece confiar em ninguém.”**

"Então você saiu até ela se controlar?"

"Sim, senhor. De qualquer forma, eu precisava mudar... Embora agora pareça que vou precisar fazer isso de novo.” Ela olhou para sua saia imunda.

Jinshi acenou com a cabeça e foi em direção à porta.

“Eu vou com você” , disse Basen, e começou a ir atrás dele, mas o outro homem apenas olhou para ele.

“Não há necessidade de você vir. Não é o seu trabalho.”

Basen fez uma careta, cerrando os punhos.

Ele não está errado, pensou Maomao. Ao contrário de Jinshi, que conhecia pessoalmente a consorte Lishu por trabalhar no palácio interno, Basen apenas a

acompanhou em sua viagem para o oeste. Quaisquer que fossem os sentimentos que ele pudesse ter por ela, lidar com ela não era da sua conta.

“Mas...” ele começou, com uma expressão de dor no rosto.

“Você é meu assistente. Você entende o que isso significa, certo?”

Basen não disse nada.

“Considere o pior cenário e prepare-se para ele. Você é o único que pode.” Com isso, Jinshi desapareceu na torre.

Ele realmente confia nesse cara. Ela não sabia se Jinshi estava fazendo a melhor escolha ou não, mas sabia que era uma decisão difícil — e também viu que precisava fazer o que pudesse para ajudar.

Basen pareceu profundamente pensativo por um momento, depois chamou um dos oficiais e começou a dar instruções. Ela pensou que ele disse algo sobre reunir todos os cobertores e colchões que pudessem encontrar, mas Lishu era muito importante para que isso ajudasse.

Enquanto isso, Maomao fez o que só Maomao poderia fazer. **“A Consorte Lishu apresentou algum outro comportamento incomum?”,** ela perguntou, esfregando as costas da dama de companhia. Maomao observou o arranhão na bochecha da mulher e se perguntou se Lishu teve algum tipo de ataque. Ela geralmente era tão dócil, mas se ela estava se sentindo tão paranóica, não seria surpreendente.

“Não sei se diria incomum, mas ela parece especialmente interessada no teto ultimamente. Acho que ela ficou incomodada com algum buraco na madeira.”

Alguma coisa no andar de cima estava em sua mente? Isso explicaria por que ela subiu ao topo da história?

“Acho que havia alguém num nível acima de nós. Às vezes havia um cheiro estranho em nosso quarto, e acho que vinha de lá de cima.”

“Um cheiro estranho?”

“Sim... Era como perfume, mas não era nada que eu já tivesse cheirado antes. Não gostei muito, mas pareceu agradar a consorte. Ela passou muito tempo sentada onde era mais perceptível.”

Maomao inclinou a cabeça e desta vez virou-se para um dos guardas. **“Havia mais alguém naquela torre?”,** ela perguntou.

Os guardas se entreolharam, parecendo abatidos. Seus rostos comunicavam que sabiam de alguma coisa, mas não sabiam dizer o quê.

“Havia mais alguém?!” , perguntou Maomao — mas a resposta veio de uma fonte inesperada.

“Não tinha. Tem." Um homem de óculos, ábaco e cabelo despenteado veio trotando para a conversa. **“Embora eu tenha solicitado que, se alguém fosse colocado naquela torre, fosse mantido o mais longe possível.** ” Era Lahan, com uma repreensão implícita aos guardas.

“Desculpas, senhor. A torre é antiga... Os andares superiores não pareciam estar em condições de uso.”

“Bem, eu não achei que mais alguém iria acabar lá, de qualquer maneira. Certamente não uma consorte.”

"O que você está falando?" Maomao disse.

“Só o que eu pedi para ser feito. Para que não se torne um incidente diplomático, você vê.”

“Incidente diplomático?” Maomao não viu nada. O que isso tem a ver com alguma coisa?

“Eu disse que você deveria ter vindo ao meu encontro com aquela beldade ocidental. Ela me pediu isso.”

“Essa sua beleza ocidental – você quer dizer a enviada especial?!”

“Fale baixo” , disse Lahan, tapando a boca de Maomao com a mão.

Os guardas não pareciam ter ouvido, mas a principal dama de companhia de Lishu reagiu. **“A enviada especial… Sim, isso me lembra!”**

"O que é?" Maomao perguntou.

“Você me perguntou se algo incomum aconteceu com Lady Lishu. E acabei de me lembrar...”

"Sim?! O que?!" Maomao agarrou a mulher pelos ombros, quase sacudindo-a.

“Uma das damas de companhia soltou um pássaro. Um pássaro branco que recebemos da enviada.”

"Um pássaro? O que aconteceu com o espelho?” Maomao tinha a impressão de que as enviadas tinham presenteado grandes espelhos para cada uma das altas consortes – Lishu não tinha conseguido um?

“Recebemos um espelho, mas a consorte Lishu também recebeu um par de pássaros para acasalar, alegando que ela era a mais nova. As enviadas pensaram que talvez ela pudesse estar sozinha, tão longe dos pais.”

“E elas pensaram que os pássaros ajudariam?”

"Eu suponho que sim.” Mas Lady Lishu começa a espirrar sempre que toca no pelo ou nas penas de um animal, então ela não os via muito. Ela se sentiu mal por não poder cuidar adequadamente deles e os entregou a uma das empregadas. Um pouco atrás, enquanto Lady Lishu estava fora, a mulher soltou o pássaro. Na verdade... ela parecia ter deixado os dois irem, infelizmente.

Os pássaros... Ela os deixou ir? Maomao sentiu como se as peças estivessem prestes a se encaixar. Ela procurou desesperadamente na memória, tentando descobrir por que isso parecia tão importante. Poderia ser...

“Acontece que esses pássaros não eram pombos, não é?”

“Eles poderiam ter sido. Na verdade, nunca os vi, então não tenho certeza, mas os ouvi arrulhar, eu acho.”

Os pombos sabiam como voltar para suas casas. A página que Lishu copiou do romance estava enrolada como um barbante. E se tivesse sido amarrado à perna de um pombo?

Havia algo mais também. “ **No banquete das enviadas no verão passado, não havia alguém conversando com você? Não uma das próprias enviadas, mas um dos seus servos.”**

"Agora que você citou isso..."

Entre as damas de companhia, alguém disse algo como: **“Os cavalheiros do oeste são generosos e muito bonitos!”**

Não acredito que perdi, pensou Maomao. Ela tinha certeza de que o livro devia ter sido vendido pela caravana visitante. Fazia sentido: alguém do Ocidente teria conseguido obter a tradução mais cedo do que os da capital.

Mas as enviadas tinham vindo ao banquete especificamente para se apresentarem ao imperador e ao seu irmão mais novo. É claro que elas sondariam primeiro as mulheres do palácio, tentando obter todas as informações que pudessem. E naturalmente iriam atrás da pessoa que parecesse mais vulnerável. Se eles tivessem decidido, durante o reconhecimento, que Lishu seria a consorte mais fácil de manipular, isso certamente explicaria por que a atacaram depois disso.

Eles brincaram conosco! Ela deveria ter percebido, especialmente depois que uma das enviadas descobriu estar envolvido com o clã Shi – e conseguiu parecer perfeitamente inocente sobre isso.

Agora não era hora para arrependimento, no entanto. **"Tudo bem, Lahan. Quem está naquela torre?"**

Em resposta, Lahan inclinou-se para Maomao e sussurrou um nome. Quando ela ouviu isso, ela imediatamente começou a suar pegajoso.

A Branca Imortal.

De todas as pessoas que poderia ter sido... Isso deixou Maomao ainda mais curiosa sobre o cheiro estranho que penetrava nos aposentos da consorte. Por mais que a Dama Branca soubesse sobre drogas, era perfeitamente possível que ela tivesse misturado algo em algum incenso que entorpeceria o julgamento de Lishu.

Maomao passou por Lahan e dirigiu-se para a torre. Ela não viu nenhum sinal de Basen. Ele deve ter levado a sério a advertência de Jinshi para se preparar para o pior. De qualquer forma, ela não tinha tempo para se preocupar com ele agora. Ela precisava ver exatamente o que estava acontecendo com a consorte Lishu.

Ela passou pelos guardas assustados e entrou na torre. Corredor, escadas, corredor, escadas. Foi o suficiente para fazer sua cabeça girar. Ela só sabia que havia chegado ao último andar porque encontrou vários homens lá.

Jinshi estava parada em frente a uma porta aberta, além da qual havia uma varanda onde Lishu estava, com os olhos desfocados. Jinshi estava falando com ela calmamente. A varanda estava caindo aos pedaços; Lishu era leve o suficiente para apoiá-la, mas se Jinshi tentasse ir até lá, seu pé poderia atingir o chão. Ele obviamente esperava poder convencê-la a voltar ao prédio, mas não parecia que estava indo muito bem.

"Não se mova… Fique longe…" Lishu estava dizendo. O que ela estava olhando? Ela balançava levemente a cabeça, o rosto contorcido de medo. Um cavalheiro

lindo e muito querido estava diante dela, mas ela parecia tão angustiada como se estivesse vendo um monstro. Seus olhos estavam totalmente cegos para sua beleza. Ela estava vendo outra coisa, algo fantástico.

“Consorte...” Jinshi disse gentilmente, ainda tentando não incomodá-la ainda mais. Ele teve a ideia certa: se pudesse continuar falando com ela até que ela voltasse a si, ele ainda poderia ter sucesso.

Maomao ficou quieta atrás de Jinshi. Seria arriscado o jovem sair para a varanda; se quisessem se aproximar de Lishu, Maomao seria a melhor escolha.

“Eu vou” , disse ela.

“Ei, espere!” Jinshi disse, mas ela afastou a mão dele. Francamente, ela não queria fazer isso. E se o pé dela fizesse um buraco no chão? O que a consorte estava fazendo ali?

Essa foi apenas uma das muitas perguntas amargas que ocorreram a Maomao, mas como uma idiota, ela seguiu em frente, danem-se as consequências. Ela havia embarcado neste barco e iria navegar até o fim. Ela encontrou um pensamento crescendo irresistivelmente em sua mente: agora que ela chegou até aqui, ela ajudaria a consorte Lishu.

“Consorte,” ela disse. **“Lady Ah-Duo está esperando por você.”**

Foi uma escolha criteriosa: mencionar sua família aqui e agora quase certamente teria o efeito oposto ao desejado, e mesmo a presença de Jinshi não trouxe Lishu de volta para eles. Em vez disso, Maomao invocou o nome da pessoa em quem a consorte mais confiava neste momento.

Sua escolha rendeu uma reação da consorte. **“Senhora... Ah-Duo...?”** Ela parecia não demonstrar medo desse nome.

"Sim. Ela estará aqui em breve. Você precisa se trocar antes que ela chegue.”

Maomao teve o cuidado de não dizer especificamente a Lishu para voltar para eles. Ela só precisava que a consorte se aproximasse dela na varanda. *Apenas fique calma e ande...*

Mas nunca é tão simples.

Um aroma doce e amargo chegou ao nariz de Maomao. Algo passou por ela sem sequer ouvir passos, parecendo tão parte do mundo natural que ninguém reagiu a princípio. A Dama Branca passou por eles tão despercebida quanto uma brisa.

Jinshi foi o primeiro a registrar sua presença; ele se moveu para interceptá-la, mas —

“Hahahahahahahahaha!”

Houve uma risada estridente e penetrante. Isso foi tudo que ela fez – ela riu. Seus olhos vermelhos quase fechados, sua voz parecia a de um animal selvagem. Isso causou arrepios na pele de Maomao. Ela estendeu a mão reflexivamente para consorte Lishu – mas era tarde demais.

Em seu estado atual, a risada foi suficiente para agitar Lishu. Seu rosto se contorceu e ela caiu contra a grade. A gargalhada da mulher deve tê-la aterrorizado.

A grade podre não foi nem capaz de suportar o peso modesto de Lishu, e ela caiu para trás no ar vazio.

Maomao correu pela varanda, mas as tábuas do piso cederam e ela também começou a cair. Justamente quando ela esperava sentir uma rajada de vento contra seu corpo, ela sentiu uma pressão contra sua barriga.

“Não!” Jinshi a pegou no último segundo.

Ele a pegou, mas ela não conseguiu pegar Lishu. A mão de Maomao estava vazia e Lishu havia sumido.

○●○

Então foi assim que tudo terminou.

Lishu sorriu. Seu corpo estava caindo no espaço. Logo ela cairia no chão e cairia num sono do qual nunca mais acordaria.

O ambiente ao seu redor, que parecia tão nebuloso, tornou-se subitamente nítido e claro. Ela podia ver a varanda desmoronando e a apotecária, aquele que geralmente agia de forma tão indiferente. *Ah...* Ela pensou que parecia que alguém estava falando com ela. Deve ter sido a apotecária.

Lishu caiu, não amada por ninguém, desnecessária. Ela sempre atrapalhava, então talvez fosse melhor se ela não estivesse lá. Ela não seria mais ridicularizada, nem ridicularizada, nem ignorada. Ninguém iria olhar para ela com crueldade em seu sorriso. Mas a viagem até a terra parecia levar tanto tempo, tanto que ela se perguntou se talvez tivesse realmente criado asas e voado para longe como um

pássaro. Não, é melhor dispensar tais fantasias. Eles só tornaram mais difícil de suportar quando você volta à realidade.

Ela fechou os olhos, preparando-se para receber o fim, quando ouviu uma voz.

"Consorte!"

Parecia familiar. De quem era? Sem realmente querer, ela olhou em direção à voz.

Ela viu um homem parado nos telhados de vários níveis. Ele era adulto, mas ainda não tinha idade suficiente para adquirir barba ou bigode. As linhas sensíveis do rosto dele despertaram algo em sua memória.

Era o jovem quem a salvou do leão no banquete na capital ocidental. Ela nunca teve a chance de agradecê-lo. Ela havia pensado nisso várias vezes, mas nunca havia conseguido, então pretendia enviar-lhe uma carta eventualmente. Agora que ela pensou sobre isso, ela estava feliz por não ter feito isso. Ela teria se sentido mal se as horríveis suspeitas que a rodeavam o tivessem engolido também.

Ela desejou, porém – agora, agora era tarde demais – ela desejou poder pelo menos ter dito a ele o quanto ela estava grata. Ela abriu a boca. Ele nunca seria capaz de ouvi-la, mas ela pensou que poderia pelo menos comunicar aquelas duas palavras simples: **“Obrigada”.**

Antes que ela pudesse mover os lábios, porém, o jovem fez algo inacreditável. Ele começou a correr pelo telhado, telhas velhas quebrando sob seus pés, pedaços delas se soltando. Apesar do equilíbrio, ou da falta dele, o jovem saltou. Ele voou pelo ar e agarrou Lishu.

O que ele estava fazendo?

Talvez ele estivesse apenas um pouco tocado na cabeça. Afinal, ninguém sobreviveria a uma queda daquela altura. Nem mesmo um soldado treinado – certamente nenhum que suportasse o peso de uma pessoa adicional. Mesmo assim, ele segurou Lishu com força em seus braços.

Por que ele a abraçaria e se apegaria a uma jovem inútil? Era inútil; isso só levaria à morte de ambos. Ela desejou que ele não fizesse isso. Por que ele estava fazendo isso?

Lágrimas escorreram de seus olhos. Mas o jovem, aparentemente alheio ao que Lishu sentia, sorriu sem jeito.

E então houve um baque tremendo. A perna esquerda do jovem bateu no telhado abaixo deles, mas apenas por um segundo, e então eles caíram novamente, a perna dele torcida em um ângulo bizarro.

“Pa-” Lishu disse, mas antes que ela pudesse tirar a palavra *Pare* de sua boca, o jovem chutou o próximo telhado com a perna direita ainda funcionando. A força do chute deve ter sido imensa, pois Lishu viu algumas telhas se soltarem.

As folhas farfalharam ao cair nos galhos. Lishu sentiu o cheiro de folhagem fresca. Eles haviam caído entre as enormes árvores que cercavam a torre. O jovem segurou Lishu com uma das mãos e agarrou um galho com a outra. O impulso combinado deles, no entanto, frustrou-o e ele perdeu o controle. Ele estalou enquanto suas unhas arrastavam pela lateral do tronco.

A queda deles parou com outro grande solavanco. Houve um impacto, mas nenhuma dor. Lishu não havia realmente atingido o chão; em vez disso, o jovem estava embaixo dela, protegendo-a – e embaixo dele havia uma pilha de colchões. Na verdade, quando olhou em volta, percebeu que parecia haver colchões por toda parte.

Ambas as pernas do jovem estavam quebradas, enquanto as unhas da mão esquerda haviam sido arrancadas e seus dedos sangravam. E embora possam ter caído em alguns colchões, não poderia ter sido suficiente para evitar que o jovem machucasse as costas no pouso.

Ele estava um desastre absoluto, mas ainda exibia aquele mesmo sorriso estranho.

"Por quê?" Lishu disse. Ela não foi capaz de formular a pergunta completa: por que ele a salvou? Por que ele simplesmente não a deixou morrer? Ela não sabia o que fazer com alguém que havia espancado o próprio corpo para protegê-la.

A mão direita do jovem, a única parte ilesa dele, tremia por algum motivo. Ele se afastou lentamente, libertando-a. **"Você está ferida, minha senhora?"** ele perguntou.

"Por quê?"

Ela ainda não conseguiu reunir mais palavras. Lágrimas turvaram seus olhos e sua visão estava repleta do rosto sorridente e embaçado do jovem.

“Alguma coisa dói?”, ele perguntou.

Não! Não, não era por isso que ela estava chorando. Ela balançou a cabeça.

“Devo me desculpar por me apresentar diante de você em um estado tão imundo. Foi uma emergência.”

Não! Ela não se importava com isso.

“Tentei ter cuidado para não usar muita força. Se mesmo assim você estiver com hematomas, por favor, não hesite em me punir.”

Lishu ficou sem palavras. Como ele poderia dizer tais coisas? O braço dele ao redor dela tinha sido poderoso e ao mesmo tempo gentil. Como ela poderia puni-lo por isso?

Um gemido escapou dela, provocando um olhar de alarme no jovem. Não, não, ele não deveria se preocupar com ela. Ele deveria estar pensando em seu próprio corpo quebrado.

"Por que você se preocuparia em me resgatar?" Lishu perguntou finalmente. O imperador certamente rejeitaria uma consorte suspeita de infidelidade. Era inútil para o jovem arriscar a própria vida para salvá-la.

“Você não deve se menosprezar tanto. Salvar você valeu tudo. Foi por isso que fiz isso.” Ele estendeu a mão boa e timidamente enxugou as lágrimas em cascata de Lishu. **“Eu queria que você fosse feliz. Isso é tudo. Talvez até esse desejo fosse ambição demais para um simples soldado.”** Aquele sorriso novamente.

A boca de Lishu torceu e desenrolou. Ela quase não usava maquiagem, seus olhos estavam inchados e seu rosto devia estar vermelho brilhante. Ela ficou envergonhada pelo jovem vê-la daquele jeito – e seu constrangimento só tornou o que ela fez a seguir ainda mais embaraçoso.

Ela enterrou o rosto em seu peito.

“Lishu?! Quero dizer, consorte?!”

O jovem estava praticamente em pânico; ela podia ouvir o coração dele batendo com agitação no peito. Isso ia além do constrangimento – ela tinha que se afastar dele antes que alguém os visse, ou desta vez seria suspeita de ter sido infiel a esse jovem. Normalmente, fazer algo tão louco teria feito seu coração disparar e enviar sangue para sua cabeça.

E, de fato, seu pulso estava muito rápido. Mas, ao mesmo tempo, ela estava calma, aqui com o rosto encostado no peito do jovem, que cheirava levemente a suor, mas também a folhas frescas, a brotos novos.

Lishu desejou fervorosamente que este breve momento pudesse durar pelo menos um segundo a mais.

Epílogo

“É uma história absolutamente ridícula, não é?” , disse Maomao, folheando a tragédia romântica que lhes acontecera em algum país distante. Jinshi acabara de devolver a cópia original. (Bem, a cópia dela da cópia original.)

"Concordo." Jinshi, que veio devolver o livro, encostou-se em uma estante, olhando para o céu pela janela.

A atmosfera entre eles era difícil de descrever. Embora estivessem sozinhos agora, Jinshi não tinha nada de sua força recente. Maomao sabia que entendia que aquele não era o momento para isso.

A consorte Lishu - ou melhor, a ex-consorte Lishu - iria se tornar freira novamente, por ordem do próprio imperador.

“Suspeito que Sua Majestade já tem isso em mente há algum tempo” , disse Jinshi.

A mãe de Lishu era uma velha conhecida do imperador e de Ah-Duo. Sua Majestade deve ter visto Lishu como algo semelhante a uma filha. Foi por isso que ele a chamou de volta ao palácio interno – na esperança de que ela pudesse, de alguma forma, ser feliz.

O mundo nunca foi tão generoso, porém, e sua tentativa de fazê-la feliz saiu pela culatra. Lishu foi intimidada por sua meia-irmã e suas próprias damas de companhia e, finalmente, graças à sua posição como alta consorte, até viu sua vida ameaçada. Trancá-la na torre da prisão foi um ato de misericórdia por parte do imperador, uma tentativa de protegê-la do perigo real de uma tentativa de assassinato. A ex-dama de companhia chefe de Lishu estava, em termos simples, tentando conseguir uma nova amante. Muito provavelmente, ela já havia entrado em contato com a emissária do oeste – através dos pombos – porque sentia que não poderia esperar crescer mais no mundo sob o comando de Lishu. A “carta de amor” estava entre as suas comunicações.

O fato de Lishu ter acabado presa com a Dama Branca só poderia ser chamado de azar. Talvez ela realmente tivesse nascido sob uma má estrela.

Na torre, Lishu tinha visto coisas estranhas, causadas por aquele incenso doce e amargo – o mesmo cheiro que vinha da Dama Branca. Não chamou a atenção quando a Senhora foi revistada antes de ser colocada na torre, mas quando Maomao a examinou pessoalmente, encontrou um barbante amarrado a um dos dentes da mulher. A Dama Branca tentou arrancá-lo, mas isso só deixou todos mais curiosos sobre o que estava ligado a ele. Quando o puxaram, descobriram um pequeno sachê de incenso. Esta era uma mulher que bebia mercúrio de boa vontade; por que ela não esconderia incenso em seu estômago?

A substância poderia ter sido perigosa se Lishu continuasse a ser submetido a ela, mas Luomen (um médico!) disse que, como a doença havia parado nesta fase, não havia nada com que se preocupar. O fato de Lishu ter sido construída de tal maneira que tais drogas fossem especialmente eficazes nela foi apenas mais um golpe de infortúnio.

“Uma consorte não pode causar tal comoção.” Nenhuma consorte poderia ser a causa de tais problemas e ficar inteiramente sem consequências – daí o convento. No entanto, antes de proferir o seu julgamento, o imperador convocou Maomao e fez-lhe duas perguntas:

“Qual é a vida útil de um boato?”

Ela respondeu que eram setenta e cinco dias, embora ele balançasse a cabeça e insistisse que isso não seria suficiente para salvar a aparência. Então ele perguntou:

“Se houvesse um homem adequado para Lishu, que tipo de homem ele seria?”

Ele praticamente parecia um pai procurando um bom par para sua filha. Foi assim que ele agiu com Lishu, filho de outro homem – Maomao só podia imaginar como ele seria quando chegasse a hora de encontrar um par para sua própria prole, a princesa Lingli. Maomao sabia que a garota era a menina dos seus olhos.

Por apenas um segundo, ela pensou no homem com uma cicatriz na bochecha direita, mas decidiu não dizer isso em voz alta. Esqueça o estrangulamento; isso poderia fazer com que sua cabeça fosse decepada.

“Receio que essa não seja uma pergunta que eu possa responder, senhor, mas talvez você possa considerar que o homem que quebrou as duas pernas, arrancou todas as unhas de uma das mãos e deslocou o ombro para salvá-la merece uma recompensa.”

Na verdade, foi Basen quem sofreu mais do que qualquer outro no presente incidente. Sem ele, Lishu provavelmente teria acabado como um caqui estourado. Basen, entendendo que alguns colchões não seriam suficientes para ajudar a jovem em queda livre, improvisou uma abordagem diferente. Em vez de colocar todos os colchões em um só lugar, ele os espalhou pela área onde ela provavelmente pousaria, e então ele suportou todo o impacto que os colchões não conseguiam absorver sobre si mesmo. E Maomao pensava que Jinshi era um masoquista! Jinshi afirmou que Basen não sentia dor tão intensamente quanto as outras pessoas, mas mesmo assim...

A única coisa que ela podia dizer com certeza era que não conseguia imaginar mais ninguém que pudesse ter salvado Lishu naquele momento. Ela poderia imaginar a reação se contasse isso às cortesãs do distrito do prazer: **“É o destino!”,** elas exclamariam, com os olhos brilhando.

E também havia Lishu, que Maomao sempre considerou tímida e reservada perto dos homens, mas que enterrou o rosto no peito de Basen e chorou. Maomao não era tão inculta a ponto de não entender o que isso significava. Jinshi rapidamente afastou todos e gentilmente esperou até que Lishu parasse de chorar. Isso atrasou Maomao no tratamento de Basen, mas o jovem provavelmente não ficou totalmente insatisfeito com a situação.

Lishu, foi declarado, passaria um ano no convento, após o que retornaria para sua casa e família, despojada de seu título de consorte. No entanto, sua família não seria punida.

Quanto a Basen, ele receberia tudo (foi enfatizado) que desejasse. Seja um objeto ou uma pessoa, desde que estivesse dentro do poder do imperador conceder, ele o teria. Nem precisa decidir precipitadamente, aconselhou o imperador. Basen poderia esperar para dizer o que queria – até um ano.

Maomao sorriu com um toque de amargura: esse jovem e essa jovem apaixonaram-se um pelo outro à primeira vista, mas descobriram que o amor verdadeiro nunca correu tão bem como nas histórias. Mas ainda assim, não foi um resultado ruim.

Depois de tudo isso, Maomao releu o romance trágico novamente – mas ainda não fazia sentido para ela.

Nem tudo foi tão bem embrulhado, no entanto. A emissária do Ocidente solicitou a custódia da Dama Branca, que havia sido presa como criminosa. Seu raciocínio? ***“Porque ela era uma das agentes de Ayla.”***

Ayla: a outra emissária, aquela que esteve envolvida na venda de armas de fogo feifa ao clã Shi. A mulher que de alguma forma ainda parecia estar causando problemas para eles até agora.

Isso não foi tudo, pois a emissária pediu algo ainda mais ousado: ela já havia encurralado Lahan sobre emprestar ajuda ou conceder-lhe asilo, e agora, surpreendentemente, ela pressionava pela última opção. Isso deve ter sido um choque para Lahan, que estava ocupado com o cultivo da batata. Além do mais, a emissária teve uma ideia surpreendente de como o asilo deveria ser efetuado: ela pediu para entrar no palácio interno. **“Não preciso ser uma alta consorte”,** ela dissera. **“Mesmo o status de consorte intermediária seria suficiente.”** É certo que seria uma forma menos visível de a levar para o país do que declarar especificamente que lhe estava a ser concedido asilo.

Uma coisa que não sei é até que ponto o que ela disse é verdade , pensou Maomao. Ela queria simplesmente esquecer aquilo e tirar uma soneca, mas enquanto Jinshi estivesse lá, ela não poderia fazer isso. Ela desejou que ele se apressasse e fosse para casa.

De sua parte, Jinshi não parecia particularmente interessado em ir embora. Ele pode não ser um atirador direto, mas parecia ter muito em que pensar.

"O que é isso?", ele perguntou, escolhendo uma desculpa bastante esfarrapada para um livro. Parecia desconcertar até ele, com suas páginas de caracteres que pareciam minhocas secas.

"O que você acha?" Maomao disse.

“É... vai?” ele disse, olhando para as fileiras desordenadas de círculos pretos e brancos. **“Não me diga... o honorável estrategista?”**

"Sim, senhor."

Lahan impôs-lhe isso em troca de informações sobre a emissária, presumindo que ela devia conhecer alguém na gráfica.

Não faço ideia se eles gostariam de participar disso, no entanto . Não depois que ela comprou o livro que eles planejavam usar como fonte de impressão. Mesmo que aceitassem o emprego, teriam que ser capazes de ler o texto primeiro – esse parecia ser o maior obstáculo. Normalmente, ela teria simplesmente jogado a coisa de volta na cara de Lahan, mas para sua própria surpresa, ela se viu aceitando o livrinho triste.

Jinshi também pareceu bastante surpreso. Maomao bufou como se dissesse *Não se importe* e olhou para sua roupa, que se recusava a secar ali na estação das chuvas.

Quanto tempo essa conversa poderia durar? Ela desejou que pudesse continuar assim. Além disso, ela esperava que ele não fizesse cócegas na parte de trás do pé dela novamente. Ela teve o cuidado de sentar-se sobre os pés para que Jinshi não pudesse vê-los.

Ele pareceu perceber o que ela estava pensando, pois sorriu indulgentemente. Ele realmente sabia como irritá-la. Ela estava apenas dando a ele o seu mais feroz *Vá para casa!* olhar quando a porta se abriu.

"Oh, ei, senhor." Era Chou-u. Jinshi simplesmente assentiu e ergueu a mão em saudação.

Chou-u entrou trotando na loja, ignorando o quão apertada era com três pessoas lá dentro. Maomao estava se perguntando o que ele poderia estar fazendo quando passou um dedo pelas costas dela, arrepiando todo o seu corpo. **“Quer saber uma coisa, senhor? A Sardenta aqui não suporta se você passar o dedo pelas costas dela. É uma piada!”**

Maomao, perguntando-se por que diabos Chou-u mencionaria algo assim em um momento como esse, levantou a mão para dar um soco na cabeça dele.

Jinshi, entretanto, disse: **“É mesmo?”** e sorriu. Então ele puxou a bolsa e colocou uma grande moeda de prata na mão de Chou-u, muito mais do que qualquer criança precisaria para alguns trocados.

"Huh? O que é isso, senhor? O que está acontecendo?" Chou-u perguntou.

“Oh, eu só gostaria que você fizesse uma pequena tarefa para mim. Não tenha pressa.”

Os olhos de Maomao tornaram-se pontos.

"Uau! Você é o melhor, senhor!”

"Sim... leve o tempo que quiser."

“Chou-u!” Maomao exclamou, mas o pirralho saiu da loja como se dissesse que seu trabalho aqui estava concluído. Ela deu um pulo para segui-lo, mas sentiu um formigamento na espinha.

“M-Mestre Jinshi…”

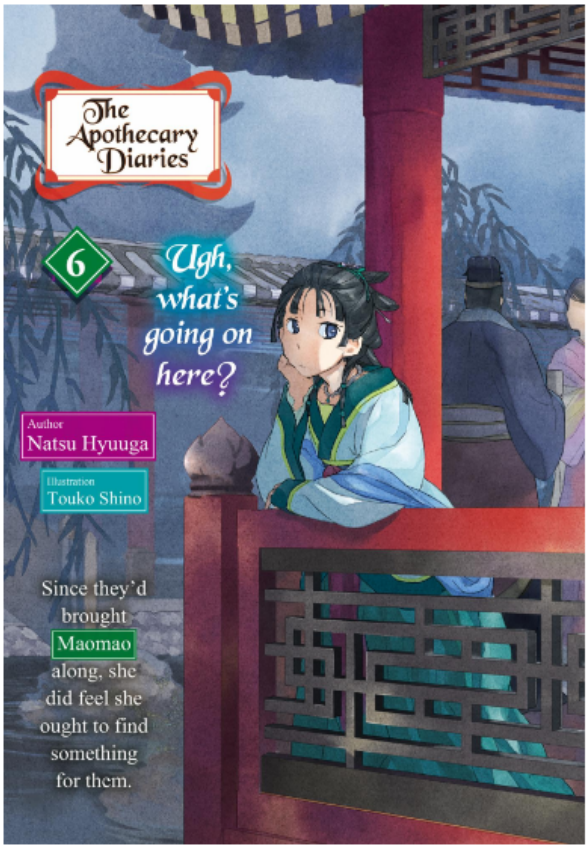
“Bem, eu levarei! Realmente funciona." Ele estava sorrindo triunfantemente. **“E ainda não terminei de pagar.”**

Nenhum jovem jamais pareceu mais travesso do que naquele momento.

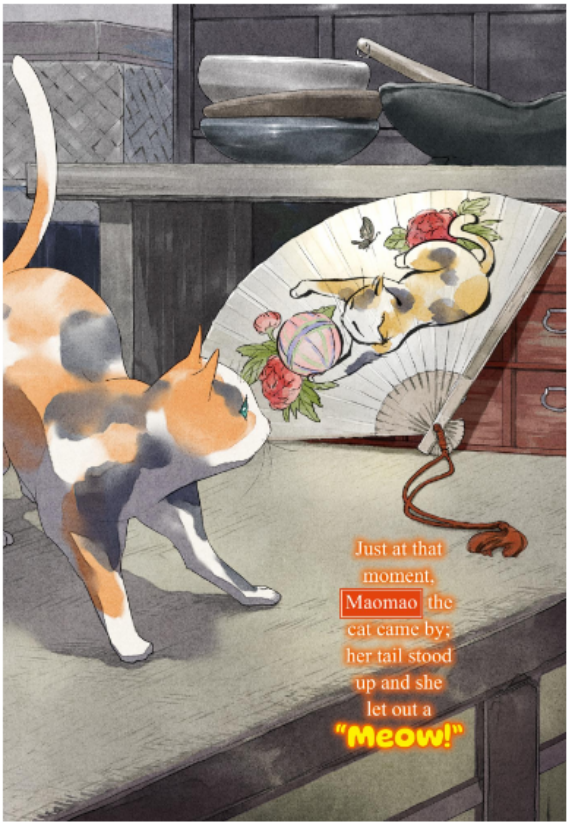
Ilustrações coloridas

He took Basen's chin with his free hand and pressed his thumb to his lips.
"M-Master Jinshi..."
"No. Be quiet."
"M-M-M..."
Basen had gone completely white.

Lishu shook her head furiously and swept the food off the table.
"I don't want it!"
"I don't want it!"
"I don't want it!"


The Apothecary Diaries
6
Ugh, what's going on here?
Author
Natsu Hyuuga
Illustration
Touko Shino
Since they'd brought Maomao along, she did feel she ought to find something for them.

"Are you hurt, my lady?"
"Why?"
She still couldn't muster any further words. Tears clouded Lishu's eyes, and her vision was full of the young man's blurry, smiling face.


Just at that moment, Maomao the cat came by; her tail stood up and she let out a "Meow!"